

WILSON VALENTIM BIASOTTO

CRÔNICAS

2010: O ANO QUE NÃO ACABOU PARA DOURADOS



2017

Dedicatória

Aos meus netos João Pedro e Luiza, com a esperança de que encontrem neste livro exemplos de coragem, dedicação e principalmente de muito amor ao trabalho, à verdade, à luta por um mundo mais justo, mais fraterno, mais igual.

Agradecimentos

Aos jornais impressos e eletrônicos de Dourados e região que jamais deixaram de publicar uma crônica que lhes tenha sido por mim enviadas.

Aos meus familiares, pelo apoio, incentivo e leituras prévias de meus escritos.

À Editora da UFGD, aos seus servidores, dirigentes e pareceristas, especialmente a Marise Frainer, pela atenção e dedicação ao trabalho que exercem.

À professora Áurea Rita de Ávila Lima Ferreira pela criteriosa revisão do texto.

A todos os que acreditam que um mundo melhor é possível e se dedicam à sua construção.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	03
AGRADECIMENTOS	05
APRESENTAÇÃO	11
A TÍTULO DE INTRODUÇÃO	15
Um ano inconcluso	15
Intermitências políticas	17
Pendências impedem o fechamento desse nefasto balanço	18
A complexidade dos acontecimentos políticos na eleição de Artuzi	19
A confabulação para a eleição de Murilo Zauith	24
A Justiça e a teia de aranha	26
Posicionamento das Forças Vivas de Dourados em relação ao episódio	27
1º Congresso: Dourados Cidade Educadora	28
Carta do 1º Congresso Dourados Cidade Educadora	30
O papel das Universidades na Construção da Cidade Educadora: desenvolvimento regional sustentável: a economia focada em direitos humanos e cidadania.	30
AINDA A TÍTULO DE INTRODUÇÃO	33
A contribuição de um cronista diletante para a compreensão do ano de 2010	33
A organização do livro	34
CAPÍTULO I	35
AS FABULOSAS HISTÓRIAS DE BEPI BIPOLAR	36

As fabulosas histórias de Bepi Bipolar (I) : senso e nonsense	35
Bepi Bipolar (II): do sonho futurista à realidade nua e crua	37
Bepi Bipolar (III): cogitações sobre as escolas públicas	39
Bepi Bipolar (IV): Por que Lula não visitou Dourados?	41
Bepi Bipolar (V): Parla Moisés	43
Bepi Bipolar (VI): O que é a vida?	45
Bepi Bipolar (VII): o abduzido	47
Bepi Bipolar (VIII): o abduzido no futuro	49
Bepi Bipolar (IX): memórias e reflexões do abduzido	51
Bepi Bipolar (X): o entrevero	52
Bepi Bipolar (XI): escolha política	54
Bepi Bipolar (XII): o mumificado	56
Bepe bipolar e a imperscrutabilidade da mente humana	58
CAPÍTULO II	61
CRÔNICAS EM RETALHOS	61
Crônica em retalhos (2)	63
Crônica em retalhos (3)	66
Crônica em retalhos (4)	69
Crônica em retalhos (5)	72
Crônica em retalhos (6) : a UFGR	75
Crônica em retalhos (7): o rescaldo	80
Crônica em retalhos (8): o povo nas ruas	83
Crônica em retalhos: piadas de época	86
Crônica em Retalhos (9): Joia do Brasil	88
Crônica em retalhos (10): acreditar é preciso	91
Crônica em retalhos (11): o que esperar de Dilma?	94
Crônica em retalhos (12): perguntas impertinentes	96
Crônicas em retalhos (13): o retorno	99
Crônicas em retalhos (14): o parto da montanha	101
Crônica em retalhos (15): não adianta gritar	104

Crônica em retalhos: boas práticas	106
Crônica em retalhos (16): um pacto por Dourados	108
Crônica em retalhos (17): úberes secos	111
Crônica em retalhos (18): um pouco de perfume	113
Crônica em retalhos(19): 2010, o ano que não acabou	116
Crônicas em retalhos (20): a servidão de nosso século	119
Crônicas em retalhos (21): misturando óleo e água	122
Crônicas em retalhos(22): instintos e reflexões	125
CAPÍTULO III	129
CRÔNICAS DIVERSAS	129
Circuito médico	129
A invasão do Haiti pela solidariedade humana	131
A invasão do Haiti pela política imperialista	133
Plano Nacional de Desenvolvimento Humano	136
Janeiro é mês de leituras amenas. Amenas?	138
Não existe o incompreensível, o que conta é a nossa limitação.	140
Ainda há adoradores de trabucos e baionetas	142
Linha do tempo das Universidades Públicas brasileiras	145
As mãos não somente falam também se expressam	147
A vingança do português	148
A contradição brasileira na área da Saúde	150
A poesia sempre será riqueza de poucos	153
Curso de Medicina: dez anos redondos	155
Delenda Cartago	157
Atendimento hospitalar na Administração Tetila	159
Março é mês de celebrarmos a paz e a democracia	163
Distorções na imagem de D. João VI duzentos anos depois	165
“Até aqui o Laquicho vai bem”: um convite para você	167
A duplicação da Av. Guaicurus e o trem universitário	169
É bom viajar de trem	171
A criação da Universidade Estadual de Campo Grande	173

Lula surpreende o mundo	174
Uma potência mundial em busca do diálogo?	176
Edie Frei e a ditadura	178
Penso que André “montou num porco”	180
Ele voltou... o ervateiro voltou novamente...	181
Não creio no hexa, mas torço por ele	183
Acertei, quase na mosca, mas polvo é que acerta	185
Cidade Educadora e Trânsito	187
“O dossiê UFGD e a vinda de Lula a Dourados”	188
Comunidade dos fuçadores de papel velho	189
Getúlio, Figueiredo e Juscelino	191
A lágrima imortalizada	193
Somos responsáveis por quem cativamos	195
Dourados: verás que um filho seu não foge à luta	197
Cautela e caldo de galinha	198
Prazer em conhecê-la Natércia	200
Acorda meu povo!	203
Pizza ou cautela, eis a questão	206
Um entusiasmado jovem tucano	207
Às vezes dá vontade de ter escrito o que outros escreveram	209
Crônica para um jovem sem opções	211
A UNIGRAN e o debate de 2 de outubro de 2008	213
Aqui as coisas são mais incisivas e contundentes	215
Santa Marisa, rogai por nós	218
O plantador de espinhos	219
Socorro! Vou devolver o bandeirão	221
Adequação de presentes:	223
É mais fácil abrir vinho sem sacarroalha que compor chapa...	225
2010: o ano que não acabou para Dourados	227
Júpiter na cidade moderna	231
A morte de Artuzi: suicídio ou assassinato	232

APRESENTAÇÃO

A obra ora apresentada é uma coletânea de crônicas publicadas em diversos meios de comunicação no ano de 2010. Falam, sempre com elegância e fluidez, de nossas vidas, de acontecimentos e de possíveis eventos em nosso país, especialmente em nosso município. O seu autor, que conheço há aproximadamente duas décadas, é um obstinado. Dedicar-se com rigor e vigor às lutas que trava; ama, como poucos, a sua cidade, e tal sentimento está expresso no humor e na preocupação de suas palavras.

Admiro aqueles que, ao contar histórias, produzem nos leitores a sensação de que estão viajando. Não é comum encontrarmos pessoas que narram histórias como o meu amigo Wilson Biasotto. Por meio delas recordamos, conhecemos perspectivas novas, rimos e pensamos – sobretudo pensamos. Considero divertidíssima a leitura das formulações do Bepi Polar, o “personagem” – aspas porque o autor já o autoidentificou – por conta da minha função de historiador, por causa de minha militância social e política, e/ou porque os episódios políticos em Dourados no ano de 2010 me incomodam muito e também incomodam Biasotto. O eixo central das crônicas é a tragédia política do personagem Ari Artuzi.

Os historiadores costumam divergir quando se trata da noção de tempo, mas é quase consensual que o tempo histórico não é contínuo. Antes, é constituído por dimensões espaço/temporais diversas, contraditoriamente contemporâneas. O tempo também não é linear: ele é a reunião e o desenlace de trajetórias com percursos e longevidades diferentes entre si – por isso o tempo histórico é sempre um tempo de mudanças (o que não significa evolução! Muitas vezes se dá exatamente o contrário).

Mas deve-se salientar que, em certos momentos, nos deparamos com bifurcações donde o espaço/tempo parece explodir: são os tempos

de crise, período durante o qual as transformações e as mudanças são mais nítidas, não somente para os historiadores de ofício, mas também para uma ampla parcela da população.

Quase sempre, tais momentos de bifurcação das temporalidades e das transformações abruptas, seja em uma ou outra dimensão da vida social, são considerados objetos privilegiados de reexames constantes, tanto pelo trabalho social da memória quanto pela análise historiográfica.

No processo de formação da nossa compreensão, aos poucos e de forma crescente, vamos nos dando conta de que, naqueles momentos, os tempos foram vividos com diversos finais e re/começos de trajetórias, mesmo que se considerem as permanências e continuidades em outros tantos campos da vida social.

O autor – cronista – dessa obra, professor Biasotto, é também historiador de ofício, conhecedor da teoria da história e, além disso, testemunha privilegiada dos acontecimentos políticos específicos da cidade de Dourados.

Tais acontecimentos, narrados nas crônicas, não cessam de clamar pela atenção de todas as pessoas, mas especialmente dos historiadores da Universidade Federal da Grande Dourados.

A confluência de papéis parece suscitar no autor a ideia de que 2010 é um ano que ainda não acabou, sendo também um tempo de bifurcações – do fim e do começo de tantas trajetórias políticas, individuais e coletivas –, que tem como epicentro a derrocada do governo Ari Artuzi no município, após o escândalo de corrupção.

A compreensão daqueles acontecimentos ensejará grande esforço de todos, e não apenas de historiadores, pois na construção daqueles episódios e de seus desdobramentos políticos, estão também presentes imensas e redobradas energias de ocultamentos e silêncios, como as próprias crônicas vislumbram e denunciam.

A meteórica trajetória política de Ari Artuzi (vereador/deputado estadual/ prefeito) encerra uma tragédia política pessoal e pública. As tra-

gédias, desde os gregos, narram a história do poder e da política. A transparência dos atos narrados é evidente apenas para o olhar dos leitores, após séculos e milênios de leituras, pois, para os personagens envolvidos, o seu sentido somente é capturado nos últimos instantes, naqueles golpes finais, quando já não é mais possível controlar o seu desfecho – o leite já foi derramado.

A tragédia narra a ascensão e a queda do poder político, produzidas por usurpações, manipulações e traições. A ética e a coragem pública não estão entre os fundamentos das ações, seja dos usurpadores, seja dos manipuladores e traidores, estes quase sempre próximos ao núcleo de poder.

O frenesi da ascensão e da queda – não obstante as tentativas de ocultamento da usurpação e da traição – sempre deixa soltas as pontas de um novelo, por meio das quais é possível desenrolar os seus fios e lançar luz sobre suas fraquezas. Este é o trabalho dos cidadãos, dos narradores e dos historiadores. Evidentemente, considero a possibilidade do não desvendamento, ou seja, de que certos usurpadores e bufões políticos permaneçam incólumes à ação da justiça e à força da verdade. Porém, eles nunca sabem ao certo se os seus malfeitos permanecerão ocultos do público, não obstante a hipocrisia e a megalomania dos poderosos. O trabalho do desvendamento e da memória é uma das facetas de nosso possível devir de cidadania contra a tirania. A ele nos exorta o professor Wilson Biasotto.

Caso o trabalho dos historiadores e ou a ação dos cidadãos alcancem êxitos em revelar os pormenores e as nuances da trágica histórica política de Ari Artuzi, apresentando à sociedade as verdadeiras faces das estratégias e ações daqueles envolvidos em suas vitórias, como em suas derrotas e, ainda, consigam desnudar as artimanhas poder do Estado (Executivo, Legislativo e Judiciário), com tantas interrogações, creio que a cidadania, a memória social e a democracia serão fortalecidas.

É oportuno o lançamento dessas crônicas em livro, tanto pelo prazer da leitura quanto pelo que nos permite pensar... e agir. Como escreveu Walter Benjamin, narrar história é uma arte e um ofício para o qual é

necessário sabedoria, pois o narrador deve fazê-lo sempre de modo aberto, de modo que o leitor possa sempre imaginar, pois os tempos narrados e da narração permitem surpresas.

Wilson Biasotto é um sábio!

Prof. Damião Duque de Farias
Reitor da UFGD – 2005 a 2015

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Um ano inconcluso

2010 definitivamente foi um ano que não acabou para Dourados/MS e, quando escrevo essas linhas, a título de introdução, insiste em permanecer inconcluso. Foi um ano insepulto, um ano que terminou apenas no calendário, deixando inúmeras pendências para serem resolvidas.

Em 7 de julho de 2010, foi desencadeada pela Polícia Federal uma operação chamada Owari – ponto final em japonês – tendo sido presos na oportunidade vários empresários, sete secretários do governo municipal e três vereadores, um total de 41 pessoas. Especulou-se na época que o prefeito Ari Artuzi também deveria ser preso, mas escapou por ter se escondido no porta malas de um carro que o conduziu até Campo Grande, capital do estado.

A Owari, no entanto, ao contrário de seu significado – ponto final – parece ter sido um ponto de partida. Em 1º de setembro de 2010, nova operação desencadeada pela Polícia Federal em Dourados, denominada Uragano, que em italiano significa furacão, deixou a população perplexa. Foram efetuadas nesse dia 29 prisões, dentre as quais estavam a do prefeito e a de sua esposa, a do vice-prefeito, a de nove dos doze vereadores, inclusive a do presidente da Câmara, a de vários secretários municipais e empresários que, segundo o mandato de prisão, formavam uma quadrilha que dilapidava o patrimônio público.

Essas duas operações foram motivadas pela existência de uma administração desastrosa que colocou um freio no desenvolvimento de Dourados e provocou a ruptura do processo de saneamento da gestão pública a qual tinha avançado significativamente nas duas gestões consecutivas do prefeito Laerte Tetila (2000-2008).

Designar a administração de Ari Artuzi como desastrada é pouco. Dourados, uma cidade jovem – emancipada politicamente em 1935 – , com solos férteis em terreno plano, o que possibilita a existência de agricultura plenamente mecanizada; com comércio pujante e industrialização crescente; com população que já ultrapassa os 200 mil habitantes; com duas universidades públicas (Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS) e duas particulares (UNIGRAN E ANHANGUERA); com potencial extremamente favorável ao desenvolvimento; afiliada à Associação Internacional das Cidades Educadoras¹, sofreu nos 19 meses de mandato de Artuzi uma verdadeira catástrofe, uma calamidade, um flagelo, uma verdadeira hecatombe, se dermos a este termo um significado mais amplo. É até difícil avaliar o prejuízo deixado, pois não é apenas pela decadência da paisagem urbana que se medem os danos: as ruas esburacadas, as praças e os parques abandonados são de somenos, se comparados à situação da Educação, da Saúde Pública, da desorganização da gestão e do planejamento público. E o que dizer dos efeitos subjacentes a esses acontecimentos, como a perda de confiança dos investidores; a queda da autoestima dos cidadãos; a desesperança dos jovens...

Enfim, é difícil avaliar, mas com certeza esses acontecimentos geraram situações tão inusitadas que impediram que 2010 descansasse em paz no cemitério dos anos decorridos.

Tudo indica que, além dos acontecimentos políticos, o comportamento climático também insistiu em manter o ano de 2010 inconcluso. As águas de março de 2011 não fecharam o verão: os sojicultores de nossa região que, finalmente, esperavam uma excelente safra com bons preços, rezaram, oraram, ofereceram ovos à Santa Clara, segundo suas crenças, na esperança de que o sol aparecesse e impedisse que as “águas de março”, ao invés de “promessa de vida” – como diz a música de Tom Jobim – fossem

¹ Em 2013 Dourados deixou de pertencer à Associação Internacional de Cidades Educadoras.

fator de morte para as suas lavouras. As vagens da soja começaram a se abrir e os grãos a germinar no próprio pé. O fenômeno La Niña provocou precipitações pluviométricas muito mais acentuadas do que as de anos anteriores e, além de impedir a colheita da soja, impediu o plantio do milho, o que acentuou a crise agrária na região e projetou uma crise econômica com reflexos especialmente no comércio e na arrecadação municipal.

2010 acabou? Ao contrário, está se perpetuando.

Intermitências políticas

Com as prisões do prefeito, do vice-prefeito, do presidente e do vice-presidente da Câmara, Dourados ficou, pelo menos durante três dias, completamente acéfala no que diz respeito ao poder executivo e legislativo, até que em 4 de setembro foi empossado o presidente do fórum, o juiz Eduardo Machado Rocha.

No dia 13 de setembro, a vereadora Délia Razuk foi eleita presidente da Câmara e em 11 de outubro tomou posse como prefeita, substituindo o juiz Eduardo Rocha.

Em 1º de dezembro de 2010, depois de permanecerem presos por 93 dias, o prefeito, o vice e o presidente da Câmara saíram da prisão, não sem antes apresentarem suas respectivas cartas de renúncia, o que abriu a possibilidade para a realização de nova eleição.

Nesse episódio muitas coisas ainda precisam ser esclarecidas. Talvez com o passar do tempo os historiadores consigam fazê-lo. De qualquer forma, essa solução permitiu a realização de eleição para prefeito em 6 de fevereiro de 2011 e a posse em 23 de fevereiro.

A primeira incógnita nesse acelerado processo para marcar nova eleição é a seguinte: Por que prefeito, vice e presidente da Câmara apresentaram suas respectivas renúncias? Autoridades presas têm que renunciar aos seus cargos? Dizem que a voz do povo é a voz de Deus (*vox populi, vox Dei*) e o povo, no dia da renúncia, dizia que os políticos presos que tinham os mandados fizeram um pacto de renúncia pela liberdade. Será isso coisa verdadeira? Confessarão eles um dia essa possibilidade?

Pendências impedem o fechamento desse nefasto balanço

A movimentação política nos bastidores foi intensa e nem tudo está devidamente explicado. Boatos, como já disse, dão conta de que o prefeito e o vice-prefeito somente renunciaram após garantias de que seriam poupados e de que não haveria a instituição da delação premiada, pois que esta faria tremer os alicerces da Assembleia Legislativa e do Palácio do Governo. Também se ventilou, à boca pequena, que o presidente da Câmara somente teria renunciado após receber certas garantias. Que garantias?

O que não se pode negar em hipótese alguma é que a movimentação de políticos sul-mato-grossenses foi intensa, embora subterrânea. Primeiro, para camuflar os fatos e impedir que o cerco chegasse às altas esferas; segundo, para buscar uma alternativa que não a eleição direta no sentido de recompor o executivo; e, terceiro, para organizar uma aliança esdrúxula que garantisse a realização de eleição em Dourados.

Os nossos historiadores terão, com certeza, dificuldades enormes para escrever essa história, mas ela será escrita. A Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD conta hoje com programas de Mestrado e Doutorado em História, com um corpo docente jovem e mestrandos e doutorandos ávidos por desvelarem, por meio dos recursos metodológicos que a história possui, as mais intrincadas artimanhas que se produziram para escamotear a verdade e chegarem a explicações convincentes sobre processos dessa natureza.

O nosso jornalismo com certeza vai contribuir nessa tarefa dos historiadores, embora não se possa afirmar que o jornalista seja a testemunha ocular da história, como se costumava dizer outrora. Na verdade, a cobertura jornalística deixou a desejar. Limitou-se à divulgação daquilo que foi público e notório. No caso da mídia douradense, em particular, muitas vezes ela somente noticiou após o jornal eletrônico *Midiamax*, de Campo Grande, e o blog de Valfrido Silva desvelarem os fatos. De qualquer forma, aí estão os autos dos processos e, muito importante, os novos

métodos da história, inclusive oral, para promover a análise desses acontecimentos. Nesse sentido, muitos dados poderão ser recuperados por meio de entrevistas realizadas diretamente com as pessoas envolvidas, mas principalmente com parentes, amigos e assessores.

Outra pendência que se arrastou até fim de março de 2010 foi a de que os vereadores presos durante a Operação Uragano, e em seguida afastados de seus mandatos, com exceção dos que renunciaram, continuaram recebendo os seus salários, enquanto os suplentes que assumiram as vagas esforçaram-se para não serem transformados em vereadores-zumbis. Ora, se mesmo presos recebiam os salários, não tinham porquê renunciar aos cargos, salvo se condenados e cassados, o que não ocorreu. Portanto, mais uma razão para se supor que a renúncia dos três mandatários, que tinham por direito Constitucional reassumir a prefeitura, foi forçada ou acordada nos porões do judiciário ou do governo do estado.

A essa situação inusitada some-se o fato de que os vereadores suplentes que assumiram constituíram comissões para julgar os afastados e puni-los com a cassação de mandato, o que de fato ocorreu com aqueles que não renunciaram em tempo. Durante o julgamento, cenas patéticas: Marcelo Barros jurando inocência, Bambu chorando e pedindo misericórdia, Junior Teixeira denunciando outros vereadores e o esquema da Assembleia Legislativa, esquema esse ainda muito mal explicado, pondo em dúvida a ação da polícia que, ao que tudo indica, lançou as suas redes apenas sobre peixes miúdos.

A complexidade dos acontecimentos políticos na eleição de Artuzi

A história de 2010 para Dourados é muito mais complexa do que à primeira vista possa parecer. Não se trata simplesmente de empoderamento e destituição de um prefeito e de um vice que, incapazes de governar, não somente permitiram, mas também promoveram uma rede de corrupção que extrapolou os limites da tolerância do jeitinho brasileiro.

O prefeito eleito, todos sabiam, era clientelista, populista, demagogo e assistencialista; no entanto, foi-lhe permitida uma carreira política meteórica tanto pelos seus pares quanto pela sociedade organizada e até mesmo e principalmente pela Justiça, que jamais o puniu quando, antes de ser prefeito eleito, tinha feito por merecer ter sua carreira interrompida. Cito apenas quatro exemplos: 1) alegou não ter gasto um tostão na campanha que o elegeu deputado estadual em 2002 e não foi cassado; 2) dilapidou o patrimônio público arrancando taxões, que delimitavam ciclo faixas, com pé-de-cabra e foi inocentado pelos seus pares na Assembleia Legislativa; 3) armou um atentado na campanha que o elegeu prefeito e, embora as provas da armação fossem evidentes, o processo não deu em nada; 4) ofereceu ambulâncias, ônibus, transporte gratuito, pagou bolos de aniversários, emprestou vestidos de noiva; animou velórios com lanches e refrigerantes; enfim, gastou muito mais do que o seu salário de deputado poderia suportar e, no entanto, apadrinhado por políticos mais poderosos que ele e por uma Justiça complacente, foi sempre imunizado.

As práticas clientelistas constituem-se em um verdadeiro saco sem fundos. Quanto maior a oferta, maior a procura. A fama do político clientelista se propaga mais que a peste e acaba virando uma roda viva. Depois que a fama se espalha, o político não tem mais como parar de exercer essa prática, pois, se nega para alguém o que ofereceu para muitos, passa a ser censurado; e, como esse tipo de político não tem nada mais a oferecer que não esses favores, acaba se corrompendo para continuar praticando a sua política.

A organização de uma clientela fiel não foi, no entanto, o único fator que levou Ari Artuzi ao cargo de prefeito. Muitos outros políticos são useiros e vezeiros nesse tipo de prática. A diferença é que tais políticos utilizam-se desse recurso, mas não se expõem, organizam uma rede de cabos eleitorais capazes de fazerem esse tipo de serviço e acabam perpetuando-se no poder. A diferença é que Artuzi, além de instituir essa rede, praticava o clientelismo pessoalmente. E, por andar no meio do povo, confundindo-se com o próprio povo, sendo o próprio povo, Artuzi pas-

sou a imagem de que seria para Dourados aquilo que Lula foi para o Brasil. Ele mesmo dizia em alto e bom som, “se Lula era um metalúrgico e está sendo um ótimo presidente, por que eu não posso ser um bom prefeito?”

Por faltar ao povo informações a respeito da luta de Lula e da sua história, Ari passou ao eleitorado a imagem de um Lula aqui do oeste brasileiro.

Durante a campanha para a prefeitura em 2008, representando o prefeito Laerte Tetila, eu me encaminhava para o camarote da Rádio 94, do deputado Marçal Filho, num desses shows promocionais que a emissora realiza no Parque de Exposições, efetuando doação de uma casa a seus ouvintes, e encontrei-me com o Ari, no meio do povo, distribuindo dinheiro a quem o abordasse para a compra de uma latinha de cerveja. Nessa oportunidade ele me foi muito sincero: “Vocês são bobos, o Marçal reúne o povo, o Geraldo bota um banner dizendo que apoiou o evento, você vai lá em cima e eu fico aqui no meio do povo e com apenas dois mil faço muito mais sucesso”. Dois mil era (segundo se comentava, mas que dificilmente se prova) a importância diária usada nas andanças de Ari Artuzi pelos bairros da cidade.

Aliados oportunistas: Já é tradição em Dourados que os prefeitos eleitos tenham feito alguma aliança com políticos campo-grandenses ou com empresários poderosos em troca de algumas benesses futuras, nem sempre traduzidas apenas na reciprocidade de apoio futuro. No caso da eleição de Artuzzi, o arco de alianças foi costurado com intenções ainda muito mais oportunistas do que as ocorridas no passado. Empresários ávidos de lucro fácil e políticos interessados não somente no lucro, mas pensando também na ampliação de seu poder, investiram na candidatura de Artuzi. Alguns inclusive renegando os companheiros de partido, como foi o caso de Zeca do PT e Wander Loubet; outros, aliados de última hora como o governador André Pucinelli, que pouco investiu na candidatura de seu vice, Murilo Zauith.

Esses citados políticos, unidos a outros não menos oportunistas, mas que também endossaram a campanha de Ari Artuzi – por força da

coligação partidária que estabeleceram – como, por exemplo, Ary Rigo e Londres Machado, dispunham de pesquisas que indicavam Ari como franco favorito nas eleições, não titubearam. Investiram pesado na campanha de Ari Artuzi, não sem antes dividirem estrategicamente o poder para lugares-tenentes incumbidos de recuperarem com juros o dinheiro investido na campanha.

Dourados, pela sua importância econômica, geográfica e demográfica, provoca em alguns políticos de outras regiões, especialmente da Capital, uma obsessão – diria até mesmo um transtorno obsessivo compulsivo – que os impele a fincar bandeiras de poder na segunda maior cidade do estado, mesmo que a custo de sacrifício dos próprios companheiros. Sendo o segundo maior colégio eleitoral do estado e exercendo significativa influência em uma região com cerca de metade da população de Mato Grosso do Sul, é óbvio que um político com forte densidade eleitoral em outras regiões do estado, inclusive na capital, como Wander Loubet e Londres Machado, só para citar dois exemplos, poderiam candidatar-se ao senado ou mesmo ao governo do estado, se conseguissem empolgar também os eleitores douradenses.

Às vezes os analistas políticos deixam passar despercebidas certas circunstâncias que levam determinados políticos a apoiar outros sem uma aparente lógica. Veja, por exemplo, a última eleição para o senado (2010). O governador André deixou de dar apoio ao candidato Murilo Zauith, seu vice, para prestigiar os candidatos eleitos, Moka e Delcídio. Ora, com esse apoio do governador, Delcídio desestimulou-se – ainda mais, porque Delcídio já estava indisposto com Zeca há tempos – no sentido de apoiar com mais vigor o candidato de seu partido, Zeca do PT; e com isso, a vantagem de André consolidou-se e ele (re)eleveu-se governador. Por outro lado, por que Nelsinho Trad, prefeito de Campo Grande nessa mesma eleição de 2010, teria apoiado Murilo a ponto de este candidato ter surpreendido na votação que obteve na capital? Simples, apoiando Murilo, Nelsinho tirava qualquer chance de uma possível vitória da dobradinha Delcídio e Dagoberto, este último virtual candidato à prefeitura de Campo Grande, caso se elegesse senador. Então o apoio a Murilo, na verdade, favoreceu Moka.

Voltando ao caso da obsessão que certos políticos têm por Dou-
rados: não é difícil entender o motivo. Como já afirmei anteriormente,
conquistar o eleitorado douradense significa ampliar as chances de se con-
correr ao cargo de governador, por exemplo. No entanto, como diriam
os conhoeiros da Idade Média, o tiro acabou saindo pela culatra. Wan-
der, especialmente – e essas palavras eu testemunhei – apostava que Ari
era imbatível, mas que seria prefeito por um só mandato, sua gestão não
seria suficiente para levá-lo a uma (re)eleição. Então, o astucioso deputa-
do federal arquitetou um plano de médio prazo: apoiou Ari Artuzi para
prefeito e cooptou Dirceu Longhi, que foi eleito vereador. Cooptou, eu
disse, porque Dirceu pertencia à Tendência Articulação de Esquerda, a
qual abandonou para ser apoiado por Wander e para disputar a prefeitura,
assim que o mandato de Ari se esgotasse.

Tudo caminhava de acordo com as previsões. Tendo por foco cen-
tral a desconstrução das ações do governo Tetila, a gestão Artuzi mudou
o transporte escolar, a coleta de lixo, a limpeza pública, voltou a contratar
os serviços do Hospital Evangélico que estavam, suspensos e desejou, em-
bora sem sucesso, privatizar a SANESULDourados. Assim, atendendo às
solicitações de seus apoiadores, ia beneficiando a todos dando-lhes secre-
tarias estratégicas. A ganância foi tão grande que os cofres públicos não
supportaram. Os apoiadores tiveram os seus laranjas aprisionados e sabe-se
lá como até hoje não foram afetados diretamente.

Por seu lado, Ari Artuzi sentiu-se pressionado, os credores desse
tipo de empréstimo não perdoam. Em desespero, segundo se dizia, Ari
chegou a arquitetar planos macabros como o de colocar droga na bolsa de
uma opositora para incriminá-la e, mais do que isso, pensou até mesmo
em eliminar seus credores.

Todos os apoiadores de Ari Artuzi erraram, uns em seus “inves-
timentos”, outros em suas opiniões. Nem os seus adversários políticos
acreditavam que o seu mandato seria tão desastroso. Eu mesmo, que já co-
nhecia Ari Artuzi desde quando ele se elegeu vereador pela primeira vez e
que concorri com ele para a prefeitura, não esperava tamanho descalabro.

Inclusive no dia em que foi eleito, fui a público, juntamente com o prof. Cláudio Freire (candidato a vice em nossa chapa), que havia me aconselhado a dizer que, se o povo estava feliz, não havia motivo para eu estar triste. Reconheci a minha derrota e desejei-lhe boa gestão. Ao contrário, Murilo Zauith, o outro concorrente àquela época, afirmou que Nero estava assumindo o poder. Nesse caso, Murilo tinha razão. A verdade é que, em apenas dois anos, Dourados sofreu um desastre tão grande que só não é irrecuperável graças às atuais condições favoráveis de crescimento brasileiro, especialmente em relação às *commodities*.

A confabulação para a eleição de Murilo Zauith

Já não é mais segredo. Nos últimos tempos, quem escolhe o prefeito de Dourados não é o povo douradense, o prefeito de Dourados é escolhido nas confabulações feitas na capital, quando os caciques políticos do estado articulam determinada candidatura. Não foi diferente com Murilo Zauith.

Após um período de interregno (se bem que prefeitos não são reis, o termo interregno se presta para designar períodos em que o poder fica vago), dado que tanto o prefeito quanto o vice e o presidente da Câmara haviam perdido o mandato, Dourados ficou acéfala por três dias, após os quais, como já disse, foi nomeado o Juiz de Direito, diretor do Fórum para ocupar o cargo de prefeito. Em seguida foi substituído pela vereadora Délia Razuk, depois que foi realizada a posse dos suplentes dos vereadores cassados e ela eleita presidente da Câmara. Délia ocupou o cargo até que foi realizada nova eleição e o povo referendou o nome de Murilo Zauith para prefeito. Referendou, insisto, porque Murilo já havia sido “eleito” por um conchavo entre os líderes políticos do estado, incluindo-se aí o governador André Pucinelli e o senador Delcídio do Amaral.

Senão vejamos. O Partido dos Trabalhadores tinha, a meu ver, a obrigação moral de chamar-me para ver se eu desejava disputar novamente com Murilo, e não o fez. Ignorou-me, simplesmente, como se eu

não tivesse me dedicado à campanha que culminou com a vitória de Ari Artuzi. Por sua vez, a então prefeita Délia Razuk, havia ensaiado a sua candidatura, pois, estando no poder e pertencendo ao PMDB, partido do governador, era justo que se candidatasse ao cargo. Intermediados pelo Secretário de Governo, Maurício Rasslan, mantivemos dois encontros sobre a possibilidade de formarmos uma chapa que seria encabeçada pela então prefeita. Meu partido nem discutiu esse assunto e o PMDB – leia-se o governador – preferiu Murilo.

Murilo havia sido vice-governador no primeiro mandato de André Pucinelli e, ao ser preterido na chapa para o segundo mandato, concorreu ao senado, não obtendo sucesso, principalmente por não ter alcançado a votação que esperava em Dourados. Dessa forma, o governador, que tivera um vice que não o incomodara em nada no primeiro mandato e para o qual não dera apoio para o senado (o apoio do governador recaiu sobre Moka e favoreceu Delcídio), viu-se na obrigação de, agora, apoiá-lo para prefeito.

O PT, por sua vez, teve também as suas razões para apoiar Murilo. O ex-prefeito Laerte Tetila precisava de respaldo político para a aprovação de suas contas e o senador Delcídio apostou no apoio de Murilo para as eleições de 2014, quando foi candidato pelo PT ao governo do estado. A exigência era a de que, assim que fosse eleito, Murilo deixaria o DEM e ingressaria no PSB, aliado do PT em âmbito nacional.

As coisas se delinearão mais ou menos assim: Murilo ganharia, como de fato ganhou, realizando o seu sonho de ser prefeito; André Pucinelli faria uma coligação futura com o PT e se elegeria senador e Delcídio do Amaral seria o governador do estado. Esse foi o núcleo central do acordão firmado, incluindo ainda que o PT de Dourados ficaria com a vice-prefeitura, a Secretaria de Educação e a de Assistência Social. Das demais partes desse latifúndio, não sei qual foi a divisão. Infiro que, dos dois deputados federais que o PMDB teve nesse período por Dourados, Marçal Filho e Geraldo Resende, apenas este último deve ter sido contemplado na divisão de poder, cabendo-lhe o apoio do grupo que elegeu

Murilo prefeito de Dourados em 2016. Minha dedução deve-se ao fato de Marçal estar pensando em deixar o PMDB para ingressar em outro partido político, sendo que a sua permanência derivaria de outra negociação futura. Quanto ao deputado Geraldo, sempre irrequieto, combativo e utilizando-se de uma propaganda agressiva tanto relativa a seus próprios feitos quanto relativa àqueles de que se apropriou como sendo seus, depois desse acordo hibernou. Então, não é difícil deduzir os motivos.

Ironicamente, me curvei a esse acordo e, na Convenção do PT, atendendo a insistente pedido do ex-prefeito Laerte Tetila, votei favoravelmente a essa coligação, embora constrangido e sem que, em algum momento, tenha participado de quaisquer discussões (veja adiante: Crônicas em retalho: misturando óleo e água, escrita em 14/01/2011).

A Justiça e a teia de aranha

Fernão Lopes, em sua crônica do rei D. Pedro I, de Portugal, citando Sólon (Sócrates), afirmou que “a justiça era como a teia de aranha, em que as moscas pequenas, caindo em suas malhas ficam presas e as grandes rompem-na e vão-se”

Como afirmei anteriormente, o balanço ainda não foi fechado, mas convenhamos que a morosidade da Justiça – morosidade às vezes sábia, às vezes oportunistas – nos desperta sérias dúvidas, pois ao menos até agora cuidou apenas de peixes miúdos, vereadores, vice-prefeito e prefeito de Dourados e, ainda assim, com sérias dificuldades, talvez inerentes à própria magnitude dos escândalos. O que se tem de concreto é que, quando as acusações chegaram até deputados estaduais e ao próprio governo do estado, houve uma paralisação no andamento das investigações e algumas perguntas ficaram sem respostas. Por exemplo, qual o esquema da Assembleia Legislativa do Estado? Os deputados recebiam realmente cento e vinte mil reais por mês, como afirmou Ari Rigo em uma de suas conversas com Passaia? Havia de fato um repasse de dois milhões de reais mensais ao governador André Pucinelli?

Com toda a certeza a sociedade está absorvendo essas ações, que irão constituir-se em um imaginário social (inconsciente coletivo), e dará uma resposta um dia. Sabe-se lá quando e como. De minha parte, mais uma vez arrogo-me o direito de apontar aos jovens historiadores outro viés a ser analisado, ou seja, além de historiar o acontecimento em si, há que se estudar também o papel da mídia local nesse episódio, assim como a postura da Justiça tanto em primeira quanto em segunda instância. Não que caiba à História o papel de julgar, mas o de compreender os acontecimentos ocorridos e divulgá-los.

Posicionamento das Forças Vivas de Dourados em relação ao episódio

Nessa introdução às crônicas desse livro, desejo sublinhar a importância fundamental do posicionamento de organizações sociais e sindicais no desenrolar dos acontecimentos. As manifestações dos movimentos populares, com destaque para o Comitê de Defesa Popular, devem ser estudadas com profundidade, a começar pela verdadeira aula de cidadania que deu a um pelotão da polícia militar que, sem o devido preparo, avançou e jogou bombas de efeito moral no meio de uma manifestação de pessoas diante da Câmara Municipal no dia 10 de setembro de 2010. Posteriormente, pela ação em torno da realização de nova eleição para a escolha de prefeito, pois não faltaram propostas golpistas que, aliás, devem ser analisadas também.

Mas, da mesma forma que se deve estudar a ação dessas entidades, deve-se também estudar a omissão ou o silêncio de outras entidades representativas locais. Onde estavam a OAB, a ACED, a Associação Médica, Rotarys, Lyons, Lojas Maçônicas, Igrejas Católica e Evangélicas: enfim, precisamos começar a voltar as nossas atenções para as forças vivas de Dourados.

Afinal, como escrevi no livro *Edificando a Nossa Cidade Educadora*, em um capítulo chamado *Nossa Cidade e a Culpa*, tento dizer que todos nós

somos responsáveis pelo destino de nossa cidade, e olha que nem sonhá-
vamos com a Operação Uragano:

A culpa! Pesa sobre nós como um fardo. Fardo? Alguém já não disse, peguemos as nossas culpas, enfiemos num saco e joguemo-las na esquina mais próxima?

Mas como viver sem culpa se ela é parte do imaginário social do Ocidente? Se já nascemos com culpa mesmo sem saber do que se trata?

Não, antes de jogar toda a culpa na esquina, façamos melhor: vamos distribuí-la segundo regras bem definidas, de modo que um tanto fique com os vereadores, outro com o prefeito, mais um tanto para os juízes, outro para os promotores. O tabelião e o general não poderão ficar de fora, mais um fardo haverá de ser dado ao bispo, outros serão distribuídos no Conselho dos Pastores. E aos dirigentes de outras crenças devem ir um tanto quanto, mas que não fiquem sem os seus fardos também os professores, a polícia e os doutores, sejam médicos, advogados, filósofos ou administradores.

Quantos fardos ainda restam? Contemplemos os comerciantes, os feirantes, os estudantes, a costureira, o amante, o comerciário, o bancário e todos os ajudantes.

Continuando a partilha, com certeza muita culpa caberá às parteiras e obstetras.

1º Congresso: Dourados Cidade Educadora

Meu amigo Ramiro Soares, companheiro de farda quando servimos ao glorioso Tiro de Guerra 16, no já longínquo ano de 1965, em Catanduva, no estado de São Paulo, após revisar com os seus olhos de águia o livro *Crônicas: educação, cultura e sociedade*, sugeriu-me que escrevesse um livro de futurologia que deveria chamar-se *Dourados 2113*, no qual eu deveria fazer uma projeção do que seria a cidade 100 anos depois de publicado o livro referido. Não ousei. As transformações ocorridas no final do século 20 e

início desse século 21 foram tão vertiginosas que não consigo vislumbrar a possibilidade de traçar um perfil de Dourados para 2113.

Pode acontecer de tornar-se uma megalópole, com edifícios enormes e elevadíssimos, onde todo o necessário para os seus habitantes esteja à disposição, ou seja, cada edifício seria uma cidade dentro da cidade. Poucas seriam as oportunidades de os habitantes saírem para atividades fora dos edifícios, nos quais haveria até um ou outro andar reservado para florestas artificiais, recinto onde os humanos teriam a sensação de estarem no meio da selva, entre animais extintos na realidade, ouvindo pássaros virtuais gorjeando. Enfim, nem mesmo ir às quadras e estádios para assistir a esportes seria possível e até mesmo a grande paixão dos brasileiros, o futebol, não seria mais realizada em estádios abertos com a presença de público, mas em campos fechados que comportariam apenas os atores dos jogos (jogadores, juízes) e os câmeras, que transmitiriam o espetáculo para aparelhos receptores que ofereceria aos espectadores, em seus apartamentos, imagens perfeitas e até mesmo a sensação de estarem presentes.

Recuso-me a detalhar como seria a vida em uma situação dessas, embora confesse que tenha sido tentado.

Por outro lado, imaginando que uma pessoa que nasça daqui a dez ou quinze anos possa ter uma expectativa de vida em torno de 130 a 150 anos, poderíamos ter em 2113 uma cidade beirando os 250 a 300 mil habitantes. Um paraíso onde os idosos desfrutariam de uma qualidade de vida jamais imaginada. O choro de uma criança dificilmente seria ouvido porque apenas casais selecionados por critérios rigorosos seriam habilitados a ter filhos para substituir um parente falecido e, por via de consequência, o crescimento demográfico seria zero.

Da mesma forma, apesar da tentação, não ousou criar nenhuma utopia a respeito dessa hipótese. Mas, já pensou que a lavoura, a pecuária e a indústria, seriam a tal ponto automatizadas que o trabalho seria leve? As vacas seriam alimentadas em coxos repletos de alimentos ali depositados por máquinas movidas a toque de um controle remoto, entrariam nas ordenhas automáticas assim que lhes viesse a vontade de aliviarem os úberes do peso do leite.

Basta, que me perdoe o Ramiro, vou ficar com os pés bem colados ao meu próprio tempo. Mas para não o desapontar completamente, ao invés de divagar sobre o futuro, vou publicar um documento que poderia muito bem estar sendo posto em prática, não fosse a ruptura provocada pelo governo Ari Artuzi e a falta de vontade política da gestão Murilo em concretizá-lo.

Não se trata de uma reflexão individualizada, mas de um documento produzido pelas quatro instituições de ensino superior de Dourados, no ano de 2007 e que, com absoluta convicção afirmo, poderia gerar uma sociedade com elevadíssimo Índice de Desenvolvimento Humano. Eis o documento.

Carta do 1º Congresso Dourados Cidade Educadora

O papel das Universidades na Construção da Cidade Educadora: desenvolvimento regional sustentável: a economia focada em direitos humanos e cidadania.

Os participantes do 1º Congresso Dourados Cidade Educadora, que discutimos o papel das Universidades na construção da Cidade Educadora, tendo como tema “Desenvolvimento Regional Sustentável: a economia focada em direitos humanos e cidadania”, realizado no período de 11 a 15 de junho de 2007, no Teatro Municipal – Parque dos Ipês, cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul –, reafirmamos o propósito de adesão de Dourados junto à Associação Internacional das Cidades Educadoras, defendendo a concepção de que todo espaço urbano seja transformado em espaço educativo e que o nosso desenvolvimento seja pautado em sustentabilidade, inclusão, cidadania, solidariedade e mecanismos de gestão democrática e participativa, reconhecendo e valorizando as interculturalidades e plurinacionalidades com o compromisso de colocar fim a todas as formas de discriminações étnico-raciais, religiosas, de gênero e de orientação sexual.

Concordamos e propomos, no que diz respeito especificamente ao que foi debatido no referido Congresso, que:

Uma cidade educadora deve buscar a edificação de uma sociedade do conhecimento. Nesses termos, nos propomos a envidar esforços para promovermos educação de qualidade em todos os níveis; proporcionarmos formação continuada aos professores, seja por meio de programas de pós-graduação, seja por meio de outras modalidades pertinentes; fortalecermos ou, quando necessário, reestruturarmos as propostas pedagógicas dos cursos de licenciatura, visando uma formação sólida do professor; incrementarmos as parcerias entre as Instituições de Ensino Superior e outros segmentos da sociedade, priorizando os promotores da Educação Básica com ações voltadas para esse fim, a exemplo da erradicação do analfabetismo e da promoção da inclusão digital.

Uma cidade educadora deve buscar a sustentabilidade no processo de seu desenvolvimento. Para tanto, devemos aprofundar as discussões em torno do conceito de “solidariedade transgeracional”, construindo uma Ética por meio da qual todos os cidadãos saibam relacionar-se conscientemente com a natureza. A recuperação e o aproveitamento das águas de superfície e a consequente garantia da preservação dos aquíferos para o uso das gerações futuras; a redução drástica da emissão de CO² para a atmosfera, especialmente pela promoção da mudança da matriz energética, atualmente baseada em combustíveis fósseis para os biocombustíveis, são algumas das tarefas mediatas que se nos impõem.

Nesse sentido e considerando a peculiaridade do momento histórico que atravessamos, com o advento das usinas de cana-de-açúcar, firmamos posição de que o aproveitamento da cana deva ser feito dentro de técnicas modernas, portanto, defendemos que a Legislação Municipal contemple, em caráter urgente, a proibição de queimadas das palhadas de cana, o que trará, por via de consequência, a mecanização da colheita; estabeleça a obrigatoriedade de as Usinas manterem viveiros de produção de mudas de espécies arbóreas nativas diversificadas e promoverem a recuperação de matas ciliares e reserva legal, de forma gradativa, nas áreas de cultivo de cana para fins sucro-alcooleiro; estabeleça ainda um percentual máximo de destinação das áreas agricultáveis do município com o cultivo

de cana, possibilitando a diversificação de cultivos e de fontes de renda, além da produção de alimentos no município.

Em termos práticos e paradigmáticos propomos:

3.1. Instituir fóruns permanentes que fortaleçam as relações institucionais na produção artístico-cultural e nas práticas educativas.

3.2. A composição de um grupo de trabalho aglutinador de pesquisadores para a elaboração e execução de projetos de pesquisa e extensão universitária, voltados para o desenvolvimento regional sustentável. Nesses termos, intensificar os esforços para a constituição efetiva do Comitê de Gestão da Bacia do Rio Dourados apresenta-se como um primeiro desafio.

4. A cidade educadora deve buscar o planejamento do seu futuro. Assim sendo desejamos firmar o nosso propósito de continuarmos contribuindo efetivamente para a edificação da nossa cidade educadora, disponibilizando nossas instituições para implementarmos projetos que atinjam os objetivos supramencionados.

Dourados, 16 de junho de 2007

Wilson Valentiim Biasotto

Comitê Local Cidades Educadoras

José Laerte Cecílio Tetila

Prefeito Municipal

Damião Duque de Farias

Reitor UFGD

Luiz Antonio Álvares Gonçalves

Reitor UEMS

Ana Tereza Vendramini Rei

Diretora UNIDERP/DOURADOS

Rosa Maria D'Amato De Déa

Reitora UNIGRAN

AINDA A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

A contribuição de um cronista diletante para a compreensão do ano de 2010

Ao reunir e publicar as crônicas que escrevi em 2010, desejo contribuir oferecendo aos jovens historiadores algumas ideias que poderão conduzi-los a teses importantes para a compreensão da história de Dourados e, aos leitores em geral, a oportunidade de conhecerem ou (re)lembrarem esses marcantes episódios.

Pensando bem, resolvi incluir também as crônicas escritas até fevereiro de 2011 (e ainda deu tempo para incluir uma, escrita em 2013); pois, afinal, se 2010 ainda não acabou, não há razão para que essas crônicas não sejam publicadas, mesmo porque elas dizem respeito ao ano de 2010.

Não se trata de esgotar o assunto, mas de, apenas e simplesmente, oferecer um roteiro para eventuais estudos posteriores. Um cronista diletante, como eu, não consegue cobrir todos os acontecimentos do cotidiano, porque tem outras atividades para desenvolver e, por via de consequência, mesmo acontecimentos importantes, escapam-lhe. Além do mais, o cronista diletante não tem uma especialidade particularizada, como, por exemplo, os cronistas desportivos, políticos, sociais; portanto, escreve aquilo que lhe parece mais importante ou o que mais lhe convém em determinado momento. Nesse sentido, deve ficar claro que o leitor encontrará várias crônicas que não têm ligação direta com as Operações Ovari e Uragano, mas quase todas se referem a acontecimentos relativos a 2010.

A organização do livro

O livro foi organizado em três capítulos, no primeiro reúno as histórias de Bepi Bipolar, um cidadão que ora está ligado no polo do senso ora no do *nonsense*. Talvez eu próprio seja um pouco desse Bepi, talvez o leitor possa às vezes se identificar com algumas de suas atitudes, ou, quem sabe, Bepi possa mesmo ser um personagem que nada tem a ver conosco.

No segundo capítulo, denominado *Crônica em retalhos*, porque cada uma se constitui de vários assuntos, estão as crônicas que escrevi semanalmente a pedido do jornalista José Henrique Marques para serem publicadas na sua *Folha de Dourados* e que envio também aos jornais eletrônicos que sempre me prestigiam publicando os meus escritos.

O terceiro capítulo é composto por crônicas diversas, escritas ao longo de 2010 e início de 2011, dispostas em ordem cronológica crescente. Em tempo, devo ressaltar que a apresentação dos originais à apreciação da Editora da UFGD em 2013, permitiu-me acrescentar ainda crônicas referentes ao tema “2010: o ano que não acabou...”, escritas em 2012 e em 2013, a última uma apreciação sobre a *causa mortis* do personagem Ari Artuzi.

CAPÍTULO I

AS FABULOSAS HISTÓRIAS DE BEPI BIPOLAR

As fabulosas histórias de Bepi Bipolar:

senso e *nonsense*

01/03/10

Lá naqueles cafundós do mundo, a três cabos de machado para frente de onde o vento faz a curva, a molecada, cansada de tanta correria, ia se acalmando aos poucos no finzinho da tarde e brincava mais serenamente fazendo pegadinhas ou inventado rimas: “Ia indo por um caminho, encontrei um buraquinho, fui ver o que tinha dentro, era cocô do Robinho”. “Do Robinho não”, disse o santista indignado, “era do Dentinho”. “Não, não”, disse o corintiano, “era do...” e perdendo a rima disparou que era de Adriano. O flamenguista atribuiu o conteúdo do buraquinho a Richarlison. E a brincadeira foi se transformando, as vozes se alterando, ficando cada vez mais altas... Mas eis que, antes de do pau começar a cair as folhas, aparece o personagem de nossa história. Ele, que era bipolar, agindo ora com, ora sem senso, nesse momento solucionou o problema de modo que a molecada se acalmou. “Querem saber”, disse ele, “dentro do buraquinho era cocô do Ronaldinho”.

Foi o suficiente. Talvez por Ronaldinho estar longe de seus times de coração ou porque a molecada o ignorava, da mesma forma como vem fazendo o técnico Dunga, não o convocando para a Seleção. Como por encanto, mudou-se de brincadeira e o nosso personagem, que tinha coisas mais sérias para fazer, foi sentar-se em um banco onde estava o seu velho amigo Tino Sonso, iniciando com ele animadíssima prosa, que passo a contar agora aos leitores que, evidentemente, já sabendo da esperteza da molecada dos cafundós, não duvidará da astúcia de Bepi Bipolar.

Feitos os cumprimentos de praxe, Tino Sonso perguntou de supetão ao companheiro de banco: “ Você viu, Bepi, o Lula e o André, só os dois, *solitos*, para inaugurar aquela enorme fábrica de papel em Três Lagoas? Aquilo não é inauguração. É cochicho. Conchavo político. Não tinha deputado, não tinha senador, não tinha prefeitos, vereadores... nem os donos da fábrica estavam lá...”.

Bepi Bipolar, no polo do senso, percebeu logo que Tino Sonso somente vira uma notícia sobre o evento e ainda assim com muito atraso, mas ele, que tinha acessado pela internet, ainda no dia da inauguração da fábrica, vários sítios de notícias, explicou ao amigo que, “conforme o interesse é a foto”. Houve mesmo notícias ilustradas com fotos só do presidente com o governador, mas houve também fotos em que aparecem Lula e Zeca, algumas em que aparece ao menos um senador, em outras um deputado. Enfim, proclamou Bepi Bipolar que hoje em dia montar foto é coisa fácil. O mundo não é mais como antigamente que até em fotos de família tinha-se o cuidado de colocar o namorado da filha na ponta da pose para que na eventualidade de o casamento não dar certo, se cortar o moço sem se perder a foto. Hoje, pode-se por o noivo onde se quiser, e, caso algo saia errado, substitui-se a foto do antigo pela do atual e assim a foto de família continua perfeita.

E Bepi Bipolar, empolgado, ainda no polo do senso, continuou a sua conversa explicando melhor o que queria dizer com “conforme o interesse é a foto”. “Um deputado federal, segundo li”, diz Bepi Bipolar, “tem uma verba de 24 mil reais por mês para divulgar o seu mandato. Ora, se um deputado tem 24 mil, muito mais terá um prefeito ou um governador, deduziu. Como 24 mil é muito dinheiro e os projetos dos deputados são poucos, eles utilizam-se dessa verba para construírem uma imagem altamente positiva de seus respectivos mandados, o que torna esses políticos praticamente imbatíveis nas eleições. Hoje, diante da popularidade do presidente Lula, vale a pena sair acompanhado dele numa foto, mesmo que seja necessário usar nisso um pouco da verba de 24 mil. E, assim, de foto em foto, de notícia em notícia, produzidas por assessorias

escolhidas a dedo, os mandatos políticos, embora eletivos, na realidade vão se tornando efetivos e muitas vezes até hereditários. A não ser que surja algum candidato com muito dinheiro, o que quer dizer que na verdade as eleições são ganhas com dinheiro e não com ideias ou compromissos com o povo”.

Empolgando-se cada vez mais, Bepi Bipolar levantou-se, pediu desculpas, mas disse que tivera uma boa ideia e iria correndo ver se encontrava a lotérica ainda aberta. O amigo Tino Sonso, mais interessado na ideia do que na aposta da mega-sena, acompanhou-o e foi ouvindo a história de Bepi Bipolar, agora visivelmente no polo do *nonsense*: “A mega está acumulada, portanto, se eu ganhar, compro a Rede Globo, daí começo a fazer a nossa cafundó ser mais conhecida e aí vocês vão ver. Não vai ter esse negócio de que quem tem mais pode mais. Vai ser na base da capacidade, da honestidade, do trabalho. É isso, as coisas vão mudar, o mundo será dos justos, sendo assim vou ser senador ou presidente”.

As crianças haviam se recolhido, a lotérica estava fechada e Bepi Bipolar começou a falar de futebol.

Bepi Bipolar: do sonho futurista à realidade nua e crua

16/3/10

Em sua primeira fabulosa história Bepi Bipolar queria comprar a Rede Globo; nas próximas, com certeza, ainda aprontará muitas das suas, mas infelizmente caiu doente, como se verá adiante.

Bepi, além de bipolar (Bepi Bipolar ora agia com senso ora sem senso), era demasiadamente ansioso, bastou ter lido em um jornal eletrônico que um “Aparelho faz cego ‘enxergar’ com a língua”, que se animou todo, montou em sua turbinada motocicleta e partiu para Dourados na esperança de que o aparelho já estivesse sendo comercializado. Pretendia comprar alguns para presentear amigos lá do seu cafundó que não enxergavam um palmo adiante do nariz.

Veio, viu e se desiludiu. Ninguém conhecia tal aparelho. Quando já estava ficando enfezado, abriu o seu laptop para mostrar a notícia no sítio da internet onde havia conhecido o aparelho e se viu obrigado a pedir desculpas, a nova invenção norte-americana ainda estava em testes e, se aprovada, custaria 15 mil dólares.

Voltou aborrecido e logo em seguida adoeceu. Teve febre. E, sabe-se lá, se em delírio ou em seu estado *nonsense*, montou em sua moto e partiu para uma cidade fronteiriça onde o futuro chegava muito antes que nos cafundós onde morava.

Comprou tudo o que precisava para fazer uma atualização em seu computador, voltou para o seu cafundó, fez um *upgrade*, como diriam os técnicos, instalando dezenas de aparelhos de uso médico.

Dolorido, cabeça pesada, ofegante e febril, conectou-se com um médico de Dourados para uma consulta virtual, não sem antes proceder à transferência dos honorários para o atendimento em conta indicada.

Olho no olho, com o médico, quer dizer, cada um olhando para a webcam, o médico foi ordenando e Bepi obedecendo. “Pegue o medidor de pressão e coloque em seu braço. Muito bem, pressão excelente. Agora pegue o ressonador cerebral (aparelho para avaliar o cérebro) e passe-o na testa. Não, não, vá passando bem devagar. Ótimo, consegui uma perfeita leitura de seu cérebro e não há nada. Agora tire a camisa e a corrente que está pendurada em seu pescoço, pegue o ecocardio (instrumento apropriado para a avaliação de seu coração). Isso, vá passando devagar em todo tórax. Tudo bem. “Agora”, continuou o médico, “pegue o ultrassom: passe sobre os rins; sobre o abdômen, agora a barriga. Isso, desça um pouco, quero ver a bexiga”.

Aparelhos e mais aparelhos foram sendo utilizados on-line para examinar desde a ponta do dedão do pé até o mais rebelde fio de cabelo. Em menos de uma hora, com os aparelhos utilizados, o médico poupou Bepi de realizar exames em aparelhos ainda em uso, mas já superados, como os utilizados para fazer eletroencefalograma, tomografia computadorizada, ressonância magnética, ultrassonografia, eletro e ecocardiogra-

ma, cintilografia. Enfim, nada constatando, com esses exames o médico resolveu pedir para que Bepi Bipolar viesse a Dourados para fazer alguns exames de sangue, coisa que ainda não podia ser feita on-line. “Ir, a Dourados? Ah! Doutor. É longe do meu cafundó de mundo. Ainda dias desses estive aí e voltei muito cansado. Não tem outro jeito?”

O médico, que com os seus moderníssimos aparelhos nada havia encontrado em Bepi Bipolar, ao saber que ele estivera em Dourados, teve um estalo e pediu-lhe que confirmasse se estivera mesmo em Dourados.

Quando Bepi Bipolar confirmou que estivera em Dourados, o médico, aliviado, passou-lhe imediatamente a receita: “Olha, Bepi, muito repouso e água de coco, você está com dengue.”

Bepi Bipolar: cogitações sobre as escolas públicas

6/03/10

A primeira fabulosa história de Bepi Bipolar terminou com o nosso personagem indo a uma lotérica com objetivo de jogar na mega sena e ganhar uma bolada para comprar a Rede Globo. Como a lotérica estava fechada, não conseguiu jogar e perdeu a chance de concorrer aos milhões que estavam em jogo. Na manhã seguinte saiu com destino à lotérica para não correr mais o risco de perder a chance de fazer a sua aposta. Sabia que o prêmio acumulado havia saído e, por via de consequência, com o próximo não daria para comprar a Globo, mas, enfim, poderia ao menos comprar uma rádio ou um sítio de notícias.

Na primeira esquina alegrou-se com o burburinho da molecada esperando o ônibus para ir à escola. Logo constatou que o barulho girava em torno dos uniformes. Os que o usavam diziam que não seria permitida a entrada de quem estivesse sem, os que estavam sem já tinham na ponta da língua a resposta: tendo recebido um único uniforme não foi possível às suas mães lavá-los, pois trabalhavam até tarde. Bepi Bipolar lembrou-se de ter lido em algum lugar que havia a promessa do governo de dar dois con-

juntos de uniformes para os alunos, mas não tendo o que fazer a respeito seguiu o seu caminho lembrando-se de seus tempos de menino.

Bepi Bipolar ia trazendo para a memória, uma a uma, as suas primeiras professoras. Todas muito elegantes, bem vestidas e muito, muito sabidas. Ah! bons tempos que não voltam mais, pensou ele. Há quem diga que naquela época a escola era risonha e franca e hoje é falsa e chorosa, mas penso justamente o contrário: hoje é risonha e franca. Eita! Minhas professoras eram excelentes. Hoje não sei. A expansão do ensino no Brasil foi intensa, houve necessidade de formar professores às pressas. Caiu o nível. Caiu o nível, mas aumentou a quantidade. Agora está melhorando novamente o nível e mantendo a quantidade. Só que os salários dos professores não são atraentes. Dessa forma somente vão para o magistério os náufragos de outras profissões. Náufragos? Nem sempre, mas a verdade é que os professores hoje em dia, ao contrário de antigamente, são oriundos da classe trabalhadora. Ah! se tivessem consciência de classe, ao invés de reproduzirem a ideologia da classe dominante, fariam a grande revolução do proletariado. E, melhor que tudo, revolução sem guerra. Revolução educacional e cultural.

Assim pensando, Bepi Bipolar seguia caminho e somente perdeu o rumo de suas ideias quando o seu amigo, Lino Sonso, desejou-lhe bom dia.

Os dois seguiram rumo à lotérica conversando animadamente como ademais sempre faziam quando se encontravam. Conversa vai, conversa vem, Lino Sonso lamentou que o amigo não tivesse ganhado a acumulada para comprar a Globo e aproveitou o ensejo para saber o que faria se ganhasse aqueles míseros dois milhões que seriam pagos, se ganhasse a aposta que fizera.

“Quer saber? Dois milhões dá pra muito”, disse Bepi Bipolar, demonstrando pela própria voz que estava entrando no polo *nonsense*. “A primeira coisa que vou fazer é comprar uma sorveteria. Vou fabricar milhares de sorvetes todos os dias e distribuir gratuitamente às crianças. Pra cada sorvete que eu der peço para a criança se lembrar de votar em mim

quando eu for candidato. Então daqui uns anos essa criançada toda vota em mim, eu vou ser governador, então dou dois jogos de uniforme para cada aluno que é para não ter discussão. Convoco os professores para uma grande Assembleia Geral e digo-lhes que um sorvete pode derreter, mas uma promessa jamais”.

Bepi Bipolar: Por que Lula não visitou Dourados?

12/03/10

A terceira fabulosa história de Bepi Bipolar terminou no polo *non-sense*. Imagine o leitor a maluca ideia de Bepi, de distribuir sorvetes para as crianças com a esperança de no futuro receber os seus votos. E a sua apoteótica frase final: “Um sorvete pode derreter, mas uma promessa jamais”.

Tino Sonso, seu amigo quase inseparável, ria que ria, chamando a atenção de Bepi Bipolar. E ao ser perguntado sobre o motivo do riso fez brincadeira respondendo “rio porque rico ri à toa”, mas percebendo a cara contrariada do amigo, emendou que ria porque para ele as promessas também se derretiam como os sorvetes. Para comprovar disse que ele mesmo havia arrumado a mala várias vezes para ir ver Lula em Dourados. “O cara autorizou a criação de uma Universidade lá”, disse Tino, “e nunca foi inaugurá-la. Para ver o Lula pensei até em ir a Três Lagoas, mas logo imaginei, se ele não foi nem inaugurar Universidade em Dourados, não vai inaugurar fábrica em Três Lagoas. Mas foi”.

“É a política, idiota! Opa, não é para lhe ofender Lino Sonso”, disse Bepi Bipolar no polo do senso. “Estava apenas parafraseando Bill Clinton que, em 1991, dirigiu a Bush pai a célebre frase: ‘É a economia, idiota’. O que quero dizer é que Lula não foi a Dourados por causa da política, não que você, meu caro Lino Sonso, seja um idiota”.

“Explico-me”, continuou Bepi Bipolar, ainda no polo do senso: “Embora Dourados fosse administrada pelo PT, partido do presidente, a maioria da bancada de Mato Grosso do Sul no Congresso é compos-

ta pelo PMDB, inclusive um dos deputados peemedebistas tinha as suas bases em Dourados. Ora, ninguém desconhece que a popularidade do presidente é impressionantemente, tão elevada que, indo a Dourados, ele poderia definir a sucessão do prefeito Tetila. “Além disso, nunca é demais lembrar que, quando o filho nasce bonito, não faltam pais, mas como a criação da UFGD é obra petista, alguns outros partidos ficaram incomodados em dar a César o que seria de César e moveram céus e terra para impedir a vinda do presidente a Dourados. O pior é que esse tipo de político dá o tapa e esconde a mão. Nada se prova e somos obrigados a parafrasear Jânio Quadros dizendo que ‘forças ocultas impediram a vinda de Lula’”.

“Eu sinto”, continuou Bepi Bipolar, “porque, se Lula tivesse ido a Dourados, até a nossa Cafundó aqui no fim do mundo seria lembrada. Mas o PT sul-mato-grossense não deixa de ter um bocado de culpa, se estivesse unido, talvez as forças ocultas fossem anuladas, no entanto, as divisões internas do partido, que alguns poderiam chamar de ‘traições internas’, não permitiram a aglutinação de forças em torno desse projeto. Essa é a história nua e crua. O PMDB, que apoiou o DEM para a eleição da prefeitura, abominava a vinda de Lula, por outro lado a turma do PT que apoiava o PDT ao invés do PT nada fez para ajudar nos esforços do deputado Biffi e do Senador Delcídio para que Lula viesse inaugurar a UFGD”.

“Mas essas coisas passam”, disse Bepi Bipolar, “o que vale é que a UFGD foi a obra mais importante edificada no estado, nos últimos anos, os perdedores são como fósforos queimados, os vencedores, por sua vez... bem, aos vencedores as batatas, como diria Quincas Borba, pela pena de Machado de Assis”.

Bepi Bipolar fez uma pausa e talvez pelo cansaço com o embalo dado ao seu discurso perguntou: “Que dizia eu, Tino Sonso?”

Tino, conhecendo bem o amigo, ora com senso, ora *nonsense*, calou-se um instante e aguardou.

“Ah! sim”, prosseguiu Bepi Bipolar, “quando eu for o presidente, e você fica desde já nomeado meu assessor para as viagens internas, não faça minha agenda pressionado por políticos, sejam deputados, sejam se-

nadores, ou governadores, e desde já inclua aí Dourados. Marque na agenda e não diga nada nem pro André, nem pro Zeca, nem pro Ari, nem pra deputado algum. Se ficarem sabendo que vou, acabo não indo, entendeu? Marque tudo em segredo. Sendo presidente, avião presidencial, lá vou eu, desço no aeroporto de Dourados, mas já que estou perto, pego um carro e vou visitar o meu cafundó, isso sim. Ah! quanta saudade! Bem, conforme for nem pouso em Dourados, se der mando construir um aeroporto no meu cafundó”.

Bepi Bipolar: Parla Moisés

20-21/03/2010

Bepi, além de bipolar (agindo ora com, ora sem senso) e além de ansioso, como se viu em crônicas anteriores, é enxerido. Vive metendo-se em tudo que é assunto. Pior é que nos últimos tempos invocou com Dourados. Lê tudo sobre o que ocorre na segunda maior cidade do estado, talvez por falta do que ler sobre a sua pacata, inculta e pobre cafundó, localizada, como já sabe o leitor, a três cabos de machado distante de onde o vento faz curva.

Na semana passada Bepi encontrou no *Midiamax*, no blog do Valfrido Silva e no *Diário MS*, um artigo assinado pelo advogado e professor Fábio Trad, intitulado *Fale Artuzi; nós temos o direito de saber*.

Bepi Bipolar ao ler o referido artigo tomou conhecimento de que o prefeito de Dourados fez uma grave ameaça, caso fosse confirmada a sua prisão: “Nós vamos derrubar gente grande. Ou eles param com isso, ou nós vamos derrubar todos [...]”.

“Vixi!”, pensou Bepi Bipolar, “no que será que vai dar isso? Um tsunami, Tsunami não, porque é maremoto, e lá em Dourados não tem mar. É mais fácil eclodir um vulcão e inundar a cidade de lava incandescente. No mínimo vai haver um furacão, no mínimo um furacão! Afinal, um prefeito que está na iminência de ser preso afronta a própria Justiça dizendo que se não pararem de importuná-lo ele derruba todo mundo. Ora, isso vai virar um furacão”.

Bepi Bipolar continuou divagando sobre a crise que se abateria sobre Dourados e os seus reflexos em todo o Mato Grosso do Sul. Ficou imaginando se haveria algum personagem em seu cafundó que poderia ser atingido pela derrubada geral, afinal Bepi Bipolar concluiu que a declaração, por muito forte, não deixaria pedra sobre pedra e, se entendera bem o artigo de Fábio Trad, não havia saída, valendo nesse caso o velho ditado que diz que se correr o bicho pega e se ficar o bicho come.

Aturdido por esses pensamentos, Bepi Bipolar mal cumprimentou o amigo Tino Sonso que acabara de sentar-se ao seu lado e já imaginando uma grande manifestação pelas ruas de Dourados exigindo que o prefeito se explicasse, bradou aquilo que seria o grito de guerra dos manifestantes: “Fala! Fala!”

Tino Sonso, nem ficou preocupado com o brado, mas sem saber das notícias e muito menos da existência do artigo de Fábio Trad, perguntou ao amigo se ele tinha incorporado o espírito de Michelângelo.

“Claro! Michelangelo”, disse Bepi Bipolar, sem dúvida já em seu polo nonsense. “Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, pintor, escultor, poeta e arquiteto italiano, um dos maiores nomes do Renascimento. Michelangelo, para quem, esculpir é tirar excessos. Foi ele, ele esculpiu Moisés e vendo a sua obra pronta, bateu-lhe o martelo e disse: *Parla*, que em bom português quer dizer fala”.

“Mas a escultura nada falou, não é Bepi? Veja a do ervateiro lá em Dourados. Está lá, deitadinha, com as pernas cortadas e não solta um ai sequer”. “Você se engana, Tino Sonso, todas as esculturas falam alguma coisa. Claro que não mexem os lábios e nem emitem som, mas todas elas, sem exceção, todas elas falam, quer dizer, todas elas expressam alguma coisa. Um(a) exprimem o belo, o sublime, outras a força, o poder, outras, ainda, a dor ou a própria morte, enfim, a seu modo, todas elas falam, porque nos transmitem uma mensagem”.

Dito isso Bepi Bipolar caiu na gargalhada, mas logo após calou-se por um tempo e, com certeza, voltando ao polo *nonsense* despediu-se de Tino Sonso dizendo que se ausentaria por bom tempo. E, assim, sem mais

nem menos, pôs-se a caminhar entoando uma canção, talvez inventada por ele próprio: “A galinha cócó/ o peru gluglu/ o boi muu. O gato miau/ o cachorro auau/ não precisa bala/ não precisa pau. A natureza pede/ e todo bicho fala/ toda ave fala/até a planta fala/a escultura fala/ e eu só quero ouvir/ eu só quero ouvir/ eu só quero ouvir”. Fala Ari...

Bepi Bipolar: O que é a vida?

26/7/2010

Na última fabulosa história de Bepi Bipolar ele disse ao amigo Tino Sonso que se ausentaria por um tempo. Saíra, segundo disse, em busca de respostas que não encontrava em seu cafunfô. E pôs-se a contar as suas façanhas para o amigo, iniciando por uma visita a um hospital.

Permita-me, o caro leitor, que eu recontei essa história, pois assim o pouparei de possíveis revertérios, passíveis de suceder-se em razão da bipolaridade de Bepi ora com, ora sem senso.

Ao entrar no hospital, duas moças vestidas de branco passaram apressadas, quase correndo, carregando um paciente em maca apropriada. Bepi as seguiu de perto e quando já voltavam perguntou de supetão a uma delas: “O que é a vida? A vida humana?”.

A vida, respondeu a maqueira: “A vida é essa correria que você viu, é todo dia, seja o dia noite seja mesmo dia. Uma correria, isso é a vida”.

Bepi seguiu pelo corredor, cruzou com um médico de passos apressados e dirigiu-lhe a mesma pergunta: “Doutor, o que é a vida?” “A vida, ora, a vida”, respondeu-lhe o médico, “é o funcionamento harmonioso das células que formam os órgãos do corpo humano. Isso é a vida”.

Bepi entrou em uma grande enfermaria seguindo o médico e, enquanto este fazia as visitas, deteve-se à cabeceira de um paciente em idade já avançada, mas com muito brilho no olhar, o rosto calmo e complacente e perguntou-lhe: “O que é a vida?”

O idoso olhou para Bepi serenamente como se essa fosse a pergunta mais corriqueira do mundo e respondeu-lhe: “A vida, meu filho,

é o confronto permanente entre a doença e a saúde. Todos sabemos o desfecho dessa contenda, mas desconhecemos a sua hora porque temos sempre a esperança junto de nós”.

No hospital havia uma ala pediátrica. Em uma ampla sala encontravam-se dois jovens fantasiados de palhaços, fazendo graças para as crianças enfermas. “O que é a vida”, perguntou-lhes Bepi.

“A vida”, respondeu a palhaçinha, “a vida é o sorriso daquela criança. Veja! Aquilo é a vida expressa em sua face”.

Bepi passou pela capela do hospital justamente na ora em que algumas pessoas retiravam-se. Entrou e foi logo perguntando ao religioso que acabara naquele instante o seu ofício: “O que é a vida?”

“A vida, filho, é uma rápida passagem por esse mundo para em seguida ganharmos a eternidade ao lado do Pai, ou a geena de fogo, se formos merecedores dessa pena”.

Bepi passou horas e horas caminhando pelos corredores do hospital até que se viu em um local praticamente ignorado tanto pelos doentes quanto pelos sãos, uma sala branca com uma maca ao centro sobre a qual repousava um corpo. Ao lado, dois homens trabalhavam sobre ele dando-lhe uma aparência digna para que recebesse o último adeus de seus familiares e amigos. Bepi perguntou-lhes: “O que é a vida?”. Um deles abriu um sorriso que Bepi não soube definir e respondeu-lhe que a vida era carregar defuntos, ao que o outro emendou: “Felizes são os que os carregam”.

Sorratamente, Bepi esgueirou-se até um local onde se lia “proibida a entrada”. A porta tinha um cadeado, mas sabe-se lá por qual razão se encontrava destravado. Bepi entrou naquela ala reservada. De cócoras de frente a uma das portas, um homem alisava a barba com os dedos. Permanecia imóvel, nem um músculo se mexia, os olhos estavam fixos no nada.

Bepi acocorou-se à sua frente e perguntou-lhe: “O que é a vida?”. Em seguida esperou, esperou, até que aquele homem louco de serenidade, com voz pausada e macia, respondeu-lhe: “A vida é a busca da razão”.

Ainda nessa ala, Bepi Bipolar deparou-se com um homem recitando versos e perguntou-lhe o óbvio: “Você é um poeta?”

“Sou poeta e recitador de versos alheios e dos meus próprios. Que quer ouvir o amigo?”

“Desejo saber o que é a vida”, disse-lhe Bepi já meio cansado.

“A vida, amigo, já bem disse o nosso poetinha: “É a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida”.

Bepi Bipolar sorriu e afastou-se, ouvindo o poeta concluir os versos de Vinicius: “A vida é uma só / duas mesmo que é bom ninguém vai me dizer que tem/ sem provar e muito bem provado / com firma passada em cartório do céu / e assinado em baixo: Deus. E com firma reconhecida”.

Dou-me por feliz de ter feito o relato da visita de Bepi Bipolar ao hospital, pois, veja o caro leitor pela conclusão que ele fez ao amigo Tino Sonso, se é possível acompanhar o seu raciocínio: “A vida, Tino, é uma correria de células em luta contra doenças que passam por esse mundo transformadas em sorriso ou buscando a razão para serem levadas ao céu ou ao inferno ao som dos versos de Vinicius de Moraes”.

Bepi Bipolar: o abduzido

2/08/2010

Primeira de uma série de três crônicas com Bepi Bipolar abduzido.

Se o caro leitor der um clique em um sítio de pesquisas poderá verificar que as estimativas apontam para mais de 8 milhões de registros ufológicos ao redor de nosso Planeta Terra. A cada 6 horas uma pessoa é abduzida. E as histórias desses contatos são rigorosamente semelhantes, sabe-se lá se porque os alienígenas que nos visitam procedem realmente de maneira idêntica ou se os abduzidos assistiram aos mesmos filmes, leram as mesmas histórias ou viram programas de televisão nos quais a ficção científica ganha status de realidade.

Dando-se como certo que os contatos de terceiro grau ocupam o imaginário social das pessoas que habitam a Terra, não é de duvidar que o nosso Bepi Bipolar tenha sido levado para um objeto não identificado e convivido com seres de aparência muito diferente da dos humanos atuais. Confirmam o relato que fez ao seu amigo Tino Sonso.

“Veja Tino”, iniciou Bepi Bipolar, “como as coisas são: saí de minha visita ao hospital já tarde da noite, feliz por ter conseguido definir o que é a vida, como lhe contei, e, sem querer, meto-me em uma confusão sem tamanho. Cortava a brisa fresca da noite enluarada pilotando minha moto pela estrada que me traria ao nosso Canfundó, quando percebo uma luz ao meu lado, na margem da estrada, acompanhando-me do alto. Fiquei meio aturdido e fui diminuindo a velocidade até parar no acostamento. Então um cone de luz envolveu-me e fui tragado para o alto com moto e tudo até entrar em um objeto semelhante a uma nave espacial relativamente pequena, medindo cerca de três metros de diâmetro”.

“Foi uma sensação maravilhosa. Sabe lá o que é você estar flutuando, como se o seu corpo fosse uma pluma lançada ao ar? Foram momentos de êxtase indescritível. Já dentro daquele aparelho estranho, ainda meio estonteado, deparei-me com dois seres de aproximadamente um metro e meio de altura, vestidos apenas com uma espécie de short, desprovidos de cabelos, sobrancelhas, cílios, completamente sem pelos. Tinham a pele grossa, amarronzada, os olhos salientes, os braços mais curtos que os nossos, as mãos delgadas e os dedos alongados. Os olhos arregalados pareciam saltar fora da cavidade ocular, mas não obstante a aparência um tanto diferente, simpatizei de imediato com aquelas criaturas. Tal foi a empatia entre nós que a impressão era de que éramos velhos conhecidos”.

“Olha, Tino Sonso”, continuou Bepi Bipolar, estou contando-lhe essas coisas porque sei que é meu amigo e que acredita em mim. E você sabe muito bem que não sofro de narcolepsia, essa doença do sono intermitente que gera alucinações. O que vi e vivi é a mais sacrossanta realidade. Digo-lhe isso porque o pior ainda está por vir, quer dizer, não o pior, mas o mais surpreendente. Parece mentira Tino, parece mentira, mas veja o que aconteceu em seguida”.

As criaturas começaram a conversar comigo em português. Isso mesmo, em português. Quer dizer, tive um pouco de dificuldade em reconhecer que era a nossa própria língua, pois tudo era dito de forma abreviada, mas tive um estalo e comparei as abreviações utilizadas por eles com

a linguagem usada pelos jovens na Internet, então ficou fácil, quando me disseram: ‘Nam assus, a gen é do futur, a gen é da Ter mes, po se q seja paren remo’. Logo conclui que queriam dizer: “Não assuste, a gente é do futuro, a gente é da Terra mesmo, pode ser que sejamos parentes remotos”.

“Agora entendo que a música *País Tropical*, de Bem Jor, é uma mensagem cifrada. Acho que ele foi abduzido também pelos terráqueos do futuro e inventou a música que diz tudo abreviado: ‘Sou Flame / Tê uma nê / Chamá Terê / Sou Flame / Tê uma nê / Chamá Terê’ (Sou Flamengo, tenho uma nega chamada Teresa, Sou Flamengo, tenho uma nega chamada Teresa [...]).’

“Bom, mas enfim, quer dizer que eu não estava em nenhuma nave espacial e as criaturas não eram ETs, mas terráqueos vivendo no futuro. Eu estava em uma máquina do tempo. Uma máquina completamente diferente das imaginadas a partir de 1895, quando H. G. Wells escreveu o romance ficcional *A máquina do tempo*”.

“Concordei em viajar com eles para o futuro desde que se comprometessem em me trazer de volta”.

Bepi Bipolar: o abduzido no futuro

3/8/2010

Segunda, de três crônicas com Bepi Bipolar abduzido no futuro.

“Sentamo-nos em cadeiras de braços, defronte a um painel. Uma das cadeiras possuía uma espécie de teclado que passou a ser tocado pelo comandante daquela esquisita máquina do tempo. A um toque fomos firmemente enlaçados por correias estofadas, como se fossem cintos de segurança; outro toque e começamos a girar vertiginosamente e nada mais vi nem senti, sei lá por quanto tempo, até que tudo se acalmou e eu fui convidado a desembarcar no futuro”.

Tino Sonso, o estimado amigo de Bepi, escutava extasiado. Acompanhava o relato com extremada atenção. Boca semiaberta, olhos fixos, rosto retraído, parecia que vivia ele mesmo aquela fantástica viagem pelo tempo.

“Pobre planeta o nosso”, continuou Bebi Bipolar. “Pobre e rico. Rico e pobre, sei lá! É uma contradição inacreditável. As pessoas do futuro que me abduziram possuem todos os mais modernos e requintados equipamentos, são capazes de teletransportarem-se, comunicam-se com seres extraterrestres de outras galáxias por intermédio de ondas neurais transmitidas em velocidade maior que a da luz e, nesse sentido, são ricos. Por outro lado, pobres infelizes, alimentam-se com pílulas e, o pior de tudo, a água é tão escassa que exige um racionamento incrível.

As pílulas podem até mesmo ter todos os ingredientes que sustentam a vida, mas e o prazer da mastigação? Quanto à água, eles têm o direito a um copo por dia. Os rins funcionam mal. Não sabem o que é um bom banho de chuveiro. Usam um óleo para limparem os corpos. Os poucos rios que restaram e uma ou outra nascente são vigiados por exércitos que tentam preservar o que ainda é possível. As missões espaciais e as incursões ao passado por meio da máquina do tempo têm por objetivo principal a busca de alternativas para recuperarem as águas de nosso Planeta Azul. É triste, Tino, muito triste”.

Tino Sonso retirou o lenço do bolso e sem o menor constrangimento enxugou as lágrimas que lhe corriam nas faces. Ele sabia perfeitamente bem que a humanidade havia se descuidado da Terra e afetado o seu equilíbrio ambiental, mas chegar ao ponto de precisar de exército para guardar reservas de água? Não ter água para um banho? As pessoas terem estatura média de um metro e meio? Ter a pele ressequida?

Os dois amigos ficaram longo tempo em absoluto silêncio, talvez maldizendo a desventura de terem conhecido o futuro, talvez procurando alguma fórmula para evitarem aquela situação tenebrosa. Bepi Bipolar rompeu o silêncio.

“Pouco fiquei no futuro. Da mesma forma que os nossos descendentes distantes não conseguem sair de suas máquinas do tempo, pois os seus pulmões não conseguem absorver o nosso ar, também eu tive dificuldade enorme em respirar. O ar é rarefeito e impuro, disseram-me que raramente chove e que, quando ocorre uma chuva, ao contrário de a água

ser destilada, como ainda ocorre em nosso tempo, é poluída, chamam-na de chuva ácida”.

Bepi Bipolar: memórias e reflexões do abduzido

5/8/2010

Terceira das três crônicas com Bepi Bipolar abduzido no futuro.

Tino Sonso sempre foi um bom ouvinte, talvez por isso nunca lhe faltassem novidades, mas essa que ouvia agora era coisa de outro mundo, melhor dizendo, coisa de outros tempos. Ele jamais poderia imaginar que o futuro reservasse surpresas desagradáveis, era um otimista inveterado e, sempre que se punha a pensar no porvir, imaginava a ausência de fome, de doenças, de guerras, enfim, o futuro para ele sempre era melhor que o presente. Essa história, portanto, era demais, e se não tivesse vindo da boca de seu amigo Bepi Bipolar, a quem dedicava especial atenção e a mais absoluta confiança, não acreditaria.

Os dois amigos estavam cabisbaixos, mas a curiosidade de Tino Sonso era maior do que a tristeza que estava sentindo e então estimulou Bepi a contar mais sobre o que tinha visto e ouvido quando estivera no futuro.

“**É estranho**, Tino, como já lhe disse, fiquei pouco tempo no futuro, sentia-me mal, mas não obstante, armazenei em meu cérebro muitas informações e imagens. Aquelas pessoas de andar lento inspiravam-me ao mesmo tempo carinho e piedade, admiração e surpresa. Não tenho absoluta certeza, mas estive duzentos anos à frente de nosso tempo, em 2210. A população mundial ao invés de aumentar regrediu em mais de meio milhão de pessoas, a média de vida caiu para menos de cinquenta anos, especialmente em virtude da degeneração de alguns órgãos, em particular dos rins, devido ao consumo de pouca água. O sol arde, queima e talvez por isso a pele dos nossos descendentes seja amarronzada, grossa e enrugada. Depois, veja você, alimentar-se à base de pílulas, que graça tem? Não

é de admirar que a estatura humana também tenha diminuído ao longo desses dois séculos.

Ah! as florestas tropicais se acabaram. Esses locais, como a Amazônia, por exemplo, viraram desertos, os poucos capões de matos existentes resumem-se em amontoados de arbustos retorcidos, espécie de cerrado.

Animais? Nem um gato ou cachorro. Estranho, mas em nenhum momento os meus amigos do futuro se referiram a qualquer animal! E ainda mais estranho, eles não culpavam as gerações anteriores por aquele estado de coisas!”

Fez-se novamente silêncio. Longo silêncio, mas desta feita, surpreendentemente, foi Tino Sonso quem se pôs a falar:

“Sabe o pior, Bepi? Não podemos confiar essa histórica a mais ninguém. Quem acreditaria em nós? Diriam que você é louco e eu bobo. Você louco por inventar e eu bobo por acreditar. Ora, ora, que situação! O nosso planeta corre sério risco, nós sabemos que o futuro não é animador e não podemos chamar os governos, as rádios, a televisão, o povo e dizermos claramente e em bom tom tudo o que está por suceder”.

Realmente nunca, jamais, os amigos retornaram a esse assunto, talvez por isso ninguém também tenha entendido a razão de Bepi Bipolar e Tino Sonso passarem a maior parte do tempo plantando árvores, recolhendo sacos plásticos, limpando entulhos de bueiros, falando em preservação das águas e do solo.

Bepi Bipolar: o entrevero

10/09/2010

Esse Bepi Bipolar! Ora com, ora sem senso. Mas, sinceramente, está ficando difícil entender se ele está cada vez mais doido ou se é o mundo que, de tão velho, caducou. Em suas três últimas fabulosas narrativas tentou nos fazer crer que havia sido abduzido por terráqueos do futuro e que, quando reconduzido ao nosso Planeta Azul, impressionado com o estado calamitoso em que o encontrou no ano de 2210, pôs-se juntamente com o seu amigo Tino Sonso a plantar árvores e a limpar córregos.

Agora, sentado à sombra de um frondoso Jamelão existente em sua Cafundó, narra para Tino alguns episódios ocorridos na cidade de Dourados, onde esteve justamente nos dias do entrevero que culminou com a prisão de várias pessoas, inclusive do prefeito.

“Tino”, disse Bepi Bipolar, aparentando estar em seu polo do bom senso, “eu, que vivi no tempo da ditadura militar, tive a oportunidade de ver várias vezes a polícia chegar e sentar o cacete antes de falar bom dia. Agora está tudo mudado. A PF chega com mandato judicial, convida as pessoas para acompanhar os seus agentes e nem algemas colocam. Isso é um avanço espetacular para o nosso país”.

“Bepi”, respondeu Tino Sonso, “você acha isso certo?”

“Claro, a polícia deve ser treinada para não perder a calma. Deve estar preparada para tratar como cidadão qualquer pessoa, mesmo que suspeita. Compete à Justiça determinar a pena aos contraventores e não à própria polícia. Quanto maior o nível de civilidade de uma nação mais educada é a sua polícia.

“Tem razão, Bepi.. A polícia tem muito a ver com quem a comanda. Se o comandante for um troglodita, a polícia tende a se comportar como tal. Mas, diga uma coisa, e o moço que deu a sapatada no vereador, está certo ou errado?”

“Está certo.. Não, está errado. Quer dizer... Bem, a verdade é que uns aplaudem e outros condenam. Fosse eu um protegido do glorioso Santo Ivo, quer dizer, fosse eu um advogado, argumentaria em tese que, nesse caso, o cidadão arremessou não um simples pé de sapato, mas todo o peso de sua indignação. E subjacente a essa indignação direta com o vereador atingido, está a sua crença de que a impunidade impera e que a Justiça é cega e a imprensa zarolha. Em conclusão diria que o cidadão agiu da maneira como o fez, imaginando que esteja correta a máxima do filósofo ao nos ensinar que: ‘A Justiça é como a teia da aranha que as moscas graúdas rompem-na e vão-se’ ”.

Tino Sonso, o inseparável amigo de Bepi Bipolar, num misto de dúvida e de compreensão, balançou a cabeça e os dois ficaram por um tempo em silêncio.

Após contar algumas coisas sobre o ocorrido em Dourados, chamado pela Polícia Federal de Operação Uragano, Bepi Bipolar relatou ao amigo a experiência que fez por aqui. Adianto ao leitor que Bepi não passou por nenhum tipo de constrangimento, uma vez que Dourados é sabidamente uma terra hospitaleira, que recebeu ao longo de sua história migrantes de toda parte, dando-nos um colorido multicultural, uma pluralidade e diversidade dignas de uma Cidade Educadora, embora de vez em quando sejamos surpreendidos por atitudes políticas que chegam a nos causar desencanto.

Para saber se o clima eleitoral de Dourados era igual ao de sua Cafundó, Bepi Bipolar passou a frequentar convenções partidárias e lançamentos de candidaturas. Ouviu atenciosamente dezenas e dezenas de discursos, convencido de que as palavras expressavam o sentimento profundo de quem as proferia. Não diziam lá em seu Cafundó que “peixe morre é pela boca”? Com político não haveria de ser diferente, quer dizer, Bepi Bipolar imaginava que conheceria os políticos por aquilo que lhes sai da boca. Mas não ficou apenas ouvindo, seus olhos percorriam os ambientes que frequentava e registravam tudo, como verdadeira máquina fotográfica.

Ao menos é o que se depreende da história que contou a seu amigo Tino Sonso, quando retornou ao Cafundó e, que eu, com a permissão do leitor, reproduzo abaixo, o mais fielmente que posso.

Com seus olhos fotográficos, Bepi não poderia ter deixado de observar os fotógrafos, numerosos por sinal, que não pareciam interessados em fazerem uma cobertura dos acontecimentos em si, cada qual se preocupava com um determinado candidato, o que o contratara. Da mesma forma os repórteres não estavam preocupados com outra coisa senão a de fazer um *release*.

Dessa primeira observação, Bepi Bipolar concluiu que a notícia não é o retrato do acontecimento, é apenas e simplesmente a seleção do me-

lhor que aconteceu para determinado candidato na visão de um repórter/assessor.

Mas isso é de somenos, questão periférica, o que interessava mesmo a Bepi Bipolar eram os discursos. Ouvia-os com apurada atenção. Observava atentamente cada político que fazia o uso da palavra para verificar se ele falava apenas com a boca, ou se os seus olhos, suas mãos, seu corpo, enfim, expressavam a sinceridade do que dizia. Constatou que as saudações iniciais são importantíssimas. Ao se saudar determinado personagem, é de bom tom que se saúde também a comunidade à qual ele pertence, pois dessa maneira sempre um grande grupo sente-se prestigiado. Bepi prestava também muita atenção no desencadeamento lógico do discurso. Segundo ele discurso tem que ter início meio e fim. Quem faz um discurso não precisa ficar dizendo duas ou mais vezes: “para finalizar”. Os ouvintes automaticamente devem perceber que o discurso está chegando ao fim, que o raciocínio desenvolvido está se completando.

Observou com profunda atenção o conteúdo de cada discurso e avaliou que os discursos mais bem concatenados sublinhavam as experiências passadas do candidato que os credenciava a postular novo mandato e as suas propostas para o futuro. Bepi Bipolar concluiu nesse sentido que não se vive só do passado, mas também pôde constatar que sem passado não há futuro, em outras palavras, se não reconhece o seu próprio passado é porque o candidato é oco, vazio.

Discursos, ora discursos, dirão alguns. Queremos ações, dirão outros.

Mas é pelo discurso que se conhece o candidato, as suas ações estarão embutidas no próprio discurso. O grande problema do eleitor é reconhecer se o discurso é verdadeiro ou não, daí a preocupação em procurar reconhecer se o candidato diz apenas da boca para fora. E Bepi Bipolar, enfim, concluiu com ar de sabedoria: “As ações podem ser ainda mais enganosas que o discurso. Um candidato pode parecer amigo dos pobres doando-lhes um bolo, um remédio, ou umas telhas de Eternit, isso não é mais demagógico e populista que o discurso?”

Tino Sonso, que ouvia atentamente, balançou a cabeça concordando, mais uma vez, com o amigo Bepi Bipolar e prometeu que, a partir de então, passaria não somente a avaliar melhor os discursos dos candidatos, mas também a comprovar se eles coincidem com as suas respectivas práticas.

Bepi Bipolar: o mumificado

12/11/2010

Tino Sonso estava atônito diante daquela escultura. Na verdade não era escultura, era o seu inseparável amigo Bepi, paralisado como que a brincar de estátua. Há quanto tempo ele estaria aí, mumificado, não tinha ideia, mas Tino não perdia a esperança de trazê-lo de volta ao normal, nem que para tanto tivesse que perder o sono, socar a mesa ou derramar uma lágrima. Não podia admitir que o amigo permanecesse naquele estado, semelhante a uma estátua de cera.

Não sabemos se Tino conseguira tal façanha, mas pelo menos podemos esclarecer ao leitor duas questões que se completam: o sumiço de Bepi na mídia nos últimos tempos e o motivo desse sumiço.

Óbvio está que Bepi, essa figura extremamente curiosa, agindo ora com incrível e apurado senso, ora beirando a estultice, estava lá, mumificado, feito a estátua do ervateiro, em lugar ermo, e, portanto, sumido do mapa. Vamos à causa desse sumiço, dessa sua mumificação.

Chega a ser bizarro, ou ao menos muita presunção de Bepi, mas ele estava cansado de enxergar bem. Enxergar bem no sentido de que sabia entender a conjuntura, sabia ler o mundo em que vivia. Enxergar bem, contraditoriamente, ao invés de fazê-lo feliz – por ser capaz de ter opinião própria, por saber entender o que estava por trás de uma notícia capciosa, ou de um discurso demagógico –, tornava-o sofredor porque de nada lhe adiantava essa compreensão, se ela era partilhada por tão poucos.

Vejam a estultice de Bepi: queria um pouco de escuro, na ilusão de que descansando os olhos descansaria também a mente atormentada por

tantas desilusões. Na verdade estava enfezado com tudo e com todos. A crença, ele já entendia bem isso, é coisa que se perde aos poucos, com os anos. Mas somente os que passavam dos oitenta é que, segundo ele, tinham o direito de se desiludirem, afinal nem precisavam mais votar, jejuar, enfrentar filas. Mas ele, ainda novo, não se conformava.

Impressionante como as coisas lhe pareciam óbvias, mas nada adiantava, pois não as conseguia compartilhar. Estranha contradição essa, compreender o mundo e não compartilhar essa compreensão. Talvez lhe faltasse didática, talvez simpatia para se fazer ouvir. Quem sabe? Seria esse sentimento maluquice? Estaria ficando doido igual a esses que andam pelas ruas falando coisas ininteligíveis?

Ora, de repente, lhe pareceu tudo muito fácil. Lá estava o interruptor na parede. Bastavam-lhe dois passos, o estender da mão, um toque de dedo.

Bastava apertar o interruptor, mas tinha uma criança e a criança tinha medo do escuro, então recuou. Ora, ora, do escuro? Justamente, medo do escuro, quando deveria ter medo dos pedófilos, pobres seres! Deveria ter medo da fome, desgraçado sistema! Mas não, ela, a criança, tinha medo do escuro, simplesmente. Em respeito ao medo daquela criança, deixou a luz acesa e ele, Bepi, continuou com a sensação de que via as coisas com impressionante clareza.

Esquecida a criança, tudo lhe parecia novamente fácil, bastava apertar o interruptor. Mas tinha um velho e o velho, que mal enxergava, tinha medo do escuro, de tropeçar no tapete, de quebrar a louça da cristaleira. Medo do escuro, quando deveria ter medo da indiferença e dos maus-tratos. E a luz permaneceu acesa em respeito ao medo do velho pelo escuro e Bepi continuou enxergando com clareza.

Passado mais uma vez o sentimento de respeito, insistiu em apagar a luz, fechar os olhos, fazer dormir a mente inquieta, mas tinha um professor. Então achou que não adiantaria apagar a luz, pois o professor, segundo muitas vezes lhe disseram, é uma chama que ilumina caminhos. E Bepi continuou enxergando com clareza.

Tentou dormir, mas nem fechar os olhos conseguiu. As pálpebras não lhe obedeciam. Insistiu em apagar a luz, mas tinha o político e o político, muito mais que a criança, que o velho e o professor, tinha medo do escuro. Muito medo do escuro. Em respeito ao político, Bepi mais uma vez recuou e não apagou a luz.

Sempre em respeito a alguém Bepi Bipolar desistiu de apagar a luz e saiu pelos campos à procura do escuro, mas quando teve a impressão de encontrá-lo desabou um temporal. Os relâmpagos traziam fochos de luz que iluminavam as árvores, as cercas e as gotas de chuva, que lhe pareciam lágrimas do céu em pranto por seus desencantos. De qualquer forma, mesmo que iluminado somente pelos relâmpagos, o caminho era-lhe claro.

Então Bepi Bipolar desejou ser poeta, mas logo desistiu por lembrar-se de Fernando Pessoa que já ensinara: “Só aos poetas e filósofos é dado não ter ilusões”. E, então, por não ter ilusões, ao desejar ser poeta, Bepi reconheceu-se poeta. Compreendeu que subjacente à candura da poesia esconde-se a realidade de um “José sem cavalo preto que fuja a galope”. Para onde? E, então, aturdido, untou-se com formol, mumificou-se para não ir mais a lugar nenhum e para não enxergar mais nada.

Bepe bipolar e a *imperscrutabilidade* da mente humana

02/2013

A última notícia que tive de Bepi Bipolar, aquele que ora age com perfeito senso, ora fica ligado ao *nonsense*, foi a de que ele havia se mumificado com formol. Mas, como tudo nesse mundo se transforma, é provável que o formal tenha perdido o seu efeito e eis que nos aparece novamente Bepi Bipolar, conversando com o seu inseparável amigo Tino.

Bepi falava sobre a imperscrutabilidade da mente humana e Tino Sonso não estava entendendo patavina, por isso interrompeu-o e pediu-lhe que explicasse o que seria essa tal coisa que ele nem conseguia repetir o nome.

Estando muito provavelmente em seu polo do senso, Bepi explicou pacientemente que, de fato, a palavra imperscrutabilidade era difícil tanto para escrever quanto para pronunciar e ainda pior para entender.

“Significa”, disse ele, “aquilo que não se pode pesquisar, então no caso o que quero dizer”, prosseguiu, “é que a mente humana não pode ser pesquisada, é imperscrutável; pois, segundo já ensinava o filósofo francês, Descartes, a mente é imaterial. Quer dizer que empiricamente não se pode pesquisar a mente humana, quaisquer postulados sobre ela restringe-se ao campo teórico”.

“Por sua vez”, continuou Bepi, “o cérebro humano, aquilo que existe de material dentro de nossas cabeças pode ser identificado, catalogado, estudado, enfim, sabe-se há muito tempo as suas funções e até mesmo o que ocorre, por exemplo, com a memória quando uma parte do cérebro é afetada. Mas a mente não é o cérebro, embora seja o resultado do conjunto das matérias e substâncias que existem em seu interior.

“A mente”, concluiu Bepi, “se entendida como memória, inteligência, imaginação, ideias, pensamentos, percepção, arquétipos que carregamos de geração em geração ainda continua uma nebulosa”.

Tino Sonso continuava sem entender absolutamente nada, mas mantinha-se atento, se é que ficar de boca aberta e assentindo com a cabeça significa atenção, e Bepi prosseguia em sua verborragia.

“Não desconheço que essas questões da mente são do campo das neurociências, das ciências cognitivas, da psicologia, da psiquiatria. Fogem, enfim, de minha ocupação principal, que é a ociologia (estudos e práticas ligadas ao ócio), mas só desejo compartilhar com você, meu amigo Tino, algumas impressões sobre essas coisas. Mesmo os gêmeos, continuou Bepi, “que são criados pelos mesmos pais, que frequentam a mesma escola, que comungam na mesma Igreja, que crescem juntos, têm mentes diferenciadas. Até daria para entender que as pessoas com níveis educacionais, afetivos, culturais, sociais e religiosos diferentes possuísem mentes diferentes, mas temos que admitir que as heranças genéticas podem se diferenciar e produzir cérebros com características desiguais e, por isso, uma

mente humana pode dar respostas completamente diferentes em relação a um mesmo estímulo.

Bingo! É isso, Tino, continuou Bepi, entrando em estado de euforia: “Descobri por que uma pessoa, por mais bem tratada que seja, por mais agraciada com nossas benevolências, é incapaz de demonstrar gratidão e, ao contrário, guarda apenas e unicamente coisas desagradáveis, basta uma simples palavra mal colocada durante uma conversa e ela já se ofende, fica magoada ou, às vezes, até mesmo emburrada conosco”.

“Rapaz!” Exclamou Bepi Bipolar quase em êxtase, dirigindo-se ao seu amigo Tino Sonso. “Descobri o remédio para todos os males da humanidade. Basta abrir o crânio de todos os recém-nascidos e ajeitar a estrutura material de dentro do cérebro para que no futuro próximo todos sejam bem sucedidos, alegres e felizes. Transformaremos a Terra no próprio paraíso.

Tino Sonso, que tudo escutara com paciência de Jó, olhou bem para o amigo e arriscou perguntar-lhe se isso seria ético e, sendo ético, se não estaríamos com tal feito robotizando os seres humanos e assim correndo o risco de as máquinas aumentarem a inteligência artificial de modo a se sobreporem à própria humanidade.

Nenhuma resposta, Bepi olhava fixamente para o nada. Tino Sonso coçou a cabeça e pensou com os seus botões se naquela hora Bepi teria entrado em seu polo *nonsense*, ou se estava no *nonsense* quando proferiu toda a explanação sobre a mente humana.

CAPÍTULO II

CRÔNICAS EM RETALHOS

Crônica em retalhos **29/06/2010 e 10/07/2010**

Planejamento: É lamentável que a Prefeitura de Dourados tenha pedido e que a Câmara Municipal tenha aprovado a extinção da Secretaria de Planejamento. Muitíssimo lamentável; pois, nos tempos contemporâneos, crescimento e desenvolvimento urbano são indissociáveis do planejamento. Dizer que não se extinguiu a Secretaria de Planejamento, mas que ela foi incorporada à Secretaria de Obras é ainda pior, posto que as pessoas que assim entendem pensam que o planejamento de uma cidade está restrito à confecção de mapas e plantas. Planejar, antes de mais nada, é pensar o futuro.

Meio ambiente: José Marques Luís, insigne cidadão douradense, com vasta folha de serviços prestados à nossa comunidade, escreveu matéria condenando a subordinação do Instituto do Meio Ambiente a uma Secretaria. Trata-se realmente de um retrocesso, de outro retrocesso. Mas como nem tudo está tão ruim que não possa piorar, o fato de a Câmara ter votado favoravelmente à queima da palha da cana foi deprimente. Felizmente a Justiça Federal não permitiu mais esse descabro e, a partir de 12/07/2010, a queima da palha está proibida em todo o estado.

Perdas lamentáveis: Quase sempre há alguém para lamentar uma morte, seja filho, pai, cônjuge ou amigo, mas o passamento de algumas pessoas repercute não somente pelos laços de ligação familiar ou amigável, mas pelo que elas representaram no mundo das ciências ou das artes e

pelas suas contribuições à sociedade global ou regional. Em junho passado, o mundo perdeu José Saramago (87 anos), o único escritor de Língua Portuguesa a ser distinguido com um prêmio Nobel. E Dourados perdeu João Astolfi (65 anos), juiz aposentado, rotariano, membro da Sociedade Douradense de Beneficência, que teve voz importante na decisão da transformação da Santa Casa em Hospital Universitário.

Besteiras de representação: Aqueles que entendem que a nossa região deveria ter um representante no senado, vários na Câmara e outros tantos na Assembleia Legislativa deveriam defender o voto distrital, ou, ao menos, o voto distrital misto e não esse ou aquele nome. Particularmente não me sentiria representado por político de partido conservador, mesmo que fosse meu vizinho de parede-meia. O que faz o bom político é a sua postura ética e ideológica, não a localização de sua residência.

Avaliação do MEC: O Ministério da Educação tem avaliado o primeiro, o segundo e o terceiro graus. Cobrar o desempenho dos trabalhadores em educação é um ato rigorosamente correto; no entanto, é necessário que sejam tomadas medidas pós-avaliação para que as desigualdades no nível de ensino sejam superadas. A começar pela melhoria salarial.

Avaliação das Escolas Douradenses: Mais uma vez a *Escola Joaquim Murtinho* foi a mais bem avaliada. Está de parabéns toda a comunidade que integra aquela escola pública: alunos, professores, coordenadores, direção e pais de alunos. Fica provado que a participação dos pais é importante e que as atividades extraclases como coral, teatro e esportes variados enriquecem o aprendizado.

Ainda está bom, mas já foi melhor: A imprensa local noticiou que as médias das escolas públicas douradenses foram superiores às médias nacionais. Mas não há motivo para muita comemoração. Em primeiro lugar porque a média nacional, apesar de ter melhorado nos últimos anos, ainda é baixa, e, segundo, mais de uma dúzia de escolas de Dourados tiveram média inferior à avaliação passada. É bom que as autoridades educacionais abram o olho porque para melhorar o nível é difícil, mas para despencar é muito, muitíssimo fácil.

Investimentos estaduais em Dourados: Quando Zeca assumiu o governo, em 1999, a arrecadação do estado estava em torno de 75 milhões de reais por mês. Uma vergonha! Quando Zeca saiu, em 2006, deixou uma arrecadação de 450 milhões por mês. Um saldo altamente positivo! Impulsionado pelo desenvolvimento brasileiro, atualmente o estado arrecada cerca de 650 milhões por mês, se eu não estiver enganado. Digamos que dos 650 milhões arrecadados mensalmente sejam destinados apenas 10% para investimentos e o restante corra por conta das despesas de custeio e folha de pagamento. Pois bem, ao longo de quatro anos, não, vamos colocar apenas três anos, ao longo de três anos teríamos cerca de 2 bilhões 340 milhões para investimentos. A construção da Perimetral deverá girar em torno de 25 milhões, a Rodovia Pedro Palhano (Itaporã/Dourados) uns 30 milhões e o recapeamento de algumas avenidas mais 10 milhões. Se somarmos a esses números uns 3 milhões para reformas de escolas, mais uns 15 milhões para as contrapartidas de verbas federais, 5 milhões para o aeroporto e, ainda, se computarmos, com muito boa vontade, 12 milhões em “outras obras”, teremos um total de 100 milhões investidos pelo governo do estado no município de Dourados ao longo do atual mandato, ou seja, pouquinho mais de 4% daquilo que o estado investiu em outras regiões com recursos próprios. É muito pouco, se a divisão do bolo fosse proporcional ao número de habitantes, o repasse para Dourados não deveria ser inferior a 10%.

Crônica em retalhos

30/07/2010

Não dá mais pra ler: Nunca houve e nem haverá imprensa imparcial, da mesma forma como não existe ciência neutra. Ressalvando a temeridade das generalizações, podemos dizer que atualmente até mesmo a tentativa de passar a ideia de imparcialidade desabou. Antigamente os jornais expressavam as suas tendências políticas e ideológicas apenas em seus editoriais, mas como esses textos passaram a ser desprezados pelos

leitores, atualmente também matérias e colunas refletem a posição do jornal. Em consequência, o “não dá pra não ler”, propagado recentemente por um jornal de circulação nacional, passou a ser substituído pelos leitores por “não dá mais para ler” – pelo menos por todos.

Pulverização da imprensa: Dada essa partidarização da imprensa, estamos assistindo, em relação aos jornais impressos, ao mesmo fenômeno ocorrido recentemente com a mídia televisiva: a pulverização, de modo que poderá haver uma mudança ainda mais profunda que a ocorrida em relação à televisão. Os grandes jornais impressos poderão sucumbir, a exemplo do *Jornal do Brasil*; em seus lugares, provavelmente reinem os jornais eletrônicos e os blogs. E, ao contrário de o jornal “formar opinião” em seus leitores, os leitores escolherão os jornais de acordo com a sua formação, a do leitor. Para formar opinião devem aparecer “blogs analistas”, ou seja, blogs comentando as diversas tendências de seus congêneres.

Igual a notícias desportivas: A tendência, portanto, é que ocorra com o jornalismo, principalmente o político, o que já está acontecendo em relação às notícias desportivas. O leitor já não precisa mais comprar um jornal de esportes para ver a notícia do **seu** esporte preferido. Ele acessa diretamente pela Internet aquilo que é de **seu** interesse. E vai além, não precisa ler sequer tudo sobre o **seu** esporte, pode selecionar apenas as notícias de **seu** time. Essa particularidade não significa dizer que o jornalismo desportivo seja isento, ao contrário, é lastimável a postura acrítica da mídia desportiva.

Se o Zé gostou, publicou: Ora, ora, não seria eu a escrever com neutralidade. Subjaz a meus textos minha formação ideológica, política e religiosa, que não procuro disfarçar. Mas, José Henrique Marques, desta *Folha*, gostou de minhas “crônicas em retalhos” e ligou-me pedindo autorização para publicá-las. Autorização nem precisava, escrevo por descargo da mente e por deleite do espírito; de qualquer forma, autorização dada, passo a frequentar essa coluna agradecido pelo espaço sem, todavia, qualquer tipo de compromisso formal.

Centro de Convenções: Não foram poucos os que se dedicaram à luta para a edificação de um Centro de Convenções em Dourados. Desta-

co o abaixo assinado encabeçado pela então vereadora Margarida Gaigher, com mais de cinco mil assinaturas; as mobilizações promovidas por professores e alunos do curso de Turismo da UEMS e pelo Grande Dourados Convention & Visitors Bureau; as articulações de vários secretários da administração Tetila e do senador Delcídio do Amaral. Lamentavelmente as obras estão praticamente paralisadas. Seria por falta de recursos ou de visão?

Centro de Convenções e turismo: Para uma cidade com as características de Dourados, sem atrativos naturais para o turismo, um Centro de Convenções é importante para o desenvolvimento daquilo que se convencionou chamar de turismo de eventos, sejam esses eventos comerciais, sejam industriais, culturais ou científicos. O atraso nas obras de nosso Centro de Convenções fragiliza esse elo importantíssimo na corrente de nossa cidade universitária.

Conceito de administração: “Administrar” assume, ao longo do tempo e das circunstâncias, conceito diverso; no entanto, não erra quem afirma que administrar significa planejar, organizar, coordenar e controlar algum tipo de processo. Penso que, naquilo que diz respeito à administração pública, “administrar” quer dizer especialmente “estabelecer prioridades”. Se o Centro de Convenções não estiver incluído como uma prioridade, teremos séria ruptura no processo de desenvolvimento de Dourados.

Cinco anos de UFGD: Dia 29 de julho, na solenidade de comemoração de aniversário de cinco anos da UFGD, foram lançados os selos comemorativos e o nacional, no cine auditório do prédio da Reitoria. Cinco anos! O tempo, sempre o tempo! Cinco anos, um quase nada em relação aos oitocentos e dez anos da Universidade de Borgonha, mas um salto extraordinário para o desenvolvimento de nossa região e de nosso país.

Os suplentes do senador: Somou pontos o senador Delcídio ao escolher Pedro Chaves e Zonir Tetila para suplentes. Pedro Chaves, dentre outras tantas qualidades, pagava impostos sobre serviços quando era proprietário da Uniderp, ao contrário de muitas instituições de ensino que se dizem filantrópicas. Quanto a Zonir de Freitas Tetila, segunda suplen-

te, tem uma história de vida dedicada à família, à educação e a Dourados que, com toda a certeza, se refletirá em suas ações em benefício de nossa cidade e região.

Crônica em retalhos

31/07/2010

Parquímetro: Entrando no carro, deparei-me com a notificação do parquímetro. Revoltei-me e somente não fui deselegante com a funcionária porque me lembrei de quando a minha avó brincava com as crianças zangadas, dizendo: “Tá bravo? Tire a calça e pise em cima”. Sorri da lembrança e reclamei, sim, mas amistosamente da “injusta” multa. No entanto, a moça mostrou-me que eu estava errado: tinha estacionado na vaga 8 e digitado o tempo na vaga 7. O erro tinha sido meu.

Estresse: Vai ver que eu estava meio estressado e não fiz a marcação direito. A pressa, a ansiedade, o cansaço são fatores muito presentes nos erros que cometemos no trânsito. Puxa! Se tivesse xingado a moça, uma menina que enfrenta sol e chuva na defesa do sagrado pão de cada dia, teria cometido uma baita injustiça. Ao pensar que existem profissões e profissionais tão vulneráveis aos nossos estresses, prometi, a mim mesmo, cuidar bem antes de desacatar quaisquer trabalhadores.

Paraquedistas: Campanha política em franco aquecimento, muitos carros já trafegam ostentando adesivos de candidatos, alguns de Dourados, outros de fora. Em quem votar? Ora, ora, numa democracia representativa. A resposta mais evidente seria: “votarei naquele que represente à altura os meus ideais de sociedade”.

Parede-meia: Nessas circunstâncias é que, em alguns candidatos de Dourados, eu votaria, mesmo que morassem em qualquer outro canto do estado; em compensação não votaria em outros, mesmo que morássemos em parede-meia. Embora não se possa generalizar, os candidatos de fora chegam até nós por possuírem mais dinheiro para a campanha e não necessariamente por terem mais capacidade ou algum outro predicado.

Para melhorarmos a representatividade seria necessário o estabelecimento de uma profunda reforma política que incluísse em seu bojo o voto distrital ou, ao menos, o distrital misto.

Partido é parte: Quando se fala em partido político, fala-se na organização de uma parte da sociedade, que tem convicções semelhantes para a disputa do poder. O óbvio é que, alcançando o poder, esse partido coloque em prática aquilo que consta em seu programa. No Brasil, entretanto, desde os tempos imperiais, essa conduta não se verifica. Tínhamos dois partidos, o Conservador (Saquaremas) e o Liberal (Luzias) e já se dizia naqueles tempos que “nada é mais conservador que um liberal no poder”.

Justiça Eleitoral: Atualmente com algumas dezenas de partidos inscritos na Justiça Eleitoral – já nem sei mais o número – estabeleceu-se o caos. Mas não pelo número de partidos em si, mas pela dubiedade das Leis Eleitorais e principalmente pela inapetência da Justiça Eleitoral em estabelecer critérios gerais. Inapetência, ou seja, falta de apetite, e não incapacidade, pois capacidade a Justiça Eleitoral tem e às vezes até exorbita. Para determinar o número de vereadores, segundo os eleitores de cada município, por exemplo, a Justiça Eleitoral foi capaz; contudo, para impedir a infidelidade partidária, não o é.

Código de uso e ocupação do solo: Uma lei municipal que, como diz o próprio nome, disciplina o uso e a ocupação do solo dos municípios brasileiros. Quanto mais aperfeiçoada essa Lei, mais bonita a paisagem urbana, melhor o tráfego e mais segura a mobilidade humana. Em Douros, além desse Código de Posturas, existe um Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente – COMDAM – que pode autorizar ou não a execução de obras. O desrespeito ao Código e ao COMDAM significa o estabelecimento do caos urbano.

Computador de bordo: Com o uso de computadores, os aviões já fazem boa parte de seus percursos sem a intervenção dos pilotos. Carros seguem o mesmo progresso, dotados de GPS (*Global Positioning System* ou Sistema de Posicionamento Global, em bom português) bem programados, conduzem-nos aos endereços mais difíceis. Mas enquanto não pode-

mos nos utilizar dessa tecnologia, padecemos para localizar endereços em Dourados e em boa parte das cidades brasileiras.

Nomes de ruas: Consultei uma verdadeira enciclopédia ambulante, o meu amigo Sultan Rasslan, que me informou: “A Avenida Marcelino Pires era Avenida Brasil; a Weimar G. Torres, Rio Grande do Sul; a Teixeira Alves, Paraná; a Melvin Jones, Pará; a João Rosa Goes, Sergipe; a João Candido Câmara, Minas Gerais; a Presidente Vargas, Pernambuco; a Nelson de Araujo, Maranhão.

E tem mais: Se a memória não me falhar, foi em 1978, por iniciativa do então vereador Roberto Djalma Barros, que a Câmara de Dourados aprovou a mudança do nome da Rua Espírito Santo para Toshinobu Katayama e o da Bahia, para Hayel Bon Faker. Não contesto as justas homenagens; no entanto, passados mais de trinta anos, as denominações antigas ainda são usadas. Da mesma forma as ruas do Jardim Água Boa, embora recebam nomes de próceres douradenses, ainda são identificadas com a letra W seguida de numeração 1,2, etc. Isso também ocorre no Jardim Itália e no BNH 3º Plano, as ruas ainda são identificadas por Projeta 1,2, etc., no Parque Alvorada R1,2, etc.

Difícil de achar e de guardar: O modelo usado em Dourados para designarmos as ruas homenageando nossos antepassados é elogiável; contudo, torna-se difícil tanto a localização quanto a memorização dos nomes.

Uma sugestão: Um projeto digno de uma Cidade Educadora, que Dourados continua sendo, seria dar a cada bairro a designação de uma letra do alfabeto e a cada rua um número, seguido do nome do homenageado. No embalo dessa ideia poder-se-ia aproveitar para corrigir a numeração das casas. Esse projeto, embora caro e dependente de planejamento cuidadoso, facilitaria a mobilidade urbana, o trabalho dos correios, e dos entregadores de pizzas, remédios, etc..

Experiência: Existem casos em que, ao encontrarmos uma pessoa pela primeira vez, temos a impressão de que ela já é velha conhecida. Simpatizamos-nos imediatamente. Mas existem também situações inversas,

sentimos antipatia imediata em relação a novos conhecidos. Da mesma forma, em nosso convívio no trabalho, na escola, no esporte, na família temos mais afinidades com uns do que com outros. Experimente, caro leitor, inverter esse quadro. Tome uma pessoa pela qual tenha verdadeira aversão e comece a tratá-la de modo diferenciado. Sorria, diga-lhe uma palavra amiga, elogie uma roupa, uma ideia ou um comportamento. Procure sempre encontrar algo de positivo nesse seu eleito, repita essa experiência por um mês e depois me diga o que aconteceu.

Crônica em retalhos

6/08/2010

2 bujões em 6 anos: Indiscreto, perguntei à minha parenta sobre quantos bujões de gás havia gasto em seus bem sucedidos seis anos de casamento. A resposta de que ela **já havia instalado o segundo bujão não me surpreendeu. Os tempos atuais mudaram os hábitos familiares. Marido e mulher**, ao saírem do trabalho, marcam encontro no restaurante X ou no Y para o almoço. Aí, além da refeição, podem conversar alguns minutos. À noite, um lanche.

Variiedade e qualidade: Outra opção para a família de trabalhadores em nossos dias são as marmitas. Uma pessoa da família passa pelo fornecedor, pega a marmita e a partilha em casa. Botando na ponta do lápis, ou melhor, nos algarismos da calculadora, para quem trabalha fora “comer de marmita”, como se costuma dizer, acaba saindo mais barato do que ir às compras e manter cozinheira.

Tempos de mudanças rápidas: Vivemos em um período de mudanças incrivelmente rápidas. Minha geração, por exemplo, viu a passagem do carro de bois para a jardineira, da jardineira para os ônibus, dos ônibus comuns para os leitos e desses para os aviões que ligam esse nosso Brasil de Norte a Sul. Nossos avós e pais tinham que rachar a lenha para os fogões, quando chegou o gás foi um alívio. Agora, dois bujões em seis anos.

Mudanças e conservadorismo: Não obstante essas mudanças, o conservadorismo ainda vigora. Isso é natural porque a infraestrutura (re-

lações materiais de produção) modifica-se antes da superestrutura (ideias, costumes e instituições). Veja-se, por exemplo, o caso da Justiça.

A Justiça e a ordem: A Justiça foi constituída para manter a Ordem e o faz com relativa eficiência. Mas, que Ordem a Justiça mantém? Ora, a Ordem estabelecida em Leis, que são elaboradas pela elite dominante e em seu benefício. A Justiça, portanto, **é de certa forma a responsável pela “perpetuação” do status quo. Funciona como reprodutora da ordem vigente.**

Iniciativa positiva: Em 2008, por iniciativa da vereadora Margari-da Gaigher, a Câmara Municipal de Dourados instituiu o prêmio Ildefonso Ribeiro de Literatura. Nesse mesmo ano, por iniciativa dos vereadores Délia Razuk e José Carlos Cimatti, a Câmara, pela primeira vez, em sessão solene realizada no Teatro Municipal, outorgou os troféus alusivos a esse prêmio, no dia 12 de agosto, aos professores Lori Alice Gressler e José Pereira Lins.

Prêmios merecidos: Lembro-me de uma citação mais ou menos assim “Quem merece uma estátua geralmente não faz conta de tê-la”. Se concordar com essa frase significa sabedoria, estou longe de tê-la conseguido, pois penso que as homenagens oxigenam o cérebro e levam seiva aos órgãos vitais de nosso organismo. Foi muito bonito presenciar a solenidade, sentir um clima virtuoso e ouvir tanto os discursos de homenagem quanto os discursos de agradecimento proferidos pela professora Lori e pelo professor Lins, citando Camões e Ildefonso Ribeiro de memória.

Digno de uma Cidade Educadora: A Câmara, a Academia Douradense de Letras, o Grupo Arandu, com apoio da Funced, estão de parabéns pela promoção do 1º *Festival do Livro, Leitura e Literatura Regional na Grande Dourados*. Mais de 700 crianças e adolescentes participaram do evento que culminou, no dia 12/08/2010, com a entrega dos prêmios aos já mencionados literatos douradenses, os professores Lori Alice Gressler e José Pereira Lins.

Noticiar o bom: Ressaltar as boas obras, destacar boas notícias, elogiar as ações dignas de elogio deveria ser um dever dos meios de comu-

nicação. Noticiar crimes e calamidades também é dever, no entanto, ficarmos restritos às desgraças não é de bom tom. Da mesma forma que em família, quando se fala apenas de crimes, roubos e mortes drásticas, cria-se um clima de pessimismo e decadência, também em uma cidade, quando os meios de comunicação enfocam sobremaneira os acontecimentos negativos, o inconsciente coletivo agrega valores pessimistas.

Racismo: Quando um jogador de futebol quebra a perna de um adversário recebe pena menor do que a de dirigir ofensas racistas a um colega de trabalho. O futebol tem condenado o racismo com muito rigor. Isso é extremamente salutar, pois hoje o conceito que temos é de que existe uma única raça, a humana, subdividida em etnias.

Antonil Andreoni: Um jesuíta italiano, nascido em 1649 e falecido no Brasil em 1716. Escreveu *Cultura e Opulência do Brasil* em 1710 e, embora não fosse contrário à escravidão, reconhecia a importância do trabalho dos Negros no Brasil.

Serviço de branco: Expressões como “serviço de branco” além de serem discriminatórias e racistas são também completamente descabidas por não expressarem a verdade. Os Negros, dizia Antonil, “são as mãos e os pés do senhor do engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente” (ANTONIL, 1982, p.89).

O hábito não identifica o monge: Quando um homem público deixa escapar uma expressão como “serviço de branco”, em contraposição ao “serviço de negro”, não quer dizer exatamente que ele seja racista. Vejo também muita gente dizer “denegrir a imagem” sem imaginar que esteja usando uma expressão racista, mas se você denigre, quer dizer, torna a imagem negra, está tentando dizer que a imagem branca é boa e que a negra é ruim. Portanto, o recomendável é que os homens públicos aprendam aquilo que é politicamente correto para evitarem a perpetuação de expressões politicamente incorretas.

Reflexão: Vasculho em minha memória e não me lembro de ninguém que tenha encampado qualquer das minhas ideias que não prospera-

ram. E não é o caso de dizer que “filho feio não tem pai”, pois uma ideia pode ser boa e não prosperar por várias outras razões.

Crônica em retalhos

23/08/2010

Partidos políticos: Os partidos, como o próprio nome sugere, são parte, representam o pensamento de segmentos da sociedade. É possível, portanto, em uma sociedade complexa como a nossa, existirem dezenas de partidos políticos, pois existem também dezenas de modos de pensar e de enxergar o mundo. A seguir, considerações sobre alguns partidos, seguindo ordem alfabética.

DEM: Partido Democrata, antigo PFL (Partido da Frente Liberal, fundado em 24 de janeiro de 1985 e transformado em DEM em 2007) que, por sua vez, nasceu do PDS (Partido da Democracia Social), que nasceu da ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Em menos de três décadas o DEM trocou três vezes o nome, mas não trocou a sua ideologia. É um partido de direita que pode até mesmo ser considerado de extrema-direita à medida que defende uma política econômica neoliberal. Para as próximas eleições, o DEM indicou para candidato a vice-presidente de José Serra o deputado Índio da Costa.

PCdoB – Partido Comunista do Brasil, fundado em 4 de abril de 1922, em Niterói, passou por várias reformulações, (re)organizou-se em 1962, foi cassado em 1964 e atualmente – desde 1995 – mantém uma postura democrática pregando inicialmente a implantação de uma sociedade socialista e em uma última fase a implantação do comunismo, onde prevaleceria o lema “de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo sua necessidade”. Sua maior expressão provavelmente tenha sido João Amazonas.

PDT – Partido Democrata Trabalhista, fundado em 17 de junho de 1979 em Lisboa, isso porque muitos dos fundadores estavam exilados, inclusive Leonel Brizola, o seu principal expoente. Pretendeu ser o partido

sucessor do velho PTB de Getúlio Vargas, aliás, com o mesmo nome; no entanto, Brizola perdeu a sigla PTB por determinação do Superior Tribunal Eleitoral que a concedeu para o grupo liderado por Ivete Vargas. Atualmente pode ser considerado um partido de centro-esquerda.

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, acrescentou o P (de Partido), à frente da sigla MDB (Movimento Democrático Brasileiro), após o fim do bipartidarismo da época de Ditadura Militar. O antigo MDB congregava uma frente oposicionista à ditadura, composta por comunistas, socialistas e liberais. Era na verdade uma frente de oposição ao Regime Militar. Com o fim do bipartidarismo e com a possibilidade de criação de novos partidos políticos, os comunistas e os socialistas fundaram ou (re)fundaram os seus respectivos partidos, ficando no PMDB os políticos liberais. Os partidos liberais são de direita, mas pelo seu cunho nacionalista e pelas últimas alianças (PMDB e PT), podemos dizer que o PMDB tem se comportado como um partido de Centro.

PPS – Partido Popular Socialista, fundado em 1992, tem atualmente como principal liderança nacional o senador Roberto Freire. Pelo nome, popular e socialista, o PPS deveria ser considerado partido de esquerda; no entanto, ao fazer aliança com o PSDB e com o DEM para as próximas eleições, podemos afirmar que é de direita.

PR – Partido da República, fundado em 2005. Na verdade, em 2005 houve a troca de nome do Partido Liberal para Partido da República. O Partido Liberal – PL – foi fundado em 1985 pelo deputado Álvaro Dias. O Partido da República pode ser considerado de direita, uma vez que segue as mesmas diretrizes do antigo PL. Não devemos nos esquecer de que liberal em política é aquele que segue o liberalismo econômico, ou seja, defende o capitalismo, a livre iniciativa e a não interferência do Estado na economia do país.

PSB – Partido Socialista Brasileiro. Foi criado em 1947 e encerrou as suas atividades em 1964 por conta do advento da Ditadura Militar. Durante o período da ditadura (1964-1985), os seus partidários acomodaram-se no MDB, voltando a (re)organizar o partido somente em 1986.

Nesse renascimento do partido sobressaiu-se a figura de Miguel Arraes, pernambucano da gema que, ao voltar do exílio, fez parte de suas fileiras. O PSB é um partido de esquerda.

PSDB: O PSDB, Partido Social Democrata Brasileiro, foi fundado no ano de 1988 por um grupo de políticos dissidentes do PMDB, com a intenção de transformar o Brasil em uma socialdemocracia. Com a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a presidência do Brasil, o PSDB deixou de defender a socialdemocracia e passou a defender o neoliberalismo econômico, com uma política de privatizações jamais experimentada no país. A partir desse novo encaminhamento, o PSDB pode ser considerado de direita. Tem como candidato à presidência da República José Serra.

PSOL: Partido do Socialismo e da Liberdade (PSOL), fundado em 5 e 6 de junho de 2004 em Brasília, com a participação de mais de oitocentos militantes sociais. É um partido de esquerda que tem como principal destaque em sua militância a ex-senadora, hoje vereadora em Alagoas, Heloisa Helena

PSTU: Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados. É um partido de esquerda, fundado em 1994, unificando diferentes organizações, grupos e ativistas independentes. A maioria dos que fundaram o PSTU vinha de uma ruptura com o PT, por considerar que este partido não era uma alternativa estratégica para a construção de uma direção revolucionária para o país.

PT – Partido dos Trabalhadores (que atualmente ocupa a presidência com Lula e tem Dilma como candidata). É fruto da (re)organização do sindicalismo brasileiro. A fundação do PT, em 10 de fevereiro de 1980, se deu graças à aliança entre as lideranças sindicais surgidas desse “Novo Sindicalismo” com intelectuais de esquerda e com uma ala da Igreja Católica que defendia a “Teologia da Libertação”. O Partido dos Trabalhadores, tendo à frente a figura emblemática de Lula, é um partido que defende o socialismo democrático embora na prática tenha produzido efeitos idênticos ao da socialdemocracia europeia. Um avanço, sem dúvida, em relação ao neoliberalismo. Ao radicalizar a democracia, permitindo a existência

de várias tendências dentro do próprio partido, o PT consegue agregar em torno da sigla ao menos 15 dessas tendências. Algumas, mais antigas e radicais deixaram o Partido formando novas frentes de luta. A tendência Causa Operária, em 1990, passou a integrar o Partido Comunista Operário. A Convergência Socialista, em 1993, constituiu o PSTU. A Ação Popular Socialista, em 2005, integrou o PSOL. Enfim, a tendência Operariado Revolucionário, em 1990, passou a integrar o Partido Operário Revolucionário.

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro, fundado em 15 de maio de 1945 por Getúlio Vargas. Assim como os demais partidos políticos, foi extinto pela Ditadura Militar que se iniciou no Brasil em 1964. Reorganizado em 1980, obteve o registro permanente em 3 de novembro de 1981, depois de acirrada disputa entre Ivete Vargas e Leonel Brizola, ambos considerando-se herdeiros políticos de Getúlio. Atualmente o PTB pode ser considerado partido de direita.

PV – Partido Verde. Surgiu na década de 1980 seguindo as tendências ambientalistas da Europa. Defensor do meio-ambiente, o Partido Verde pode ser considerado de esquerda, afinal contrapõe-se à direita na medida em que combate o progresso sem o devido respeito ao meio-ambiente. Entre as figuras de destaque no partido estão o candidato a governador no Rio de Janeiro, Fernando Gabeira e a candidata à presidência da República, Marina Silva, que tem por vice o empresário ambientalista Guilherme Leal, da Natura.

Crônica em retalhos: a UFGR

30/8/10

Desejaria escrever de tal modo que mesmo a acidez da verdade se tornasse poética, no entanto, perdoe-me o leitor se não consigo fazê-lo. De qualquer forma a mentira não pode prevalecer sobre a verdade.

Uma infâmia? Essa crônica é o complemento de uma outra, “O dossiê UFGD e a vinda de Lula a Dourados”, considerada uma infâmia

pelo assessor e advogado Sérgio Henrique Pereira Martins de Araujo. Responde também ao artigo desse assessor, publicado em *O Progresso* no dia 24 de agosto de 2010, intitulado *O dossiê da UFGD: a verdade*. Penso que não seja uma infâmia escrever a história, mas vamos aos fatos.

Metralhadora giratória. Ao invés de responder objetivamente, dizendo o que o deputado Geraldo Resende fez em benefício da UFGD, seu assessor resolveu adotar a postura nazista do chefe, acusando-me de inúmeras situações, inclusive da de “maquiar a história para diminuir (ou, se pudesse, anular) a participação do parlamentar em favor da luta pela implantação da UFGD”.

Historiador de Ofício. Ao longo de minha carreira como historiador passei pela graduação, especialização, pelo mestrado, doutorado e, mesmo assim, reconheço que é difícil escrever a história. Recuperá-la, então, tal qual aconteceu, é obra impossível mesmo para os historiadores, que possuem as ferramentas necessárias para a investigação científica. No entanto, não podemos confundir essas dificuldades para se escrever a história com a tentativa de apropriação indébita de um determinado projeto por quem quer que seja.

Reconhecimento. Preliminarmente, desejo reconhecer que o deputado Geraldo tem méritos na criação e implantação da UFGD, tanto quanto a bancada federal de Mato Grosso do Sul, inclusive o ex-deputado Murilo, mesmo sendo proprietário de instituição particular. Os méritos de Geraldo, contudo, foram obscurecidos pela sua “esperteza” em tentar ser “o pai da UFGD”, entrando com um Projeto Legislativo em 2003, quando tudo já estava encaminhado. Muito mais fizeram, sem alarde, as forças vivas de Dourados, os deputados João Grandão e Antonio Carlos Biffi, o senador Delcídio, o ex-prefeito Tetila, o ex-governador Zeca e o grupo de professores do CEUD/UFMS que redigiu o projeto definitivo para a implantação da UFGD.

Pesquisa nos Anais da Câmara. Anais são os registros feitos da história ou dos fatos marcantes ocorridos na Câmara Federal. Em 10/09/2003, às 14h48, por exemplo, consta o registro do pronunciamen-

to do deputado João Grandão sobre a criação da UFGD e comentado a iniciativa de entrega do projeto elaborado pelos docentes do CEUD ao Ministro da Educação Cristovão Buarque, com a presença da bancada do MS, a do prefeito Laerte Tetila e do diretor do CEUD, Omar Daniel. Constam nos Anais outras 187 citações da sigla UFGD, mas não existe nenhum registro sobre o projeto Legislativo do deputado Sérgio Cruz propondo a criação da referida instituição. Nem mesmo o deputado Sérgio Cruz tinha cópia desse projeto, mas com certeza uma cópia estava no dossiê que “vazou”. Foi o que me levou a crer que o deputado Rezende ou seus assessores aproveitaram-se dos documentos contidos no referido dossiê.

Respondendo. O assessor parlamentar de Geraldo Resende (Sérgio Henrique) afirma que “[...] artigo de Biasotto deixa no ar algumas questões que a população douradense poderia ver esclarecidas [...]”. No artigo em pauta não deixei nada no ar. Meu artigo tem começo, meio e fim, o assessor é que, não tendo argumentos, dirige-me algumas questões acusatórias, desconectadas daquele assunto, mas que respondo, transformando fielmente as perguntas do assessor nos títulos a seguir.

Peixe morre pela boca. Geraldo diz, por intermédio de seu assessor, que em abril de 1987, no jornal *Enfoque*, me posicionei contra a implantação da UEMS. Ora, o artigo referido estava no dossiê e foi justamente a partir do seu vazamento que a assessoria do deputado Geraldo “anunciou” que eu era contra a UEMS. A verdade, no entanto, é que me posicionei contra o tresloucado projeto da UILA – Universidade de Integração Latino Americana – e a favor da UFGD. No processo de criação da UEMS participei votando favoravelmente à sua implantação dentro do Campus do CEUD/UFMS. A ideia era no futuro transformar a UEMS e o CEUD em UFGD. Entretanto, junto com a professora Leocádia Aglaé Petri Leme, ouvida a comunidade universitária, alteramos essa ideia em 1996, criando o *Projeto Cidade Universitária de Dourados*, projeto este apoiado por 72 entidades douradenses e levado à bancada em Brasília quando Geraldo Resende nem era deputado.

O líder do prefeito. Quando fui líder do prefeito Tetila na Câmara de Vereadores, os estudantes da UEMS e da atual UFGD haviam ocupado o Gabinete do Prefeito protestando contra o fim do passe livre. Dirigi-me ao local, dialoguei com os estudantes, falei ao telefone com o prefeito Tetila, que estava em Brasília, e resolvemos que contrataríamos uma empresa especialmente para levar os estudantes à Cidade Universitária. Houve acordo, os estudantes desocuparam o prédio com tranquilidade e nós cumprimos o que havia sido combinado. Somente muito tempo depois, quando eu já não exercia a liderança, revogou-se o passe livre, dada a impossibilidade de o poder público arcar com tal despesa.

Perguntado sobre o que diz o dossiê a respeito do projeto de 13 milhões que o deputado Geraldo Resende articula em Brasília para a construção do “Instituto da Mulher e da Criança”, respondo que o dossiê UFGD não tem absolutamente nada sobre esse instituto, assim como não diz nada também sobre as várias ações que o deputado moveu em prejuízo do HU. Uma coisa não tem a ver com a outra, mas de qualquer forma parabenizo o deputado pela mudança de atitude, pois ele, que havia tentado privatizar o HU, agora articula um grande projeto. Desejo apenas que não seja mais um projeto eleitoreiro como tantos outros do deputado.

Sobre a Cidade Educadora. O deputado Geraldo pergunta-me se no dossiê da UFGD consta “o resultado prático do Projeto Cidade Educadora”. Não, nada consta, mesmo porque sobre o Projeto Cidade Educadora possuo outro dossiê que felizmente não foi extraviado. De qualquer forma, poderia citar mais de cem projetos que foram desenvolvidos pelo “Cidade Educadora”, mas, por exiguidade do espaço, ofereço apenas um resultado prático: Dourados foi aceita como afiliada da Associação Internacional das Cidades Educadoras, tornando-se conhecida internacionalmente. Será pouco?

Peixes nas faixas do cidadão. O projeto Cidade Educadora não teve absolutamente nada a ver com os peixinhos pintados em faixas de pedestres. Existem coisas que acontecem sem a nossa intervenção. Não somos tão importantes quanto julga o Deputado. Se influenciássemos em

tudo teríamos conseguido colocar guias para deficientes visuais na pista de caminhada em volta do Colégio Nossa Senhora do Calvário, cujos recursos foram viabilizados por emenda de Resende.

Sobre emendas para a UFGD. Realmente o deputado Geraldo Resende viabilizou recursos para a piscina olímpica da UFGD e para um dos blocos do curso de Agronomia. Nesse sentido está de parabéns. A César o que é de César, mas outros deputados e o senador Delcídio também viabilizaram verbas. A verdade é que o deputado Geraldo havia perdido o ônibus da história, depois pegou carona e ainda quis andar na janelinha e ficar acenando.

Obstáculos. Na história da UFGD, com certeza, serão mencionadas várias ações do deputado, mas também será mostrado que Geraldo Resende, ou por desconhecimento da causa ou por “esperteza”, mais atrapalhou do que ajudou na implantação da UFGD. Eis as hipóteses que precisam ser consideradas: 1) quando articulávamos com o governo Zeca para transformar a Santa Casa em Hospital Universitário, o deputado, que à época era Secretário de Saúde, tentou a privatização do referido hospital; 2) Mais tarde, já na condição de deputado, entrou com várias ações na Justiça (seis, se não me engano) para impedir o funcionamento do HU; 3) Em 2003, numa atitude sectária e à revelia do processo que encaminhávamos, o deputado deu entrada a um Projeto Legislativo para a criação da UFGD que, não fosse a grandeza de espírito de nossos outros deputados e senadores, teria sido inviabilizada; 4) Foi ainda o deputado (ao menos inicialmente) contrário à tutoria da UFGD pela Universidade de Goiás, queria o seu aliado, o reitor Però, como tutor da criação da UFGD; 4) Quando da escolha do reitor da UFGD, o deputado Geraldo Resende também interferiu, quase inviabilizando a indicação do professor Damião (o que seria um desastre). Nessas circunstâncias, de inviabilização do nome do professor Damião, que o meu nome surgiu como alternativa e tornei-me o “bode expiatório” de uma situação muito incômoda e ainda hoje mal resolvida.

Incoerência incontestável. Quando estivemos no MEC com várias autoridades douradenses e uma comissão de alunos, acompanhados

dos senadores Delcídio, Ramez e Juvêncio e de mais alguns deputados, para resolver as dificuldades do curso de Medicina, o deputado Geraldo colocou-se ao lado do Reitor da UFMS, prof. Catarino Però. Foi necessária a intervenção do coordenador da bancada, o deputado Biffi, para que não se estabelecesse o caos. E todos nós sabemos que o Reitor Però desejava transferir os alunos do curso de Medicina de Dourados para Campo Grande, o que significava, na prática, o fechamento do curso em Dourados. A incoerência? Nos Anais da Câmara encontraremos discursos em que o deputado Geraldo Resende critica o reitor Però sobre a Medicina. Quer dizer, há um discurso para cada ocasião. Enfim, se um dia eu escrever a história da UFGD, com certeza saberei estabelecer os limites, contrabalançar as ações positivas e as negativas do deputado. Enquanto isso deixemo-lo falando de sua UFGR (Universidade Federal Geraldo Resende).

Crônica em retalhos: o rescaldo 11/09/2010

Bonança. Depois da tempestade, a bonança; depois do incêndio, o rescaldo. Ou como dizia a minha avó: “Nada como um dia atrás do outro e uma noite exprimida no meio de dois dias”. Dourados passou por momentos ímpares em sua história, mas com certeza houve um aprendizado profundo.

Aprendizado. O aprendizado pode dar-se pela dor e pela reflexão. Quem, por exemplo, quando criança colocou a mão no fogo para ver se queimava aprendeu pela dor. Quem, no entanto, viu ou ouviu dizer que a queimadura dói e (re)elaborou mentalmente o que pode lhe suceder se colocar mão no fogo, aprendeu pela reflexão. Não é diferente com a escolha de nossos representantes.

Absoluta legalidade. Até o momento em que escrevi essa crônica, o processo de sucessão do prefeito em Dourados ocorreu dentro da mais apurada lógica do Direito. Havendo a vacância do cargo de prefeito, assumiria o vice. Na impossibilidade de o vice assumir, o cargo seria preenchi-

do pelo presidente da Câmara Municipal. Estando esse também impedido, deveria assumir o juiz da Comarca e, como Dourados tem vários juízes, o correto seria que o Diretor do Fórum assumisse, como de fato ocorreu.

Novas eleições já! O juiz Eduardo Rocha, um ilibado cidadão douradense, assumiu a prefeitura de Dourados para cobrir a vacância do cargo. Cumprirá bem a sua função, se não partidarizar as nomeações e se determinar, no mais breve espaço de tempo possível, a realização de novas eleições. Partidarizando as nomeações e dilatando o prazo para novas eleições, poderá induzir resultados.

Continuidade legítima. Para que esse processo de sucessão do prefeito continue sendo aquilo que os bacharéis chamam de Ato Jurídico Perfeito, é necessário que o Juiz-Prefeito – Eduardo Rocha – dirija os destinos da cidade até a realização de novas eleições. O que puder fazer nesse tempo para saneamento geral será bem-vindo.

O golpismo. Qualquer casuísmo deve ser considerado golpe. A senadora Marisa Serrano, por exemplo, afirmou que deveria ser nomeado um interventor de fora para resolver a situação de Dourados. Prova de que ela não conhece absolutamente nada sobre a nossa cidade. Por outro lado, dizer que compete ao governador nomear o interventor e até elaborar uma lista tríplice, como fez o Diretório Municipal do PMDB, é resquício da mentalidade ditatorial e golpista.

Dourados forte. Depois reclamam que o destino de Dourados é decidido em Campo Grande. Pedir um interventor, além ser ilegal, nesse caso, é entregar mais uma vez uma decisão que deve ser nossa para a Capital. Dourados precisa buscar em seu próprio seio as forças capazes de revitalizar o seu desenvolvimento harmonioso. Com a sua própria força haverá então de somar também forças externas, tanto na esfera estadual quanto na federal.

Esforço conjugado. Todas as vezes em que as nossas forças vivas se uniram em torno de objetivos comuns, houve conquistas importantes. Assim foi em relação ao estádio, ao prolongamento da Av. Marcelino Pires, aos cursos de Agronomia e Medicina, ao Hospital Universitário,

à UEMS e à UFGD, à Perimetral Norte... Enfim Dourados tem muitos exemplos de sucesso.

Vanguarda preparada. Claro que tanto na política quanto nos empreendimentos particulares há a necessidade de uma vanguarda preparada para conduzir os projetos prioritários estabelecidos. Os empresários que erram na escolha dos diretores de suas empresas tendem ao fracasso. Assim é também com as cidades, os estados e a nação. Ao defendermos a Democracia, ao nos posicionarmos contra as ditaduras e intervenções ilegítimas estamos abrindo a possibilidade de corrigirmos eventuais erros.

A vergonha. Ouço muita gente dizer que o sucedido em Dourados foi uma vergonha. Não concordo, ao contrário, penso que o ocorrido em nossa cidade deveria servir de exemplo. Ou será que o resto do mundo acha que o que aconteceu conosco só existe aqui? Não será mais verdadeiro dizer que tem muita gente sentando em cima do próprio rabo para falar do rabo dos outros?

Calabar. Quando fazemos nossos estudos fundamentais, aprendemos que Calabar foi um traidor. Mais tarde, quando lemos a peça *Calabar*, de Chico Buarque de Holanda e Rui Guerra, percebemos que a traição é coisa relativa. Calabar pode ser um traidor para os brasileiros, mas um herói para os holandeses.

Passaia. Herói ou traidor? Nem uma coisa nem outra. Apenas um homem que fez aquilo que lhe determinou a consciência. Eleandro Passaia, de qualquer forma, entra para a história de Dourados por ter sido o pivô dessa reviravolta no governo Ari. O que lamentavelmente passou despercebido é que Passaia provou também que precisamos aperfeiçoar os mecanismos de proteção da sociedade. Isso tudo poderia ter sido perfeitamente evitado.

Poder Legislativo. Não é sempre que aparece um Passaia. Teria sido menos traumático se a Assembleia Legislativa tivesse cassado o mandato de deputado do Ari quando ele depredou o patrimônio público. E a Câmara Municipal? Ora, quantas vezes alertei sobre o equívoco do TSE, por ter reduzido o número de vereadores!! Deveria ter reduzido o repasse financeiro que é feito ao legislativo e não a representatividade. Dirão al-

guns que tanto faz: para ter maioria o prefeito precisaria de nove num total de dezessete, o que daria no mesmo. Não senhor, mesmo que a maioria não fosse legítima, mesmo que houvesse a cooptação de 9 dos 17 vereadores, ficariam oito para fazer oposição. Isso é democracia.

A Justiça. A Justiça também não teve várias oportunidades para impedir isso tudo? E o Tribunal de Contas? E a imprensa investigativa?

Anjos e demônios: “Diga-me com quem andas e te direi quem és”. A pergunta que não quer calar? Cadê os protetores do prefeito Ari Artuzi?

E o povo? Bem, o povo foi cativado. E como disse Exupéry no *Pequeno Príncipe*: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”; logo, o erro não está no povo e sim em quem não se tornou responsável por cativá-lo. Mas, de qualquer forma, vale a ressalva aos que vendem o voto: será que vale a pena vender o voto por dois tostões e perder 2 milhões por mês só na Saúde?

Consolo. “Oh! mar, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal? [...] Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, já dizia Fernando Pessoa em relação às Grandes Navegações. E agora vos digo, talvez como consolo: acredito que Dourados é muito mais conhecida internacionalmente por ser uma Cidade Educadora, do que pelo ocorrido nesse setembro primaveril.

Crônica em retalhos: o povo nas ruas

Responda rapidamente. O povo de Dourados está indo às ruas por ser massa de manobra ou por que as instituições não estão dando conta de se antecipar e resolver as questões que estão pendentes?

A máfia de paletó: Não caiu bem a supressão de um capítulo inteiro do livro *A máfia de Paletó*. Pior ficou a justificativa de que uma gráfica teria imprimido o livro gratuitamente e censurado um capítulo. Ora! Ora! Aliás, nem mesmo o título do livro foi o mais acertado. Máfia pode

referir-se à sociedade secreta fundada na Itália, no séc. XIX, para garantir a segurança pública. Sociedade que posteriormente foi transformada em organização criminosa; pode significar também grupo criminoso bem organizado. Ressalta-se *bem organizado*.

Dossiê Passaia. Talvez ficasse melhor intitular o livro que conta os antecedentes da Operação Oragani em Dourados como “O dossiê Passaia”. Afinal, não foi o dossiê por ele montado que desencadeou todo esse processo de prisões em Dourados?!

Mundo de dossiês. Se, simultaneamente, incendiássemos todos os dossiês existentes, a profecia se realizaria e o nosso mundo velho, cansado de guerra, acabaria em fogo. São dossiês e mais dossiês. Os políticos que perdem o seu tempo fazendo dossiês de seus colegas poderiam deixar esse tipo de trabalho para a polícia e dedicar-se às suas atribuições.

Dourados em efervescência. Jamais imaginemos que já vimos tudo nessa vida. Mesmo os de idade mais avançada ainda podem ser surpreendidos por terremotos, maremotos, erupções vulcânicas.

Sessões inacabadas. Duas sessões consecutivas da Câmara Municipal de Dourados foram encerradas por alegação de falta de segurança para a continuidade dos trabalhos. A do último dia 13 de setembro acabou virando uma batalha campal. De um lado, manifestantes indignados; de outro, policiais nervosos.

Nada justifica a violência. Mesmo que alguns manifestantes tenham se excedido, apedrejando o patrimônio público, não justifica a violenta reação militar. O contingente era grande, estava equipado com escudos protetores e teria condições de exercer o seu papel sem ferir cidadãos a esmo.

Violência é reflexo. A violência policial em Mato Grosso do Sul é reflexo da truculência do governador do estado que, em última análise, deve ser responsabilizado pelos danos causados. Quantas e quantas vezes o governador não incitou à violência policial, chegando ao extremo de mandar atirar? As consequências estão aí.

Despreparo. Esse tipo de truculência policial, ao invés de mostrar autoridade, mostra despreparo. Já presenciei na TV uma força militar bra-

sileira ter a grandeza de recuar diante de um grupo armado com pedras apenas. À medida que recuava, o pelotão se defendia e ao mesmo tempo evitava o tumulto. A munição do povo indignado é pequena, algumas pedras que acabam logo. Aí então a polícia age como deve agir

Na Câmara de Dourados. Bastaria um bom posicionamento dos militares que lá se encontravam para evitar tamanha ofensa aos nossos concidadãos. Por outro lado, havemos de considerar que o povo somente ocupa a Câmara ou a Prefeitura quando não se sente representado.

Cheiro de golpe. Não defendo manifestações que não sejam pacíficas, mas os manifestantes defronte da Câmara têm a atenuante de estarem indignados com a situação em que Dourados se encontra e com o cheiro de golpe que paira no ar. Notícias desencontradas desorientam a opinião pública: umas dizem que o governador deve nomear interventor; outras, que a recém-eleita presidente da Câmara deve assumir; outras ainda deixam no ar soluções, como a posse do segundo colocado nas eleições passadas.

Comitê de Defesa Popular. De parabéns o Comitê de Defesa Popular, representado pelo arquiteto Ronaldo Ferreira que, com uma pequenina arma, o microfone, impôs mais ordem do que a polícia com os seus trabucos. Algo muito pior teria acontecido se os manifestantes não o tivessem atendido quando pediu calma e serenidade em substituição às pedras.

Dourados aprendendo na dor. O mais penoso dos aprendizados é aquele que se faz pela dor. Mas, de qualquer forma, não deixa de ser aprendizado. Dourados está passando por um momento ímpar. É hora de interiorizarmos esse rico aprendizado. É hora de refletirmos sobre os nossos problemas.

Diretas já. Qualquer alternativa proposta que não seja a da realização de nova eleição em Dourados é golpe. Protelar decisões para aguardar o resultado das eleições de 3 de outubro é golpe, decretação de intervenção é golpe, eleição indireta é golpe.

Hino a Dourados. *“Eis Dourados cintilante/De labor e anseios mil/No futuro confiante/Lindo Oásis do Brasil/Eis Dourados cintilante/De labor e anseios mil/Jóia brilhante - do Brasil”*

Crônica em retalhos: piadas de época

Quem não chora não mama. Ora veja só, Biasotto, diz o meu amigo: “Você se lembra de que ensinavam pra gente, quando éramos criança, que quem não chora não mama? Pois é, o Ari cresceu, mas continuou chorando, especialmente nos velórios, era só pra mamar”.

CEIM. Lá pras bandas da Bahia, usa-se uma forma de diminutivo muito carinhoso. Paizinho é paim, padrinho é padim. Como Dourados é uma terra de todos os povos, não é incomum ouvir-se por aqui essas expressões. Por analogia, CEIM, por exemplo, pode não ser exatamente um Centro de Educação Infantil, mas sim seio pequeno.

Ampliações de CEIM. Muito cuidado nas próximas campanhas, quando um candidato disser que vai ampliar o CEIM, deveremos esclarecer bem: vai ampliar o CEIM da esposa, ou o seu próprio, fazendo uma implantação de silicone, ou vai fazer uma ampliação física de um Centro de Educação Infantil?

Verbo passar. Em Dourados não se usa mais o verbo passar para transmitir informações sobre a Operação Oragani, um novo neologismo na língua portuguesa foi criado. Trata-se do verbo passaiar. Se você gostou, por exemplo, das infames piadinhas mencionadas pode ir passaiando para os amigos. Mas não fica só nisso. Passaiar pode significar também gravar, denunciar, apurar. Em certos sentidos pode significar também delação premiada e traição. Os desdobramentos do caso dirão.

Passaia para Pasárgada. Lá se foi o Passaia. José para onde? Também convenhamos, ninguém é de ferro. Haja estômago para ficar três meses fazendo tudo o que fez. E, por outro lado, haja coragem. José para onde? Não foi para Pasárgada, com certeza, só se lá for amigo do rei, como escreveu Manuel Bandeira: “Vou-me embora pra Pasárgada/Lá sou amigo do rei/Lá tenho a mulher que eu quero/Na cama que escolherei [...] Vou-me embora pra Pasárgada/Aqui eu não sou feliz [...]”.

Engolindo R. Ao comprar botões pra saia, cuidado! Não devemos

engolir o r, se não fica PA saia, e, se os incautos comprarem botões PA saia, poderão sofrer sérias quebras de sigilos íntimos; afinal, Passaia mostra tudo.

Mostra mesmo? Não caiu bem a supressão de um capítulo inteiro do livro *A máfia de Paletó*. Pior ficou a justificativa de que uma gráfica teria imprimido o livro gratuitamente e censurado um capítulo. Ora! Ora! Aliás, nem mesmo o título do livro foi o mais acertado. Máfia pode referir-se à sociedade secreta fundada na Itália, no séc. XIX, para garantir a segurança pública. Sociedade transformada, posteriormente, em organização criminosa; pode significar também grupo criminoso bem organizado. Ressalta-se *bem organizado*.

Dossiê Passaia. Talvez ficasse melhor intitular o livro que conta os antecedentes da Operação Oragani em Dourados como “O dossiê Passaia”. Afinal, não foi o dossiê por ele montado que desencadeou todo esse processo de prisões em Dourados?

Mundo de dossiês. Se, simultaneamente, incendiássemos todos os dossiês existentes, a profecia se realizaria e o nosso mundo velho, cansado de guerra, acabaria em fogo. São dossiês e mais dossiês. Os políticos que perdem o seu tempo fazendo dossiês de seus colegas poderiam deixar esse tipo de trabalho para a polícia e dedicar-se às suas atribuições.

Dossiê Serra. No debate entre presidenciaíveis, promovido no último domingo pela *Folha/Rede TV*, o candidato José Serra, ao invés de falar de seus programas, perdeu o seu tempo tentando incriminar a campanha da candidata Dilma Rousseff, por um possível vazamento de dados financeiros da filha de Serra.

Dossiê Tetila. Em Dourados alguns políticos são pós-graduados em montagens de dossiês de colegas. O ex-prefeito Laerte Tetila, por exemplo, teve a sua vida vasculhada desde o dia do seu nascimento. Até em Santo Anastácio/SP, onde nasceu e morou até vir para Dourados, foram para investigar se, na juventude, Tetila havia cometido algum deslize.

Dourados, a joia. O hino a Dourados refere-se à nossa cidade como sendo uma joia brilhante do Brasil. Composto por Armando da Silva Carmello, com melodia do maestro José Oliveira Silva, o nosso hino como, aliás, todos os hinos, é canto de exaltação e até de veneração, mas descontados alguns excessos, o hino a Dourados reflete acima de tudo o desejo do autor de projetar a nossa cidade dentre as melhores do país.

Profecia. O nosso hino é uma espécie de profecia feita por Armando Carmello. Penso que com razão, pois Dourados tem todos os predicados para ser verdadeira joia brilhante. Não devemos nos envergonhar e nem nos entristecer por essa ruptura verificada nesse momento em que grande parte da nossa representação política está desacreditada. É hora de reconstrução a partir das bases fabulosas que possuímos.

Nossa identidade. Em primeiro lugar é bom lembrar que a nossa identidade é constituída na diversidade. Nossa gente veio das mais longínquas partes do mundo e dos mais diferentes estados brasileiros para aqui edificar essa bela cidade. A nossa diversidade étnica nos proporciona diferentes idiomas, gastronomia variada, músicas diversas, religiões de todos os credos, danças típicas, enfim, a diversidade faz de Dourados uma cidade multicultural que nos enriquece.

A história. A história de Dourados está intimamente ligada a vários movimentos migratórios que nos trouxeram experiências das mais diversas. Índios, negros, brancos e orientais, todos nós aprendemos que as diferenças nos enriquecem, que a convivência com etnias diversas favorece a paz, a tolerância religiosa, a compreensão de que somos na verdade uma só raça, a raça humana.

A água, o céu e a terra. Temos abundância de água tanto no solo quanto no subsolo. A água, não nos esqueçamos, será em breve um dos maiores, senão o maior, patrimônio que um povo pode ter. Nosso solo é rico, nossas terras planas, perfeitamente apropriadas para a agricultura. Nosso céu (a nossa localização geográfica) oferece-nos um clima tropical

de altitude, assim como nosso solo oferece-nos as condições favoráveis para o desenvolvimento econômico.

Planejamento ousado. Os nossos antecessores devem ser respeitados e homenageados pelo que nos legaram. Devagar vamos fazendo isso, homenageando personalidades, como também coletividades, haja vista o monumento ao colono, ao ervateiro, as praças paraguaia, italiana e japonesa. Um dia haveremos de render tributos também aos nossos primeiros planejadores que nos brindaram com avenidas largas, arborização exuberante, preservação dos fundos de vale onde já estão implantados vários parques que nos proporcionam o status de cidade respeitadora do Meio Ambiente.

Plano Diretor. Com a participação da sociedade, a gestão passada elaborou um moderno Plano Diretor para a nossa cidade que nos possibilitará um desenvolvimento harmonioso, aliando o desenvolvimento econômico ao Índice de Desenvolvimento Humano.

Comércio e Indústria. Estamos preparados para o desenvolvimento. Temos no comércio e na industrialização emergente dois setores pujantes, geradores de empregos que atraem toda a nossa região. Somos uma metrópole regional à espera de um novo arranque.

Polo universitário. Poucas são as cidades que possuem duas Universidades Públicas (UFGD e UEMS) e duas Instituições Superiores de Ensino Particular (UNIGRAN e ANHANGUERA), cada qual com suas possibilidades. Segundo suas diretrizes, têm contribuído para que Dourados (e região) forme mão de obra especializada e massa crítica (cabeças pensantes) capazes de orientar o nosso desenvolvimento sustentável, ou seja, o tipo de desenvolvimento que alia progresso econômico com desenvolvimento social e respeito ao Meio Ambiente.

Nossas forças vivas. A sociedade organizada de Dourados, embora dividida ideologicamente, tem se mostrado muito atuante quando consegue envolver-se na busca por objetivos comuns. Tomemos, por exemplo, a construção do Hospital do Câncer, anexo ao Hospital Evangélico – este também edificado com a soma de forças de nossa sociedade;

a UFGD, o maior projeto de Dourados, após a implantação da Colônia Agrícola Nacional; a UEMS que, não obstante os cortes impostos pelo atual governo, continua crescendo tanto horizontalmente quanto verticalmente, ou seja, continua expandindo o número de vagas na graduação e ampliando a pós-graduação.

Rupturas. As rupturas constituem-se na interrupção de um determinado processo. A atuação do prefeito Ari Artuzi na administração de Dourados foi um exemplo claríssimo dessa interrupção em nosso processo de desenvolvimento. Os danos causados à gestão pública foram enormes, no entanto, nada que não possa ser remediado.

Cidade Educadora. Os grandes projetos ficaram e podem muito bem ser retomados. Tudo o que nos aconteceu pode ser revertido, desde que consigamos unir forças em torno de objetivos comuns e promover uma articulação virtuosa entre a população, a administração local, regional, nacional e, até mesmo internacional. Nesse caso as portas da Associação Internacional das Cidades Educadoras ainda estão abertas para nós.

Os saltimbancos. Não por acaso lembro-me de os *Saltimbancos*, uma adaptação que Chico Buarque fez da peça *Os Músicos de Bremen*. As personagens da peça, depois de amargarem várias vicissitudes, depois dos dissabores da vida chegaram à brilhante conclusão, à mesma conclusão que todos nós de Dourados deveremos também chegar: “Todos juntos somos fortes/somos flecha/somos arco/todos nós no mesmo barco/não há nada a temer/ao meu lado a o amigo/que preciso defender/Todos juntos somos fortes... não há nada a temer...”

Mais uma semana perdida. Mais uma vez a sessão da Câmara Municipal de Dourados não produziu absolutamente nada por falta de quorum. Com certeza estamos assistindo ao cozimento de galo duro em fogo morno, ou, em outras palavras, tem muita gente acreditando que o clamor popular por eleições já será minado pelo tempo.

Crônica em retalhos: acreditar é preciso 27/09/2010

Resposta rápida. Em quem você realmente acredita, sem pestanejar?

Fase uterina. Será que quando habitávamos a “casa muito engraçada/ (que) não tinha teto/ não tinha nada”, ou seja, o útero materno, já acreditávamos que o mundo exterior seria melhor do que o de lá dentro? Penso que nenhum de nós se lembre, embora saibamos que, desde dentro do útero, já recebemos os primeiros ensinamentos para a vida. Principalmente o comportamento de nossos pais não deve nos passar despercebido. O mundo externo ao útero é sensível ao feto, que já nasce com um potencial a ser desenvolvido ao longo dos primeiros anos de vida.

Primeira infância. Ao nascermos, a nossa dependência é extrema. Somos o animal que mais necessita de cuidados de terceiros, especialmente de nossos pais. Talvez dada essa dependência, depositamos nos pais a nossa inteira confiança. São eles os nossos condutores, os nossos mestres, um misto de sábios e heróis nos quais acreditamos cegamente.

Segunda fase. No Ensino Fundamental a figura da professora, do professor, começa a embaçar um pouco a sabedoria de nossos familiares e, quanto menor for o nível de conhecimentos gerais de nossos pais, mais o professor destaca-se. E isso é uma tradição que vem desde a Idade Média, quando se dizia “magister dixit” para ressaltar a posição incontestável dos professores.

O livro. No Ensino Médio a nossa confiança transfere-se para os livros. Somos capazes de ler algumas páginas adiante do texto que está sendo ministrado e de discutir pontos de vista com nossos mestres. Somos mesmo capazes de ler outros livros complementares e, ultimamente, pesquisamos na rede da Internet para contestarmos a sabedoria do professor.

A Universidade. Quando estamos avançando em nossos estudos universitários, aí então ninguém nos segura, nossos pais são considerados ultrapassados; nossos professores, detentores de saber limitado; os livros, repletos de conceitos enganosos. Somos nós então os próprios produtores

do saber. Ouvimos as pessoas, lemos livros, formamos opinião e fazemos deduções, em outras palavras, produzimos a nossa própria verdade.

Os políticos. Em relação aos políticos, cremos que eles podem ser classificados, rotulados. Há os que não prestam e esses, reconhecemos logo; há também os que são sinceros dentro de suas maneiras de enxergar o mundo, esses respeitamos; e há aqueles que pensam de maneira semelhante à nossa, ou seja, aqueles com os quais somos ideologicamente identificados, nesses confiamos.

Os tribunais. Ainda nessa fase universitária já sabemos que não existe ciência neutra, jornalismo neutro, muito menos políticos neutros. Sabemos também que os juízes são formados para defenderem um Corpo de Leis estabelecido justamente para manter a situação vigente, ou seja, os tribunais existem para manter a estabilidade social. Sabemos ainda nessa fase que existem juízes bem e malformados, juízes incorruptíveis e juízes corruptos, mas acreditamos na Justiça enquanto instituição, enquanto poder soberano.

Os jornais. Um educador, Demerval Saviani, nos ensinou, em relação à Lei de Diretrizes de Bases da Educação, algo que vale também para os livros e jornais: “não basta ater-se à letra da lei; é preciso captar o seu espírito. Não é suficiente analisar o texto; é preciso analisar o contexto. Não basta ler nas linhas; é preciso ler nas entrelinhas”.

A descrença. À medida que vamos avançando em anos e em saber, bate-nos de vez em quando uma descrença total. Enfiamos tudo num mesmo saco – país, amigos, professores, políticos, médicos, padres, pastores, livros, jornais – e descremos de tudo. E não somos os únicos, esse fenômeno é muito frequente e vem de longe.

Rui Barbosa. Um de nossos mais expressivos tribunos, Rui Barbosa, já não nos disse que: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”.

Castro Alves. E o nosso maior poeta romântico, Castro Alves, tão descrente estava que clamou aos céus em *Vozes D’afrika*: “Deus! ó

Deus, onde estás que não respondes?/Em que mundo, em questrela tu escondes,/Embuçando nos céus?/Há dois mil anos te mandei meu grito,/Que embalde, desde então, corre o infinito.../Onde estás, Senhor Deus?”

O divinal. Pergunta idêntica à de Castro Alves, e muito antes dele, ecoou várias vezes pelo mundo afora e os povos passaram a crer em uma entidade superior capaz de reparar quaisquer injustiças sofridas nessa vida terrena. Tenho observado que a maioria das pessoas mais idosas que conheço, sabe-se lá se por sabedoria ou medo, após tantos sonhos e desenganos, se (re)encontram ou se (re)conciliam com esse Ser: seja ele Alá, Buda, Brahma ou Deus, só para mencionar os entes superiores das cinco maiores religiões do mundo.

Processo civilizatório. Ao falarmos em processo civilizatório, podemos juntar tanto os religiosos quanto os ateus. Tanto uns quanto outros acreditam que a humanidade, ao longo de sua evolução genética, deixou registrada uma história de avanços no processo civilizatório. E, não obstante as rupturas, às vezes de longa duração que registramos, caminhamos para o aperfeiçoamento.

A esperança. Somos seres em construção, somos os agentes da história; portanto, depende de nós, aliados com as circunstâncias que nos rodeiam, traçarmos o nosso destino. A esperança é chama que não pode jamais se apagar sob pena de acabarmos com tudo o quanto ela nos traz, principalmente o amor. A esperança está em nós e cada povo tem o governo que merece.

Acreditar em nós próprios. Nós, agentes da história, temos no dia 3 de outubro um encontro marcado: as eleições, uma circunstância altamente positiva que nossos antepassados nos legaram e que nos possibilita escolher os homens e as mulheres que nos representarão e, em última análise, conduzirão os nossos destinos nos próximos anos. Que a nossa consciência cidadã seja mais elevada que o favorzinho que às vezes nos é oferecido, que a nossa razão possa falar mais alto que a paixão. Que possamos crer em nós mesmos para a escolha dos mais capazes.

A presidenta. Vamos aguardar para ver se a grande imprensa consagrara o uso de presidente ou presidenta para referir-se à Dilma. As duas formas são corretas. Presidente oferece melhor eufonia, no entanto, presidenta está em conformidade com a tendência atual de se nominar por gênero e não por espécie.

O machismo. Em franco descenso pelo mundo afora, o machismo no Brasil também vai arrefecendo-se. Não é o sexo que faz a diferença, mas sim a formação e as oportunidades. Durante milhares de anos as mulheres sofreram o jugo machista e somente a partir do século 20 é que o movimento feminista ganhou força e tem obtido respostas positivas. O século 21 apresenta o cenário perfeito para avanços no sentido de percebermos que na essência somos todos iguais e que diferimos apenas nas aparências.

Velhas lideranças. Nesse pleito presidencial todos os candidatos passaram dos sessenta anos e os principais forjaram as suas lideranças na resistência à ditadura de 64. Esse fato, por um lado, deixa-nos tranquilos porque Dilma saberá valorizar a democracia. Por outro lado, constatamos com tristeza que a ausência de candidatos mais jovens é prova de que a ditadura de 1964 a 1985 castrou a formação de novas lideranças.

Segundo turno. O estabelecimento de segundo turno nas eleições foi um avanço grandioso na democracia representativa. Uma pena que não aconteça também em cidades com menos de 200 mil habitantes, como Dourados. Houvesse segundo turno por essas bandas é bem provável que os nossos aborrecimentos teriam sido menores.

Urnas eletrônicas. Nós, brasileiros, temos a estranha mania de não elogiar o que temos, mas qual o país do mundo que tem um sistema eleitoral tão bom e tão rápido quanto o nosso? Ao contrário, o sistema anterior, além de envolver um número absurdamente grande de apuradores, era mais vulnerável.

Avanço democrático. Passados 25 anos após o fim da ditadura militar, os brasileiros mostramos que a democracia está consolidada. De

parabéns o nosso povo e o presidente Lula que resistiu às tentadoras propostas de um terceiro mandato.

O aborto. Não obstante todo o avanço democrático verificado no Brasil nos últimos 25 anos, a campanha eleitoral ainda deixou a desejar. Algumas entidades desviaram o foco dos programas dos candidatos para uma campanha contra o aborto. Não vejo nenhum problema quando entidades se posicionam favoráveis ou contrárias a determinados temas, como, por exemplo, aborto, eutanásia, parlamentarismo, monarquia. Enfim, num ambiente democrático todos têm o direito de expressão. A grande infâmia – para dizer pouco – foi ligar o tema especificamente à Dilma.

Dilma pós-eleição. O discurso da presidente eleita, logo após a apuração, foi uma verdadeira carta-compromisso com a nação pela qual ela desfez quaisquer dúvidas sobre as suas intenções: estendeu as mãos para os adversários e comprometeu-se a governar para todos. Assim deve ser. O bom político é o que sabe perdoar as mágoas e sequelas eleitorais.

O que se pode esperar de Dilma. Em primeiro lugar a continuidade dos projetos do governo Lula, com reflexos altamente significativos, especialmente nos programas sociais, fortalecimento do mercado interno, especialmente com incremento de infraestrutura e uma política externa independente.

Bolsa família. O programa “bolsa família” deverá ser ampliado, tirando milhares das famílias que ainda não foram beneficiadas da situação de miserabilidade e possibilitando-lhes o ingresso no mercado de trabalho. Tem gente que ainda não percebeu, mas a “bolsa família”, além de favorecer diretamente a família beneficiada, atinge também a produção e o comércio.

Mercado interno. Se a presidente Dilma não conseguir reverter a tendência de valorização do real diante do dólar, ou seja, se o dólar continuar caindo, a balança comercial brasileira tenderá a ser deficitária, em prejuízo às exportações, especialmente de produtos primários, como minérios e grãos. Com déficit na balança comercial, as reservas caem e crescem as possibilidades de crises financeiras. Não há perigo iminente,

mas fortalecer o mercado interno, aumentando a base de consumidores que dê suporte à expansão da economia deverá ser um dos alvos principais da próxima presidente.

Educação e Saúde Pública. Esses dois eixos continuam sendo o grande desafio dos governantes. O Brasil já deveria ter educação integral nos ensinos Fundamental e Médio, mas ainda não consegue. As Universidades Públicas, embora tenham merecido especial atenção do governo Lula, ainda precisam ser ampliadas, pois já começa a faltar mão de obra especializada. No que diz respeito à Saúde Pública, o programa de Dilma é ambicioso, mas não deve ficar apenas na criação das UPAs – Unidades Padrão de Atendimento – e na ampliação do número de hospitais regionais; o saneamento básico deverá ser intensificado como medida para evitar a contração de doenças. Esse é o grande desafio: evitar as doenças e não somente curá-las.

Política exterior. Uma das obras menos visíveis, mas muito importante do governo Lula, foi o estabelecimento de uma política exterior independente. A ampliação de nossos mercados com o Oriente e com a África trouxe-nos resultados surpreendentes na balança comercial. Por outro lado, as ações na América Latina, especialmente os referentes às relações com os nossos vizinhos menos desenvolvidos economicamente, trouxeram estabilidade para a região. Sem contar que toda essa ampliação de fronteiras econômicas não trouxe prejuízo em relação aos nossos tradicionais aliados, os Estados Unidos e a Europa. Consolidar essa política é uma das prioridades de Dilma.

Crônica em retalhos: perguntas impertinentes

5/10/2010

Palhaços. Não entendo muito bem o porquê de tantas críticas ao palhaço Tiririca. O eleitor precisa ser respeitado. Um milhão e quatrocentos mil votos! Não é pouca coisa. Repito aqui uma frase que disse, ao ser

derrotado quando disputei a prefeitura de Dourados. “Se o povo está feliz, porque eu haveria de estar triste?”

Grandes palhaços. Tivemos no Brasil grandes palhaços – Didi, Zacarias, Chacrinha, Carequinha, Piolim, Arrelia. Plágio: o fato de Tiririca ser palhaço não é nenhum demérito. Palhaço virar político não tem nada de mais.

Plágio. Não considero tiririca um grande palhaço. No início de sua carreira cometeu um crime muito feio. Fez um plágio da música Clementina. Lembram-se? Bem, fazer plágio, para alguns políticos, não é novidade. Conheço vários que plagam até ideias dos outros.

Diferenças. Na Câmara dos Deputados temos ou já tivemos assassinos, ladrões, histriões, mentirosos, contrabandistas, pedófilos. Os paulistanos já elegeram o rinoceronte Cacareco para a Câmara de Vereadores e agora os meios de comunicação vêm criticar o pobre do Tiririca, só porque é palhaço?

Falando sério. Não seria mesmo verdadeira a frase que Tiririca falou sobre a situação da Câmara: “Pior que está não fica”. Só para lembrar o programa de rádio do saudoso Jorge Antonio Salomão, vamos falar sério. Qual a diferença entre o trabalho do Tiririca e o de alguns deputados brasileiros que conhecemos?

Só para esclarecer. Dos quatro deputados de Dourados que disputaram vaga na Câmara Federal, dois se elegeram e dois não. Qual seria mesmo a diferença entre eles. Marçal seria pior que Geraldo, este melhor que o João Grandão e o João melhor que o Elias? Claro, claro! O Marçal trouxe a FM 94 e o Geraldo, todas as melhorias para a Saúde Pública. Não é mesmo?

Explicação difícil. Por que será que o deputado Zé Teixeira teve uma votação tão expressiva. Foi o segundo mais bem votado do estado. Seria por que os votos de Sidlei Alves foram transferidos para ele? Seria por algum pronunciamento na Assembleia, ou pela apresentação de algum projeto importante?

Ele voltou novamente. E o Takimoto voltou novamente. Em seu pronunciamento agradeceu ao Zeca, que lhe ofereceu uma legenda para

concorrer e o apoio para a campanha, mas também enfatizou que é amigo do André e que vai apoiá-lo. Declarou ainda que foi eleito também graças aos serviços médicos que presta aos indigentes.

O rejeitado. Boa parte da imprensa douradense não está considerando Lauro David como representante de Dourados. Ora, ora, o moço tem domicílio eleitoral em Dourados, viveu aqui muitos anos, foi presidente do SIMTED, disse que vai representar Dourados e é rejeitado?

O franciscano. Tétila afirmou que fez uma campanha franciscana, ou seja, uma campanha pobre e que por isso achou que teve muitos votos. Tenha dó. O moço foi prefeito de Dourados durante oito anos. Fez a melhor, senão uma das melhores administrações que Dourados já teve e achar que 21 mil votos foram bastante? Quer dizer que o que faz voto não é a qualidade das pessoas e sim o volume de dinheiro empregado nas campanhas?

Senador douradense. Alguns jornalistas estão dizendo que Dourados é que não elegeu Murilo e que em Campo Grande ele foi mais votado que o Moka. Mas ouve-se à boca pequena que é porque aqui o povo o conhece melhor. Mas, para falar sério, Murilo nunca foi o preferido de André.

Bom para o Estado. Com Delcídio e Moka no senado e a provável vitória de Dilma no segundo turno, o estado de Mato Grosso do Sul terá bom desempenho de seus senadores. É verdade que eu, particularmente, achava ainda melhor se fossem o Delcídio e o Dagoberto.

Estrela na testa. O Zeca andava com a estrela no peito, o André provavelmente tenha estrela na testa. É muita sorte, ou competência, mas, primeiro, é (re)eleito apesar dos escândalos; segundo, a bancada federal, exceto Marisa Serrano, será toda ela aliada à provável presidenta Dilma. Quer dizer, vai ter sorte assim lá adiante. André, mesmo tendo rejeitado Dilma, teria na presidenta a sua fada madrinha novamente.

Os presidenciais. Serra não foi ao segundo turno por méritos seus, mas pelos de Marina. Ora vejam! Como explicar a virada ocorrida nos últimos dias? Primeiro que a Mídia nacional, especialmente a Globo, o

Estadão e a *Folha* passaram a investir em Marina, pois era a única forma de beneficiar Serra. Segundo, Marina cresceu muito mais pelo apoio recebido dos evangélicos do que propriamente por suas convicções ambientalistas.

O mais triste. Agora, pior que a campanha mal disfarçada da imprensa, triste mesmo foi a campanha difamatória feita contra Dilma em relação ao aborto. Quando as forças reacionárias desse nosso Brasil perceberam que a questão do terrorismo não pegava, apelaram para a deslavada mentira de que Dilma é a favor do aborto.

Crônicas em retalhos:

o retorno

13/10/2010

Recordações. Dizem que os brasileiros têm memória curta. Não acredito, penso que todos devem lembrar-se que, na campanha de 1989, Lula foi derrotado, especialmente após Collor de Mello e a Globo exporem à exaustão a figura de Miriam Cordeiro, dizendo que Lula desejava que ela abortasse.

Novamente o aborto. Nessa campanha de 2010 o assunto volta à tona e tanto a direita golpista quanto algumas tendências religiosas querem por que querem a todo custo impor à Dilma o ônus de defensora do aborto. Mas, como disse Frei Beto, nunca se ouviu ou se leu qualquer menção de que Dilma fosse favorável ao aborto.

Terrorismo. É verdade que esse tipo de questão somente é levantado na hora do desespero. Antes se tenta impor aos candidatos de esquerda a pecha de subversivos, guerrilheiros, terroristas. Se essa marca não pegar, como não pegou em Dilma, então se apela para a questão da vida.

Respeito. Tenho o maior respeito pelas opiniões dos outros e especialmente pela opinião expressa pelo povo nas urnas. A pluralidade e a diversidade nos enriquecem, não nos empobrecem. Se o eleitor escolher Serra porque ele representa o neoliberalismo, porque vai voltar aos tempos de Fernando Henrique, porque vai colocar pedágios para melhorar as nossas rodovias, devemos respeitar a vontade dos eleitores.

Ainda o respeito. Da mesma forma deve-se respeitar os eleitores que escolherem Dilma por ela ser continuadora da política posta em prática por Lula, por ela defender a Petrobrás e demais empresas públicas, por ela ter feito aliança com o PMDB.

Aversão. Deve-se repelir, no entanto, campanhas difamatórias. Falar que não vota em Serra porque durante a ditadura militar ele ficou degustando vinho chileno ou em Dilma porque ela não defende a vida, é pura baixaria.

Em Dourados. Não adiantou Lula ter trazido a UFGD, ampliar a rede de esgoto, recuperar rodovias. Nada adiantam também as quatro universidades. O latifúndio, aliado ao DEM da iniciativa privada, continua determinando os rumos de nossa política.

O ultrapassado. Ari Artuzzi foi eleito porque parecia ser, aos olhos dos eleitores, algo novo, ainda mais novo que o PT. A verdade, no entanto, é que ele representava o que de mais velho existe na política. Caiu porque, assim como Collor, extrapolou todos os limites.

O retorno. Com a queda de Ari, mexeu-se daqui, mexeu-se dali, fizeram Eduardo Rocha prefeito e ele trouxe de volta ao cenário político douradense Idenor Machado e Ubirajara Garcia Fontoura.

Mais retorno. Mexe-se novamente daqui e dali, e Délia Razuk, preliminarmente endeusada por Passaia, é eleita presidente da Câmara. Deveria assumir a prefeitura imediatamente após a sua eleição. Contudo, como a Justiça se esqueceu de que Carlinhos Cantor não estava afastado, esperou-se primeiramente uma medida que o afastasse, para, na véspera do feriadão, que é sempre uma época de grande desmobilização, empossá-la prefeita. Então voltam à cena Antonio Nogueira e com ele todo o arcabouço do velho PMDB.

A surpresa. A grande surpresa, ao menos para mim, foi a nomeação de Maurício Rasslan para a Secretaria de Governo. Bibico, como é conhecido pelos mais próximos, é filho de Sultan Rasslan, combativo vereador e deputado constituinte de Mato Grosso do Sul, e de Irene Nogueira Rasslan, insigne professora douradense, aposentada pelo CEUD/UFMS.

O advogado Maurício Rasslan foi assessor jurídico da Câmara Municipal de Dourados onde desempenhou bom trabalho.

Em resumo. Golpeados com ferimentos graves, o PT, de Zeca e de João Grandão, o PSB, de Murilo Zauith, e o PMDB, de André Puccinelli, aparecem como símbolos maiores desse retorno ao passado, tanto em relação ao estado de Mato Grosso do Sul quanto em relação a Dourados. Os métodos de André, no entanto, são pouco republicanos. Sua vitória, assim como a de Ari Artuzzi, está envolta num emaranhado de ações nebulosas que, se bem entendo, jamais serão esclarecidas porque como o próprio André já proclamou várias vezes, nunca perdeu uma causa na justiça.

A esperança. A esperança douradense volta-se para os movimentos sociais que defendem novas eleições para a Prefeitura e para a Câmara Municipal. Entendem esses movimentos, assim como particularmente eu também entendo, que qualquer solução que não seja a de novas eleições, será golpe. No entanto, é triste, mas verdadeiro, o clamor popular não resiste ao tempo.

Crônicas em retalhos:

o parto da montanha

19/10/2010

As fábulas. Dentre as fábulas de Esopo, a do *Parto da Montanha* é bem oportuna para esse momento da história de Dourados. Uma montanha começou a fazer um barulho muito grande. Roncava, rugia, sei lá. A verdade é que pessoas de todas as partes do mundo se aproximavam da referida montanha para ver o que estava se passando. As pessoas achavam que a montanha estava em trabalho de parto, que ia ter um filho. E os dias, as semanas e os meses foram passando, até que depois de um barulho ensurdecedor, a montanha se rachou e do meio da poeira e do barulho surgiu... um camundongo.

Doido ou sábio? Vejam que coisa mais doida. Estou achando que o controle remoto foi inventado há milhares de anos, mas o seu idealiza-

dor, achando o seu invento muito adiantado para a época, desistiu de apresentá-lo ao público. Criou então a história de *Ali Babá e os Quarenta Ladrões*. Nessa história Ali Babá chegava perto da montanha e dizia: "Abra-te Sésamo!" Não dá para relacionar? Ou seja, o parto da montanha não poderia ser também uma fábula escrita por alguém que tivesse receio de apresentar claramente as suas ideias?

Ideias. Às vezes transformamos ideias em projetos e somos ridicularizados por isso. Eu mesmo já passei várias vezes por esse tipo de situação, por exemplo, quando, no final dos anos de 1970, defendi a UFGD, ou quando defendi a Cidade Universitária, o Trem Universitário, a Cidade Educadora. Enfim, estou chegando à conclusão de que os demasiadamente sábios criam fábulas e os homens comuns, que enxergam, como eu, apenas o seu próprio tempo, expõem ideias.

Do debate vem a luz. No meu caso em particular costumo dar ideias para contribuir com o debate, pois creio que é do debate, da discussão de ideias que vem a luz, que surgem as saídas. Do debate de ideias, mesmo das irônicas e provocativas, é que são tiradas as melhores decisões.

Nosso parto. Mato Grosso do Sul e Dourados, de forma particular, estão passando pelo verdadeiro parto da montanha. Às vezes o ronco, ou rugido, sabe-se lá, não é tão intenso pelas próprias circunstâncias. Nós, o povo, temos os nossos afazeres, por isso acomodamo-nos com a democracia representativa. Os juízes têm centenas de processos, não podem dedicar-se a um único. A imprensa tem milhares de notícias, não pode martelar em uma só tecla. Enfim, passam os dias, as semanas, e o barulho pode aumentar ou diminuir, mas o parto será concluído.

Enfim a questão. Dourados após a Operação Uragano, ocorrida em setembro passado, passa por um constrangimento atrás do outro. Nosso prefeito, nosso vice e mais nove vereadores foram presos e afastados por três meses. Nosso juiz, Eduardo Arruda, assumiu e ficou apenas um mês no mandato. Assume a presidente da Câmara, Délia Razuk que, na verdade, não era presidente, mas foi eleita por vereadores hoje afastados e ninguém sabe, ainda, o que pode acontecer.

Anomia. Essa palavra estranha significa ausência de leis, de normas ou de regras de organização. Não é ainda o nosso caso, estamos “dando um jeitinho”, mesmo que aos trancos e barrancos. Só fico muito intrigado em ver que “o pau que bate em Chico não está batendo também em Francisco”.

Situação do Estado. Se Dourados está vivendo nessa penumbra de insegurança em relação ao desencadeamento da Uragano, o estado de Mato Grosso do Sul está completamente nas trevas. Ora vejam, alguns políticos douradenses foram presos, enquanto nada mais se fala a respeito da situação do governador André Puccinelli, acusado de receber dois milhões mensais da Assembleia Legislativa.

Eduardo no Parque. Nós, douradenses, que nos sentimos humilhados diante da Operação Uragano, deveríamos exigir a nomeação do juiz Eduardo Rocha para exercer o governo do estado no Parque dos Poderes, enquanto isso o governador aguardaria julgamento. E nem precisaria estar preso. Bem, se o nosso juiz Eduardo não puder, então que se nomeie um lá de Campo Grande mesmo.

Afinal, só Dourados? Pergunto-me o porquê de apenas os políticos de Dourados terem sido presos, e, ainda, o porquê de alguns deles permanecerem tanto tempo na cadeia. Eles, segundo entendo, poderiam responder em liberdade, pois somente ficam presos aqueles que apresentam algum tipo de perigo à sociedade ou que prejudicam diretamente as investigações. Aliás, quem prejudica as investigações, caso não seja afastado imediatamente do cargo, é o governador André Puccinelli. Não sou especialista, mas será que André, Rigo e demais comprometidos precisariam ser gravados pegando dinheiro vivo para serem presos ou afastados?

Perguntar não ofende. Ao menos foi o que sempre ouvi dizer, perguntar não ofende. Previno-me, estou apenas perguntando, não estou fazendo juízo de valor. Compete à Justiça a responsabilidade de apurar os fatos denunciados e julgar.

Para entender. O leitor que acompanha as minhas crônicas deve compreender agora, ainda melhor, o porquê sempre defendi que as cam-

panhas eleitorais deveriam ter financiamento público. Ora, sem uma profunda reforma política para nos adequarmos aos novos tempos, é isso o que acontece. Muitas coisas foram postas às nossas vistas, mas seria tudo?

O parto da montanha. Nossa montanha está em trabalho de parto. OAB, Imprensa, Associações, Entidades de Classe, Clubes de Serviços, Sindicatos, Escolas, Universidades, entes representativos de nosso povo, todos nos aproximamos da montanha para vermos o que acontecerá. Se ficarmos apenas observando, passados os meses, não poderemos reclamar se o ente parido for apenas um rato. Se nos sentirmos todos responsáveis por essa cidade e por esse estado, haveremos de nos manifestar para que desse parto doloroso nasça um vigoroso rebento de luz que nos traga melhores e mais felizes dias.

**Crônica em retalhos:
não adianta gritar**

30/10/2010

Vela e tição. Antigamente, isso há menos de cem anos, costumava-se colocar uma vela acesa entre as mãos dos moribundos que era para iluminar o caminho que os levava ao céu. E não é que, num sítio distante, um velho estava nas últimas e não se achava uma única vela na casa? Então o filho mais esperto correu ao fogão, catou um tição, reavivou a chama e colocou-a entre as mãos do pai, que exclamou: “Morrendo e aprendendo”. Quer dizer, quando não se tem vela até um tição aceso serve.

Velhos sábios. Esse “morrendo e aprendendo” demonstra que, mesmo tendo acumulado grande experiência de vida, devemos estar conscientes de que a velhice, por si só, não traz a sabedoria. Se trouxesse seria fácil resolver todos os problemas, inclusive os políticos, pois haveríamos de fazer uma lei prevendo que somente os velhos votariam.

Os jovens. De 1964 a 1985 os eleitores não escolhiam o presidente devido à abominável Ditadura Militar, hoje todos os jovens acima de 16 anos podem votar, do que se depreende que eles já têm consciência do que é melhor para o país.

A democracia. Assim como na vida, no regime democrático o aprendizado também é continuado. As rupturas causam a castração das lideranças, principalmente a das lideranças estudantis. Portanto, aos jovens de 16 anos foi aberta, desde a Constituição de 1988, uma grandiosa escola de aprendizado que, se continuar ao longo de suas vidas, com certeza, aprimorará cada vez mais o nível eleitoral brasileiro.

Ver para crer. Minha avó dizia: “San Tommaso non crede finché non attacca il suo naso”, quer dizer, São Tomé, não crê enquanto não mete o nariz. Ou, em outras palavras, “é ver para crer”.

Desejo ver. Particularmente eu, que só votei para presidente quando tinha quase 40 anos, quero aproveitar os anos de vida que me restam para votar bastante, e não somente para presidente. Quero ver a convocação de novas eleições para Dourados e somente então vou crer que a nossa Constituição não permite mais o casuísmo. Meu desejo é que os jovens não pensem que tudo não passa de uma farsa.

Tem gente contra. Lamentável é detectar que não somente os golpistas desejam que não haja eleições. Um amigo meu confessou-me que, se tiver eleição para prefeito em Dourados, ele não vai mais votar. Segundo ele a sua obrigação já tinha sido feita: “Agora que se dane”. Não concordei mas calei-me.

Tem cada ideia. Outro amigo confessou-me que votou para o Serra, mas que no segundo turno vai votar para a Dilma. Estranhei tão radical mudança, mas ele me explicou: “Se o homem corre para fazer uma tomografia por causa de uma bolinha de papel atirada em sua cabeça, como vai suportar nos ombros o peso de administrar o Brasil?” E concluiu: “Não é à toa que o Serra sempre desiste de tudo o que começa”.

A coisa tá ruça. Isso mesmo, ruça, com ç, quer dizer feia, ao menos em termos de previsões. Não é que o nosso glorioso repórter policial, o Waldemar Russo, profetizou em artigo dessa semana que a Dilma será o Artuzi do Brasil? O argumento do Russo é que ela vai seguir as determinações do Lula. Ora, se o Ari tivesse seguido os mesmos passos de Lula, Dourados não estaria muito melhor?

Não adianta gritar. Não adianta gritar para os surdos. Lendo *As cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, aprendi que “quem comanda a narrativa são os ouvidos”. Portanto, não adianta gritar. As pessoas separam de sua narrativa, por mais longa e bem articulada que seja, apenas aquilo que elas realmente desejam ouvir.

Experiência prática. Agora que minha sogra – aos 80 anos e surda – , após enviuvar, veio morar conosco, eu me convenci radicalmente de que não adianta gritar. Compreendi que basta me dirigir à sua frente e falar compassadamente, mesmo que baixinho, para que ela, lendo os meus lábios, me entenda melhor do que se eu gritasse ao seu ouvido.

Em sala de aula. Eu já tinha boa experiência como professor. Se uma classe está muito barulhenta, não adianta gritar. Ela não está interessada e pronto. Compensa mudar o jeito de atuar. Talvez mudando o método ou até mesmo falando baixinho para que os interessados leiam os nossos lábios.

Nas eleições. Também não adianta gritar. Basta entendermos que somos muito mais importantes do que às vezes imaginamos. Nosso voto, somado aos 137 milhões de votos de outros brasileiros, no dia 31 de outubro, decidirá os destinos de nosso país. E nem me refiro à venda de voto, que é o mesmo que vender um pedacinho da própria Pátria. Refiro-me à nossa responsabilidade em pesar o que é melhor para o Brasil, o que é melhor para manter o emprego de nossos filhos e a esperança de que sejam felizes.

Crônica em retalhos: boas práticas

Mau exemplo. A direita brasileira, e em especial a daqui de Dourados (leia-se DEM e PSDB), tendo ou não consciência do que está fazendo, é um mau exemplo para os mais jovens, um desacato à Justiça Eleitoral e um triste e lamentável golpe na nascente democracia brasileira.

Inconformismo. Na verdade, a direita, sempre muito bem acostumada ao poder, nunca soube perder. Agora, após o segundo turno para a

presidência, Serra foi proferir palestra sei lá em que entidade de Paris para desancar o governo Lula. Recebeu uma sonora réplica daquilo que o rei da Espanha disse a Hugo Chaves: “¿Por qué no te callas?”. Os derrotados devem cumprimentar os vencedores, agradecer os votos obtidos e aguardar novas eleições para então mostrarem os seus planos e concorrerem novamente.

Campanha permanente. O que se observa, no entanto, é que os derrotados estão querendo dar continuidade à campanha. E em assim fazendo, ao invés de alimentarem a democracia, alimentam o ódio. Pior, alimentam o golpe, pois se continuarem envenenando o povo com calúnias, poderemos experimentar algo semelhante ao golpe de 1964, que começou a ser produzido dez anos antes. Em 1964 era o perigo comunista e até hoje tem gente da minha idade, mistificada pela propaganda de direita, defendendo o golpe por acreditar que os russos iam invadir o Brasil. E agora?

Bom exemplo. Nesse sentido o Partido dos Trabalhadores de Dourados deu bom exemplo – modéstia à parte –, respeitou o desejo do povo em eleger Ari, agradeceu pelos votos obtidos e, ao que tudo indica, está pronto para ir às ruas novamente concorrendo em eleição direta. Eleições indiretas ou qualquer outra forma que encontrarem para eleger o novo prefeito é puro golpe.

Quatro irmãos. Embora aparentemente concorrentes, as quatro irmãs grandonas da mídia nacional – Globo, Abril, Folha e Estadão – desencadearam acintosa e muito mal disfarçada campanha a favor de Serra. Ocorre que essas quatro irmãs têm, por esse Brasil afora, centenas de primas-irmãs que não somente copiam, mas amplificam o pensamento da direita.

E a culpa? Bem depois, essas empresas midiáticas ou mudam de lado vergonhosamente, como fez a Veja, editando número especial sobre a eleição de Dilma, ou então jogam a culpa nos políticos em geral. Ela, a mídia, exime-se de qualquer culpa, assim como exime as entidades que estiveram lado a lado pactuando as mesmas ideias retrógradadas.

Exemplos? O que fizeram de concreto para contribuir com a democracia e com Dourados as nossas emissoras de TV? Não vale citar um debate às 23 horas. Que fizeram o Sindicato Rural, a Associação Médica,

a Ordem dos Advogados do Brasil, a Associação Comercial (ACED), o Sindicato dos Bancários, dos Professores?

Quase nada é pouco. Além de terem contribuído muito pouco, algumas delas, como a Associação Médica e Ordem dos Advogados, marcaram debates, mas deixaram de convidar os seus sócios quando o candidato não interessava à diretoria. Desencadearam provinciana campanha para elegerem um senador por Dourados. Mentira pura! As entidades que defenderam essa proposta queriam eleger um representante da direita, um representante seu e não um representante para Dourados. Por que não fizeram a mesma campanha em favor de Egon ou de Derli?

Conciliação. Aí essa mesma direita radical vem propor um pacto por Dourados, uma conciliação entre os partidos para a salvação de Dourados. Não é uma ótima ideia? Claro, quem não quer a conciliação é selvagem, quem não deseja um pacto em benefício de seu maior patrimônio, que é a sua cidade? Todos queremos o melhor, só que o pacto que a direita propõe é novamente em benefício de quem?

Melhorar o nível. Ora, ora, essa coisa de voto de cabresto não cola mais. Aborto, homossexualismo, comunismo são temas ultrapassados internacionalmente. Que os partidos tenham propostas e não mentiras.

Mais uma coisa. O fato de parte da Igreja Católica e de várias designações Evangélicas terem se metido diretamente na escolha do candidato está completamente fora de prumo. Admito que as Igrejas tenham posição, que façam as suas campanhas, mas a maneira como foram feitas é deplorável.

Jogando limpo. Se jogarmos limpo, respeitarmos as regras estabelecidas, respeitarmos os nossos adversários pelas ideias que defendem haveremos de edificar a nossa cidade com os alicerces sólidos da cidadania.

**Crônica em retalhos:
um pacto por Dourados**

22/11/2010

Dourados é maior. Nossa cidade é maior, muito maior que os seus problemas, no entanto, cidade nova, ainda é vítima de aventureiros

que não a amam e somente querem usufruir de suas riquezas e bondades. Nessa crônica vou alinhar algumas ideias com o objetivo de contribuir para a restauração de nossa cidade.

Amarildo. Conversei recentemente com Amarildo Ricci, experiente administrador da *Rádio GranDourados FM*, cidadão preocupado com os destinos de nossa cidade. Perguntou-me Amarildo, sem muito rodeio, se eu havia me surpreendido em relação aos envolvidos nas operações Owari e Uragano.

Surpresas. Claro que fiquei surpreso com as duas operações, claro que fiquei chocado com o volume e com a intensidade dos fatos, mas especialmente triste com o envolvimento de algumas pessoas, com as quais me relacionei na qualidade ou de vereador ou de secretário de governo, a exemplo de Sidlei, Cimatti, Carlinhos e Clarisse do IPTU.

Inês é morta. Mas não adianta chorar pelo leite derramado. Agora é pensar em como recuperar Dourados da situação delicada em que se encontra. Acontece que cada um tem uma opinião, cada cabeça uma sentença. As coisas estão se tornando difíceis.

Uma saída. Meu confrade da Academia Douradense de Letras, Waldir Guerra, em artigos que publica semanalmente tem defendido a candidatura de Murilo Zauith como uma espécie de panaceia para os nossos males. Será o caso?

Outra opinião. Nessa semana o PMDB manifestou o seu contentamento com a prefeita interina Délia Razuk. Significa dizer que a vereadora Délia teria o apoio do partido se eventualmente se decidir a disputar a vaga efetiva de prefeita.

Outros partidos. Cada partido uma opinião, ou ainda sem formar opinião. O PT, por exemplo, reúne-se frequentemente, mas ainda não conseguiu unidade de pensamento para definir-se. Lançará candidato? Não lançará? Tetila poderia concorrer? João Grandão teria fôlego para mais uma campanha? Esse que vos escreve estaria ainda disposto a enfrentar as urnas depois da última derrota? Ou estaria propenso a não concorrer mais, a exemplo de Margarida Gaigher que, desiludida com os resultados das urnas, deixou o PT e a política?

Aliança PT x PMDB? Acho difícil colocar à volta de uma mesma mesa as lideranças desses dois partidos em Dourados e no Mato Grosso do Sul, mas e se for para o bem de Dourados? Convenhamos, para a recuperação mais rápida dos rombos de nossa cidade haveremos de precisar recorrer ao governo do estado e à presidência da república. E o André, não é do PMDB? E a Dilma não é do PT? Talvez valesse a pena. Talvez as lideranças desses partidos possam mostrar-se mais republicanas, possam fazer um esforço para a superação de suas vaidades pessoais em benefício de Dourados. Quem sabe?!

E as nossas forças vivas? Sinceramente, fico muito intrigado com o silêncio de nossas forças vivas. Cadê a Associação Comercial, a Ordem dos Advogados, a Associação Médica, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação (SIMTED), o Sindicato dos Professores Universitários, o dos Professores das Escolas Particulares, o dos Bancários, o dos Comerciantes, o dos Eletricistas? E os partidos políticos? As Universidades? E as Associações de Bairros?

Mais uma ideia. Bom, às vezes sou chamado de doido devido a algumas ideias que tenho. No final dos anos de 1970 e no início dos de 1980, quando defendia a ideia da UFGD, fui considerado louco. Da mesma forma, fui considerado doido quando sugeri o “trem universitário”. Fazer o quê? Penso que ideias são para serem discutidas. Então lá vai: a prefeita interina, a meu ver, deveria convocar uma reunião com todas as forças vivas de Dourados, ou seja, uma reunião com instituições, entidades de classe, clubes de serviço, lojas maçônicas, universidades, enfim, uma grande assembleia geral. Nessa reunião a prefeita sugeriria que as entidades se manifestassem a respeito da situação em que vivemos e ouviria as propostas apresentadas. Havendo interesse da comunidade, formar-se-ia uma Comissão Executiva com o objetivo de costurar um pacto por Dourados.

Uma coisa é certa. Essa ideia pode ser um tanto esdrúxula e nem sei ao certo se temos lideranças em Dourados com entusiasmo suficiente para fazer de nossa cidade uma cidade cidadã, educadora, mas de uma coisa estou certo: somente se conseguirmos arregimentar uma grande força

interna, seremos capazes de sonhar. Em caso contrário ficaremos à mercê de manás caídos do céu, ou das benesses que nos servem os governos do estado e federal.

Crônica em retalhos: úberes secos

28/11/2010

Secular aprendizado. O homem primitivo notou que as crianças se alimentavam nos seios de suas mães e os bezerros nos tetas das vacas. Observou que, se o leite gerado pelas mães fosse abundante, os seios inchavam e era necessário esgotá-los. Observou também que acontecia o mesmo com os úberes das vacas. Então, até não inventarem os aparelhos modernos para retirar o leite excedente e depositar nos bancos de leite, os homens, para aliviar as suas respectivas mulheres, sugavam-lhe os seios e cuspiam o leite que sobrava.

Articulação do pensamento. Ora, se o leite da mãe alimentava as crias e o leite das vacas era mais suculento, porque não mamar nas vacas para alimentar-se? Dessa articulação do pensamento à domesticação das vacas foi um processo rápido. As vacas, depois de algumas indecisões demonstradas por coices e chifradas, acabaram se convencendo de que o esgotamento do leite lhe aliviava a febre e permitiram a domesticação.

Aprendizado continuado. Séculos e séculos se passaram até que os homens compreenderam todo o processo de formação do leite pela vaca. Perceberam que, quanto mais e melhor alimentassem a vaca, mais leite ela daria. E eles, os homens, avançaram tanto nesse aprendizado que hoje uma boa vaca poderia alimentar tranquilamente quinze, ao invés de um único bezerro.

Via de mão dupla. Minha avó dizia que a galinha punha os ovos pelo bico. Me ensinaram também que o arrozal gosta de ser pisado para produzir bem. Só entendi essas coisas quando me veio o senso. Claro que quanto mais milho comer, mais ovo botara, claro que se o rizicultor não

estiver pisando, ou seja, cuidando do arrozal, se faltar água, por exemplo, a produção será pequena. É a mesma coisa de dizer que o porco engorda com os olhos do dono. São vias de mão dupla. Também a vaca dará tanto mais leite quanto melhor for a sua alimentação.

Cidades e vacas. Com o tempo os homens foram percebendo que mamar nas cidades era mais rentável que mamar nas vacas. Mal comparando cidades com vacas leiteiras, podemos dizer que há cidades com grandes úberes e há cidades com úberes minguados. Isso não era estranho nos tempos bíblicos, quando o povo hebreu peregrinou em busca da Canaã, a terra onde jorrava o leite e o mel.

Dourados. Essa abençoada terra de Antonio João e do Ervateiro não haveria de ser diferente. Possui úbere descomunal e tetos generosos que alimentaram várias gerações e hoje alimenta praticamente 200 mil pessoas. Mas quem alimenta Dourados?

Uma constatação. Trabalhadores esforçam-se dia e noite para alimentar nossa cidade construindo edifícios, atendendo atrás de balcões comerciais, trabalhando nas metalúrgicas, nas escolas, nas ruas esburacadas. Homens e mulheres, trabalhando, pagando os seus impostos são os alimentadores da urbe. Uma cidade, tanto quanto uma vaca, se bem alimentada, produz mais benefícios aos seus moradores. Uma cidade sugada sem que o seu povo lhe dê o alimento necessário, quer dizer, os equipamentos para continuar produzindo o seu leite (empregos, escolas, saúde de qualidade etc.), acaba ficando com o úbere completamente seco.

Outra verdade. Não adianta colocar a culpa apenas nos políticos. Eita! Nós temos a mania de transferir a culpa de tudo aos políticos, mas isso não é correto. Coloquemos a mão não consciência. As cidades com úberes secos, minguados, são as cidades sugadas indiscriminadamente.

Nossa cidade e a culpa. Permitam-me reproduzir uma página do livro *Edificando a Nossa Cidade Educadora*, na qual reparto a culpa dos nossos males: “Ora, a culpa! Pesa sobre nós como um fardo. Fardo? Alguém já não disse, peguemos as nossas culpas enfiemos num saco e joguemo-las na esquina mais próxima? Ou algo semelhante? Mas como viver sem

culpa se ela é parte do imaginário social do Ocidente? Se já nascemos com culpa mesmo sem saber do que se trata? Não! Antes de jogar toda a culpa na esquina, façamos melhor: vamos distribuí-la segundo regras bem definidas, de modo que um tanto fique com os vereadores, outro com o prefeito; mais um tanto para os juízes, outro para os promotores. O tabelião e o general não poderão ficar de fora, mais um fardo haverá de ser dado ao bispo, outros serão distribuídos no Conselho de Pastores. E aos dirigentes de outras crenças devem ir um tanto quanto, mas que não fiquem sem os seus fardos também os professores, a polícia e os doutores, sejam estes médicos, advogados, filósofos ou administradores. Quantos fardos ainda restam? Contemplemos os comerciantes, os feirantes, os estudantes, a costureira, o amante, o comerciário, o bancário e todos os ajudantes. Continuando a partilha, com certeza muita culpa caberá às parteiras e obstetras. ”

**Crônica em retalhos:
um pouco de perfume**

13/12/2010

Thomas Cray: Esse é o nome do teólogo inglês que viveu entre 1716 a 1771 a quem é atribuída a célebre constatação de que “fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas”

Bomdeler.com: o site bomdeler.com do jornalista Gilberto Orlando, formado na famosa escola de rádio que foi a Rádio Clube de Dourados, tem em sua página inicial, uma foto do Parque Antenor Martins cercado por uma multidão que abraçou o lago daquele parque numa das muitas atividades do Comitê Local das Cidades Educadoras. Quer dizer, se fica um pouco de perfume das mãos que oferecem rosas, fica também ao menos uma foto de uma das propostas mais interessantes que Dourados conheceu em termos de promoção do cidadão e de recuperação do meio ambiente: o Projeto Cidade Educadora.

Objetividade alemã: Se eu não estiver enganado a Paróquia de São José Operário é servida por um padre alemão que tenho no rol de

minhas amigadas, embora o meu contato com ele não seja frequente. Pois bem, defronte a essa Paróquia, encontram-se pelo menos duas faixas com os dizeres: “Quem tem educação não joga lixo no chão”. A frase pode até não ter sido colocada à público por influência direta do Projeto Cidade Educadora, mas com certeza é digna de uma cidade educadora. Fica o perfume, fica a foto e ficam as faixas.

Ciclovias indígenas: Louvável a ideia governamental de se construir, paralelas à Rodovia Pedro Palhano (que liga Dourados a Itaporã), duas ciclovias para servir à população indígena da reserva Francisco Horta. Faço votos para que essas duas ciclovias não se desmanchem rapidamente com as chuvas, como ocorreu com a chamada “carroceira” feita na margem direita da rodovia Dourados a Itahum. Nossos irmãos índios merecem ainda mais, mas as ciclovias não deixam de ser uma boa iniciativa. É hora de se pensar seriamente em asfaltar pelo menos a principal via que corta a Reserva no sentido Leste/Oeste. Além de bicicletas e carroças os índios já possuem motos e carros e a tendência é que eles saiam definitivamente do estado de pobreza absoluta em que se encontravam e desfrutem da cidadania.

Praça Antonio João: Tenho até medo de ver como ficará a Praça Antonio João, quando for aberta ao público no dia 7 de dezembro, conforme está previsto. Se Dourados foi amaldiçoada pelo Ervateiro, essa nossa praça central deve ter sido amaldiçoada pelo seu patrono, o tenente Antonio João, que foi simbolizado em uma escultura como se estivesse caindo, ao invés de ter sido imortalizado lutando. Mas tirando esse meu receio da maldição de Antonio João, uma coisa é certa, e muito bem feita, a empreiteira cortou a calçada ao redor da praça para assentar as guias para deficientes visuais, o chamado piso tátil. Aliás essa atitude parece-me respaldada nas leis de acessibilidade, o que faz com que todas as calçadas que estão sendo construídas em Dourados sejam dotadas dessa benfeitoria. Uma cidade inclusiva é sem dúvida uma cidade educadora.

Faixas para pedestres: poucas foram as que restaram, mas ainda assim, tenho a alegria de observar que não sou o único motorista nessa

cidade de Dourados que respeita a faixa. Muitos são os que param para os pedestres passarem com preferência, eu inclusive já tive a satisfação de ser respeitado por vários motoristas, inclusive dia desses meu amigo, o professor Márcio Sinotti parou para que eu passasse. Quando nos reconhecemos demos gostosa gargalhada.

Canto das Letras: Mais uma livraria foi inaugurada em Dourados.

Canto das Letras, na Avenida Weimar Torres, é um recinto agradável onde se pode desfrutar de um ponto semelhante ao que se desfruta nas grandes cidades: café, net, presentes, revistas, papéis, ambiente para crianças e livros, muitos livros. Que essa iniciativa, posta ao lado das outras livrarias de nossa cidade, possa aumentar ainda mais o número de leitores, afinal não está desgastado o velho ditado ao nos ensinar que quem não lê, mal ouve, mal fala, mal vê.

Monte Castelo do Brasil: Durante a Segunda Grande Guerra Mundial a ocupação de Monte Castelo, na Itália, pela Força Expedicionária Brasileira, foi comemorada como uma grande vitória dos Aliados contra o nazi-fascismo. Agora no Rio de Janeiro, as forças militares que invadiram e ocuparam o complexo do Alemão, fincaram no alto do Morro as bandeiras do Estado do Rio e do Brasil. Essa atitude nos faz lembrar as grandes batalhas campais, quando os vencedores fincavam as suas bandeiras, ou mesmo a chegada do homem à Lua, quando os norte-americanos também fincaram a bandeira dos EEUU pela primeira vez fora de nosso Planeta.

Situação ambígua: a ocupação do complexo do Alemão não deixa de ser uma situação ambígua, ou seja, dá perfeitamente para a interpretarmos em vários sentidos. Ao fincarem as bandeiras as forças militares que ocuparam o morro deixaram-nos, de um lado a constatação de uma verdadeira vitória militar e, de outro, ficou patente que os traficantes do morro constituíam-se em uma espécie de governo independente.

Cidade Maravilhosa: a ação que está sendo desenvolvida no Rio de Janeiro, se for seguida de uma ocupação civilizatória, ou seja, se o governo, assumir o controle da situação e dotar o Complexo com os equipa-

mentos necessários para a melhoria da Educação, Saúde Pública e outros serviços básicos, como o esgotamento sanitário e a coleta de lixo, com certeza, trará ao Rio a oportunidade de voltar a ser considerada uma Cidade Maravilhosa.

Joia Brilhante: se o Rio é a nossa cidade maravilhosa, Dourados, ao menos pelo que nos ensina o seu Hino, é a joia brilhante do Brasil. E como nós não chegamos ao estado de precisarmos ocupar morros, aliás, nem morro temos, então parece-me, estarmos no momento apropriado para retomarmos a nossa senda para o desenvolvimento sustentável, quer dizer o crescimento econômico aliado ao desenvolvimento social e com a preservação da natureza.

Pela enésima vez: qualquer iniciativa que não seja eleição direta para a escolha do novo prefeito de Dourados é golpe. E em golpe não fica perfume nenhum, ao contrário, fica o fedor de coisa que já mofou, de coisa ultrapassada pela civilidade.

Crônica em retalhos:

2010, o ano que não acabou

19/12/2010

2010 brasileiro. Nosso 2010 não foi muito alvissareiro, ao menos no terreno esportivo, e mais especificamente em relação ao futebol. A Seleção Brasileira deu vexame na Copa da África, o Internacional de Porto Alegre perdeu o Mundial de Clubes, o Corinthians passou o seu Centenário sem ganhar absolutamente nada, o São Paulo nem foi para a Libertadores, como costumava ir; o meu Palmeiras nem se fala e o Goiás perdeu a Sul-americana.

2010 douradense. Para nós, douradenses, 2010 foi o ano que não acabou. Lasco essa frase por analogia ao livro que o jornalista Zuenir Ventura publicou em 1969: *1968: o ano que não terminou*, no qual o autor retrata a história conturbada de 68. Em Dourados, os acontecimentos de 2010 também dariam um belo livro que poderia intitular-se: *2010: o ano que não*

acabou para os douradenses. Que ano?! Eleições com segurança reforçada; gravações de vídeos; Operações Owari e Uragano; prisões; renúncia de prefeito, de vice, de presidente da Câmara; três prefeitos em um só ano; buracos nas ruas e nas contas públicas; enfim, um ano que não acabou apesar de o Natal e o Reveillon estarem próximos. *Santo Dio!* Agora só faltava o PT se unir ao DEM e o PMDB, ao PSOL.

Nosso patrimônio. Viver em uma cidade, ser alimentado por ela, ter nela a sua família e seus amigos e alimentar nela os seus sonhos é o maior patrimônio que podemos ter. Morar nessa terra maravilhosa de Dourados é privilégio de apenas 196 mil pessoas.

Queremos o melhor. Será que é esse privilégio que move pessoas a sonharem em ser prefeitos da cidade? Pode ser, mas não creio. Em todas as cidades do mundo há os que sonham em ser prefeitos, uns pelo desejo de se locupletarem, outros para satisfazer vaidades, mas, com certeza, a grande maioria dos que almejam esse posto é por amor. Amor à terra onde nasceram ou se instalaram.

Querer e poder. Existe, entretanto, entre o desejo e a possibilidade de ser prefeito uma distância astronômica. Muitos não conseguem ser candidatos, outros nem se propõem a sê-lo por saberem das dificuldades. A esses somente é permitido sonhar: “Ah! se eu fosse o prefeito faria isso, aquilo, aquilo outro”.

Sonhemos. Por que não sonhar em sermos prefeitos, governadores ou presidentes para resolvermos os problemas de nossas cidades, de nossos estados, de nosso país? Você, meu caro leitor(a), qual a primeira coisa que faria se fosse o prefeito(a) de nossa cidade? E depois, a segunda, a terceira...

De coração. Gostaria de ter sido eleito prefeito de Dourados e, embora tenha ficado em último lugar nas eleições de 2008, sou muito agradecido pela oportunidade de participar da campanha, de ter recebido votos e, portanto, considerado capaz por significativa parcela do eleitorado. Não teria nenhuma dúvida em candidatar-me novamente, assim como penso que muitos douradenses teriam essa disposição.

O que nos impede? A mim particularmente o que me impede é o meu Partido, o PT. Os nossos dirigentes entendem que não temos condições objetivas de concorrer à Prefeitura de Dourados. Embora o PT tenha concorrido desde 1982 ininterruptamente até à última eleição, agora entende que não temos condições. Nomes existem, com certeza, senão o meu, o de outros companheiros ou companheiras. Essas condições, em resumo, seriam porventura dinheiro?

O que mudou? Mas quando será que houve dinheiro para as campanhas petistas em Dourados? Com a palavra os candidatos José Joaquim, Tetila, Egon Krakhecke, Ribeiro Arce, Tetila novamente, e eu, que disputamos a prefeitura de Dourados pelo PT. Quais as tais condições que tivemos? Será que assiste razão aos que dizem que o que ganha eleição é dinheiro?

E o PMDB? O presidente Laudir Munaretto deverá estar branqueando os cabelos. Délia Razuk, Marçal Filho e Geraldo Rezende, as principais lideranças do Partido em Dourados, têm cada qual um projeto. Sem contar Nogueira, Marcondes, Valdenir e Idenor, e por aí fora.

O DEM. Embora esteja com o candidato já definido, o DEM não é nenhuma ilha de tranquilidade. Nas brasas escondidas na fogueira de vaidades do DEM, lá estão os grupos de Murilo e Zé Teixeira, sem contar os vereadores Barros, Bambu e Sidlei, os três, com certeza, nada satisfeitos. E ainda têm aqueles menos xiitas, mas que, por isso mesmo, deverão ser levados em consideração, como é o caso de meu confrade de Academia, Waldir Guerra.

Aperfeiçoamento da democracia. O aperfeiçoamento da democracia deveria fazer-se não somente com a melhoria dos recursos tecnológicos, como é o caso das urnas eletrônicas, que facilitaram e aprimoraram o processo eleitoral, mas também com a aprovação de recursos públicos para as campanhas. A abertura de possibilidades para que cidadãos de boa-fé pudessem disputar.

Forças vivas. O que costume chamar de forças vivas da cidade são as entidades que têm voz, que têm poder de influenciar. Tempos atrás,

perguntei, nesse mesmo espaço, onde estavam a Associação Comercial de Dourados, o Sindicato Rural, a Associação Médica etc. etc. e algumas entidades não entenderam bem o que eu quis dizer, ou então me expressei mal: na verdade, o que ocorre em Dourados é que a maior parte das entidades que se constituem em forças vivas somente aparecem na Prefeitura para solicitar algum tipo de benefício. Contribuição que é bom, neça de pitibiriba.

Como fazer? Haveríamos de ter em Dourados um fórum de discussões para nos organizarmos, porém quem puxaria esse fórum. A Câmara? A Prefeitura? As Universidades? Qual delas? O Comitê Local das Cidades Educadoras era um caminho, mas esse trem da história acho que já perdemos.

O jeito é rezar. O jeito é rezar, vou cantar ladainhas, vou fazer orações, pois definitivamente 2010 não acabou. Saltemos, então, de 2009 para 2011 e, de consolo, um poema intitulado *Tempo*, de Carlos Drummond de Andrade: “Quem teve a ideia de cortar o tempo em fatias, a que se deu o nome de ano, foi um indivíduo genial. // Doze meses dão para qualquer ser humano se cansar e entregar os pontos. // Aí entra o milagre da renovação e tudo começa outra vez com outro número e outra vontade de acreditar que daqui para adiante vai ser diferente...” Feliz Natal e Próspero Ano Novo!

Crônicas em retalhos:

a servidão de nosso século

13/12/2010

Antes de escravidão, ainda o perfume. Amigo que tenho em grande estima escreveu-me a respeito da crônica da semana passada – na qual falo do perfume que fica em algumas ações – dizendo-me que também fica muito fedor em certas coisas que aconteceram em Dourados nos últimos tempos. Meu amigo tem razão, e foi justamente por isso que procurei buscar algumas coisas boas para dizer, pois penso que é a partir do realce que se dá às boas obras que mostraremos caminhos.

Ensinarmento. Pablo Neruda nos ensinou que “Se cada dia cai, dentro de cada noite / há um poço / onde a claridade está presa. // Há que sentar-se na beira do poço da sombra / e pescar luz caída / com paciência”.

Agora sobre a escravidão. Quando estudamos a história do Império Romano, deparamo-nos com um sistema de produção baseado na escravidão, o escravagismo. As legiões romanas ampliavam o território do Império, dominavam novos povos, faziam milhares de escravos para ocuparem-se da produção dos bens materiais necessários, desde o trigo até as construções. Mas eis a contradição: quanto mais ampliava as suas fronteiras mais precisava de escravos, então chega o tempo em que as legiões não dão mais conta de expandir o Império e, portanto, não escravizam mais os povos. Assim o sistema desaba.

Servidão. Desabado o Império Romano, surge o feudalismo e, com ele, a servidão. Embora nos dicionários os termos escravidão e servidão apareçam como sinônimos, no conceito histórico escravidão é a posse do homem pelo homem e servidão é a posse do homem pela terra. Ou seja, no regime escravocrata o escravo podia ser vendido pelo seu dono a qualquer hora e para qualquer lugar; no regime medieval, o servo não podia ser vendido, pois estava preso à terra onde morava, daí ser servo da gleba.

O trabalhador livre. Com o advento da era industrial, o trabalhador deixou de ser servo da gleba para ser livre. Livre no sentido de que podia vender a sua força de trabalho a quem desejasse comprá-la. Mas os industriais eram tão fortes e os trabalhadores tão fracos que lhes eram impostas as mais cruéis condições de trabalho em troca de um salário indigno. Crianças, mulheres e homens de todas as idades trabalhavam mais de doze horas diárias para poderem comer e morar em casebres insalubres.

E atualmente, o que somos? Escravos, servos ou trabalhadores livres? Ora, claro que somos trabalhadores livres, diremos em uníssono. Mas, será mesmo? Tomemos alguns exemplos, uns poucos exemplos, tanto dos trabalhadores assalariados quanto dos que se julgam liberais.

O colarinho branco. Tomemos o exemplo dos colarinhos brancos nos tempos contemporâneos. Mesmo com roupas bem passadas, com

sindicatos organizados, os trabalhadores assalariados ainda constituem o elo mais fraco da grande corrente do mundo capitalista. Veja o exemplo dos bancários: os banqueiros têm lucros estratosféricos e os funcionários precisam fazer greve para conquistar mínguaos reajustes. Os professores, esses formadores de gerações e gerações seguidas, mesmo tendo sua importância reconhecida, têm pouca retribuição em seus salários. E os industriários, os comerciários, os escriturários? Todos com o mesmo problema, vendem sempre a preço muito mais baixo do que valeria a sua força de trabalho, gerando assim a mais valia, que é o lucro do patrão.

E o patrão? Veja o lojista, arrisca o capital, mas depende do preço que lhe impõe o atacadista e dos impostos que paga ao governo. E o agricultor? Esse, meu santo pai, é o próprio servo da gleba. Não conhece pessoalmente o seu senhor, mas sabe que ele existe, e está representado por um gerente de banco ou por um vendedor de multinacional.

Juízes. Mesmo os juízes, aparentemente acima do bem e do mal, não passam de escravos da Lei. Vamos aprofundar essa questão. Escravos da Lei? Que Lei? Ora, da Lei feita ao longo dos tempos pelos legisladores, ou seja, pelo Poder Legislativo. Isso é claro, mas quem representa o Legislativo? Os deputados e os senadores eleitos pelo povo. E quem são esses deputados e senadores? Ora, ora, ora, são nada mais nada menos que industriais, financistas ou seus prepostos. Logo, a Lei é feita pela classe dominante, que impõe seu poder não mais pelas armas, mas pelas Leis.

Promotores. Não fogem a essa regra os promotores, tão escravos da Lei quanto os juízes. E, a bem da verdade, é bom que se diga, a grande maioria dos juízes e promotores é formada em escolas particulares onde tanto o currículo quanto os professores são escolhidos de modo a perpetuarem a ordem vigente.

Professores. O professorado em sua esmagadora maioria é oriundo da classe trabalhadora, no entanto, sem consciência de classe, acaba escravizando-se na reprodução de conceitos e preconceitos concebidos pela classe dominante, ao invés de promover a educação para a liberdade, como nos ensinou Paulo Freire.

Os médicos. Minha geração, se não faltasse dinheiro, ia ao cinema no mínimo uma vez por semana e a coisa mais comum era ouvir-se o alto-falante do cinema anunciar: por favor, doutor fulano de tal, o senhor está sendo chamado com urgência. Imediatamente via-se alguém levantar-se e sair no meio do filme, por mais interessante que tivesse.

Escravos de ideais. Advogados, pedreiros, carpinteiros, padres e pastores, políticos e lavradores, padeiros, leiteiros, todos e de todas as profissões que não fazem parte do elenco acima apontado somos, enfim, escravos de nossos ideais, de nossos princípios.

Escravos de um mandato. Em Dourados o ex-prefeito Ari Artuzi, o ex-vice prefeito Carlinhos Cantor e o ex-presidente da Câmara Sidlei Alves estavam escravizados pelos seus respectivos mandatos. Ao renunciarem a seus cargos foram imediatamente postos em liberdade, já que estavam presos há 93 dias, coisa nunca vista na rotina judicial brasileira.

Escravos das negociações. Se todos somos escravos de certa forma, até escravos do amor ou do ódio, como não consigo saber quem foram os escravos das negociações que fizeram com que Ari, Cantor e Sidlei Alves tivessem a mesma ideia, no mesmo dia, de renunciar a seus cargos? Vivas à democracia e à liberdade.

Cidades escravizadas. Da mesma forma que as pessoas, parece-me que também existem cidades escravizadas, são cidades onde as forças vivas, ao invés de organizarem-se em torno de objetivos coletivos e depois exigirem medidas políticas, organizam-se mal e porcamente em torno de um ou de outro político e ficam a esperar suas dádivas.

**Crônicas em retalhos:
misturando óleo e água**

14/01/2011

Feliz Ano Novo. Nessa minha primeira crônica de 2011, cumpre-me inicialmente desejar aos leitores, tanto aos amigos quanto aos adversários, um Ano Novo repleto de saúde, paz, harmonia e realizações. Aos

amigos, por serem amigos, isso basta, e aos adversários para que possamos nos respeitar mesmo defendendo opiniões divergentes.

O número 4. Somando-se 2+0+1+1 (2011), temos 4 que é o número da estabilidade e do equilíbrio. Talvez porque as mesas tenham quatro pernas, assim como as cadeiras. Mas, numerologia à parte, todos nós douradenses devemos torcer para que tenhamos um ano que realmente nos traga equilíbrio, mesmo porque pior do que nos aconteceu, dificilmente viveremos para ver algo semelhante.

Olhando além da curva. Enchamo-nos de otimismo e procuremos enxergar o mundo maravilhoso que existe além da curva. Dourados é muito maior do que tudo o que lhe sucedeu. Mas volto a insistir em uma recomendação, livremo-nos da maldição de Antonio João e do Ervateiro. Guardemos no museu aquela estátua do Antonio João tombando e em seu lugar coloquemos uma estátua do Antonio João de peito aberto, enfrentando corajosamente as tropas inimigas, numericamente muito superiores às suas. Quanto ao Ervateiro, é só devolvê-lo ao lugar de onde foi tirado, curando-lhe as feridas abertas pela mutilação.

Eleições extemporâneas. Vivas à Democracia e à Justiça sul-mato-grossense. Teremos eleições no dia 6 de fevereiro para escolhermos o nosso prefeito e vice. Mas vivas também ao movimento social organizado, o Comitê de Defesa Popular, que foi às ruas clamar pelas eleições.

Coligação esdrúxula. Nunca pensei que viveria para ver uma composição como a que aconteceu em Dourados. É fato ímpar, inusitado, esdrúxulo. O PT e o DEM coligados e estabelecendo uma aliança com o PMDB e mais 13 partidos. Isso é como tentar misturar água com óleo.

Difícil explicar. Eu me curvei a essa coalizão. Francamente, tinha disposição em colocar novamente o meu nome à prova, mas o meu partido não julgou sensato. Então curvamo-nos e vamos nos esforçar para dar certo, para o bem de nossa cidade. Se água e óleo não se misturam, podem ao menos conviver juntos num mesmo recipiente.

E no interior do PT? Se é difícil explicar uma coalizão DEM e PT, difícil também entender como forças internas dentro do PT se digladiam

em luta fratricida. O encontro petista que decidiu pela coligação realizou-se no plenário da Câmara, no dia 28 de dezembro, tendo sido um encontro fechado, até mesmo para os filiados que não eram convencionais. E o que aconteceu? Vazou um vídeo com um discurso do Tetila mandando o DEM para o inferno. Ora, ora, o que é isso companheiro?

Passaia. Quando Passaia realizou as suas famosas gravações, pode ter sido considerado traidor por aqueles que foram pegos, mas ao menos ele teve lá as suas justificativas. Estava defendendo o patrimônio público. Agora, esse “companheiro” que filmou o Tetila estava defendendo o quê? Uma proposição de candidatura própria que não foi vencedora? Somente isso?

Convergência Socialista. Está passada a hora de a Articulação de Esquerda do PT ter a mesma grandeza que teve a antiga tendência Convergência Socialista que, não comungando mais com os ideais petistas, organizou um partido autônomo, o PSTU. Ou então agir como Heloisa Helena que, com um grupo de companheiros também descontentes, saiu do PT e fundou o PSOL. Melhor deixar o partido do que trair um companheiro como o Tetila, que sempre acolheu em sua administração essa ala que somente lhe retribuiu com aborrecimentos.

Difícil, mas não impossível. A convivência entre os quinze partidos que compõem a coligação para os próximos dois anos de governo em Dourados será difícilíssima. No entanto, assim como a água e o óleo podem conviver juntos, sem se misturarem, também na administração pública esses oponentes históricos poderão ocupar o mesmo espaço (a prefeitura de Dourados) sem que os diferentes aliados percam as suas respectivas ideologias. Para tanto será necessário saber o que cada um pensa para que possa haver o devido respeito entre as várias posições.

Exemplos. O DEM defende a qualidade total, a competência, o individualismo; o PT, em contrapartida, defende a qualidade social, a capacidade, a ação coletiva. O DEM entende que se o governo tenta acabar com a pobreza está fazendo caridade; o PT entende que é obrigação governamental fazer a distribuição de renda por meio de políticas públicas.

O DEM defende o ensino privado; o PT, o ensino Público. E vai por aí afora.

Diferenças ideológicas. Vale uma ressalva, as divergências ideológicas, como as expressas nas diferentes concepções assinaladas, são muito menos graves do que o fisiologismo, a gana por cargos, o mau caráter e a corrupção.

Fernando Pessoa. Parafraseando esse magistral poeta português, poderíamos dizer: Oh! Dourados, por ti quantos filhos seus choraram. Mas valeu a pena? Inclusive essa coligação maluca? Tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Crônicas em retalhos: instintos e reflexões

28/01/2011

O voo do urubu. Esse pássaro de grande porte sobrevoa os prados, bosques e até cidades, atinge uma altura considerável e plana vagarosamente. Uma pessoa que não tenha preconceitos em relação aos urubus diria que o seu voo é elegante e muito mais bonito, se comparado ao de outros pássaros, como codornas, seriemas e perdizes, por exemplo. Mas, o diabo é que mesmo podendo ver toda a beleza da Terra abaixo de suas asas, os urubus somente enxergam a carniça, por menor que seja.

Beija-flor. Em relação aos beija-flores, não temos preconceitos. Nós os olhamos até mesmo com ternura. Pequenos, coloridos e cintilantes, eles alegam os nossos olhos e seus voos nos impressionam pela velocidade no bater das asas e precisão na hora de alimentarem-se do néctar das flores. Planam também e até são capazes de uma marcha à ré. São insensíveis à carniça, ao contrário, somente relacionam-se com as flores.

A onça e o leão. Esses animais, mamíferos, embora não tenham asas para voar, são dotados de músculos vigorosos que lhes permite corridas longas e velozes. Jamais seriam capazes de ver alguma beleza nas listras de uma zebra ou no colorido de uma pequena girafa. Enxergam nos outros animais apenas e tão somente a fonte de sua alimentação.

Os animais vegetarianos. Não obstante a existência de um bom número de carnívoros, a maioria dos animais é vegetariana. Vivem dos frutos, das folhas e das gramíneas que vicejam nos campos e bosques. Mesmo temendo os animais carnívoros, mesmo tendo o instinto de que eles são seus inimigos, não enxergam neles possibilidades de revanche, não conseguem alimentarem-se deles, mesmo que as oportunidades lhes surjam.

Os peixes. Assim como os que vivem na terra ou no ar, os animais que habitam as águas também têm as suas preferências alimentares. Embora pareça não haver exceção ao gosto por uma suculenta minhoca, a verdade é que alguns peixes não se interessam tanto pela carne quanto outros, a exemplo do peixe dourado ou da piranha.

O bicho homem. Assim como todos os demais animais, a nossa espécie também se divide entre os que apreciam um bom assado e os que preferem vegetais. Mas a nós não bastam esses alimentos porque não somos movidos apenas pelos nossos instintos. Nós, o bicho homem, nos alimentamos também de coisas imateriais, como o amor, o ódio, a ternura, a raiva. Enfim, cada qual segundo a sua formação. De comum a todos, com certeza, é o alimento da esperança. Esse sentimento é unanimidade entre os humanos, não há quem não tenha se alimentado de um fio de esperança por alguma coisa nessa vida.

A esperança. Escrevi no livro *Edificando a nossa Cidade Educadora* uma frase que transcrevo aqui: “Se todas as luzes se apagarem à frente de seus olhos, vire-se para os lados e encontrará em algum canto ao menos uma chama acesa. É a esperança. Alimente-a e ela lhe acenderá novamente todas as outras luzes”.

Bicho é bicho. O urso fez um acordo com o lobo. Nem sei ao certo o que combinaram, mas o urso exigiu que o lobo escrevesse aquilo que havia prometido. Eita falta de confiança que existe entre os bichos. O lobo, para não passar por analfabeto, recusava-se a dizer que não sabia escrever. Ficava apenas insistindo que bastava um fio de pelo de cada um para selarem o acordo. Melou.

A raposa e o coelho. Tal como o lobo e o urso, o coelho e a raposa também fizeram um pacto. E o coelho insistia em que a raposa assinasse um documento, pois sabia que ela tinha a fama de ser muito esperta e que, por via de consequência, poderia enganá-lo. A raposa não teve dúvidas, aproximou-se de uma região arenosa, traçou com a patinha direita vários riscos no chão e disse ao coelho: “Eis aí, tudo escrito como você deseja”. O coelho, que sabia falar, mas não sabia ler e não queria demonstrar, olhou para aquilo e deu-se por satisfeito. Foi, evidentemente, duplamente logrado, em primeiro lugar porque nada estava escrito e, em segundo, porque a primeira chuva apagou todos os rabiscos da raposa.

Esopo. A esse grego legendário foi atribuída a autoria de várias fábulas de cunho moral e alegórico que tinham como personagens principais os animais. Com suas fábulas Esopo procurava mostrar como os seres humanos deveriam agir tanto para o bem quanto para o mal. Quem não conhece as fábulas da cigarra e da formiga, da galinha dos ovos de ouro, do boi e do sapo e por aí afora?

Documentos escritos. Os documentos escritos foram inventados para que as pessoas se lembrem daquilo que firmaram, mesmo decorrido muito tempo. Foram inventados para que, em caso de falecimento de uma das partes, os herdeiros saibam o que foi tratado. Nem me passa pela cabeça que os documentos escritos tenham sido inventados por desconfiança uns dos outros. Imagine?

Hilário e irônico. Dia desses um amigo escreveu um *e-mail* dizendo-me que eu estava a cada dia mais hilário e irônico. Tomei hilário como sinônimo de alegre e irônico como sinônimo de zombeteiro. Horas bolas, vamos botar um sorriso nos lábios porque cara feia não paga conta e nem tapa os buracos de nossa cidade.

CAPÍTULO III

CRÔNICAS DIVERSAS

Circuito médico

20/01/10

Quando jovem ouvia os mais velhos dizerem que a vida começava aos quarenta. Imaginava que essa máxima quisesse dizer que era a partir dos 40 que se começava a desfrutar das delícias da vida, graças às experiências somadas. Besteira! A vida começa a cada manhã que desponta.

A vida que se inicia aos quarenta (ou cinquenta) é aquela em que a gente tem que dedicar boa parte de nosso tempo correndo atrás de médicos das mais variadas especialidades. E são tantas. Existe até uma piadinha meio sem graça, mas que ilustra como a sabedoria popular procura conviver com essa profusão de modalidades médicas. O cidadão foi ao médico especializado em dor no dedão do pé, esperou uma hora no consultório. Ao entrar foi informado do equívoco que cometera: aquele médico era especialista em dor de dedão de pé direito e o paciente se queixava do esquerdo.

Brincadeiras à parte, a verdade é que toda ciência busca aprimorar-se por via da especialização, e com a medicina não seria diferente. São inúmeras as especialidades médicas, e surgem sempre novas modalidades, algumas com nomes incompreensíveis para os leigos. E os exames, que já se tornam rotineiros para detectar moléstias até pouco tempo completamente desconhecidas ou confundidas? Quantos haveriam?

As pessoas com mais de quarenta (ou cinquenta) bem sabem que é em torno dessa idade que começa a grande conspiração das doenças em

relação ao organismo. Portanto, ao menos uma vez por ano devemos fazer uma espécie de revisão geral. Olhos, ouvidos, garganta, coração, aparelho digestivo, circulatório, urinário. Enfim, um *check-up*, porque, como já dizia minha avó: “É melhor prevenir do que remediar”. É um absurdo que muitos de nós, brasileiros, sejamos mais atenciosos com as revisões de nossos carros do que com a de nosso próprio corpo.

Como a média de vida do brasileiro está aumentando significativamente – se não me falha a memória, já estamos beirando os 73 anos –, imagine o caro leitor como está aumentando também a procura por médicos. Um *check-up* anual leva o paciente a fazer uma peregrinação, passando por muitos e diversos consultórios. Nesse circuito entre médicos e laboratórios, com certeza, o paciente verificará – além da nefasta ação do tempo sobre o próprio organismo – que os consultórios estão superlotados e que os médicos já não estão conseguindo atender à sua antiga clientela, formada ao longo dos anos.

Esses consultórios, repletos hoje em dia em Dourados, são réplicas dos de Campo Grande, dez anos atrás, e que persistem até hoje. Até pouco tempo, toda a população do MS e muitas vezes de países vizinhos procuravam Campo Grande por ser o maior e mais bem preparado centro médico-hospitalar num raio de mais de seis centenas de quilômetros.

Atualmente, a pressão que era exercida sobre a rede médico-hospitalar de Campo Grande foi dividida em grande parte com Dourados, que tem exercido o papel de metrópole regional também em vários outros setores. Esse desafio para Campo Grande e o aumento da demanda para Dourados não tem somente a ver com a condição de metrópole regional da cidade, mas também com a qualidade do atendimento médico-hospitalar, que melhorou sensivelmente nos últimos anos devido à criação do Curso de Medicina no campus do CEUD/UFMS.

Implantado em 2000, o curso de Medicina da UFGD está completando uma década de existência. Nesses dez anos, como esperávamos, ele provocou mudanças significativas na estrutura médico-hospitalar da região. O curso em si e a Universidade como um todo trazem para dentro da

cidade o conhecimento atualizado, as técnicas mais avançadas. Mesma face da moeda, dada a grande concorrência e o rigor na seleção, o curso recebe alunos muito bem preparados que provocam a necessidade de os professores se atualizarem constantemente. Os médicos em geral, mesmo não atuando no curso, obrigam-se também ao aperfeiçoamento constante porque nesse mundo tão concorrido ficariam desatualizados em relação aos próprios formandos. Forma-se um círculo virtuoso com grandes benefícios para todos os segmentos da cidade, especialmente para os pacientes.

E eu, particularmente, que era diretor do CEUD/UFMS quando foi criado o curso de Medicina em Dourados, hoje sou duplamente grato. Primeiro a todos os cidadãos e entidades que empreenderam a grande luta para a implantação do curso; segundo, pela atenção que tenho recebido no atendimento médico nessa minha revisão de 62 mil quilômetros, felizmente, ao que tudo indica bem rodados.

A invasão do Haiti pela solidariedade humana

22/01/10

Confesso que me entusiasmei com a solidariedade universal verificada logo após a tragédia sísmica que envolveu o Haiti. E não foi pura e simplesmente solidariedade enquanto manifestação desse sentimento próprio da natureza humana, em que as pessoas, diante de tragédias, mesmo que inconscientemente, reconhecem-se como iguais; mas solidariedade institucional, de estado para estado. Aviões de todos os continentes pouparam em Porto Príncipe, com equipes de resgate, água e alimentos.

Não tenho a menor ideia de como os haitianos sentiram essa solidariedade, se é que em meio a tamanha desgraça, há tempo para alguém pensar em alguma coisa. Um povo pobre, o mais pobre das Américas, vivendo em um Estado cujas instituições estão praticamente falidas, necessitando de monitoramento da ONU para tentar (re)erguer-se, naturalmente fica muito mais vulnerável em relação à tragédia, do que, evidentemente, um

Estado organizado, com instituições em funcionamento pleno. Mas, de alguma forma, o movimento altruísta há de ter influído na conduta daquele povo, há de ter alimentado uma chama de esperança de que nem tudo estava perdido, há de ter refreado o recrudescimento de instintos primitivos de luta pela sobrevivência.

Não fora essa imediata ação internacional, penso que seria inimaginável o que poderia ter acontecido no Haiti. Veio-me à mente uma obra de ficção escrita em 1954 por William Golding, intitulada *O Senhor das Moscas*. Um avião, cujos passageiros eram jovens, cai em uma ilha deserta, verdadeiro paraíso. A tripulação morre, os jovens ficam sós. No início tentam se organizar, escolhem um líder, fazem coletas de frutos, socorrem uns aos outros; no final instala-se a barbárie, boa parte das crianças tornam-se cruéis e, na luta pela sobrevivência e pelo poder, perseguem-se, ferem-se, matam-se entre si.

Contrariamente a Robinson Crusóé que, de certa forma, civiliza a natureza, as crianças de *O Senhor das Moscas* barbarizam aquela ilha edênica onde caíram.

Reflexões dessa natureza nos levam a retomar com certa frequência uma dúvida já tão debatida em clássicos iluministas: o homem é bom e a sociedade o perverte, ou a sociedade molda o comportamento humano tornando-o civilizado? Em outras palavras: como seria o ser humano não fossem as regras sociais estabelecidas ao longo dos últimos milênios?

Mas, deixemos a ficção, quem leu *Os sobreviventes dos Andes* ou *Papillon*, histórias verdadeiramente acontecidas, poderá lembrar-se perfeitamente de que, quando a fome aperta, o canibalismo não é descartado.

E eis que, enquanto nos deparamos com o sofrimento dos haitianos e com a concomitante solidariedade internacional, recebo um e-mail que me ensina a como retirar uma rolha de dentro de uma garrafa. No vídeo, um cidadão força a penetração de uma rolha em uma garrafa, depois enrola um saquinho plástico em forma de canudo e o enfia na dita garrafa, mexendo-a a seguir de tal modo que a rolha desliza para a proximidade do gargalo e fica entre o vidro e o canudo. Ato seguinte, o cidadão assopra

pela boca do saquinho plástico e, assim que o infla, puxa-o trazendo consigo a rolha que estava dentro do recipiente.

Ah! imagino eu com os meus botões: enquanto houver tamanha criatividade humana, não haverá miséria no mundo. Pouco importa se os Estados Unidos, arrogantes como sempre, assumiram o controle do tráfego aéreo em Porto Príncipe, alguém tinha que fazê-lo diante do caos que se instalara. Ah! mas aí é uma questão geopolítica, os Estados Unidos estão protegendo os seus interesses, dirão alguns, e não solidariedade.

E, não obstante o show que os brasileiros estão dando na (re)organização haitiana, sem uso da violência, não faltou quem dissesse que o Exército brasileiro está no Haiti para preparar-se para enfrentar conflitos nas nossas favelas e não por questão humanitária.

A exemplo da marchinha do início dos anos 60 – “deixam que digam, que pensem, que falem” –, o mundo está bem melhor e vai melhorar ainda muito mais à medida que os povos forem elevando o seu nível civilizatório a ponto de concluírem que é possível tirarmos a rolha da garrafa sem quebrarmos nenhuma das duas.

A invasão do Haiti pela política imperialista

24/01/2010

Em crônica escrita na semana passada, demonstrei o meu entusiasmo em relação à solidariedade internacional verificada quanto à tragédia que abalou o Haiti. Em consequência, recebi muitos e-mails, como nunca antes recebera sobre uma mesma crônica. Hoje pretendo abordar algumas questões políticas subjacentes à ajuda que, de certa forma, mesmo que parcialmente, respondem aos comentários dos leitores. Antes, porém, um pequeno recuo ao passado não tão distante.

No final dos anos 60, a Ditadura Militar implantada em 64 consolidava-se usando, de um lado, da repressão aos seus contrários e, de outro, de intensa propaganda massificando a ideia de um Brasil grande, prestes a transformar-se em potência mundial.

Nessa época, eu cursava a graduação em História e, dentre os meus professores, um deles, Paulo Henrique da Rocha Correa, talvez por cointerligar as mesmas ideias do governo militar, defendia as suas teses imperialistas. Em dois de seus livros, *O Brasil e as Guianas* e *Fronteiras do Brasil*, defendia a anexação do Uruguai (antiga província brasileira, então chamada Cisplatina), do Paraguai e das Guianas (sendo que a Francesa já fora brasileira) ao Brasil.

Era uma época em que a Geopolítica era disciplina importante e estudava-se, por exemplo, a importância estratégica de Gibraltar, Ilhas Malvinas, Cuba, Suez, Panamá. Também a tese de que população e extensão seriam sinônimos de poder era defendida por esse professor, que não passava uma aula sem que nos alertasse para o “perigo Amarelo” (referindo-se principalmente à China, pela sua extensão territorial e densidade populacional).

Minha turma repugnava essas teses. Éramos anti-imperialistas e, por via de consequência, antiamericanos. A própria Ditadura Militar implantada no Brasil, de certa forma, era consequência da estratégia geopolítica norte-americana de não permitir outra Cuba nas Américas. Vivíamos a Guerra Fria, imagine um país com as dimensões do Brasil aproximando-se do Bloco Soviético?

Passados os 21 anos da nefasta ditadura e mais os 25 anos da democratização, o Brasil encontra-se em vias de tornar-se uma grande potência, dessa vez de verdade. Dessa forma, algumas atitudes governamentais parecem-nos estranhas. Por que haveria o Brasil de agraciar o Paraguai com três caças tucanos? Por que haveria de conceder um reajuste significativo ao preço da energia de Itaipu? Por que haveria de fazer tantas concessões nas relações comerciais com a Argentina? E as concessões à Bolívia? E a firme, embora frustrada, tentativa de manter Zelaya na presidência de Honduras? Por fim, mas não que os exemplos se esgotem, por que trombar com os Estados Unidos no caso da ajuda ao Haiti?

Simples: sendo uma grande potência, a diplomacia brasileira age como tal. Não se trata de imiscuir-se em assuntos alheios. As coisas acon-

tecem naturalmente. Israel e Irã, países antagônicos, ambos vieram buscar intermediação brasileira. Obama chamou Lula de “o cara”. O mais conhecido jornal francês, *Le Monde*, escolheu o presidente brasileiro como “o homem do ano” e o Fórum Econômico Mundial elegeu o presidente brasileiro “estadista mundial”.

No entanto, existe um “mas”, uma conjunção adversativa que sempre se faz presente. Mas, enfim, se o Brasil se consolida como potência econômica, não se pode dizer o mesmo em termos militares. Aeronáutica, Exército e Marinha, que constituem as nossas Forças Armadas, somente tiveram certo poder de fogo em relação aos nossos vizinhos, na época Imperial. Em decorrência dessa contradição entre poderio econômico e militar é que o Brasil está comprando caças e submarinos. Pode soar estranho que o Brasil esteja se armando, devido sua história pacifista, no entanto, é isso: é usual as potências econômicas se armarem para defenderem os seus interesses.

Armamo-nos em princípio para nos defender. Mas, governos mudam. Mudam também as circunstâncias.

Antes do terremoto, por exemplo, o Brasil estava no Haiti comandando uma força de Paz da ONU (Minustah). Estávamos orgulhosos de nossa postura e o mundo todo nos elogiava pela maneira como os nossos soldados conduziam a reconciliação daquele povo tão sofrido. Subjacente ao nosso jeitinho brasileiro de fazer as coisas, tínhamos a intenção de mostrarmos-nos capazes de ocupar uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU.

De repente a tragédia, os Estados Unidos agiram rapidamente: assumiram o controle do aeroporto, desembarcaram suprimentos e militares. Tenho dúvidas se algum outro país poderia ter feito melhor. Mas, novamente o mas, no Haiti estão soldados e bombeiros de dezenas de países, todos submetidos à Minustah, ou seja, à ONU. Por que os Estados Unidos vão entrando e logo tomando conta? Essa é a bronca da guarnição e da embaixada brasileira.

Mas qual é a nossa? Encarar os Estados Unidos? Mesmo que tivéssemos imediatamente à nossa disposição dez vezes mais caças e submarinos do que agora estamos encomendando não daríamos conta desse

recado. Então devemos nos preparar para o futuro e igualarmo-nos militarmente aos Estados Unidos na medida em que eles vivem franca decadência econômica e nós temos perspectivas promissoras?

Seria possível duas superpotências nas Américas? Ou precisaremos que uma destrua a outra? “Delenda Cartago est”, dizia Cícero, e Roma destruiu mesmo Cartago para ser o Império que foi.

Haverá uma Terceira Guerra Mundial? As Américas se unirão à Europa para enfrentar o poderio Chinês? A África, cansada de sofrimentos, estará de que lado?

É difícil resumir em uma crônica o que talvez comportasse várias teses. Mas, em conclusão, desejo dizer que: a) da mesma forma como condeno o imperialismo norte-americano, sou também contrário a qualquer manifestação de imperialismo brasileiro; b) o Brasil não pode meter o carro na frente dos bois e desejar ser potência militar sem que seja ainda sequer uma das três maiores potências econômicas da Terra; c) a disputa entre Estados Unidos, Brasil e ONU é indigna para o nosso século 21; d) a destruição do Estado Haitiano (com participação determinante dos Estados Unidos) foi muito mais pernicioso do que o próprio terremoto, porque, se as instituições do Haiti estivessem fortes, quiçá nem precisassem de tanta ajuda internacional, haja vista o Katrina nos Estados Unidos, guardadas as devidas proporções; e) o Brasil precisa continuar perseguindo tenazmente a sua vocação pacífica, e, sendo potência, deve servir de exemplo ao mundo, ajudando a fazer do século 21 o SÉCULO DA PAZ.

É altamente positiva a participação internacional na recuperação do Haiti naquilo que diz respeito à solidariedade que vem sendo prestada. Que a globalização se dê dessa maneira, com a consciência de que somos uma única raça: a raça humana.

Plano Nacional de Desenvolvimento Humano

Muito se tem falado sobre o terceiro PNDH em artigos, editoriais e cartas a órgãos de comunicação. Li várias críticas ao documento e algumas agressões, não só ao Plano em si, mas aos seus idealizadores.

As críticas devem ser sempre bem-vindas, entendendo-se por crítica a arte de examinar e julgar uma obra dentro de determinados conceitos. Quanto às agressões, são sempre perniciosas porque são unilaterais, partem de pessoas ou mal informadas ou com intenções de defender algum tipo de interesse particular ou de categorias.

Aprendi recentemente com Helio Schwartsman, da *Folha*, que os Planos Nacionais de Direitos Humanos surgiram em 1993, quando, pela Declaração de Viena, 171 nações aprovaram a interdependência entre Democracia, Desenvolvimento Econômico e Direitos Humanos e a indivisibilidade de sua aplicação. Dada a amplidão dos temas abordados, os PNDHs resultaram em documentos complexos e volumosos; portanto, passíveis de muitas (re)elaborações até o seu aperfeiçoamento. Tanto é verdade que o Brasil aprovou o primeiro Plano em 1996 e já vamos para o terceiro.

FHC, embora tenha aprovado um desses planos em seu governo, foi um dos primeiros a manifestar-se contrário, dando assim combustível aos opositores do atual governo para as mais variadas manifestações. Mas não somente ele e a oposição do PSDB e DEM, também a imprensa, ruralistas, Igreja e militares mostraram algum tipo de insatisfação diante do Plano. Por outro lado, entidades ligadas à defesa dos Direitos Humanos acham-no demasiadamente tolerante.

Todos devem ter as suas razões e o direito de defendê-las, no entanto, vejo solidez e coerência apenas nos argumentos da Igreja. Se a imprensa reclama de liberdade, então porque não assume uma campanha para esclarecer as centenas de casos que ficaram ocultos nos arquivos do Exército? Os ruralistas reclamam do direito de propriedade esquecendo-se completamente de que a terra tem a priori uma função social. Setores do Exército, por sua vez, alegam que a partir de 1964 houve um conflito armado e que, portanto, os militares exerciam funções inerentes às suas atribuições.

Carlos Heitor Cony, um dos milhares de presos pelo regime militar de 64, esclarece, em crônica do dia 14/01/2009 na *Folha*, que não se deve confundir o conflito com a repressão que torturou e matou durante o pe-

ríodo de 1964 a 1985. E não se trata também de uma caça às bruxas, mas, sim, de permitir-se a busca da verdade em torno das centenas de desaparecimentos ainda não esclarecidos.

Outro iminente articulista da *Folha*, Elio Gaspari, é categórico ao afirmar que investigar crimes do Estado não pode representar intranquilidade entre as forças Armadas, como afirma FHC. Não permitir a investigação se configuraria como indisciplina. Intranquilidade só poderia ser motivada por fatores como ameaça às fronteiras ou às reservas petrolíferas.

Acrescento ao pensamento de Gaspari que o Exército de hoje não pode solidarizar-se com a repressão do passado. O mundo evoluiu e melhorou e o Brasil não ficou atrás, ao contrário, avançou e avançou bastante em todos os setores, mas ainda tem que melhorar o seu Índice de Desenvolvimento Humano. E é com Planos como o PNDH que haveremos de avançar ainda mais. Que venham as discussões, que venham as críticas, que haja adequações aqui e acolá, mas que o Plano seja mais um marco do respeito que o Estado deve ter em relação ao cidadão.

Janeiro é mês de leituras amenas.

Amenas?

31/01/10

Para as pessoas já amadurecidas, o alicerce está no antigo, o novo apenas acrescenta. É salutar, portanto, manter um equilíbrio em nossas leituras, acompanhando o quanto pudermos o novo, mas não nos esquecendo dos clássicos que nos formaram. Acostumado, até pouco tempo atrás, a passar o ano fazendo leituras de obras técnicas, quase sempre áridas, janeiro sempre foi, para mim, o mês de espairecer com leituras diversas do meu campo de trabalho – a história – não faltando uma visita, mesmo que rápida, à obra machadiana. Nesse ano foi diferente, Machado de Assis que me perdoe, mas (re)visitei Vinicius: *O melhor de Vinicius de Moraes* e *Para Viver um Grande Amor*, Mário Quintana: *A Vaca e o Hipogrifo*; Mário

de Andrade: *Macunaíma* e Franz Kafka: *O Processo*. Sobre este último farei uma crônica à parte.

São muito boas leituras, as três primeiras mais amenas, se o caro leitor não tiver o hábito de recorrer, sempre que for preciso, a um dicionário. No meu caso, não tendo um dicionário à mão li as obras de Vinicius e Quintana anotando em um bloco as palavras que me eram desconhecidas. Somente depois recorri ao dicionário e enquanto procurava fiquei imaginando como é rica e, ao mesmo tempo, complexa a nossa Língua Portuguesa.

Resolvi juntar essas palavras recolhidas dos livros com mais algumas outras retiradas de uns artigos de jornal e eis o texto que formulei (peço que o leitor tenha paciência, pois em seguida eu mesmo apresentarei a “tradução”).

Partenogênese? Não, um incubo vindo em um vórtice, sem chirivari, gerou o renovo, diziam as sacripantas daquele ludreiro onde viviam, um ermo anômico.

Tatalando com moquéns, as megeras macabras atraíram a atenção do renovo e provocaram-lhe uma concussão cerebral que levou o desditoso a decesso.

Na tasca a catadura era para a risota. Deliquescentes diziam-se rajaputros, mas aplastados com o cacofônico burburinho, contentavam-se em serem considerados aedos.

Esses deliquescentes junto às megeras fizeram pira do taipal incinerando a progenitora com o filho decesso.

É, meu caro leitor, isso é língua portuguesa. Veja a “tradução”:

Reprodução sexual em que um óvulo se desenvolve sem ter havido fertilização? Não, um demônio masculino, vindo em um furacão, sem tumulto, gerou o filho, diziam as pessoas desprezíveis daquele lamaçal onde viviam, um lugar sem lei.

Produzindo um som seco com varas, as mulheres de mau gênio, representantes da morte, atraíram a atenção do menino e provocaram-lhe um estado de inconsciência em virtude do golpe que levou o desventurado à morte.

Na taberna o estado de espírito era para o riso. Decadentes diziam-se nobres, mas cansados com os sons desagradáveis do barulhão, contentavam-se em serem considerados poetas.

Esses decadentes junto às mulheres de mau gênio fizeram fogueira nas tábuas da casa, incinerando a mãe com o filho morto.

Como é que obras amenas, obras gostosas de serem lidas podem ter tantos palavrões em seu conteúdo? E eu não teria nada mais importante a fazer do que ficar juntando essas palavras na formação de uns parágrafos que, se os ler amanhã, não saberei o que querem dizer? Não teria sido melhor passar por cima dessas palavras e concentrar-me mais na mensagem dos autores?

Ocorre que as palavras que juntei estavam dispersas nos três livros citados (de Vinicius e Quintana), cada uma delas tinha um lugar exato para ser posta. Um lugar que dava rima ou ritmo ao texto. No lugar delas, constituem-se na sublimação do bruto pela arte, onde as coloquei ficaram forçadas, dando ao texto um desencanto total. Cada coisa em seu lugar.

Assim é com as letras, assim é com a vida. A sabedoria consiste em sabermos encaixar as coisas nos seus devidos lugares.

Em tempo: Sobre *Macunaíma*, como diria o próprio personagem: “Deu uma preguiça...”.

Não existe o incompreensível, o que conta é a nossa limitação

4/02/10

Tudo o que existe (ou vier a existir por descoberta ou invenção) é compreensível. A compreensão, no entanto, não está no objeto existente, mas no ser que o olha e examina. Quer dizer, a compreensão das coisas está em nós, em nosso grau de conhecimento, em nosso estágio de desenvolvimento intelectual.

Isso é uma verdade irrefutável que se pode provar com facilidade a partir de pequenas coisas. As operações aritméticas, por exemplo, exis-

tem e são simples para nós, adultos escolarizados, mas para uma criança, quantos anos são necessários até que ela adquira o raciocínio matemático? O movimento de um carro ou o voo de um avião só poderá ser compreendido por aqueles que tenham algum conhecimento de física e mecânica. E assim por diante... desde as coisas mais simples até as mais complexas.

Com os livros não é diferente. A compreensão do texto depende de nós. De nossa idade, de nosso amadurecimento intelectual. Um adolescente provavelmente se encantará com Harry Potter e não terá paciência para ler dez páginas de Nietzsche

Por isso, é recomendável que retomemos as obras lidas no passado. Particularmente, tenho feito isso com certa frequência na tentativa de encantar-me novamente com elas, descobrir novos encantamentos ou, ainda, tentar entendê-las, se não o consegui na primeira leitura.

Compreender é tornar simples as mais complexas operações do raciocínio humano. Compreender é sentir um prazer estonteante em libertar-se da alienação, em saber-se capaz de desvelar as coisas.

Senti esse prazer ao (re)ler *O Processo*, de Kafka. Romance tido e havido como de difícil compreensão.

A obra conta a história de Josef K, um alto funcionário de um banco que é detido porque tem contra si um processo. Um processo cujo teor ele desconhece, mas tem que responder. Josef K passa um ano atormentado, procurando saber do que se trata, e do que é acusado. Tudo em vão, não consegue sequer que o processo se arraste por muito tempo, acaba executado por dois oficiais que lhe transpassam uma faca na garganta. Morre como um porco, no dizer do próprio Josef k.

Quando li *O Processo* pela primeira vez, ainda muito novo em idade, fiquei estarecido, embasbacado com o drama do protagonista Josef K. Não fui capaz de compreender àquela época a simplicidade da obra. Nessa (re)leitura, *O Processo* saltou-me à vista com a limpidez cristalina das águas virgens que descem das serras.

O que está no romance de Kafka está na vida real de praticamente todos nós: as circunstâncias que nos cercam, os amigos, os inimigos. As

intrigas de ponta de rua ou dos corredores palacianos fazem de nós vítimas de um ou de vários processos. Os tribunais, como no romance, estão em todas as partes, em todos os sótãos. As pessoas nos olham de soslaio porque temos um processo; antigos amigos se afastam e nos repudiam porque temos um processo; alguns, por pena ou por nos julgar incapazes de sofrer um processo, até tentam ajudar, mas nada podem. Ficamos até insones tentando descobrir as causas de nossos “processos”, entretanto, da mesma forma que Joseph K, somos julgados por juízes sem toga, mas que se julgam capazes de serem juízes, e acabamos condenados sem que ao menos saibamos a nossa culpa.

Triste mundo esse dos “processos” que sofremos ao longo de nossas vidas. A fachada na garganta (ou nas costas) pode não ser factível, pois os executores dos processos podem não querer tirar a nossa vida real, mas fazer de nós um ser invisível.

Chego à conclusão de que, assim como *O Processo*, não existem livros incompreensíveis, existem leitores ainda sem o suficiente preparo para certas obras, assim como seres humanos despreparados para a vida. Será que os instituidores de “processos” têm consciência do drama que provocam aos “processados”? Ou eles também são vítimas inocentes, que, por sua vez, sofrem outros processos? A síntese de nossas vidas, enfim, não poderia ser um processo de “processos” que se sucedem para o bem ou para o mal?

Ainda há adoradores de trabucos e baionetas

14/2/2010

É incrível como conceitos tão superados ainda encontram ressonância na sociedade. Alguém, já de olho nas eleições municipais de 2012, anunciou que governaria a sua cidade como uma grande empresa. É gente da mesma estirpe que anuncia a competência como panaceia de uma administração pública.

De fato, para se administrar uma empresa necessita-se de competência, ou seja, certa gana para competir, para ganhar do concorrente. Para administrar uma cidade é preciso ter capacidade, o que é um tanto diferente de competência, embora os dicionários já não diferenciem tão precisamente os dois termos.

Administrar uma cidade não é fazer concorrência com outras coirmãs, embora ainda existam mentalidades argumentando o contrário. Administrar uma cidade é ter a capacidade de dar aos seus cidadãos os meios necessários para uma existência digna, promovendo a geração de empregos, oferecendo educação e saúde de boa qualidade, gerando condições de moradia e transporte adequados, e elevando o Índice de Desenvolvimento Humano dos cidadãos.

O mesmo conceito pode muito bem ser aplicado aos estados de uma federação: o governo central deve promover o desenvolvimento harmonioso de todas as células que formam o país. E se essa mesma regra não se aplica entre os países não é porque o conceito não seja válido, mas porque o nível civilizatório da humanidade ainda não alcançou essa compreensão. Então os estados precisam se armar e competir para serem melhores e mais fortes uns em relação aos outros.

Agora, ainda piores do que esses conceitos ultrapassados de governo do tipo empresarial, mas que encontram guarida no seio do eleitorado, existem coisas muito piores. Menciono duas: o patrulhamento ideológico e o golpismo.

O exemplo mais recente de patrulhamento ideológico em Mato Grosso do Sul deu-se em relação à declaração do prefeito Nelson Trad em apoio a Dilma Rousseff para presidente. Nelsinho é do PMDB, o PMDB é aliado do PT, por que então certos jornalistas engajados censuram de maneira aberta ou subliminar a atitude do prefeito de Campo Grande? Por que, ao invés de censurarem o prefeito de Campo Grande, não cobram atitude idêntica do governador André que, sendo aliado de Lula e recebendo tratamento condigno, chegou a fazer de Dilma a sua fada madrinha?

Quanto aos golpistas, esses ainda não afinaram bem o discurso, mas já saíram a campo, com língua bifurcada, espalhando rumores dúbios. Es-

tavam até há pouco ericados com a eventualidade de um terceiro mandato de Lula; contudo, descartada essa possibilidade – não por poder deles, mas pela firme decisão do presidente em não se render a essa tentação –, ainda que timidamente, ensaiam agora as suas nefastas profecias ditatoriais.

E-mails e mais e-mails, elaborados sabe-se lá onde e por quem, tentam mostrar uma Dilma guerrilheira, capaz de pisar sobre cadáveres e de implantar uma ditadura no Brasil. Outros e-mails e ultimamente até artigos em jornais procuram mostrar a existência de certo desconforto entre as forças armadas que poderia redundar em uma nova ditadura militar. Esse desconforto seria causado, de um lado, pelo “perigo” Dilma e, de outro, pela decisão presidencial em relação à compra dos caças franceses.

Velhos udenistas ressentidos, saudosos do golpismo, chegam ao disparate de afirmar que as ditaduras são cíclicas, o que induz o incauto a pensar que já está na hora de elas voltarem. E por que não no Brasil, diante da iminente vitória da candidata petista?

Cito um historiador francês do século 19, chamado Momsen, não literalmente, porque o li no início dos anos de 1970, mas em tradução livre. Dizia ele que é mil vezes preferível um mau governo eleito pelo povo a uma boa ditadura imposta ao povo. Os maus governos eleitos passam, as ditaduras, por sua vez, como disse Elio Gaspari, são fáceis de serem implantadas, mas difíceis de serem extirpadas.

Por fim, nunca é demais ressaltar que a cada instituição e a cada categoria compete uma missão: aos professores, educar; aos juízes, julgar; aos políticos, governar e legislar; ao exército, zelar pela soberania pátria. Quanto aos pensadores, compete pensar e expor as suas ideias, o que não se pode é pôr em prática ideias que firam os Sagrados Direitos Humanos, que gerem autoritarismos, que levem à prisão, à tortura e à morte de cidadãos.

Aos meios de comunicação, que tanto defendem a democracia e a liberdade de imprensa, cabe a tarefa de denunciar atos autoritários e de desencadear campanhas regulares para que as ditaduras e as consequentes violações aos direitos humanos não se repitam jamais.

Linha do tempo

das Universidades Públicas brasileiras

9/02/2010

Essa crônica explica uma anterior, que recebeu duras críticas porque elogiei a postura do governo Lula em criar mais de uma dezena de Universidades no Brasil, no período de 9 anos.

Desde a fundação da primeira universidade brasileira – a UFRJ, em 1920 – até 1963, foram criadas no Brasil 20 Universidades Federais. Dez delas, coincidindo com o governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek, sendo oito em 1960 e duas no início de 1961.

O ritmo lento do crescimento universitário brasileiro, até o final dos anos de 1950, deveu-se não somente à mentalidade provinciana da época, mas também ao fato de o Brasil ser ainda um país rural. Dos cerca de 52 milhões de habitantes, no início dos anos 50, apenas 36% viviam nas cidades.

O êxodo rural, provocado especialmente pela industrialização brasileira a partir de meados dos anos de 1950, aliado ao vertiginoso crescimento demográfico, exigia dos governantes que sucederam a Juscelino medidas no mínimo idênticas às tomadas por ele em relação à criação de universidades. Para se ter uma ideia, a população brasileira em 1940 era de 41.236.315; em 1950, de 51.944.397; em 1960, de 70.191.370; em 1970, de 93.139.037; e em 1980, de 119.002.706.

Nos anos de 1962 e 1963 foram criadas apenas três universidades em nosso país.

Em março de 1964 foi implantada a Ditadura Militar no Brasil. No período em que os militares ocuparam o poder foram criadas 16 universidades, o que enseja a alguns áulicos mal informados ou intencionados defenderem a Ditadura como impulsora do ensino superior. Vejamos, no entanto, que o período não foi nada favorável ao ensino por três razões principais. A primeira foi a perseguição a centenas de professores, apresentando-os ou exilando os que eram contrários ao Regime. A segunda razão é que, descontada a transformação da Universidade Estadual de

Mato Grosso em Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que foi consequência da divisão do Estado por razões eminentemente eleitoreiras, a Ditadura criou apenas 15 Universidades num período de 21 anos, pelos quais passaram 5 presidentes, além de uma Junta Militar em 1969. Portanto, foram criadas em média 3 universidades a cada cinco anos de Ditadura. A Terceira razão pela qual o regime militar foi nefasto ao ensino público superior é que a Ditadura acabou com os cursos de Sociologia e Filosofia e criou as excrescências de Estudos Sociais para substituir História e Geografia e Licenciatura Curta em Ciências, em detrimento da Química, Física e Biologia.

Entre 1986 e 2002 foram criadas 9 universidades sendo 6 delas no governo FHC, 1 em 2000 e 5 em 2002. Tivesse paralelamente à criação dessas 6 Universidades, contemplado as já existentes, FHC poderia se aproximar de Juscelino, mas o presidente Fernando Henrique, ao invés disso, inspirado talvez no neoliberalismo que imperou em sua época, permitiu uma expansão muito grande de faculdades particulares e promoveu o maior sucateamento já experimentado pelas universidades públicas no Brasil. Além da falta de verba para a pesquisa e a extensão universitárias, cerca de oito mil cargos de professores ficaram vagos nas universidades brasileiras, ao término de seu mandato. E essas vagas eram preenchidas por professores substitutos contratados com salários ridículos, por hora aula ministrada.

Entre 2005 a 2009, período governado por Lula, foram criadas 12 universidades no Brasil, e duas estão em fase de tramitação no Congresso Nacional.

Ora, pois, caro leitor, se na Alemanha, França, Itália, países Europeus, praticamente 100% das Universidades são Públicas e esses países atingiram um elevado grau de desenvolvimento econômico e social, não é de se imaginar que, quanto maior o número de Universidades Públicas no Brasil, maior também será o nosso desenvolvimento?

É para essas coisas que pagamos elevados impostos, não para os trambiques, maracutaias e quejandos.

**As mãos não somente falam
também se expressam**

11/02/2010

Dia desses fui inquirido acerca do que eu achava sobre a maneira de as pessoas se cumprimentarem, mais precisamente, o que eu achava sobre o aperto de mãos. Dei minha opinião rapidamente, dizendo que um aperto de mãos podia até mesmo refletir a personalidade das pessoas. Minha interlocutora, talvez por não ter ficado satisfeita com a resposta, ou quem sabe por ter concordado com ela, querendo aprofundar-se no assunto fez-me o desafio para que eu escrevesse uma crônica sobre o tema.

Aceitei o desafio, mas dei-me conta de que sou leigo nesse assunto, então me pus a pensar o que teria eu visto ao longo de minha vida que dissesse respeito às mãos e motivado a resposta que dei naquele momento. A primeira coisa que me veio à mente foi uma peça teatral: *As mãos de Eurídice*, escrita por Pedro Bloch e representada mais de 60 mil vezes. Mas as mãos de Eurídice, hábeis nas mesas de jogos, não foram capazes de libertarem-se das joias que o amante Gumercindo lhe ofertara outrora e por isso ele a assassinara. Arrancando as joias das mãos da amante, Gumercindo volta a casa, mas já não encontra a família. Mesmo só, monologa com a esposa ausente: “Eu quero cobrir as suas mãos de joias. Eu quero as suas mãos, Dulce. Dulce! Eu voltei, Dulce! Eu voltei!”

Não são as mãos para serem cobertas de joias que me interessam. Busco então no fundo da memória lembranças de uma obra de Friedrich ENGELS, sobre o papel do trabalho na transformação do “macaco” em homem, na qual ele realça a importância das mãos na evolução da espécie humana, realçando o desenvolvimento do polegar opositor em relação aos outros dedos. Sem o polegar opositor o homem não teria atingido tão elevado nível de evolução. Não conseguiria segurar os materiais, fazer as ferramentas e as armas com as quais se tornaria mais forte que os demais animais.

Essas mãos que trabalham, que constroem, essas me empolgam, me fazem crer na sua importância fundamental não só nas edificações

materiais da humanidade, mas especialmente no relacionamento humano. Por coincidir com esse meu sentimento, partilho com o leitor (especialmente com quem me instigou a redigir essa crônica) alguns trechos de o *Monólogo das Mãos*, de Chiaroni.

“Foi com as mãos que Jesus amparou Madalena [...] que Pilatos lavou as mãos para limpar a consciência [...] com as mãos o agricultor semeia [...] o operário constrói. Com as mãos atira-se um beijo ou uma pedra, uma flor ou uma granada, uma esmola ou uma bomba! [...] As mãos fazem os salva-vidas e os canhões; os remédios e os venenos; os bálsamos e os instrumentos de tortura, a arma que fere e o bisturi que salva. [...] Quando nascemos, para nos levar a carícia do primeiro beijo, são as mãos maternas que nos seguram o corpo pequenino. E no fim da vida, quando os olhos fecham e o coração para, o corpo gela e os sentidos desaparecem, são as mãos, ainda brancas de cera que continuam na morte as funções da vida. E as mãos dos amigos nos conduzem...E as mãos dos cozeiros nos enterram!”

Convido o leitor a ver esse monólogo completo no sítio indicado a seguir. <http://netseo.perus.com/monologo-das-maos/>. Vale a pena, entre outras coisas, descobrir ainda que “O aperto de duas mãos pode ser a mais sincera confissão de amor, o melhor pacto de amizade ou um juramento de felicidade”.

A vingança do português

20/02/10

Por ser usuário de óculos ou pela pressa em exterminá-lo com as minhas próprias mãos, não consegui distinguir se o danado do bichinho que pousara no móvel bem à minha frente era listrado ou não. Parecendo ser um pouco maior que um pernilongo, deduzi que fosse o consagrado vilão do momento: o *aedes aegypt*. Minhas repetidas palmadas foram em vão e não sei dizer se ele me transmitiu a dengue e não permitiu a desforra ou se, em protesto às minhas palmadas, é que me transmitiu a dengue.

Mutatis mutandis, pela segunda vez sofri as consequências funestas dessa moléstia cujos sintomas nem vou explicar ao leitor porque não há em nossa cidade e estado quem ainda os desconheça.

Com certeza essa segunda infestação sofrida foi de um tipo mais ameno, pois nem sequer visitei o médico e muito menos notifiquei a ocorrência, mesmo porque estou informado de que as notificações estão sendo negligenciadas diante de tantos casos, o que significa dizer que a epidemia é muito mais abrangente do que os dados oficiais divulgados.

Negligência nas notificações, maior ainda a negligência no combate à praga. Embora todos sejamos responsáveis, cabe ao poder público tomar as iniciativas e assumir o comando, não somente no combate à dengue, mas também nos mais diversos setores que dizem respeito ao bem-estar da população. Inclusive, pode parecer brincadeira, mas tampando os buracos da cidade, pelo menos aqueles menores e não tão antigos, aqueles onde ainda não existem peixes que devorem as larvas do *aedys aegypti*.

Brincadeira! Mas, brincadeira por brincadeira, melhor é a do português que, quando chegou ao Brasil, relatou a um compadre que nas terras de pindorama havia um bichinho pequenino, com asinhas, com o qual ninguém podia.

O compadre recebeu a notícia como um desafio, embarcou para o Brasil e, em aqui chegando, mal cumprimentou o parente, quis saber do tal bichinho. Apresentado a uma cachopa de marimbondos, o português recém-chegado deferiu-lhe tamanho tapa que as abelhas alvoroçadas atacaram-no em massa. E o pobre português, correndo, pulando, debatendo-se e ao mesmo tempo desejando espancar as abelhas gritava: ora raios, venham de uma em uma, não todas de uma vez.

Sem graça? Tenha calma, o leitor, ainda vem pior, mas não atropelamos a crônica. A verdade é que o mosquito da dengue, ao contrário das abelhas atacam individualmente e, se nem assim, podemos com ele, vamos chamar o português.

Não, não o que brigou com as abelhas. Chamemos agora o que venceu o pernilongo, é certo que com grande sacrifício, confessado ao

porteiro do hotel quando pela manhã desceu o português de seu quarto com a cara de sono.

Ora, pois, foi dizendo o português, como haveria de dormir direito se até o meio da noite um pernilongo ficou a zumbir em meu ouvido? Quem dorme? Só ao meio da noite consegui apanhá-lo.

Rapidamente o porteiro aproveitou a pausa para perguntar numa lógica ululante, se após ter apanhado o pernilongo o português havia dormido. “Aí é que não. Quando apanhei o pernilongo, segurei-o pelas asinhas e passei o resto da noite a zumbir-lhe aos ouvidos para ele saber o quanto é bom”.

Desculpem-me pelas brincadeiras sem graça, além de politicamente incorretas, mas que tal darmos um pouco mais de nossa contribuição fazendo um grande mutirão e ficarmos zumbindo nos ouvidos dos *aedes aegypti* para ver se os exterminamos.

Difícil é pegá-los.

A contradição brasileira na área da Saúde

Tem sido tão insistente a propaganda capitalista de desprestígio aos serviços públicos que nós, brasileiros, assumimos essa propaganda como verdadeira deixando de prestar atenção e comparar os serviços que nos são oferecidos. Nem quero falar dos serviços prestados pela Petrobrás, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Correios, Exército, corporações policiais, dentre as quais a mais prestigiada é a dos bombeiros. Também não desejo enaltecer nesse momento a revolução deflagrada pela rede de assistência social que se estendeu por todo o território nacional nos últimos anos, restabelecendo a dignidade do povo brasileiro, estendendo aos despossuídos a mão amiga que outrora poderia ser tanto a de um bom samaritano como a de um inescrupuloso aliciador que poderia levar o cidadão ao descaminho. A crônica de hoje é sobre SUS que, segundo o meu raciocínio, deveria ser defendido por todos os brasileiros, inclusive pelos médicos.

Explico historicamente porque até os médicos, que não são muito bem remunerados pelo SUS, deveriam defendê-lo. Por necessidade, conheci, quando era ainda um menino de 8 ou 9 anos, em Itápolis, um médico, fiel ao juramento a Hipócrates, chamado Romeo, cujo consultório era em sua própria residência. Tantos eram os pacientes que buscavam a mão amiga desse médico filantropo que sua mãe às vezes implorava para que voltassem em outro dia para que o filho pudesse descansar um pouco. Houvesse àquela época o SUS, esse médico amigo dos pobres talvez pudesse dividir esse fardo com alguns outros médicos que havia na cidade e que pouca filantropia faziam.

Com o passar do tempo foram sendo criados institutos que aliviavam um pouco tanto o cidadão quanto os médicos que, sem os institutos, viam-se obrigados a prestar assistência gratuita. Eram os famosos Institutos de Aposentadoria e Pensões (dos ferroviários, bancários, eletricitários, marítimos). Em 1966 foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social – INPS – que unificou todos os institutos existentes e passou, a partir de 1972, a oferecer assistência médica aos funcionários com carteira assinada. Um bom avanço, mas que não atingia justamente os mais carentes, os desempregados.

Em 1988, com a Constituição Cidadã, foi criado o Sistema Único de Saúde/SUS, regulamentado em 1990 (Leis 8.080 e 8.142) oferecendo assistência à saúde a todos os brasileiros.

Em apenas 22 anos de experiência SUS, já se pode notar alguns avanços consideráveis no atendimento à saúde pública. Cito duas situações ilustrativas: a expectativa de vida no Brasil, por volta de 1980, girava em torno de 63.5 anos, hoje ultrapassa 73 anos. Outra situação é o sorriso do brasileiro. Refiro-me à saúde bucal, conservação da dentição, o Brasil até há pouco tempo era tido como o país dos desdentados e essa situação só mudou graças à prevenção e ao tratamento.

Aliado ao SUS – e aos seus avanços não somente na medicina curativa mas também com os Médicos de Família, com o atendimento humanizado e o SAMU – o aumento da escolaridade e a melhor qualidade

no nível de ensino também contribuíram para melhorar a longevidade do brasileiro, pois o SUS atinge especialmente as camadas populares, as que mais contribuem para a diminuição da expectativa de vida, uma vez que os idosos pobres morrem mais novos e a mortalidade infantil é infinitamente superior nessas camadas.

Dia desses fiquei muito feliz em saber que não sou voz isolada na defesa do SUS. Vi uma entrevista de Zilda Arns (dada evidentemente antes de seu trágico falecimento), em que ela afirma que o SUS é o melhor sistema de saúde do mundo e, com seu jeito especial, pleiteia mais recurso e melhor gestão. (Confira a entrevista de Zilda no endereço: <http://www.youtube.com/watch?v=hFC8In9X9js>).

Mas, quando afirmo que o SUS é o grande responsável pelo aumento da expectativa de vida no Brasil, alguns poderão dizer: e os Planos Particulares de Saúde? E as Cooperativas, das quais a mais abrangente é a UNIMED? E o atendimento particular? Isso tudo não contribuiu também para aumentar a longevidade do brasileiro?

Sim, claro que sim, mas justamente nesse paradoxo é que reside a maior contradição da assistência à saúde no Brasil.

De um lado temos um sistema particular, com recursos sofisticados, médicos especializados, formados em cursos de medicina, que, mesmo sendo públicos, estão voltados para a formação de médicos especialistas e não generalistas. Enfim, uma assistência de alto nível, possível graças à existência de uma burguesia abastada e do esforço de algumas categorias de trabalhadores que conseguem pagar por um Plano de Saúde.

De outro o SUS, que, em última análise, deveria levar gradualmente a saúde pública brasileira à socialização fica “em banho maria”, porque é sustentado por um governo que é pressionado pelo grande capital, representado por uma oposição que não tem escrúpulos em cortar inclusive a CPMF, contribuição que teria feito com que os serviços públicos de saúde avançassem ainda mais.

A contradição se reflete na população. Aqueles que possuem planos de saúde sentem-se prejudicados por pagarem impostos e ainda terem que

arcar com os seus planos. Por sua vez aqueles que não conseguem pagar um plano de saúde e servem-se do SUS dificilmente saem em defesa do Sistema, ao contrário, se ocorre de serem mal atendidos, são os primeiros a esculhambar com o SUS, dando munição pesada aos seus adversários.

A poesia sempre será riqueza de poucos

28/02/10

Sexta-feira, 26 de fevereiro, Altair de Oliveira esteve em Dourados para lançar o seu mais novo livro de poesias: *O Lento Alento*. A Academia Douradense de Letras abriu suas portas para receber o renomado poeta sul-mato-grossense e os seus convidados. Houve abertura oficial por Brígido Ibanhes para o lançamento da obra, varal de poesias, recitações por vários poetas presentes e pelo autor da obra; teve também uma graciosa performance de uma bailarina campo-grandense e, por fim, autógrafos. Uns poucos autógrafos. Ainda é mais fácil vender bolão da Mega Sena do que livros de poesia. E por quê?

Talvez porque pensemos que todos somos poetas, ou, como poderia dizer? Que de poeta, médico e louco todos temos um pouco? Então sendo todos nós poetas por que prestigiar o lançamento de um livro de poesias? Quando menino vi passar pelo meu bairro um sorveteiro que fazia rimas: “Sorvetinho, sorvetão, tem de nata e de limão; traz a bacia, dona Maria”. O carrinho a cada esquina ficava rodeado de gente e logo se esvaziava. Ah! e no dia em que o humorista Carquejo, da Rádio Difusora de Itápolis, lá pelos meados dos anos 50, fez um concurso para promover as cuecas Arletes? Minha mãe mandou um versinho: “O carquejo é humorista/ e também é locutor/ Com uma cueca Arletes/ Ele parece um doutor. Bingo! Foi o verso mais bonito e meu pai foi lá buscar meia dúzia de cuecas que lhe fizeram bom proveito.

Bem sei que minha mãe não se considerava poeta. Talvez nem o sorveteiro. Não basta fazer uns versos de pés quadrados para ser poeta. Se

toca, Maroca!. Fazer verso (ou samba) também não é contar piada, pois quem faz verso assim não é de nada. Não é, Vinicius de Moraes?

No fundo, no fundo, penso que a maioria de nós não sabe exatamente o que é poesia. Não, não. Não é isso que quero dizer. Talvez não tenhamos tempo para a poesia. Sim, é isso. Assim é melhor. Temos que correr, “Oh Puxa! Oh Puxa! Devo estar muito atrasado”, como o coelho no país de Alice. Temos que correr não para a festa da Rainha, mas para concorrer, competir, ganhar, vencer.

Poesia? “Poesia não compra sapato”, não é, Emanuel Marinho? “Mas como viver sem poesia?” Ora, sem poesia ou sem algo que o valha talvez nos satisfaçamos pegando-nos a tapa e faca, nos matando na saída do estádio, ascendendo a pedra de crack, andando pelas calçadas girando bolsa, fazendo o *trottoir*, como diriam os franceses.

Poesia? Uso da linguagem humana com fins estéticos, a busca do belo; o refinamento da linguagem na busca do sublime. Poesia? Ora, dirão alguns, isso é dom, nasce com a pessoa. Sim, é dom, não nego, mas para fazer poesia é preciso algo além do dom, é necessária a solidão, a solidão triste e sofrida, o afastamento do mundo, a reflexão profunda para se chegar a um verso.

A gota de orvalho na folha, a lágrima no rosto, a dor no peito, a revolta da alma, todos nós vemos ou sentimos, mas somente o poeta é capaz de sublimá-las. Isso não se faz do dia para a noite. É preciso o aprimoramento que vem com a Educação. Não que todos devamos ser poetas, mas para que possamos apreciar tantas coisas belas que nem sempre estão ao nosso alcance. Ao lado da poesia, a música, a dança, o teatro, a literatura, os esportes (e quantos esportes sequer conhecemos), elixires perfeitos para a felicidade.

E por falar em esporte e arte, por tratar de poesia, como foi bela a Olimpíada de Inverno de Vancouver que ora se encerra. Quem viu fruiu, assim como quem foi ao lançamento do livro de Altair de Oliveira. Bem, a poesia sempre será riqueza de poucos, mas tem o Big Brother. Amém.

**Curso de Medicina:
dez anos redondos**

1/03/10

Em homenagem aos formandos de Medicina, 5ª
turma, que nessa semana colam grau pela UFGD

O tempo passa inexorável, mas confesso que às vezes penso que o tempo não passa coisa nenhuma, o tempo permanece como sempre esteve e nós é que passamos rapidamente por ele. Ainda tenho fresco em minha memória todo o processo que levou à implantação do curso de Medicina em Dourados, mas já se passaram dez anos desde que a primeira turma entrou em sala de aula no frutuoso ano de 2000 para o ensino público federal em Dourados. Frutuoso porque, além da Medicina, iniciaram as suas atividades, nesse ano, vários outros cursos que conseguimos criar e que merecerão crônicas à parte.

Sobre o curso de Medicina, não obstante tudo o que já foi dito, há muito a dizer, a começar pela elaboração do projeto, pela busca de apoios, pela aprovação pelos Conselhos Superiores da UFMS. Depois veio a implantação, as dificuldades passadas pela primeira turma, a abnegação dos professores, ressaltando-se que muitos contribuíram com o início do curso sem ganhar tostão pelo seu trabalho. Enfim, existe uma belíssima história a ser escrita sobre esse curso que, além de sua importância intrínseca, contribuiu, conforme planejamos, para a aceleração do processo de implantação da UFGD.

Desejo que esses e outros temas sobre o curso sejam abordados por aqueles que viveram essa história. De minha parte, hoje, vou abordar um aspecto de somenos que talvez seja desconhecido até mesmo pelos pioneiros desse empreendimento. Trata-se da estrutura do curso.

A Comissão encarregada de elaborar o projeto do curso era composta pelo então presidente da Associação Médica da Grande Dourados, o médico Leidinz Guimarães, pelo seu sucessor, o médico Takeshi Matsubara, pela médica Denise Nemirovsky e pela professora Doutora em

Educação pela USP, Dirce Nei Teixeira de Freiras e por mim, que presidi a Comissão. A mim competia coordenar os trabalhos, aos médicos a parte técnica e à professora, o projeto pedagógico. A professora Dirce Nei aprofundou-se no estudo de currículos de dezenas de cursos de Medicina espalhados por esse Brasil afora, e descortinou-nos horizontes novos. Mostrou-nos possibilidades que desconhecíamos, mas que se encaixavam perfeitamente nos nossos ideais. Em outras palavras, a professora Dirce Nei encontrou o formato de curso que tanto os médicos Denise, Leidniz, e Takeshi quanto eu almejavamos, mas que tínhamos dificuldades em projetar.

Encontrado o caminho, a contribuição desses três médicos citados – subsidiados também por outros colegas da Associação Médica – foi importantíssima para dar consistência técnica ao projeto. E tal foi a consistência que, de fato, o projeto foi aprovado por todos os Conselhos da UFMS. Ele consistia em formar o médico generalista, ou, se quiserem, o clínico geral. Os médicos formados segundo essa estrutura teriam, com certeza, uma forte inclinação para trabalhar em equipes que conhecemos como Médicos de Família. Nesse sentido, Dourados seria uma referência nacional.

No final de 1999, o Pró-Reitor de Ensino da UFMS, professor Edson Cáceres, chamou-me para uma reunião e decretou que o curso de Medicina em Dourados, embora aprovado em todas as instâncias, somente seria implantado em 2000 se seguisse a mesma estrutura curricular do curso de Medicina da UFMS de Campo Grande. O professor Edson Cáceres, seguindo a orientação do reitor Jorge João Chacha, foi muito importante na criação do curso de Medicina em Dourados, mas, embora sendo meu amigo, jamais me mostrou os reais motivos, a exata razão pela qual a moderna estrutura que tínhamos proposto e aprovado foi rejeitada.

Vendo-me sem opção, concordei. O curso de Medicina de Dourados começou a funcionar com a mesma estrutura curricular do de Campo Grande em março de 2000, com um importantíssimo apoio da UEMS (cuja reitora àquela época, a professora Leocádia Aglaé Petri Lemos, havia

participado comigo do Projeto Cidade Universitária) e do governo do estado (o então governador Zeca do PT).

Perdermos, no entanto, a oportunidade ímpar de implantar uma estrutura moderna e inovadora na formação de médicos. Com a criação da UFGD houve significativas mudanças na estrutura do curso, mas não seria má ideia se os atuais dirigentes procurassem recuperar esse projeto original, mesmo que fosse apenas para verificarem se aquelas ideias inovadoras eram realmente válidas e se fizeram alguma falta ao curso.

De qualquer forma, o importante é ressaltar que o curso de Medicina da UFGD está consolidado após esses dez anos de existência e contribui sobremaneira para o desenvolvimento de Dourados enquanto centro médico-hospitalar.

Delenda Cartago

9/03/2010

É muito difícil, mas vez ou outra, no impulso da redação de um texto, sapeco no meio de minhas crônicas uma expressão estrangeira. A última, “delenda Cartago est” causou polêmica. Dois latinistas de nossa terra, entendendo que a citação estava incorreta, resolveram sair a público para as suas aulas. Para o professor Bené Cantelli, o correto seria “delenda est Cartago” e para o advogado Altair da Costa Dantas: “Carthaginem esse delendam”. Como no final de minhas crônicas coloco sempre o lembrete de que as críticas são bem-vindas, em primeiro lugar agradeço a atenção que ambos dedicaram ao meu texto. Relevo as insolências do advogado Altair para centrar-me apenas na expressão em pauta e demonstrar que ninguém está absolutamente errado.

Claro que eu, particularmente, daria mais valor ao bolo que à cereja que o enfeita. Ou seja, gostaria muito mais de discutir ideologicamente as questões que levantei na crônica “A invasão do Haiti pela política imperialista” do que discutir uma expressão latina citada como ilustração. Mesmo porque os meus conhecimentos pouco vão além do que aprendi nas aulas

que tive no curso ginásial, das missas que eram rezadas e cantadas antigamente em latim e de algumas orações que os meus avós recitavam com rara beleza, como o “De Profundis”.

Os historiadores sabemos que muitas das frases célebres atribuídas aos personagens históricos, na verdade foram colocadas em suas bocas por gente, historiadores ou não, que pretendiam depreciar ou enaltecer determinadas figuras. Ou o leitor acredita que Maria Antonieta teria dito realmente para se dar brioques ao povo, na falta de pão? D. Pedro, teria dito exatamente: “Se for para o bem de todos e felicidade geral da nação, digam ao povo que fico”, ou enfezado com as cartas que lhe chegavam teria dito algo como “Às favas Portugal, fico no Brasil”. As frases dos personagens históricos são normalmente curtas, incisivas e, com certeza, lapidadas; a sorte está lançada, teria dito César ao atravessar o Rubicão, mas será mesmo verdadeira outra que lhe é atribuída na hora em que foi apunhalado: “Até tu Brutus, meu filho”.

Tomemos exemplos recentes. Alguém no auge de um pronunciamento diria “Fora excelentíssimo senhor governador Arruda” ou apenas “Fora Arruda”, como ademais sucedeu com o “Fora Collor”. Alguém diria ao meio de uma manifestação pelas “Diretas Já”, “Desejamos o final da ditadura”, ou diríamos apenas “Abaixo a Ditadura”. Claro que procuramos frases curtas e contundentes, como as que são proferidas ou postas na boca de “heróis”. O Senador Eduardo Suplicy, na crise envolvendo o senado e particularmente o senador Sarney, superou até mesmo o uso de frases curtas e, ao invés de um sonoro “Fora Sarney”, simplesmente apontou-lhe um cartão vermelho.

Retomemos à expressão: “Ora vejam, para motivar a guerra é bem provável que Catão fizesse um discurso forte, inflamado. Um discurso que deveria terminar objetivamente, portanto, o mais racional é acreditar que ele dissesse simplesmente, num arroubo: “Delenda Cartago”.

Estaria correto dizer-se apenas “Delenda Cartago?” Busco um Dicionário de Língua Portuguesa que possui expressões estrangeiras, um dicionário do MEC, edição de 1986 e lá encontro a expressão “Delenda Cartago” traduzida por Cartago deve ser destruída.

Concluo que o restante é assessório. O que os historiadores, ou quem quer que seja que tenha escrito os discursos de Catão, puseram-lhe na boca posteriormente pode refletir a ideia verdadeira da expressão, mas não o arroubo do momento. Ou seja, é tão correto dizer-se “Delenda Cartago”, como “Delenda Cartago est” ou “Delenda est Cartago”. Mesmo porque a ordem das palavras nesse caso não altera o significado da frase

Si non è vero è bem trovato (Ainda que se duvide da veracidade, está bem posto) e, dessa forma, como *noblesse oblige*, que é um resumo de *La noblesse est obligé* (a nobreza se obriga), ao invés de parafrasear Cícero para os críticos que fizeram cavalo de batalha com a expressão que usei, e dizer-lhes: “*Qvosque tandem abutere, Catilina, patientia nostra?* (Até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?). Desejo-lhes *salute e palanco a tutti e a quanti* (saúde e prosperidade – dinheiro – a todos). Ou, *Dominus vobiscos* (Deus esteja convosco).

PS - Meu lapso naquela crônica foi trocar Catão por Cícero. Nem por isso o dólar sofreu qualquer oscilação.

Atendimento hospitalar na Administração Tetila

17/03/2010

Ninguém desconhece que, ao iniciar a sua administração em 2001, Tetila encontrou Dourados na condição de “terra arrasada” e foi com muito sacrifício, dedicação e capacidade administrativa que conseguiu entregar ao seu sucessor uma prefeitura com gestão moderna e informatizada e uma cidade limpa e aprazível da qual nos orgulhávamos ainda mais.

No setor de Saúde Pública, não obstante as dificuldades encontradas, os avanços foram muitos e significativos. Os postos de saúde foram ampliados e todos os existentes foram reformados; os Programas de Saúde Familiar (Médicos de Família) mereceram atenção especial e de 15 no início da administração passaram a ser 37 ao final; foi implantado

o SAMU; o atendimento odontológico ampliado e valorizado de modo que Dourados é uma das cidades brasileiras com menor índice de cárie na população jovem; a dengue foi combatida e a sua incidência diminuída drasticamente; os funcionários da saúde valorizados e os procedimentos médicos e hospitalares de 4 mil/dia, no início da gestão, saltaram para 12 mil/dia ao seu término. Enfim, os recursos destinados à Saúde, que por força de Lei devem ser de 15% do orçamento municipal, chegaram a atingir 21%.

No setor hospitalar, já no início de sua gestão, Tetila encampou o projeto Cidade Universitária, que previa a transformação da Santa Casa em Hospital Universitário e passou a articular-se com o governador Zeca do PT para colocar em funcionamento aquela obra que estava abandonada.

Não foram poucas as dificuldades. Primeiro Zeca teve que repor com verbas estaduais o desvio de 1 milhão e setecentos mil, ocorrido no governo anterior. Só assim se conseguiu restabelecer um elo com o Ministério da Saúde para a conclusão da obra. Em seguida foi necessário obter-se junto ao Ministério mais de 4 milhões (iniciais) para equipar-se o hospital.

Mas as dificuldades não foram apenas de ordem financeira. Quando a Administração Tetila pôs para funcionar o HU, a oposição apelidou-o de “postão”, numa referência a que o HU era apenas um posto de Saúde. O próprio Secretário Estadual de Saúde do governo Zeca, àquela época o médico Geraldo Rezende, pretendia transformar o HU em uma Organização Social (depois em Hospital Regional administrado pelo estado). Foi preciso que organizássemos uma grande comitiva dos apoiadores do Projeto Cidade Universitária e fôssemos ao governo Zeca para impedir essa ideia. E nem vou dizer dos processos encaminhados ao Ministério Público pelo próprio deputado Geraldo Rezende que a Administração Tetila teve que responder em relação ao HU.

Por outro lado, não eram poucas as dificuldades entre Prefeitura e Hospital Evangélico. A administração Tetila colocou em dia os pagamentos atrasados, aumentou substancialmente os repasses àquele hospital, mas

mesmo assim os impasses não foram superados. Funcionários do HE, motivados sabe-se lá por que tipo de informações, chegaram a fazer uma grande concentração defronte à Prefeitura exigindo maiores repasses e questionando a abertura do HU.

Em resumo, o Hospital Evangélico, muito embora seja uma entidade beneficente, cujas instalações foram construídas com a ajuda do povo de Dourados e largamente equipadas com verbas estaduais e federais, obteve na Justiça o direito de não atender mais pelo Sistema Único de Saúde – SUS.

Que fazer diante de uma situação dessas? Que responder aos 35 municípios circunvizinhos? Como atender à demanda da população regional, em torno de 800 mil pessoas, que se utiliza do SUS em Dourados? E, afinal, como, em menos de três meses, colocar em funcionamento dois hospitais, fazendo reformas, equipando, contratando pessoal, além de continuar adequando o HU?

Dezenas de reuniões foram feitas, não só no âmbito interno, mas também com Secretários de Saúde da Região e com o Governo Puccinelli. O governador chegou até mesmo a oferecer um aumento no repasse financeiro ao HE, mas não houve acordo.

Várias alternativas foram postas à mesa de discussões, para tentar-se solução para o problema criado com o descredenciamento do Hospital Evangélico do SUS. Dentre as propostas constavam a ampliação do HU, a locação do Hospital São Luís e até mesmo a solicitação de um Hospital de Campanha ao Exército, tal era a situação de emergência que havia. Foi tudo em vão.

Essa situação de crise somente foi resolvida com a implantação do projeto que transformou o antigo Hospital Regional de Dourados em Hospital de Urgência e Trauma – UHT (já com previsão de ampliação) e com o arrendamento do Hospital Santa Rosa, transformando em Hospital da Mulher.

O projeto era bom. Pretendia-se passar o HU para a UFGD (plano existente antes da criação do curso de Medicina em 2000); ampliar o HUT,

como já disse, e construir um Hospital da Mulher ou comprar definitivamente o Hospital Santa Rosa. Daí o arrendamento ter sido feito por cinco anos, para que o Município tivesse condições de preparar-se financeira e administrativamente para absorver esses compromissos sem nenhum trauma.

Ademais, o arrendamento do Hospital Santa Rosa, aparentemente caro (100 mil por mês), acabava sendo muito mais barato do que os custos que a Prefeitura tinha com o HE e, ainda, há que se ressaltar, havia o compromisso do governo do estado de arcar com 28 mil e o Ministério da Saúde, com 72 mil desse arrendamento. Logo, mediante esse compromisso, fica evidente que tanto o Estado quanto a União estavam cientes e de acordo com a operação.

Os grandes problemas dessa radical mudança no atendimento à população, provocada pela desvinculação do Hospital Evangélico do SUS, eram muitos, destacando-se principalmente: 1) a contratação de pessoal, pois não dava para abrir concurso público imediatamente; 2) a compra de medicamentos e equipamentos com dispensa de licitação, pois não havia tempo para a realização de editais convencionais (ressalta-se que antes da mudança, tanto os medicamentos quanto os funcionários eram de responsabilidade do HE, ao qual a prefeitura repassava os recursos).

Felizmente tivemos tempo de transferir o HU para a UFGD; caso contrário, ele também estaria nas mesmas mãos que estão administrando a Saúde Pública de Dourados: o Hospital Evangélico que, diga-se de passagem, em pouco tempo rasgou a decisão da Justiça que o liberava de atender o SUS e voltou a fazê-lo sem dar quaisquer esclarecimentos à sociedade.

Em relação a Operação Owari, que não pode deixar de ser mencionada, esclareço que ela é uma questão muito importante sim, embora periférica em relação ao Projeto de Municipalização da Saúde Pública de Dourados na Administração Tetila.

Por fim desejo dizer que estou convicto de que, se tivéssemos dado continuidade à Administração Tetila, a situação dos hospitais (da Mulher

e de Urgência e Trauma) estaria regularizada e eles estariam atendendo com dignidade os pacientes do SUS, da mesma forma que o HU hoje nos orgulha pelo atendimento que presta à nossa cidade e região.

Março é mês de celebrarmos a paz e a democracia

24/03/10

Lá se vão 46 anos, desde 1964. Ao realizarmos a Copa de 2014, completaremos meio século da deposição de João Goulart e da tomada do Poder pelos militares brasileiros. Faltam, portanto, apenas quatro anos para a passagem do cinquentenário do início da Ditadura, que se estendeu de 1964 a 1985, com duração de 21 anos.

E, como tudo passa e passará, lá se vão também 24 anos, quase cinco lustros, desde que demos início à redemocratização de nosso país.

Em fase da aproximação do 31 de março, data do Golpe, pus-me a refletir sobre o tema e aproveitei o ensejo para ler os dois primeiros volumes da obra do consagrado colunista da *Folha de São Paulo*, Elio Gaspari, editados pela Companhia das Letras em 2002 e que repousavam, desde 2003, na minha estante de livros não lidos. Os dois volumes perfazem um total de 924 páginas, sendo que o primeiro, *A Revolução Envergonhada*, tem 417 e o segundo, *A Revolução Escancarada*, 507.

Dessa grandiosidade de páginas escritas, é raríssimo escapar uma sem alguma citação de fonte primária ou de bibliografia especializada, o que dá à obra, além de densidade, confiabilidade pelo rigor metodológico observado pelo autor.

Isso posto, além de recomendar a obra e comungar com a convicção do autor de que não obstante o “milagre brasileiro”, ocorrido nesse tempo, “a tortura e a coerção política dominaram o período” (especialmente entre 1969-74), desejo afirmar aos leitores a minha firme convicção de que nos cabe – a nós que éramos jovens em 1964 – a responsabilidade de anunciar às novas gerações os horrores ocorridos nesse período,

sem qualquer ressentimento de quem foi perseguido, mas com o objetivo maior de celebrarmos a paz, a democracia, a fraternidade. Essa responsabilidade cabe também aos professores e a todos os amantes da liberdade de expressão, que devem orientar os mais jovens para a cidadania, sabendo-se que cidadania não combina com ditadura.

Não há mais o que punir, mas é preciso que a Pátria saiba onde estão os seus filhos desaparecidos. Não há mais revanche, mas a história existe para não esquecer, para não silenciar. Nos porões da Ditadura, homens e mulheres foram torturados de maneira cruel e infame. E não tem como negar, basta abrir o livro citado na p. 136 e ver a declaração de um coronel: “Nós torturamos para não fuzilar”. Ora, isso lembra a indecência de Maluf com a sua repugnante afirmação do “estupra, mas não mata”.

Meio século é tempo suficiente para a cicatrização das feridas e para o perdão, mas é tempo também para a reflexão. O perdão implica reconciliação e somente haverá reconciliação se as partes reconhecerem os seus excessos para jamais repeti-los.

Os opositores ao Regime Militar tinham também ações pouco ortodoxas em se tratando de guerra, a mais hilária e pouco conhecida, foi quando um grupo tomou de assalto a casa do filho de uma amante de Ademar de Barros e, numa ação relâmpago, surrupiou um cofre que lá se encontrava bem escondido. Para encurtar a história, narrada com detalhes por Gaspari, o cofre foi arrombado e encontrada a bagatela de 2 milhões e 600 mil dólares. Foi um espanto!

Acabou-se a Ditadura, passou, como de fato tudo passa nesse mundo. O que precisa ficar claro, líquido e certo é que, havendo guerra ou “revolução guerreada”, ou seja, havendo enfrentamento entre duas forças antagônicas armadas, os combatentes mortos não são considerados assassinados, são “mortos de guerra”, simplesmente, podendo virar heróis. Havendo prisioneiros nessas refregas devem ser considerados “prisioneiros de guerra” e, por via de consequência, tratados de acordo com a Convenção de Genebra.

O que não pode se repetir em hipótese alguma é a tortura, a coerção política, a emboscada traiçoeira, o estupro e o assassinato de prisioneiros.

Temos que avançar ainda mais em civilidade tanto no Brasil como em todo o Mundo para que o ser humano seja tratado com dignidade e para que possamos todos juntos, civis e militares, fazer do século 21 o século da paz.

**Distorções na imagem
de D. João VI duzentos anos depois 29/03/2010**

À Camila e ao Étienne, pelo livro.

Motivou-me escrever essa crônica a leitura de um livro que conta o traslado da Família Real Portuguesa para o Brasil e a sua permanência no Rio de Janeiro até 1821. A obra tem um nome comprido e chamativo: *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil*. Seu autor é o jornalista Laurentino Gomes, edição de 2009, editora Planeta.

Permita-me o leitor em dois parágrafos anunciar o que contém o livro para, em seguida, fazer um desagravo, tecer algumas reparações em relação à imagem de D. João, retratada negativamente pelo autor.

Trata-se de uma obra com farto referencial bibliográfico, escrita em estilo jornalístico, de fácil leitura, com muitas informações novas, mas que mantém algumas simplificações utilizadas em referências antigas, nem sempre acompanhadas da revisão crítica necessária. Daí que em algumas passagens o autor mostra-nos a imagem de um D. João VI indeciso, sujo, malvestido, comilão, mal-amado pela esposa, indolente – um imperador caricato, grotesco.

O livro é recomendável especialmente por nos desvelar um período muito rico em transformações ocorridas no Brasil com a chegada da Corte Portuguesa, no entanto, sugiro que o leitor dê um bom desconto aos exageros contidos em relação à imagem de D. João.

Um imperador indeciso? A vinda da Família Real para o Brasil fora aventada no reinado de D. João V, em 1736, e proposta pelo Marquês de

Pombal, em 1732, ao rei D. José. No início do século 19, com as invasões napoleônicas, estava colocado para Portugal o seguinte dilema: Família Real deposta e provavelmente executada ou transmigrada para outro local, longe de seus domínios, a Colônia do Brasil?

Eu já ensinava, há trinta anos, que a Corte Portuguesa veio para o Brasil em retirada estratégica, ajudada por sua aliada, a Inglaterra, mas não em fuga. O fato de o embarque ter sido feito às pressas explica-se pela iminente entrada das tropas comandadas por Junot. Tudo estava mais ou menos arranjado, ou julga, o caro leitor, que é fácil trasladar algo em torno de 15 mil pessoas, além do tesouro, da biblioteca, do guarda-roupa? E as provisões para mais de 60 dias em mar?

Eu trocaria indeciso por prudente. D. João, em algumas circunstâncias, mostrou-se muito hábil, como, por exemplo, em relação à sua passagem pela Bahia. Em verdade, não houve absolutamente desvio imprevisto e repartição da frota. O que aconteceu foi uma estratégia política muito bem calculada para evitar uma ruptura da integridade territorial brasileira. Passando pela Bahia, decretando a abertura dos portos e sendo simpático aos baianos, D. João conquistou-lhes a simpatia e a confiança.

Sujo e malvestido? Ora, D. João não era muito diferente dos demais soberanos Europeus: os banhos na Europa eram raros, e o são até hoje, e as vestimentas eram aquelas que todos os reis usavam àquela época, com variações segundo o poderio do respectivo reino.

Comilão? Está certo que D. João não tinha a silhueta de um bailarino espanhol, era meio rechonchudo, no entanto, há nessa imagem certa dose de exagero. Comilões eram os cortesãos romanos. Alguém ouviu dizer que havia nos palácios reais, tanto em Portugal quanto no Brasil, algo parecido com os vomitódromos existentes nos palácios romanos para que os esganados pudessem colocar para fora o excesso e voltar a comer novamente?

Mal-amado? Primeiro temos que levar em conta que Carlota Joaquina era uma criança de apenas 10 anos quando se casou e transferiu-se para Portugal. Somente cinco anos após sua realização, o casamento con-

sumou-se. Não se duvida que uma união arranjada para duas crianças possa ter sido cheia de crises e muito provavelmente de adultérios de ambas as partes, o que não era incomum em qualquer casa real europeu. Mas, enfim, o casal teve 9 filhos e, ao que tudo indica, legítimos, o que significa dizer que havia uma relação normal, ao menos em boa parte da coexistência.

Indolente? D. João não era o herdeiro do trono, passou a ser o sucessor com a morte prematura de seu irmão mais velho. Com a declaração da insanidade da mãe, foi feito Príncipe Regente em 1799, chegou ao Brasil em 1808, proclamou-se Imperador em 1818. Após a morte da rainha, regressou, em 1821, a Portugal e lá reinou até a sua morte, em 1826. Permaneceu, portanto, 27 anos no Poder em uma época de transformações profundas, com reinos transformando-se em Repúblicas e Colônias de Além-Mar, especialmente as espanholas, fragmentando-se. Como um soberano indolente e indeciso poderia resistir a tantas crises e passar incólume? Ah! por que tinha bons ministros? E quem nomeava e destituía os ministros?

Quanto ao fato de ter “raspado o cofre” e levado para Portugal, é bom lembrar que raspava também o de Portugal para vir ao Brasil. O tesouro acompanhava o Rei, esse era o costume.

Enfim, por questão de espaço, resumo dizendo que D. João VI teve uma imagem retratada com muitas distorções, assim como aconteceu com D. Pedro II e acontece ainda hoje com muitos que não têm ao seu lado a pena amiga da imprensa ou a do historiador.

“Até aqui o Laquicho vai bem”: um convite para você

8/04/10

Em 1978 me deparei pela primeira vez com esse personagem real, Liberato Leite de Farias, conhecido pelo apelido de Laquicho. Nascido em Frutal, Minas Gerais, em 1868, chegou a Dourados no ano de 1898 e faleceu em 1946.

Assistia eu a uma sessão da Câmara Municipal quando um vereador, para insinuar que o projeto em análise era uma mentira, sapecou a expressão “até aqui o Laquicho vai bem”. Socorri a meu estimado amigo Sultan Rasslan, àquela época presidente, que me explicou a origem da expressão. “Laquicho”, disse-me ele, “era um excelente contador de causos, o melhor da região e quem sabe do Brasil. Certa feita Laquicho ficou sabendo da existência de um potro indomável, já tinha derrubado e levado à morte ao menos cinco peões. Resolveu montá-lo. No dia combinado muita gente foi ao local para comprovar a façanha. As famílias com suas charretes, os moços montados a cavalo, enfim, uma verdadeira festa. Laquicho montou e o potro saiu em disparada, corcoveando, bandeando-se de um lado para o outro. Os moços presentes, pressentindo o perigo, montaram em seus cavalos e saíram atrás do potro já com a intenção de socorrer o cavaleiro. Laquicho também teve o pensamento de que a rapaziada viria atrás, então, para facilitar-lhes a empreitada, conforme o potro bandeava, ele, com o dedão do pé, escrevia na areia: ‘até aqui o Laquicho vai bem’ ”.

Gostei do causo, que resumi acima e pensei com os meus botões: “Quem conta um causo bem bolado assim é mesmo um bom contador” e pus na cabeça que faria uma pesquisa para averiguar. A pesquisa foi iniciada em 1986 e depois de muitos percalços o livro foi lançado em 1998.

Trata-se de uma obra que mescla realidade com causos, percebi que as narrativas de Laquicho, por mais imaginativas que fossem, ancoravam-se sempre no real, na vida, na natureza, nos costumes existentes. Assim, entremeando a história com a ficção, nasceu o livro no qual foram recuperados ao menos 83 causos, alguns deles provavelmente de outros autores, mas que foram atribuídos ao Laquicho, graças à sua fama de bom contador.

Os causos de Liberato Leite de Farias, o Laquicho, são marcantes, tão marcantes que, como afirmei, consegui recuperar uma boa quantidade deles quarenta anos após a sua morte, entrevistando pelo menos 25 personalidades douradenses, na maioria jovens ou crianças à época em que Laquicho contava as suas histórias. O livro, por sua vez, editado 12

anos atrás continua despertando interesse e ainda tem sido procurado por muitos, razão pela qual providenciamos a reimpressão junto à Editora da UFMS.

No próximo dia 10 de abril, sábado, às 20 horas, na sede da Academia Douradense de Letras, no Parque dos Ipês, espero você, caro leitor, para conhecer a obra e participar, se interesse houver, de uma roda de causos.

A duplicação da Av. Guaicurus e o trem universitário

12/04/2010

Propostas para a duplicação da Avenida Guaicurus não são tão antigas quanto aquelas do Anel Viário cuja luta por sua implantação durou duas longas décadas, mas essas propostas já não são tão recentes, do que se conclui que nós, douradenses, temos sim visão do futuro, o que nos falta é força política para sermos atendidos em nossas aspirações e necessidades. O Anel Viário foi o carro chefe da campanha de Antonio Nogueira em 1992. E, apesar de Nogueira não ter se sagrado vencedor, o projeto entrou na pauta do prefeito eleito Humberto Teixeira (1993-1996) que, inclusive, revestiu com cascalho um trecho da obra.

A duplicação da Guaicurus, por sua vez, é reivindicação que remonta também aos anos de 1990, mais especificamente 1996. O governo Zeca atendeu-nos parcialmente, ao menos aliviou a trágica situação em que se encontrava aquela via, retirando o que restava de asfalto em meio aos buracos, recapeando e alargando-a de modo a torná-la transitável.

Com o crescimento da Cidade Universitária, luta ainda mais antiga que a do próprio Anel Viário, a reforma tornou-se superada e os usuários, especialmente universitários da UEMS e UFGD, desencadearam campanha no sentido de viabilizar a sua efetiva duplicação, o que resultou na promessa (feita em 09/04/2010) de serem atendidos pelo governador desde que a UFGD elaborasse o projeto da obra.

Como diz a sabedoria popular, “o peixe morre pela boca” e como estou convicto de que a UFGD fará o projeto, o governador terá que duplicar a Guaicurus. A verdade é que, com André Pucinelli ou com Zeca do PT, o próximo governo terá que executar essa obra. E, assim sendo, segue a sugestão de que, no projeto, a UFGD preveja um espaço para a passagem do “trem universitário”, que seria implantado numa próxima etapa.

É isso mesmo! Um trem universitário, ideia que lancei quando vereador, porque naquela época falava-se em construção da ferrovia Norte-Sul e Dourados seria ligada a Itahum, para transportes em geral, o que viabilizaria a obra.

Loucura, dirão alguns, ao que replico que loucura foi considerada também a ideia da UFGD no início dos anos de 1980.

Se tivermos em conta o Programa de Crescimento Acelerado – PAC 2 –, que prevê a ligação de Dourados a Santos (por meio da ferrovia bioceânica), o Trem Universitário poderia ser concebido tendo como ponto de partida uma estação (e armazéns) nas proximidades do Parque de Exposição, seguiria margeando a Rodovia Dourados-Ponta Porã (BR 463) até o entroncamento que liga esta rodovia à Cidade Universitária e Aeroporto (MS 162). Daí seguiria para Itahum (MS 270).

Uma variável ainda mais interessante desse projeto seria fazer com que os trilhos, saídos das imediações do Parque de Exposições, passassem à margem da Rodovia Dourados-Ponta Porã (BR 463) até o entroncamento com a Avenida que liga essa rodovia ao Hospital Universitário (BR 370), com estação de embarque no final da Avenida José Roberto Teixeira, e daí seguindo até a Guaicurus, de onde continuaria pelo seu canteiro central até a Cidade Universitária e depois seguiria margeando a Rodovia Dourados-Itahum (BR 270).

Claro que no canteiro central da Guaicurus seriam necessárias duas muretas, ao invés de uma (de modo que o trem passasse entre elas), e ao longo de todo o percurso, alguns pequenos túneis e/ou viadutos nos mesmos locais onde haverão de ser construídos os trevos e os retornos da rodovia para possibilitar o tráfego normal de veículos.

Não nos esqueçamos de que em espaço de tempo relativamente curto, cinquenta anos aproximadamente, esses trilhos estariam localizados no meio da cidade, servindo como metrô de superfície, isso porque a tendência de expansão de Dourados é para o Sul, uma vez que ao Norte temos a Reserva Indígena.

Quem abriu as grandes avenidas douradenses, quando o tráfego era praticamente restrito às carroças e charretes, pensou nas gerações futuras. Hoje, pensar em gerações futuras significa pensar em metrôs de superfície.

Mas, como não haverá de faltar quem pergunte o porquê não fizemos isso quando estávamos no poder, já adianto a resposta: fizemos a proposição e a encaminhamos. A resposta que tivemos àquela época foi de que o trem universitário somente poderia ser viável quando houvesse a ligação ferroviária entre Dourados e Itahum.

Realmente, um trem (ou metrô de superfície) somente para transportar alunos no presente talvez fosse inviável, mas se pensarmos na ligação Itahum-Dourados-Santos (bioceânica), essa possibilidade se torna até mesmo mais favorável em relação à ligação Maracaju-Itahum-Dourados-Paranaguá (ferrovia Norte-Sul).

Com a execução de um projeto dessa natureza realizaríamos o futuro no presente, em vez de realizarmos no presente o que já deveria ter sido feito no passado, como é o caso do Anel Viário.

É bom viajar de trem

19/04/2010

A Internet, por intermédio dos sítios de procura, é santo remédio para a memória. Digo isso em relação aos mais idosos, que podem jogar um trecho de música ou poesia e conseguir “lembrar-se” do restante, porque quase tudo está registrado em algum lugar da rede. Usei esse artifício para matar um pouco a saudade de minhas viagens de trem e lembrar-me do livro *Café e ferrovias*, de Odilon Nogueira de Matos, que demonstrava a importância das ferrovias no Brasil e ao mesmo tempo nos informava

que as curvas e a conseqüente lentidão das estradas paulistas deviam-se às influências das cidades produtoras de café em seus respectivos traçados.

Em São Paulo, a minha primeira viagem foi puxada pela famosa Maria Fumaça, aquela que ia jogando fagulhas da fornalha que muitas vezes queimavam os paletós dos incautos que não fechavam a janelinha. Piuiiii... Muito peso... pouca força...muito peso...pouca força... Piuiiii. Depois vieram as locomotivas movidas a diesel e a eletricidade. Embora muito mais possantes, eram vagarosas devido ao traçado da Araraquarense, repleto de curvas para atender aos interesses dos cafeicultores paulistas.

Em Mato Grosso do Sul fiz duas viagens sobre trilhos, a última, de ida e volta entre Campo Grande-Corumbá pelos idos dos anos de 1980, no famoso trem do pantanal. Mas foi a primeira viagem de trem entre Campo Grande e Ponta Porá, em 1972, que me surpreendeu, pois nessa ocasião conheci a litorina. Litorina é um vagão automotriz, muito mais leve e rápido do que as locomotivas que puxavam dezenas de vagões, formando uma composição extensa e pesada. Tão pesada que eram necessárias duas locomotivas, uma à frente, puxando, e outra atrás, empurrando. A litorina não tinha o que puxar, era autônoma, absoluta e, pelo que me informei, mais uma vez, na internet, já foi utilizada no trecho Rio-São Paulo, foi atração em Minas, no Paraná e ainda é utilizada em alguns lugares do Brasil.

Velhos tempos de um Brasil que optou pelos transportes rodoviários, mais rápidos, entretanto, com custos muito mais elevados. Em Mato Grosso do Sul, a velha Noroeste (que tem a sua história escrita pelo professor Paulo Roberto Cimó Queiroz, na obra *Uma ferrovia entre dois mundos: a E.F. Noroeste Do Brasil na primeira metade do Século 20*) foi praticamente abandonada e somente recentemente o famoso “Trem do Pantanal” voltou a operar.

Agora o PAC 2 prevê mais de 100 bilhões para beneficiar o transporte no Brasil, estando incluídos nesse projeto o trem bala, ligando Campinas-São Paulo-Rio de Janeiro e a ferrovia bioceânica, que contemplará Mato Grosso do Sul, incluindo Dourados.

Que venha o corredor bioceânico (Santos-Antofogasta) e que não seja esquecido o Projeto do Trem Universitário. Se não der para ser trem bala, que seja ao menos a velha e charmosa litorina.

A criação da Universidade Estadual de Campo Grande²

Não devemos pensar as coisas isoladamente. Nada, absolutamente nada, se realiza por si só. Embora as especificidades e as especialidades sejam reconhecidas e necessárias para darmos conta de nossas atividades no mundo atual, elas não estão dissociadas entre si. A medicina pode cuidar da vesícula, mas não pode ignorar o corpo. A odontologia pode tratar um dente, mas não pode se esquecer da boca e do restante do organismo. A assistência social pode tratar do pobre, mas não pode deixar de refletir sobre o Sistema que engendra a pobreza. A escola deve ensinar geografia, mas não pode se esquecer da matemática, das línguas, da física, da química. A história pode ater-se à política, mas não deve desvinculá-la da economia, da sociedade, da religião. Os governos podem tapar buracos das ruas, abrir rodovias, construir hidrelétricas, mas não podem negligenciar o conjunto de ações necessárias para a harmonia social.

Nesse contexto é que município, estado e país devem elaborar os seus projetos. Projetos que resolvam as questões básicas, os problemas do cotidiano, mas também que preparem a localidade, o estado e o país para o futuro. Isso significa dizer que não se pode prescindir do planejamento; e para se planejar é necessário saber o que se deseja para o presente e para o futuro. Qual a vocação de determinada região para a indústria, para a educação, para a saúde.

No caso do ensino superior, o Estado tem obrigação de ter um plano de modo a implantá-lo aos poucos, conforme um organograma de prioridades pré-estabelecidas.

Para o Leste do estado de Mato Grosso do Sul, por exemplo, deveria ser criada uma Universidade Federal, por meio do desmembramento do Campus da UFMS existente em Três Lagoas, assim como foi feito em

2 2ª redação 22/04/10 (DouradosNews/Douradosinforma e Midiamax postaram em 23/4/10)

Dourados com a UFGD. Na região do Pantanal, da mesma forma, o campus de Corumbá deveria ser desmembrado da UFMS e transformar-se em Universidade Federal do Pantanal.

Quanto à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – hoje com quinze campi, deveria ter alguns deles desmembrados para constituírem as Universidades Estaduais do Leste, do Oeste, do Norte e do Sul.

Mas, dadas às circunstâncias do momento, com a movimentação dos campo-grandenses em torno da transformação da antiga estação rodoviária em Universidade, o correto seria pensar-se imediatamente na criação da Universidade Estadual de Campo Grande, ou, se quiserem, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul 2 (Campo Grande) e, depois, conforme critérios rigorosamente estabelecidos seriam priorizadas as outras transformações.

Dourados, com suas duas universidades públicas, uma Federal, outra Estadual; e com suas duas instituições de ensino superior privadas, tem sólido alicerce que a torna uma das cidades brasileiras mais bem servidas com ensino superior. Pode servir de exemplo para o restante do Estado.

Com as universidades federais aumentaríamos a força representativa do Centro-Oeste brasileiro, trazendo recursos federais para o incremento do ensino, da extensão, mas, principalmente, das pesquisas científicas. E, assim como as federais, as universidades estaduais seriam instrumentos de desenvolvimento regional. Elas comporiam um Conselho de Reitores, com sede em Dourados, por ser a Universidade Mãe.

Lula surpreende o mundo

30/04/2010

Não repercutiu nada em Dourados e muito pouco em Mato Grosso do Sul a notícia de que Lula foi eleito pela *Revista Time* como o líder mais influente do mundo. E olha que até eu, que no início do século dizia que Lula era um intelectual notável, fiquei surpreso. De intelectual notável para líder mais influente do mundo há uma diferença enorme.

Mas não é de admirar esse tipo de atitude, essa falta de reconhecimento no Brasil. Nós, brasileiros, temos a péssima mania de nos julgarmos inferiores. É o famoso complexo de “vira-lata” que Nelson Rodrigues atribuíria-nos.

Dourados não poderia ser diferente. Tivemos na história recente uma administração restauradora da dignidade de nosso município pelo prefeito Tetila e que hoje poderia estar disputando o governo do estado. No entanto, estamos batendo cabeça, culpando Campo Grande pela nossa incapacidade de mobilização e com boa parte da imprensa e de entidades postulando que tenhamos um senador, evidentemente se esse senador for o atual vice-governador.

Deveríamos prestar um pouco mais de atenção às nossas lideranças locais, regionais e nacionais para evitarmos tantos descabros. Antes de a *Revista Time* “descobrir” Lula, o *Financial Time* londrino, em 2009, já o havia considerado uma das 50 personalidades que moldaram a última década. Ainda no ano passado um dos mais conceituados jornais espanhóis *El País* escolheu Lula como o “personagem do ano” e o jornal francês *Le Monde* o considerou “o homem do ano”.

Essa história de Lula não ter formação universitária já foi superada. Semana passada em uma entrevista, Maria da Conceição Tavares, uma das mais respeitadas professoras de Economia do Brasil, afirmou que o nosso presidente, além de ter uma inteligência privilegiada, durante sete anos, praticamente toda a semana, se reunia com os mais destacados intelectuais brasileiros para discutir e aprender com eles. Baita escola, embora sem diploma.

Ainda ontem, durante as comemorações pela passagem dos dez anos do curso de Medicina, trocava algumas impressões com o reitor Damião Duque de Farias. Outro intelectual de primeira linha que temos em Dourados e que está, juntamente com sua equipe, dando rumos muito promissores à UFGD; ambos nos mostramos bastante preocupados com os rumos de nossa cidade, nosso estado, nosso país.

Depois de Inês morta não adianta ficar culpando os políticos, ficar achando bodes expiatorios. Nossas preocupações em relação aos nossos

times de futebol preferidos não podem ser maiores do que nossas preocupações com os rumos de nossa pátria e de nossa gente.

Uma potência mundial em busca do diálogo?

24/05/2010

Para a minha geração, que cresceu ouvindo falar que o Brasil era o país do futuro, é difícil acreditar que o futuro chegou e com ele novas responsabilidades, novos desafios, novas perspectivas. Mesmo sendo historiador e estando acostumado a estudar o passado para melhor compreender o presente e ter ao menos uma visão de futuro, confesso a minha admiração. Particularmente sempre acreditei no Brasil, mas não conseguia imaginar-me vivo para ver o nosso país ocupando uma posição tão destacada no concerto das nações.

A realidade às vezes nos parece sonho, mas a verdade é que o Brasil mudou para melhor. O emprego cresce, a economia aquece-se, a dívida externa não é mais ameaça, o saldo na balança comercial é positivo e as reservas cambiais superam os 250 bilhões de dólares, diminuindo as possibilidades de as crises do capitalismo nos afetar com intensidade. A pobreza diminui e o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH –, que mede a qualidade de vida, melhora a cada ano. A expectativa de vida aumenta, enfim, estamos deixando de ser uma esperança para sermos uma realidade.

Isso tudo implica em alegria e felicidade, mas traz também consequências inéditas, com as quais não estávamos acostumados e que, às vezes, nos empolga, às vezes, nos assusta. Nossa política externa vai bem, o governo está tendo a capacidade de vislumbrar o futuro próximo e de tomar decisões concretas e acertadas em relação aos novos problemas. Talvez hoje todos entendam melhor o porquê o governo trocou o avião presidencial (o sucatão) por um mais moderno, o porquê permitiu que a Bolívia tomasse medidas aparentemente danosas ao país em relação à Petrobrás, o porquê aumentou o preço pago à energia de Itaipu e favoreceu a Argentina, o Uruguai e a Venezuela no Mercosul.

Talvez ainda seja difícil, para muitos, entender a necessidade de se comprar porta-aviões, caças, equipar as forças armadas e as polícias, mas a verdade é que à medida que atingimos a posição de potência assumimos também os riscos e a responsabilidade de sermos potência. Os poços da Plataforma Continental, especialmente as reservas petrolíferas do pré-sal precisarão ser protegidas, as fronteiras deixarão de ser meros limites entre os vizinhos para serem palco de migrações clandestinas e, em casos extremos, de terror. As florestas e as nossas riquezas em água serão disputadas num futuro próximo. As divergências internacionais serão objetos de nossas preocupações como está acontecendo atualmente em relação ao Irã.

O Irã, como é do conhecimento geral, enriquece urânio, o que o leva a estar prestes a criar artefatos nucleares com poderosa capacidade de destruição, colocando em risco a hegemonia norte-americana e russa no setor. O Conselho de Segurança da ONU pretende impor sanções econômicas ao Irã para que desista de tal programa. O Brasil, por sua vez, dados os enormes interesses comerciais que tem com o mundo árabe, juntamente com a Turquia, postula a negociação pacífica.

Hoje, segunda-feira, dia 24 de maio de 2010, o Irã está entregando à ONU – mais precisamente à Agência Internacional de Energia Atômica – uma Carta demonstrando intenções de enviar urânio para ser enriquecido na Turquia em troca de combustível atômico, ou seja, para usá-lo posteriormente com fins pacíficos. Dessa ação poderão derivar duas alternativas: a primeira, já conhecida, a das sanções econômicas e posterior ação militar; a segunda, que está sendo inaugurada pelo Brasil, a das negociações pacíficas.

Difícil acreditar nessa segunda hipótese porque o imperialismo norte-americano precisa produzir guerras e mais guerras para manter-se hegemônico; por outro lado, **não se pode duvidar do poder das palavras. O tempo dirá.**

A história de Eddie Frei é semelhante à de Harrison de Figueiredo, à de Sultan Rasslan e à de outros brasileiros que foram detidos pela polícia na época da Ditadura de 1964-1985. Eddie Frei foi perseguido em Catanduva, no estado de São Paulo, e não foi o único. Harrison, Sultan também não foram os únicos em Dourados, assim como por toda parte do Brasil, tanto nas grandes como nas pequenas cidades a perseguição foi implacável.

Eddie foi meu colega de turma de graduação, era advogado, tinha sido vereador em 1964, mas foi cassado; cursou História, muito mais para o seu enriquecimento cultural do que propriamente em busca de uma profissão. Devia ter os seus 50 anos quando colou grau e proferiu erudito discurso, escolhido que foi para ser o orador de nossa turma. Homem de um aguçado ouvido musical, amava o violino, instrumento que tocou em várias orquestras e que deve tocar até hoje, depois de ter completado oitenta anos de existência.

Faz muito tempo que não vejo Eddie Frei, mas nesse dia 3 de maio de 2010, no feriado de *Corpus Christi*, em visita a meus parentes em Catanduva, tive o prazer de tomar conhecimento, por intermédio de meu irmão, de uma obra desse meu colega, na qual narra algumas passagens de seu envolvimento com a polícia repressora dos tempos da ditadura militar: “Eddie José Frei. *Tempos de Ditadura – Memórias*. Campinas : Ed. Komedí, 2010“.

Trata-se de opúsculo muito bem escrito, que registra as memórias de um advogado, vereador, violinista, historiador, que defendeu ao longo de sua vida a liberdade de expressão. O grande crime imputado a Eddie Frei foi o de ser comunista, coisa nunca provada, o que de certa forma o livrou das torturas que muitos dos seus colegas prisioneiros sofreram. O próprio autor confessa que não sofreu tortura física, mas a tortura moral o marcou indelevelmente.

Talvez em virtude desse estigma, dessa marca da tortura moral, é que a obra tenha sido editada tardiamente, somente nesse ano de 2010.

Lamentável, por um lado, pois se Edie Frei tivesse escrito no calor dos acontecimentos, provavelmente os fatos teriam uma coloração mais acentuada; louvável por outro lado, pois depois dos oitenta e cinco anos de sua existência o autor não deixa transparecer nenhum sentimento de ódio, não clama por vingança.

Mas, não obstante a serenidade com que narra os acontecimentos vividos, Edie Frei lega aos brasileiros, especialmente aos catanduvenses, um retrato muito fiel do que foi a repressão no Brasil. Se todos os brasileiros perseguidos escrevessem as suas memórias como o fez Edie Frei é bem provável que as gerações futuras jamais permitiriam outra ditadura em nosso país. Conhecendo os horrores dos regimes ditatoriais, renegaríamos até simples insinuações sobre eles. Seríamos eternamente democráticos.

Por falar em democracia é interessante notar que a obra de Edie Frei foi lançada justamente em um ano de eleição presidencial no Brasil e, por coincidência, os três candidatos mais bem posicionados nas pesquisas tiveram alguma participação contrária à Ditadura Militar implantada em 1964. Marina Silva (* 8/02/1958) nos seus tempos de estudante universitária (é formada em História pela Universidade Federal do Acre) integrou movimentos semi-clandestinos, a exemplo do Partido Revolucionário Comunista (PRC) contra o golpe militar. José Serra (* 19/03/1942) foi presidente da UNE – União Nacional de Estudantes –, discursou no Comício da Central e teve que abandonar o seu curso de engenharia e exilar-se (por ser considerado perigoso – vide Wikipédia), primeiro na Bolívia, depois na França e finalmente no Chile. Dilma Rousseff (* 4/12//1947) concluíra o segundo ano de Economia quando foi presa e permaneceu por dois anos e meio na prisão por posicionar-se contra a Ditadura.

Três candidatos, três histórias de resistência, três destinos diferentes. A participação deles contra a ditadura, a postura que cada qual tomou, segundo as circunstâncias que os rodeavam, não foi maior nem menor que a participação de Harrison de Figueiredo, de Sultan Rasslan, de Edie Frei e de tantos outros brasileiros, mas, com certeza, foi importante na

definição dos rumos de nossa história, na configuração de nossa atual democracia.

**Penso que André
“montou num porco”**

09/06/2010

Quando minha avó queria dizer que alguém tinha se enganado, cometido um equívoco qualquer, sapecava a frase: “Montou num porco”. O título dessa crônica não tem nenhum outro sentido a não ser esse, pois creio que André Puccinelli, em vez de montar no cavalo que lhe passou arreado pela frente, cometeu o erro político de montar em um porco. E não é somente por apoiar Serra, mas também por vários outros equívocos que podem lhe custar caro.

Ao convocar Simone Tebet para vice de sua chapa, André talvez tenha imaginado uma jogada de mestre. Simone, deve ter pensado o governador, é filha de Ramez, um nome respeitado, é mulher, assim como Dilma e, em uma eventual vitória, após três anos e meio André renunciaria para disputar vaga no Senado onde se aposentaria e Simone governaria o tempo restante e seria a candidata do PMDB para concorrer com Delcídio do Amaral em 2014.

Não deixa de ser um raciocínio lógico. Só que André não combinou isso com Dourados e talvez não compense para o governador trocar Murilo por Ari, anunciando alguns milhões para recapeamento no asfalto de nossas principais avenidas. Murilo, atual vice, queria ser senador e, portanto, não se preocupou em ser descartado da vice-governadoria. Ora, mas quando foi preterido também como candidato ao senado, as coisas engrossaram. É verdade que André, ao anunciar que os senadores eleitos seriam Moka e Delcídio, passa a ter argumento para conversar com o presidente do PMDB, Michel Temer, e dizer que só não apoia Dilma por causa de Zeca, mas que, em parte, está com o PT.

Murilo ficou em situação muito desconfortável. Como explicar um eventual rompimento com André que apoia Serra? Seria o caso de apoiar

o PT? Ora, com isso Murilo negaria toda a sua história. E não seria então o caso de lançar Marisa Serrano para o governo? Quer dizer, dar dois palanques para Serra em Mato Grosso do Sul? Mas isso seria o mesmo que dar a vitória a Zeca.

E, afinal, Dilma não era a fada madrinha? Ora, dirão alguns, isso era para agradar o governo Lula e trazer recursos para o estado. Tudo bem! Então, quer dizer que André é um enganador? É aí também André montou no porco. Lula **não fez diferença no trato aos governadores petistas e peemedebistas e André foi largamente beneficiado com obras federais. Ora, Lula havia dito que não viria** ao Mato Grosso do Sul se André apoiasse Dilma, mas será que não virá agora, quando André proclama o seu apoio a Serra?

Resta saber se Lula tem capacidade de transferir voto em nosso estado. Creio que sim, embora talvez não tanto quanto em Pernambuco, por exemplo, onde o presidente tem 95% de aprovação, mas precisaria tanto?

Agora, nesse momento, parece-me que o cavalo está passando arreado para Zeca do PT que aumentou sensivelmente as suas chances de ser eleito novamente governador. Basta não errar tanto, como vem acontecendo com André.

Ah! Dentre as coisas que minha avó ensinava não estava só a expressão “montou num porco”, lembro-me ainda agora que ela dizia que “não se deve cuspir no prato em que se come”.

Ele voltou... o ervateiro voltou novamente... 9/06/2010

Quando Adelino Moreira compôs a letra de *A Volta do Boêmio*, música mais conhecida como Boemia, jamais poderia imaginar que alguém, numa tarde de outono, poderia fazer dela uma paródia denominada *A volta do ervateiro*.

Ora, ora, e por que não? Por mais feia que seja a letra, por mais que a música não se enquadre perfeitamente, é muito melhor alguém fazer

uma brincadeira dessas do que ficar amputando estátuas com tão elevado significado cultural e simbólico para a nossa cidade.

Sorte a minha de a voz não me ajudar, senão iria, em noite de lua cheia, não por romantismo, mas para não me perder no matagal, dedilhar num violão e cantar como se fosse o ervateiro:

Oh! Dourados, aqui me tens de regresso
E suplicante de peço, não me maltrate mais não
Voltei, pra honrar o passado em que um dia
Trabalhei e chorei de agonia
Me acompanha o meu grande fardão

Oh! Dourados, sabendo que fui amputado
Sei que ainda pode haver
Quem me vá ironizar
Ele voltou, o ervateiro voltou novamente
Partiu daqui deprimido
Por que razão quer voltar?

Acontece que a Justiça entrou em meu caminho
E o povo com muito carinho
Compreendeu, abraçou-me e me quis
Quis que eu
Saísse lá do barracão
E viesse aqui nesse chão
Para ver capivaras passear

Fui embora,
Mas me resta o consolo e a alegria
De saber que esse parque um dia
Ainda vai ser movimentado

Não creio no hexa, mas torço por ele

14/06/2010

De médico e de louco todo mundo tem um pouco. Verdade, mas aqui no Brasil todos também temos um pouco de técnico de futebol e nesse caso não poderia deixar de dar o meu palpite para o resultado da primeira Copa do Mundo que está sendo realizada na África.

Primeiro bacorejo, ou seja, palpite: a nossa seleção não trará o hexa campeonato e pronto, ponto final. Se bem que, ao escrever essa crônica, **já haviam sido disputados 11 jogos e saído apenas 18 gols, ou seja, 1,63 gols por partida. E se tirarmos a partida da Alemanha teremos apenas 1,4 gols por jogo.** Muito baixo o nível. Uma copa da retranca, como o Dunga gosta.

Na Copa de 2006, realizada na Alemanha, eu era capaz de apostar na Seleção Brasileira, talvez porque naquela Seleção tínhamos muito mais craques do que nessa, talvez porque o técnico fosse mais experiente que o atual. Enfim, não sei exatamente a razão, mas a Seleção de 2006, em minha opinião, jogaria tão bem quanto a de 1982, só que traria a Taça. Ledo engano.

Agora, em 2010, temos um técnico com cabeça dura. Ele bem que poderia ter levado Ganso, Neymar e Ronaldinho, mesmo que os deixasse no banco de reservas. Os dois primeiros, ainda muito jovens, aprenderiam a conviver com o clima de uma competição tão gigantesca, passariam a ter experiência para a próxima Copa no Brasil quando eles deverão atuar a menos que haja algum contratempo. Quanto a Ronaldinho, todos sabemos que, ao contrário de Adriano e de Ronaldo, ele se reabilitou e está jogando muito bem. Poderá fazer falta.

Depois tem outra, a nossa Seleção ganha em média de idade de todas as outras 32 seleções que se encontram na África. A FIFA divulgou recentemente que a média de idade da Seleção Brasileira é de 29 anos e 3 meses. A idade pesa nas pernas dos jogadores, especialmente nesses tempos em que o futebol alia técnica com velocidade. Para termos uma ideia

do “envelhecimento” da Seleção Brasileira atual basta ver que todas as vezes em que nos sagramos campeões a média de idade era muito menor: em 1958 foi de 25,5 anos; em 1962, de 27,3; em 1970, de 24,5 anos; em 1994 e em 2002, de 26,5.

Temos que levar em conta ainda que a Seleção do Brasil, desde 1970, quando obtivemos o tricampeonato, é a Seleção a ser batida. Todos os que jogam contra nós se esforçam como se o jogo fosse o mais importante da vida. Ganhar do Brasil tem sabor especial, fazer um gol no Brasil muitas vezes marca a vida de um jogador por mais grosso que seja.

Finalmente, não acredito na Seleção simplesmente porque ela não consegue me fazer vibrar. Há uma falta de entusiasmo em relação a ela. Talvez porque seja a mais “estrangeira” de nossas seleções, com alguns jogadores que, ao menos antes da convocação, eram completamente desconhecidos pelos brasileiros. Talvez, e o mais provável, eu seja daqueles que gostam do futebol solto, descontraído, do futebol arte como o de 1982, do futebol moleque; e o Dunga é técnico de resultado, para ele não importa jogar feio, importante é ganhar, como em 1990.

Torço para que o Dunga tenha razão, para que eu esteja enganado e que possa comemorar o hexa, mas não o creio. Verdade que Coreia do Norte e Costa do Marfim não são lá essas coisas e mesmo o nosso mais importante adversário, da primeira fase, Portugal, está longe de ser a temida Seleção Portuguesa dirigida por Luís Felipe Scolari em 2006. Quer dizer, passar para a segunda fase não será grande problema, mas e depois?

Em 15 de junho nos defrontamos com a Coreia do Norte, se não ganharmos com três gols de diferença, adeus, *adios, arrivederci bye bye, au revoir.*

Mas, enfim, resta-me torcer, ao invés de maldizer. De qualquer forma vai meu prognóstico: Alemanha, Espanha e Holanda, nessa ordem, são fortíssimas candidatas ao título. Se acertar, tudo bem; se errar, tudo bem também, pois prever o campeão da Copa do Mundo é igual a fazer previsão do tempo.

**Acertei, quase na mosca,
mas polvo é que acerta**

11/07/2010

Não é o que dizem? Que o polvo sempre tem razão. Se o polvo Paul acertou todos os resultados, por que eu não haveria de acertar. Ora, bolhas! Lembram-se das bolhas do Ronaldo, na Copa passada?

A Seleção Uruguaia ficou em 4º lugar; a Alemã, em 3º; a Holandesa, em 2º; e a campeã, pela primeira vez na história das Copas, a Seleção Espanhola.

A Seleção Uruguaia perdeu, mas fez bonito: 3 a 2 num jogo disputadíssimo que somente não foi para a prorrogação porque no final do tempo regulamentar a Jabulani, chutada por um atacante uruguaio, caprichosamente chocou-se com a trave ao invés de balançar a rede, defendida pelo goleiro alemão.

Na grande final, os jogadores holandeses perderam as pernas e, já no final da prorrogação, cederam o gol para a vitória espanhola.

Embora dê até dó ver a Seleção da Holanda disputar três finais e não ganhar sequer uma, convenhamos, a Espanha mereceu. A taça está em boas mãos e em momento certo. Ganhar a Copa nesse momento em que a Espanha enfrenta sérios problemas financeiros e divisionistas pode trazer um novo alento a esse histórico país ibérico.

E eu, que nem polvo sou, poderia me vangloriar de ter acertado na mosca. Em crônica escrita em 14/06/2010, quando estávamos no terceiro dia da Copa, se não me engano, escrevi que “Alemanha, Espanha e Holanda, nessa ordem, são fortíssimas candidatas ao título”. Ora, acertei três das quatro semifinalistas e as duas finalistas. Não está bom?

Está ótimo. Nem mesmo os melhores comentaristas desportivos brasileiros acertaram tanto, afinal foram 32 seleções, inclusive a francesa, a inglesa, a argentina e, claro, a brasileira. Mas sabe o caro leitor o que isso vale? Absolutamente nada! Não há motivos para vanglórias.

Na mesma crônica em que prognostiquei as três seleções que seriam mais bem classificadas na Copa disse também que “se acertar, tudo

bem; se errar, tudo bem também, pois prever o campeão da Copa do Mundo é igual a fazer previsão do tempo”.

Hoje digo mais: acertar quem será campeão de alguma Copa ou campeonato, fazer previsão do tempo e ganhador em política é puro jogo de sorte. Não há estatística, pesquisa ou o que quer que seja capaz de nos orientar tão claramente para cravarmos qualquer resultado com certeza absoluta.

Bem, mas, afinal, quem teve a sorte de acertar as três melhores seleções do mundo, não custa tentar acertar os vencedores das próximas eleições.

Anote aí, por favor. Pela primeira vez em sua história, o Brasil terá uma presidenta. O governador de Mato Grosso do Sul será um poliglota que, dentre outras línguas, fala o Guarani. O senador mais votado em nosso estado é corumbaense. A segunda vaga ao senado terá disputa muito acirrada entre um candidato do PMDB e um do PDT, muito provável que o representante pedetista fique com a vaga. É quase certo que Dourados fará três dos oito deputados federais que representam o nosso estado. Um será (re)eleito, um será (re)conduzido após ter ficado fora da Câmara por quatro anos, em virtude de ter sofrido terrível campanha difamatória. O terceiro, não sei não, se houver realmente um terceiro representante será o resultado de uma acirrada disputa entre um novato e um que já tem cadeira na Câmara.

Quanto à Assembleia Legislativa, trabalho com a expectativa de que Dourados elegerá nas próximas eleições três representantes: um deles já foi prefeito por dois mandatos, outro será um vereador que, embora não pertença aos partidos dos dois principais antagonistas ao governo neste pleito, é bom de voto. Finalmente, o terceiro, se houver, mora em Dourados, mas tem mais voto na região que propriamente aqui.

Enfim, como disse anteriormente, se acertar, tudo bem; se errar, tudo bem também. É como previsão de chuva, aliás, para previsão de chuva ser acertada na mosca basta que haja dois irmãos e que toda manhã um fale que vai chover e outro diga que não. Acertarão, com certeza.

Esse nosso mundo velho cansado de guerra, felizmente, pois já não há tantas como antigamente, embora estejamos sempre sujeitos a elas, é cheio de contradições. Quando nascemos, ao contrário de sorrir, choramos ou porque o ar que nos enche os pulmões arde como fogo ou porque já prenunciamos que nascemos para morrer. E para a morte o único remédio até agora descoberto é a possibilidade de uma vida eterna. Seria muito chato se uma pessoa digna e bondosa morresse e não pudesse sequer reclamar da existência de uma vida além-túmulo que lhe compensasse as boas obras praticadas na Terra.

Mas, se não há remédio para a morte, ao menos a ciência tem prolongado a vida. Ganhamos mais de trinta anos de longevidade em relação à Idade Média. Naquela época, a média de vida girava em torno dos 35 anos; hoje, grande parte dos países ultrapassa com certa tranquilidade a média de 70 anos. Poderíamos melhorar ainda mais esses índices, diminuindo a pobreza e, por via de consequência, aumentando o bem-estar social, melhorando o atendimento na saúde pública, barateando o preço das drogas medicamentosas e, inclusive, combatendo o estresse que se verifica no trânsito de nossas cidades. Estresse que leva à morte tanto em consequência de acidentes do próprio trânsito quanto por provocar vários distúrbios no organismo que levam a doenças, muitas vezes fatais.

Agora, cá entre nós, não é uma baita contradição, melhorarmos o mundo, inventarmos veículos que nos facilitam a vida e essa facilidade nos levar à morte?

Dia desses recebi um *e-mail* com um vídeo produzido na Índia que me levou a refletir ainda mais sobre essa questão do trânsito: uma árvore cai e interrompe o tráfego. Carros, ônibus, motos não têm como seguir caminho. O tumulto se inicia, pessoas falam ao celular nervosamente, outras gritam, gesticulam. Policiais permanecem em suas viaturas. E a árvore lá, deitada, inerte e insensível ao tumulto. De repente um menino desce de seu ônibus escolar e, debaixo de chuva, caminha até o obstáculo que

lhe dificulta a passagem. Sozinho, põe-se em posição e começa a empurrar aquela árvore na tentativa de removê-la. As pessoas observam de longe. Outras crianças põem-se a ajudar aquele menino e daí a pouco um homem, uma mulher, vários homens e mulheres empurram, se ajudam, se mobilizam, levantam um lado da árvore, carregam-na e desobstruem a passagem.

Fim do vídeo. As pessoas se enxugam, sorriem, cumprimentam-se e saúdam o menino pioneiro. Voltam à normalidade de suas vidas.

Quando aflora o sorriso no rosto daqueles que poderiam gerar um tumulto, podemos estar certos de que presenciamos um belo exemplo, um exemplo digno de uma Cidade Educadora.

O dossiê UFGD e a vinda de Lula a Dourados 16/08/2010

Belo dia, no início de 2004, bate à porta da assessoria especial do prefeito Tetila o jornalista Luís Carlos Luciano, então funcionário da prefeitura, hoje nosso confrade da Academia Douradense de Letras. Pediu-me emprestado o dossiê que eu fizera sobre a UFGD alegando-me que desejava fazer um artigo sobre o movimento que estava por culminar com a aprovação de nossa Universidade Federal.

Com sincera alegria emprestei o dossiê, sabia que Luís Carlos jamais ficara alheio aos trabalhos que desenvolvíamos em relação à ampliação do Ensino Superior em Dourados, inclusive fez em 2000 uma publicação muito bonita no jornal *O Progresso*, com duas páginas inteiras dedicadas ao mapa de uso de solo que havíamos projetado para a nossa Cidade Universitária. Luís Carlos conhecia o assunto, assim como o âncora do telejornal da TV Morena em Dourados, Ginez Cesar, que também utilizou o dossiê em reportagem, no dia 29 de julho de 2005, quando foi aprovada a UFGD.

Tempos depois Luís Carlos devolveu-me o dossiê dizendo-se preocupado com o fato de que aquele rico material ficara em uma estante aberta, sem segurança e praticamente à disposição de quaisquer funcionários ou visitantes da ala de imprensa da prefeitura.

Tinha razão Luís Carlos, o dossiê realmente vazou.

Coincidentemente, após o vazamento desse dossiê, o Deputado Geraldo Resende e/ou a sua assessoria passaram a divulgar que o “pai” da UFGD foi o ex-deputado federal, Sérgio Cruz.

Nada adiantou o deputado Sérgio Cruz ter publicado em seu jornal que a ideia da UFGD não partiu dele e que o Projeto Legislativo por ele elaborado em 1983 foi a pedido de Wilson Biasotto, de Sultan Rasslan, de Laerte Tetila e de outros professores do CEUD/UFMS. Algumas pessoas, no entanto, desconhecendo talvez o desmentido de Sérgio Cruz embarcaram na inverdade, ou, como diria minha avó, tomaram o bonde errado.

Inclusive, recentemente, em artigo postado em vários órgãos da imprensa douradense e da Capital (*Midimax*), José Tibiriçá Martins defende que, quando da vinda do presidente Lula em Dourados, no próximo dia 24 de agosto, o deputado Sérgio Cruz seja convidado para receber uma homenagem pelo seu pioneirismo em relação à UFGD.

Homenagem, Sérgio Cruz merece e não somente uma, mas várias, tanto pela sua luta contra a Ditadura Militar quanto pelos relevantes serviços prestados a esse nosso Mato Grosso do Sul, especialmente aos pobres e despossuídos. Mas, sinceramente, ou Tibiriçá se colocou a serviço do deputado Geraldo Resende em sua nefanda, mas felizmente ingloriosa campanha de tornar-se “pai” da UFGD. Torço para que o deputado Geraldo insista na ideia de trazer Sérgio Cruz para receber a homenagem, pois, assim, com certeza, a verdade será recuperada: Sérgio Cruz dirá em alto e bom som o que já publicou em seu jornal.

Comunidade dos fuçadores de papel velho

13/08/2010

Incansável, o professor Paulo Roberto Cimó Queiroz dedica larga parte de sua vida profissional à árdua e ainda pouco reconhecida tarefa de preservar a memória e a história de Dourados e da Região. Coordenador

do Centro de Documentação Regional da UFGD, o Dr. Paulo Cimó transformou o órgão que tive a felicidade de criar, em 1983, em referência nacional, graças não somente a seu elevado saber nessa área, como também à dedicação e extremada determinação em deixar para as gerações futuras fontes que possam explicar a nossa época.

Mas o trabalho do professor Paulo Cimó Queiróz não se restringe ao Centro de Documentação Regional. Empenhado na luta para não permitir que se aprove no senado uma lei que autoriza o Poder Judiciário a desfazer-se de processos com mais de cinco anos de julgado, o professor Paulo esclarece que a falta de espaço físico para se guardar os processos no Judiciário não é mal pior do que a perda de nossa memória judiciária. Dias atrás me pediu para entregar ao senador Delcídio um farto dossiê objetivando orientar o nosso senador a votar contrariamente a esse tão nocivo projeto.

Semana passada, em artigo publicado no Diário MS, o professor Paulo Cimó saiu em defesa do Arquivo Público Municipal. Nesse sentido, procurando fazer ressonância ao pleito do professor Cimó, desejo dizer que, quando cheguei a Dourados no ano de 1974, havia um arquivo público relativamente bem organizado. Meus alunos do curso de História levaram-me para conhecê-lo e eu confesso que fiquei animado com as perspectivas de termos nossa memória municipal preservada.

Ledo engano. Da mesma forma que o Museu, o Arquivo se desfez e o pouco do que restou encontra-se depositado no segundo piso da Estação Rodoviária. Durante a gestão Tetila, conseguimos recuperar o Museu e dar-lhe espaço próprio, o que, de certa forma, garante a sua continuidade. Já em relação ao Arquivo Público, tomamos algumas providências.

Encaminhamos à Câmara Projeto de Lei criando o cargo de arquivista e assim que a Lei foi sancionada abrimos concurso público para preenchimento da vaga; no entanto, não houve candidato para a vaga. Iniciamos a reforma e a adequação do segundo piso da Rodoviária para fazermos um Arquivo Público que fosse verdadeiro cartão de visitas de Dourados. Era constrangedor saber que a Associação dos Catadores de

Papel tivesse tanto cuidado em montar uma biblioteca com a coleta de livros que aproveitavam e que a Prefeitura da primeira cidade do interior do estado não dispusesse de seu próprio arquivo. Mas, expirado o mandato Tetila, a ruptura administrativa que se deu em Dourados interrompeu o Projeto.

Resta-nos agora clamarmos à Secretaria de Administração da Prefeitura, a quem compete essa ação e apelar para o bom senso de sua gestora, a advogada Tatiana, para que retome o projeto do Arquivo Público Municipal.

Tenho a mais absoluta convicção de que ela poderá contar com a UFGD e, de modo muito especial, com o professor Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, esse insigne membro da “comunidade dos fuçadores de papel velho”, como ele próprio, com muita simpatia, denomina os arquivistas e historiadores que trabalham nessa área.

Getúlio, Figueiredo e Juscelino

24/08/2010

Escrevo essa crônica no dia em que o presidente Lula visitou Dourados, 24 de agosto de 2010, exatos 56 anos do suicídio de Getúlio Vargas e redondos 30 anos após a vinda do presidente João Batista Figueiredo.

Esses três personagens têm tudo a ver com aquilo que considero os três grandes eixos do desenvolvimento de Dourados: a implantação da Colônia Agrícola Nacional – CAN –, a expansão do cultivo da soja em nossa região e a implantação da Universidade Federal da Grande Dourados.

Getúlio não visitou Dourados, mas sobrevoou a região em 1941 e seu avião pousou na fazenda Pacuri, no município de Ponta Porã. Imediatamente após essa viagem Getúlio criou o Território Federal de Ponta Porã. Sultan Rasslan, conversando comigo sobre essa passagem histórica, levantou a hipótese de que somente com a criação do Território de Ponta Porã é que Getúlio pôde criar a Colônia Agrícola em 1943, definitivamente

implantada em 1948. Nessa época em que Dourados abrangia os atuais municípios de Douradina, Fátima do Sul, Vicentina, Glória de Dourados e Deodápolis, houve uma intensa migração, especialmente de nordestinos que, no anonimato da labuta diária, escreveram uma das mais belas páginas do sucesso de uma reforma agrária em nosso país.

João Batista Figueiredo visitou Dourados em 1980, quando a cultura da soja já se consolidara na região, uma vez que os primeiros plantios se deram no final da década de 1960 e a expansão dessa cultura ocorreu no início dos anos de 1970. Não foi à toa que em sua passagem por Dourados Figueiredo visitou a fazenda dos pioneiros nesse setor, Arno e Waldir Guerra. Os Guerra e o Gresler, nessa época, eram produtores de sementes de boa qualidade e atendiam toda a região. Figueiredo impressionou-se com o estágio de mecanização agrícola que atingira a nossa região.

Agora, nesse ano de 2010, recebemos a visita de Lula a quem devemos a criação da UFGD, depois de 25 anos de insistência. O presidente operário teve para a região e para o Brasil uma visão muito mais ampla do que a do presidente que o antecedeu. Com a UFGD, Dourados inicia um novo estágio de desenvolvimento. Os investimentos nesses últimos cinco anos ultrapassaram 80 milhões de reais e, embora representem muito, o significado maior ainda está por vir.

UEMS e UFGD, exemplo único no Mundo de duas Universidades Públicas convivendo no mesmo espaço físico, acompanhadas do esforço das duas Instituições de Ensino Superior particulares que dispomos (UNI-GRAN e Anhanguera), farão de nossa região uma das que deterão o maior Índice de Desenvolvimento Humano do país. Quem viver os próximos vinte anos poderá dizer se estou correto.

Outros presidentes visitaram Dourados. Juscelino Kubitschek foi fotografado no Clube Social, que foi abaixo em virtude da especulação imobiliária que, diga-se de passagem, não prosperou, uma vez que lá está, inconcluso, o prédio assentado, onde jaz por toda a eternidade, um dos maiores patrimônios históricos de nossa cidade.

João Goulart esteve por aqui em 1963, menos de um ano antes de ser deposto e ver implantada no Brasil a nefasta Ditadura Militar que fez milhares de vítimas, castrou as lideranças nacionais e, por via de consequência, promoveu uma ruptura no desenvolvimento de nossa democracia.

Depois de João Goulart, recebemos a visita do presidente Ernesto Geisel em 1976. Nessa oportunidade a Praça Antonio João foi fechada e, no seu interior, feito um grande churrasco, servido ao povo por janelas abertas no tapume. A nossa praça central ficou alguns dias em estado semelhante ao do que se encontra nos últimos vinte meses, ou seja, completamente fechada. Mas, ao contrário da seca que enfrentamos nesses últimos dias, naquele dia da visita de Geisel caiu uma chuva torrencial que obrigou o povo a comer carne molhada.

Desconheço se foi nessa visita que Geisel lançou o PRODEGRAN – Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados, mas certo é que o ex-prefeito José Elias Moreira, sucessor de Totó Câmara (que governava quando Geisel esteve por aqui), recebeu em sua gestão investimentos de grande monta, transformando Dourados em um canteiro de obras, recursos esses só superados na gestão do governo Lula.

Espero poder escrever sobre a visita de muitos outros presidentes e constatar em cada uma delas avanços acentuados em nossa cidade que ainda é uma Cidade Educadora.

A lágrima imortalizada

26/08/2010

Quantas lágrimas já não vimos em nossas vidas? Eu, particularmente, vi muitas e até já escrevi certa vez uma crônica que denominei *A Lágrima de Helena*. Referia-me à lágrima que rolou pelo rosto de Heloisa Helena quando ela deixou o Partido dos Trabalhadores para fundar o PSOL. Àquela época escrevi que “Vi muitas lágrimas em minha vida. Algumas ajudei a enxugar, outras acompanhei, outras ainda chorei sozinho. Lágrimas são gotas benditas, quase miraculosas. Aliviam a dor, acalentam

a esperança e substituem até mesmo o riso, quando a alegria é incontida. A lágrima, além disso tudo, é a expressão mais forte dos sentimentos humanos”.

Naquele já distante dezembro de 2002, lembrei-me das lágrimas do velho Timbira, no poema *I-Juca Pirama*: “Corram livres as lágrimas que choro/Essas lágrimas sim que não desonram”. Lembrei-me também da lágrima de Lula quando foi diplomado presidente pela primeira vez, da lágrima de Odilon Martins Romeu, o super-secretário de Harry Amorim Costa, quando esse primeiro governador de Mato Grosso do Sul foi deposto pelas forças da oligarquia do Novo Estado.

Conclui àquela época dizendo que “emociono-me ainda hoje com o choro do velho Timbira, com o choro de Lula e com o de Odilon Martins, mas a lágrima de Heloísa Helena eu gostaria, se pudesse, de tê-la chorado junto” (cf. www.biasotto.com.br Crônicas 2002, *A Lágrima de Helena*).

Hoje, passados oito anos, continuo valorizando as lágrimas, essas simples e pequeninas gotículas que regam os campos de nossas saudades, de nossas dores ou mesmo de nossas alegrias. E não é que tenho a satisfação de constatar que tenho algo mais em comum com o nosso presidente, além da filiação partidária? E não é que o presidente em seu discurso proferido em Dourados, no dia 24 de agosto de 2010, estabeleceu uma relação direta entre a criação da UFGD e a lágrima de uma docente de Medicina?

Quer dizer que as lágrimas não servem apenas para exprimir dores, sofrimentos ou alegrias, elas prestam-se também para definir, em última análise, a implantação de uma Universidade. Uma lágrima! Vista por um presidente sensível aos clamores de seu povo. Uma lágrima que não vi, aliás, uma das poucas ações de que não participei em relação à criação da UFGD. Uma lágrima que se soma à luta de tantos professores, alunos, cidadãos e políticos douradenses. Uma lágrima que se soma à política de ampliação das universidades federais brasileiras implementada pelo governo Lula. Uma lágrima imortalizada!

Somos responsáveis por quem cativamos

2/09/2010

Faz algum tempo que não (re)leio *O Pequeno Príncipe*, do aviador francês Antoine de Saint Exupéry, mas pretendo fazê-lo novamente nesse final de semana. A leitura desse livro profundo, embora aparentemente leve, me faz bem. Aprendi algumas coisas com essa leitura, inclusive num diálogo entre o Príncipe e a Raposa, por exemplo, há uma frase de sabedoria grandiosa: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Significa dizer que, se conquistamos alguém, devemos assumir para com esse alguém a responsabilidade de o termos conquistado. Vale para o enlace conjugal, para as amizades, mas vale também em relação aos eleitores que acreditam em nós quando nos candidatamos a alguma coisa.

Veja o caro leitor que *O Pequeno Príncipe* me veio à cabeça em relação à inédita e até certo ponto incrível crise política pela qual passa a nossa cidade: somos, ou ao menos deveríamos ser, responsáveis por quem cativamos. Ao “cativarmos” as pessoas, devemos ser-lhes fiéis, sermos coerentes com aquilo que prometemos para cativá-las. A título de exemplificação, permitam-me extrair de um e-mail que recebi alguns trechos que me tocaram e me levaram a lembrar de *O Pequeno Príncipe*.

“Querido Professor...

A única pessoa com quem vou me manifestar sobre o que tenho lido nos jornais é o senhor, porque eu acreditei de coração em tudo o que vi em apenas 3 meses de convivência.

Quando fizemos a campanha, a minha vontade era tentar abrir os olhos das pessoas à força, sobre a diferença gritante entre a sua competência e o populismo, o assistencialismo dele. Eu tinha vontade de gritar nos bairros que aquilo era absurdo, que estariam dando uma cidade estruturada, administrada tão bem pelo Tetila nas mãos de uma pessoa absolutamente despreparada, pra não usar termos pejorativos.

Fiz o que pude. Mas me impressionava o quanto era difícil tirar das pessoas aquela ideia de que ele era «bonzinho», que era «do povão» e que seria uma coisa nova e boa pra Dourados.

Me apaixonei por Dourados já no primeiro dia. Me apaixonei pelo trabalho que fiz aí, me alegrava em colocar minha cara na mídia pra defender a campanha de alguém em quem eu acreditava tanto, que eu queria do fundo do meu coração que ganhasse aquela eleição não simplesmente pela vitória, mas porque eu sabia que era o mais preparado para administrar a cidade.

Todos que trabalharam na Campanha, gente que nem se conhecia, se tornaram amigos pra lutarem juntos por isso.

E lutamos todos, até o último dia.

No dia da apuração, todos nós sentimos a mesma tristeza...”

Ao tornar público esse e-mail, que, imagino, deve representar o pensamento de muitos douradenses, ofereço também a resposta dada, mesmo porque penso que é meu dever de cidadão manifestar-me em torno do ocorrido. Eis a resposta:

“Querida amiga...

Agradeço-lhe pela mensagem. De fato, fizemos uma campanha muito bonita, especialmente no sentido de que acreditávamos naquilo que fazíamos. Assumimos uma grande responsabilidade diante do povo de Dourados, especialmente diante daqueles que nos prestigiaram com o voto. Mas não há o que lamentar. Lembra-se de que falávamos que estávamos orgulhosos de morarmos em uma *Cidade Educadora*? Pois bem, o que nos aconteceu foi um grande aprendizado. Um aprendizado raro. Poucas são as cidades que passam por esse tipo de purgação. Se o Murilo ou eu tivéssemos sido os escolhidos, provavelmente a nossa querida Dourados não passaria por essa experiência purificadora. Dourados está aprendendo, Mato Grosso do Sul está aprendendo, todo o Brasil está passando por um grande aprendizado em termos de democracia. Com certeza a nossa campanha não foi em vão, a nossa derrota não foi política, mas eleitoral, há uma grande diferença nisso. As pessoas passam, mas ficam os ideais. Um abraço”.

Foi isso, e confesso aos leitores que, como descendente de italianos, costumo verter lágrimas com certa facilidade, mas, nesse caso, nem

a crise, nem a leitura e a resposta provocaram-me uma lágrima sequer. Não há motivo para nos envergonharmos de nada e mesmo aqueles que votaram no prefeito, agora preso, não têm por que se envergonhar. Se votaram nele é porque foram conquistados, logo deveriam ser amados.

Dourados: verás que um filho seu não foge à luta 13/09/2010

No mesmo dia 13 de setembro de 2010, data em que a população de Dourados se fez representar à frente da Câmara Municipal, por uma vanguarda que nos orgulha de morarmos nessa cidade, eu postei artigo nos jornais eletrônicos alertando para o fato de a polícia ser calma, pois quanto maior a civilidade de uma nação, maior a educação da polícia.

Triste episódio! A polícia, ao invés de fazer um cordão de isolamento, ao invés de alinhar os seus efetivos de maneira a assegurar a ordem pública, mandou gás, bombas e balas de borracha atingindo indiscriminadamente homens e mulheres que estavam apenas e tão somente exigindo o que na verdade todo o povo de Dourados deseja: “eleições já”

Que me desculpe o governador, mas, se ele imediatamente não afastar os comandantes e os policiais envolvidos nesse descabro, deverá ser responsabilizado, como comandante supremo da Polícia Civil, pela truculência cometida. Se não tomar tal medida, fica a sugestão para que renuncie à sua candidatura, pois, assim como Dourados encontra-se revoltada, todo o estado de Mato Grosso do Sul haverá de revoltar-se.

Confesso aos leitores de minhas crônicas que diante da televisão, assistindo ao vivo as cenas deprimentes da polícia atacando o nosso povo, o meu sangue clamou por justiça e somente não fui à praça pública porque na qualidade de candidato derrotado nas últimas eleições municipais eu poderia ter sido mal interpretado, poderia ser julgado como alguém tentando tirar proveito da situação.

Mas agora, ao ver pessoas humildes sendo agredidas, assistindo aos meus colegas professores sendo atacados, vendo estudantes douradenses,

sindicalistas, movimentos sociais e representantes de todas as camadas sociais de Dourados colocando-se à frente do campo de batalha para reivindicar eleições, não posso calar-me e nesse sentido:

1 - conclamo o meu Partido, o PT, e todos os Partidos Democráticos de nossa Cidade para que façamos uma frente ampla e nos unamos aos manifestantes desse histórico dia 13 de setembro para exigirmos a realização de eleições diretas já;

2 - exorto o meu adversário nas últimas eleições, o vice-governador Murilo Zauith, para que à frente dos estudantes da UNIGRAN também coloque-se em praça pública para, juntos, pedirmos eleições diretas já;

3 – apelo, da mesma forma, às outras universidades de Dourados para que, como guardiães do saber, da democracia e da paz, levantem as suas respectivas bandeiras na luta pela Justiça;

4 - apelo às forças policiais no sentido de que soltem imediatamente os manifestantes que foram presos e se redimam diante de nossa sociedade pelos atos agressivos de alguns de seus membros;

5 - clamo à Justiça de nossa Cidade para que aja com a rapidez necessária para devolver ao povo o que lhe é de direito: o poder de eleger os seus representantes;

6 - conclamo também as entidades religiosas e de classe, clubes de serviços, associações e a mídia local para restabelecermos, no mais breve espaço de tempo possível, a democracia plena em nossa querida Dourados;

7 - cumprimento, finalmente, o Comitê de Defesa Popular pela iniciativa e pela serenidade com que se portou diante as agressões sofridas e solicito aos seus integrantes que promovam uma grande reunião com as forças vivas de nossa cidade para evitarmos o golpismo que se vislumbra. Eu estarei presente.

Cautela e caldo de galinha

20/09/2010

Tenho sido contundente em minhas críticas em relação a algumas hipóteses que surgiram para a sucessão do prefeito Artuzi e também em

relação às medidas tomadas, especialmente, à da ação repressora da Polícia Militar, que, no dia 13 de setembro, mandou bombas de efeito moral e acertou com balas de borracha alguns manifestantes que estiveram protestando em frente à Câmara Municipal.

Tenho, no entanto, a consciência de que não podemos atirar gasolina ao fogo. Conforme os ensinamentos de minha avó, que aprendeu por sua vez com a avó da avó dela, cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém. A situação de Dourados é tão complexa que requer certa medida de paciência e compreensão.

Nessa última segunda-feira (20/09/2010), a Câmara Municipal tentou se reunir após o fracasso da semana anterior, mas não houve quorum. Novamente se verificou um grande público assistindo à sessão, mas agora não houve quebra-quebra e a polícia, ao contrário da semana passada, teve um comportamento exemplar: aumentou preventivamente o efetivo e permitiu a manifestação pacífica clamando por eleições já.

Por outro lado, o Tribunal de Justiça cancelou, na tarde de ontem (20/09/2010), a posse ao cargo de prefeita que seria dada à presidente eleita na última sessão da Câmara, Délia Razuk.

Medida corretíssima, em primeiro lugar porque o vice-prefeito, embora preso, ainda não foi impedido de assumir o cargo de prefeito e, em segundo, porque, se empossada prefeita, a presidenta da Câmara teria que convocar imediatamente eleições para prefeito e vice, o que também seria arriscado.

Alguns dirão que a convocação de “eleições já” não seria mais que obrigação. Outros engrossarão o coro afirmando que na verdade se está cozinhando o galo com fogo brando. Ocorre que uma eventual convocação de eleições, antes do impedimento definitivo do prefeito e do vice, poderia ser suspensa judicialmente, o que resultaria num imbróglio ainda maior.

Que fazer além de aguardar?

Apelar para o bom senso de todos. Aos tribunais, para que se debrucem sobre o caso com a urgência que ele requer. Aos vereadores, para

que ou compareçam às sessões ou renunciem a seus respectivos mandatos. Aos manifestantes, que estão representando os legítimos anseios da população por “eleições já”, que continuem a agir com prudência, sem violência, mas com firmeza, para que não se configure nenhum eventual golpe à nossa liberdade de podermos escolher por via direta o nosso futuro administrador.

Sempre é bom lembrar que a população somente vai às ruas clamar por seus direitos quando as instituições não dão conta de encontrar soluções rápidas para casos iguais ou semelhantes ao que estamos presenciando.

Nada está perdido, mas não custa lembrar que paralelamente aos fatos decorrentes da Operação Uragano existe um pedido de intervenção em Dourados por conta de não pagamento de precatório. Isso abre a possibilidade de o governador nomear um interventor, embora não creio. Penso que, ressabiado com o acordo feito com Ari, o governador dificilmente vai montar novamente em porco.

Por outro lado, outubro, novembro e dezembro passam muito rapidamente e, caso a situação não seja resolvida até o final do ano, se configurará grande golpe, uma vez que, a partir de janeiro, não haverá mais eleição para substituir o prefeito. Reza a Lei que haverá nova eleição se prefeito, vice e presidente da Câmara estiverem impedidos de assumir antes de expirar meio mandato.

Disse e repito: compete a nós, douradenses, encontrar em nosso próprio seio as forças necessárias para retomarmos o nosso desenvolvimento sustentável. Significa dizer: o desenvolvimento econômico acompanhado do desenvolvimento social e do respeito ao Meio Ambiente.

Portanto, “eleições já”, urgentemente, mas com todas as arestas devidamente aparadas.

Prazer em conhecê-la
Natércia

26/09/2010

Eram seis horas, embora o barulho da chuva serena e refrescante fosse um convite a permanecer sob os lençóis, já havíamos tomado a primeira xícara de café. No sábado havíamos nos recolhido cedo, o Palmeiras

nos dera a alegria da vitória diante do Flamengo lá no Rio de Janeiro, e a noite fora bem dormida. Helena pintava mais uma fraldinha para o nosso primeiro neto, que deve chegar nas proximidades do Natal, João Pedro, um messias (no sentido de muito esperado), que já é amado sem que se saiba ainda a cor de seus olhos, os jeitos e trejeitos que trará consigo ao mundo. Eu, bem eu, quando já me enfastiava de ler quase toda a edição da *Folha de São Paulo* desse domingo (26/09/2010), em que o jornal faz uma mal disfarçada campanha anti-Lula e anti-petista, acabei chegando ao caderno *Ilustradíssima*, onde conheci Natércia.

Quando jovem, era assinante da revista *Seleções Readers Digest* e nem por isso tornei-me americanófolo, ao contrário, passei a ver nos Estados Unidos o retrato acabado do imperialismo. Agora, já amadurecido, por que não posso ler a *Folha* sem tornar-me adepto do liberalismo econômico? Ora, ora, e afinal, se não lesse tal matutino como teria conhecido Natércia?

Natércia foi uma agradável surpresa, embora o nome em si tenha-me feito lembrar o comentarista esportivo Juarez Soares que, numa feita, durante um jogo do São Carlense, referiu-se a um zagueiro chamado Biasotto perguntando se isso lá era nome de jogador de futebol? E Natércia, seria nome de escritora? Natércia Pontes! Nunca tinha ouvido falar, confesso a minha ignorância. Ao ler o seu texto, pela primeira vez, gostei. Reli e tornei a gostar, então quis saber quem era a autora.

Oh! Maravilhoso mundo dos sites de busca! Natércia é cearense, nasceu em 1980, escreveu um livro chamado *Mulerez* e tem um blog: *natercia.blogspot.com/* onde posta os seus escritos.

Permita-me, Natércia Pontes, que reproduza aqui em Dourados e nesse nosso Mato Grosso do Sul o seu precioso texto, coisa que não fiz ontem porque a *Folha Digital* tem mecanismos que não permitem reprodução, como se o texto não tivesse se tornado público a partir de sua publicação. Tive sorte em presumir que você o postaria hoje em seu blog:

“ERA UMA ABÓBORA tão bonita, que a senhora Guga parou perplexa. Nem regateou o preço com o feirante parrudo, meteu-a no saco

e levou-a para casa, no colo, como se fosse um bebê. Estendeu a toalha de festas na mesa e nela depositou com carinho e admiração a abóbora mais bonita já vista. Uma semana passou e a abóbora continuava sobre a mesa de jantar. O tom laranja começava a esmaecer e alguns pontos cinzas surgiam na superfície. A senhora Guga lustrou a abóbora com um paninho úmido, olhou-a com ternura e seguiu impassível a sua rotina tevê, cozinha, banheiro e cama. Outra semana passou e os pontos cinzas pretejavam profundos, rajadas de vermelhos enrugavam a casca antes lisa, que murchava como o rosto triste da senhora Guga. Viam-se algumas moscas minúsculas sobrevoando a abóbora. A senhora Guga espantava os insetos com um leque e acariciava a abóbora, como quem diz: Não se preocupe, querida, está tudo bem. Outra semana passou e um fedor tomava a casa da senhora Guga. Era uma espécie de cheiro de lixo misturado com cheiro de animal morto.

Ela não ligou muito, mas comprou um perfume de lavanda para a casa, que mascarou superficialmente o odor. Outra semana passou e um chorume sangrava da abóbora. A senhora Guga limpava ao redor do fruto e espantava as moscas com afinco e dedicação. Apesar de tanto investimento, o bolor tomava conta de grande parte da abóbora e a toalha que a guarnecia agora estava toda sarapintada de restos putrefatos.

Outra semana passou e a abóbora figurava murcha sobre a mesa de jantar quando o filho ocupado da senhora Guga veio visitá-la. “Mamãe, o que é isso? Por que a senhora não joga essa abóbora podre fora? Mamãe, isso pode trazer doenças. Mamãe, a senhora está louca? Mamãe, vou tomar providências imediatamente!” A senhora Guga consentiu calada. Sentia-se culpada, mas não sabia o porquê. Seu filho ocupado fez uma ligação e depois de algumas frases peremptórias desligou o telefone. Duas horas depois, quando o oficial de polícia apareceu – balançando o cassetete e fazendo cara de poucos amigos – e recolheu os restos da abóbora podre em um saco preto, a senhora Guga apertou bem os olhos e não entendeu bem onde estava”.

Oh! Céus! Mesmo escrevendo mil páginas eu conseguiria mostrar essa face da velhice. Mesmo que cultivasse abóboras, mesmo que a minha própria mãe tenha passado pelo mal de Alzheimer, mesmo que tenha sido um filho ocupado, eu jamais conseguiria. Bem, ao menos nesse atual estágio de meu aprendizado como escrevinhador, tenho certeza de que não conseguiria.

Acorda meu povo!

29/09/2010

Acorda meu povo, que eu, sinceramente estou querendo dormir. Dormir ou hibernar, talvez hibernar e esperar, esperar pacientemente mais quatro anos. Para falar bem a verdade, já estou pensando seriamente em enfiar a viola no saco. Minha viola já está num canto, jogada, com as cordas arreventadas. Mas fazer o que com viola se não consigo cantar. E se tento não entoa. Perdi também o pandeiro, mas qual tal um bom guerreiro, nem tinha me importado. E para que pandeiro afinal, se com uma caixa de fósforo dá para bater um samba. Afinal, já nos ensinou Vinicius que “é melhor ser alegre que ser triste/que a alegria é a melhor coisa que existe”.

Mas a minha caixinha de fósforo é ainda da marca sol. Sol, e eu estive vendo o debate entre os candidatos ao governo de nosso Mato Grosso do Sul. Pronto, Sol, de PSOL, o partido da Heloisa e do Nei Braga. E não é que o Nei foi meu aluno, tanto quanto o João Grandão e o Eduardo, hoje nosso prefeito? E tantos outros dos quais me orgulho.

Então pensei com os meus botões: o Nei vai arreventar a boca do balão. E quando ele foi falar dos vídeos eu me antecipei e falei: “Pergunte Nei, pergunta por que os vídeos foram provas suficientes para prender o Ari, o Carlinhos e mais nove vereadores e não serviriam como prova para prender deputado e governador?”

Mas quá! O PSOL que brilha aqui não brilha como acolá. Ele só levantou a bola para o André chutar. E como chuta esse André?

E o nosso Zeca? Na sua primeira apresentação oficial aqui em Dourados afirmou que estava doido para debater com o André. Prometeu que

ia perguntar o porquê de o André ter amarelado na eleição de 2002. Perguntou nada, esqueceu-se. Mas acho que foi pela euforia de ter uma pergunta melhor. E eu levantei da cadeira, e gritei: “Pergunta Zeca, pergunta o que o André fazia com os 2 milhões por mês que o Rigo falou que lhe dava? Pergunta Zeca, pergunta se o André abria todas as contas dele ou se eram somente as contas que ele tem nos bancos brasileiros”.

“Calma, calma. Essa última pergunta não dá para fazer, vai que o homem não tem conta nas Ilhas Cayman e aí ele lhe processa, Zeca, não essa não. Pergunta só dos dois milhões que já está bom”.

Mas quá! Quem viu o Zeca derrubar o aviãozinho do Bacha no debate de 1999 imaginava que ele fosse transformar o André em Torres Gêmeas. Que nada!

E o nosso governador? Bem, depois que passou a tremedeira, foi pegando gosto e, muito esperto, ele, que deveria estar jogando na defesa, queria até marcar gol. Atacou e chutou o pé na barraca. É isso, mesmo, chutou o pé na barraca. Imagine! Falar que pegou o estado quebrado e que foi o Zeca quem desviou dinheiro?

Aí, acudam-me que não durmo!

Mas não é por isso tudo não. Agora é que começa a minha revolta.

Veja o meu caro leitor: entre 1995 e 1998 o PMDB do André, mas naquela época comandado pelo governador Barbosa Martins, quase acabou com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, a nossa querida UEMS. Pois bem, veio o Zeca e as forças vivas de nossa Dourados apresentaram-lhe o Projeto Cidade Universitária. Zeca encampou o projeto, expandiu a UEMS e concedeu-lhe a sonhada autonomia financeira.

Que fez o André ao assumir o governo. Tirou a autonomia da UEMS e agora, acusado dessa vergonhosa atitude, apresenta números dizendo que aumentou os repasses para a nossa Universidade Estadual. Ora, se tivesse mantido a autonomia aprovada no governo Zeca, com o aumento da arrecadação, os repasses seriam muito mais vultosos e a UEMS estaria crescendo tanto quanto a UFGD. Já pensaram?

E não para aí. Tentando se livrar da pecha de destruidor da UEMS o nosso governador promete abrir a UEMS em Campo Grande e, depois,

retificando, diz que vai sim abrir a UEMS em Campo Grande, mas só vai criar o curso de Medicina lá. A sede continuaria em Dourados.

Ora, ora, eu que sou bem mais bobinho, lutei o tanto que pude para abrir o curso de Medicina no CEUD porque tenho consciência do poderio que esse curso representa. Tinha a mais absoluta convicção de que com o curso de Medicina no CEUD nós estaríamos facilitando a vinda da UFGD.

Abrindo-se um curso de Medicina em Campo Grande não tenho dúvidas de que a Reitoria da UEMS dentro de dois ou três anos estará lá.

Não sou Omar Cardoso, nem mãe Diná, como sugere o amigo Cícero Faria, e nem escrevo para aparecer, como diz outro amigo, o Valfrido Silva, mas eu já havia postado, em 23/04/2010, uma crônica defendendo “A criação da Universidade Estadual de Campo Grande”. Então, se o governador desejar criar um curso de Medicina da Universidade Estadual de Campo Grande terá obrigação de criar um curso de igual peso em Dourados.

Acorda, meu povo, que eu estou querendo dormir para acordar em 3 de outubro com os olhos verdes de esperança e as mãos prontas para colorir minha cidade, meu estado, meu país com o vermelho da vitalidade e da confiança que nos traz o Partido dos Trabalhadores.

E abro o meu voto, não só na conversa, mas no papel: Tetila, estadual, porque foi o melhor prefeito que Dourados já teve (com o perdão do Zé Elias que ficou um pouco atrás); João Grandão, federal, porque trabalhou muito por nós e foi injustiçado, como penso que foi injustiçada também a Clarice (do IPTU) Sanches Silva, aqui em Dourados. Para o Senado voto em Dagoberto porque formará uma dupla nunca vista em nosso estado junto com Delcídio que foi, sem dúvida, o melhor senador que o Mato Grosso do Sul já teve. Para o governo do estado voto no Zeca porque é bom administrador, é municipalista, é democrático. Voto na Dilma porque a sua estatura como administradora é muito superior à dos demais candidatos e porque quero ver o meu país seguir em frente, com a continuidade do trabalho de Lula.

De qualquer forma, continuarei respeitando, como sempre respeitei, a vontade soberana de nossos concidadãos. Cada eleição é um grande aprendizado.

Pizza ou cautela, eis a questão 6/10/2010

Para que o cidadão seja consciente é preciso ser bem informado. Estou tentando ser, no entanto, as notícias divulgadas sobre as decisões dos tribunais em relação ao nosso caos político não são esclarecedoras. Aliás, duvido que os jornalistas e a própria Justiça não estejam encontrando dificuldades para entender e resolver esse imbróglio.

De qualquer forma, desejo, ardentemente, que as medidas que estão sendo tomadas sejam para evitar qualquer tipo de casuísmo e não pretexto para apresentar-nos uma grande pizza ao final das decisões.

E volto a insistir, qualquer medida que não seja a convocação de novas eleições, em minha opinião, é golpe. Vamos aos fatos.

A nomeação do prefeito interino Eduardo Rocha, se não foi uma medida amparada seguramente em Lei, ao menos foi decisão respaldada por uma lógica incontestável e creio: até por jurisprudência.

O cancelamento da posse da presidenta da Câmara, Délia Razuk, assim que ela foi eleita, também não tem nenhum respaldo legal; contudo, o bom senso recomendava esse tipo de atitude, principalmente porque o vice-prefeito não estava impedido, embora preso.

Agora, com o afastamento do vice, do prefeito e dos nove vereadores, fica aberta a possibilidade de haver a posse dos suplentes como de a presidenta da Câmara assumir a prefeitura.

Aí começa o imbróglio. Se a presidenta da Câmara assumir a prefeitura, ela teria teoricamente que convocar eleições dentro dos próximos 45 dias. Só que ela está impedida dessa ação porque o afastamento dos envolvidos não foi definitivo, podendo nesse caso ocorrer até mesmo o fato de que, vencido esse prazo, todos poderiam voltar a exercer as suas respectivas funções.

Mas, digamos que, passados os 90 dias, os envolvidos na operação Uragano sejam afastados definitivamente. Então estaremos em janeiro de 2011 e a presidente da Câmara não terá mais que convocar as eleições. Dessa forma, de duas uma, ou ela assumiria definitivamente ou se convocaria o segundo colocado nas últimas eleições, o vice-governador Murilo Zauith.

Esses noventa dias são, portanto, um ponto a ser questionado. Isso porque a Justiça estaria tirando dos cidadãos douradenses a oportunidade de ir novamente às urnas e a Justiça não tem esse direito. Ou seja, não tem o direito de substituir o povo para escolher os seus representantes.

Em relação aos vereadores, sendo afastados, continuarão inclusive recebendo os seus salários, o que prova que não perderam o cargo. E, se não perderem em última instância retornarão normalmente. Se perderem, como fica? Os suplentes não poderiam continuar porque, se os efetivos perderem os cargos, em tese perderiam também os votos e, assim sendo, haveria nova recontagem e a composição da Câmara seria totalmente modificada.

Paira no ar um italianíssimo cheiro de pizza e eu “*Non creio en las brujas, pero que las hay, las hay*”

Um entusiasmado jovem tucano

17/10/2010

Encontrei-o em um estabelecimento comercial. Jovem trabalhador saíra recentemente de seu antigo emprego, mas não mudara de ramo, continuava vendedor de produtos de uma multinacional, agora mais satisfeito com o salário.

Conversa vai, conversa vem, o assunto virou para a política, afinal somente futebol e novela não mantêm discussão acesa por muito tempo. Mas, enfim, como também na política há paixão, foi se formando uma roda que deveria ter 5 ou 6 jovens e dois idosos, eu e mais um.

O jovem vendedor, bom de bico, senão não seria vendedor, e de bico grande, senão não seria tucano, foi logo declarando o seu voto a José Serra. Claro que, me conhecendo, não faltou uma boa dose de provocação, pois Serra teve em Dourados 48.75% dos votos. E eu, que normalmente não ligo para esse tipo de provocação, e de lambuja estava alegre por ter sido lembrado ao menos por dois ex-alunos, já que essa nossa conversa acontecera no dia do professor, fui dando corda.

O rapaz votou e vai continuar votando no Serra porque entende que não pode ficar parado em um emprego, quando as possibilidades de ascensão se esgotam no local onde trabalha, procura outro que lhe traga melhores salários.

Perguntei-lhe se, justamente por pensar assim, já que tinha tantas ambições, não achava que deveria votar em Dilma, afinal o trabalho que ele arrumava com tanta facilidade era fruto da política econômica levada a efeito pelo governo Lula.

“Imagina”, disse-me o jovem, “a Dilma vai continuar dando bolsa família e, se eu tenho emprego, é por causa disso, da bolsa família, que alimenta uma multidão de vagabundos. Ao invés de trabalhar, ficam à custa do governo”.

Ora, disse-lhe eu: “E você acha que basta ser trabalhador e ter vontade que se consegue emprego? Por que será então que no tempo de Fernando Henrique o nível de desemprego no Brasil era exageradamente elevado e agora atinge índices nunca vistos?”

O rapaz, muito convicto, respondeu-me que no Brasil só não trabalha quem não quer. Que o governo não tem nada com isso.

Aí o meu sangue ferveu e perguntei-lhe se não achava que Dourados deveria votar em Dilma, não só por ela ser mais capaz do que Serra, mas ao menos por gratidão a tudo o que o governo Lula nos fez, inclusive pela UFGD, verdadeiro marco para a nova retomada de nosso desenvolvimento?

O moço desconversou e queria fazer uma prévia para ver quem receberia mais votos naquela rodinha que se formou.

Nesse momento quem desconversou fui eu. Pressenti uma desilusão. Compreendi que, se a ideologia da classe dominante atingiu em cheio a mentalidade ingênua daquele jovem, poderia ter anestesiado também os demais. Nada de prévia, enfiei a minha viola no saco e fui-me embora para casa. Lamento não poder ter ido para Pasárgada, como Manoel Bandeira, que lá era amigo do rei.

Às vezes dá vontade de ter escrito o que outros escreveram

7/10/2010

Embora receba diariamente uma montanha de lixo eletrônico, penso que estar conectado à rede da Internet é uma maravilha, pois me chegam também coisas muito boas; essas, normalmente assinadas.

E eu, que não sou de ter inveja de ninguém, às vezes me surpreendo com a facilidade com que algumas pessoas conseguem escrever com beleza aquilo que eu não conseguiria fazer nem com a mais cruenta das verdades.

Veja o caro leitor, se tenho ou não razão, acompanhe o belo artigo escrito pelo professor de filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo, Maurício Abdalla, com o título *Marina,... você se pintou?*

“Marina, morena Marina, você se pintou” – diz a canção de Caymmi. Mas é provável, Marina, que pintaram você. Era a candidata ideal: mulher, militante, ecológica e socialmente comprometida com o “grito da Terra e o grito dos pobres”, como diz Leonardo.

Dizem que escolheu o partido errado. Pode ser. Mas, por outro lado, o que é certo neste confuso tempo de partidos gelatinosos, de alianças surreais e de pragmatismo hiperbólico? Quem pode atirar a primeira pedra no que diz respeito a escolhas partidárias?

Ainda assim, Marina, sua candidatura estava fadada a não decolar. Não pela causa que defende, não pela grandeza de sua figura. Mas pelo fato de que as verdadeiras causas que afetam a população do Brasil não

interessam aos financiadores de campanha, às elites e aos seus meios de comunicação. A batalha não era para ser sua. Era de Dilma contra Serra. Do governo Lula contra o governo do PSDB/DEM. Assim decidiram as “famílias” que controlam a informação no país. E elas não só decidiram quem iria duelar, mas também quiseram definir o vencedor. O *Estadão dixit*: Serra deve ser eleito.

Mas a estratégia de reconduzir ao poder a velha aliança PSDB/DEM estava fazendo água. O povo insistia em confirmar não a sua preferência por Dilma, mas seu apreço pelo Lula. O que, é claro, se revertia em intenção de voto em sua candidata. Mas “os filhos das trevas são mais espertos do que os filhos da luz”. Sacaram da manga um ás escondido. Usar a Marina como trampolim para levar o tucano para o segundo turno e ganhar tempo para a guerra suja.

Marina, você, cujo coração é vermelho e verde, foi pintada de azul. “Azul tucano”. Deram-lhe o espaço que sua causa nunca teve, que sua luta junto aos seringueiros e contra as elites rurais jamais alcançaria nos grandes meios de comunicação. A *Globo* nunca esteve ao seu lado. A *Veja*, a *Folha de S. Paulo*, o *Estadão* jamais se preocuparam com a ecologia profunda. Eles sempre foram, e ainda são, seus e nossos inimigos viscerais.

Mas a estratégia deu certo. Serra foi para o segundo turno, e a mídia não cansa de propagar a “vitória da Marina”. Não aceite esse presente de grego. Hão de descartá-la assim que você falar qual é exatamente a sua luta e contra quem ela se dirige.

“Marina, você faça tudo, mas faça o favor”: não deixe que a pintem de azul tucano. Sua história não permite isso. E não deixe que seus eleitores se iludam acreditando que você está mais perto de Serra do que de Dilma. Que não pensem que sua luta pode torná-la neutra ou que pensem que para você “tanto faz”. Que os percalços e dificuldades que você teve no Governo Lula não a façam esquecer os 8 anos de FHC e os 500 anos de domínio absoluto da Casagrande no país cuja maioria vive na senzala. Não deixe que pintem “esse rosto que o povo gosta, que gosta e é só dele”.

Dilma, admitamos, não é a candidata de nossos sonhos. Mas Serra o é de nossos mais terríveis pesadelos. Ajude-nos a enfrentá-lo. Você não precisa dos paparicos da elite brasileira e de seus meios de comunicação. “Marina, você já é bonita com o que Deus lhe deu”.

Crônica para um jovem sem opções

18/10/2010

Sob o título de “*Um entusiasmado jovem tucano*” escrevi ontem uma crônica na qual defendo que a ideologia dominante atinge os jovens de tal forma que os fazem defender valores contrários a seus próprios interesses de classe.

Ao responder aos e-mails recebidos em relação às crônicas que público, deparei-me com o de um jovem eleitor de Marina Silva que ficou sem opções para votar no segundo turno. Como em muitas eleições, principalmente na época de minha juventude, eu olhava para a cédula e ficava agoniado com a falta de opções, compreendo a aflição de muitos eleitores na situação dele, por isso resolvi responder-lhe com nova crônica, guardando evidentemente a sua identidade e adjetivando-o apenas, mas não em desmerecimento, por um “jovem sem opções”.

Ao responder ao jovem disse-lhe que a sua opção por Marina, aliçada, como me disse, nas propostas da candidata, foi uma decisão madura. Marina, embora derrotada, deu uma grande contribuição ao debate que se travou antes do primeiro turno, expôs projetos, abriu novos caminhos. A derrota de Marina não significa a derrota de suas ideias e ideais. Ela, assim como eu, assim como tantos outros, teve uma derrota eleitoral, não uma derrota política.

Quanto a Dilma e Serra – os que passaram para o segundo turno –, penso que ambos estejam preparados para governar o Brasil. Serra, com um currículo um pouco mais extenso em termos de experiência em cargos eletivos; Dilma, com experiências extremamente enriquecedoras, tanto no

que se refere à sua resistência à Ditadura Militar quanto no que diz respeito à sua atuação como Secretária de governo no Rio Grande do Sul e como Ministra das Minas e Energia e Ministra da Casa Civil.

Os dois projetos são bem distintos e, num eventual governo Dilma, poderemos esperar o fortalecimento do mercado interno, com incentivo governamental para o fortalecimento de nossa infraestrutura, especialmente para as obras de saneamento básico, geração de energia, construção de estradas, ferrovias e portos para viabilizar o transporte fluvial e marítimo; e, por via de consequência, a geração de empregos formais para os brasileiros. Como esse progresso econômico não pode estar desvinculado do desenvolvimento científico e social, fica explicado o porquê de o governo Lula ter melhorado sensivelmente o Ensino Fundamental e o Médio e ter fortalecido e ampliado a rede de Ensino Superior, ações essas que Dilma deve continuar.

Em termos de política externa, o eventual governo Dilma continuará defendendo a nossa independência ante o FMI e em relação às potências econômicas. Significa dizer que os olhos de nossos embaixadores estarão voltados sim para a manutenção dos laços com os Estados Unidos e Comunidade Europeia, mas também, e principalmente, continuarão a política de aproximação comercial com o gigantesco Oriente, com a África e com a América Latina, especialmente com os países integrantes do Mercosul.

Quanto a um eventual governo Serra, o que temos a considerar principalmente é a concepção que o PSDB e o DEM fazem daquilo que se convencionou chamar “estado mínimo”, ou seja, a pequena ou nenhuma intervenção do Estado na economia do país. Nessa concepção neoliberal de estado mínimo, a iniciativa privada torna-se a grande vedete. Em consequência, ao invés de termos a expansão do ensino público, gratuito e de qualidade, teríamos a proliferação das universidades particulares. As privatizações voltariam à pauta e empresas sólidas como a Petrobrás, Banco do Brasil e tantas outras poderiam ser postas à venda como foi o caso do nosso sistema de telefonia e de distribuição de energia elétrica. Além, evidentemente, da concessão de nossas estradas federais para firmas par-

ticulares que fariam florescer por todo o Brasil os pedágios que tanto indignam os paulistas.

Em relação à política externa, não poderemos esperar de Serra outra coisa que não o Estado de dependência, tão conhecido por Fernando Henrique Cardoso, que, por sua vez, aprendeu com Cameron. Este pesquisador da Ford, nos anos 70, defendia que se deveria torcer para os países do Primeiro Mundo se desenvolverem cada vez mais e, dessa forma, pudessem repassar as tecnologias por eles superadas aos países periféricos. Seríamos, sob essa ótica, eternos dependentes.

Restaria ainda falar sobre outros temas, mas o espaço limitado de uma crônica me obriga a deixá-los para outras oportunidades.

A UNIGRAN e o debate de 2 de outubro de 2008

20/10/2010

Perdi o voto, mas ganhei a oportunidade de tentar fechar uma ferida ainda mal cicatrizada, esclarecendo sobre uma questão que levantei no debate da TV Morena, em 2 de outubro de 2008, quando disputei com Murilo e Artuzi a prefeitura de Dourados. Claro que águas passadas não movem monjolo e, portanto, esse esclarecimento não me trará os votos de que necessitava para me eleger prefeito e poder contribuir com essa cidade que tanto amo; contudo, ao menos, me permite continuar defendendo minhas ideias, esclarecendo-as melhor. Explico-me: essa crônica é em resposta a um e-mail recebido – dois anos depois das eleições municipais – de uma aluna (ou ex-aluna) da UNIGRAN dizendo, em resumo, que lê minhas crônicas, que votou em mim para vereador, mas não me sufragou para prefeito. No referido e-mail, redigido com fineza vernácula e com sinceridade de ânimo, a autora oferece os seus motivos: “O Sr. desfez do curso de enfermagem na Unigran e ao fazer um comentário desse o Sr. não estava afetando apenas o seu concorrente, mas sim centenas de pessoas que estavam à procura de concretizar um sonho”. Enfim, diz: “Se

o país desse oportunidade de vagas nas faculdades e universidades a todos que realmente querem estudar, não precisaríamos pagar uma faculdade privada”.

Ora, ora, pensei, não deveria ter perdido esse voto, afinal, o que fiz durante toda a minha vida foi defender o ensino público, gratuito e de qualidade enquanto muitos empresários da educação por esse Brasil à fora enriqueciam-se aproveitando-se de verbas subsidiadas e de isenção de impostos.

De qualquer forma, vamos ao esclarecimento, o voto está perdido, mas a consideração pode voltar: quando ingressamos no mundo político, somos sujeitos às críticas. Eu, particularmente, tenho dito que as críticas são sempre bem-vindas. E são, mas o que é a crítica? Há pessoas que acham que criticar é meter o pau, sentar a lenha, dizer impropérios. Refiro-me à crítica como o ato de apreciação de um trabalho de qualquer natureza. Nesse sentido a crítica pode redundar em conceitos negativos ou positivos em relação à obra em questão.

Aos fatos. Só havia duas propostas claras na disputa da prefeitura de Dourados em 2008: eram a do Murilo e a minha. Eu, ligado ao PT, era pela continuação do trabalho realizado por Tetila, voltado para o social e em defesa da coisa pública; Murilo, do DEM, obviamente defendia a iniciativa privada como panaceia para os nossos males. Coerentemente falava muito em competência. Por que coerentemente? Porque competência está muito mais ligada à capacidade de competir do que propriamente à capacidade de administrar. Daí essa coisa de empresário bem-sucedido.

Ora, isso me dava nos nervos porque, para mim, o administrador público precisa ser capaz, a competição fica reservada ao mundo empresarial. Nesse clima, a pergunta que fiz ao Murilo no debate foi nesse sentido. “Se você é competente, porque a sua Universidade está atrás no ranking de avaliação do MEC?”

No dia seguinte – sabe-se lá como e por quem chegou à UNIGRAN uma informação completamente desvirtuada –, logo pela manhã, dezenas de alunos estavam à frente de minha casa, exigindo desculpas.

Azar o meu não estar em casa, senão teria pedido que entrassem para discutirmos tím-tim por tím-tim a questão que coloquei e a concepção que tenho de Universidade.

De qualquer forma, pelo que fiquei sabendo, os alunos estavam muito revoltados porque eu teria desfeito da UNIGRAN.

O que tenho a explicar é que sou favorável ao ensino público, o que não quer dizer que desrespeite as instituições particulares de ensino. Tanto é verdade que, quando secretário de governo, tive um relacionamento excelente tanto com as universidades públicas quanto com as privadas. Anhanguera e UNIGRAN participaram junto com UEMS e UFGD de vários projetos do Comitê das Cidades Educadoras, que eu coordenava em Dourados. E se tivesse tido a honra de ter sido eleito, as quatro universidades de nossa cidade seriam chamadas a me ajudarem na administração.

Por fim, uma de minhas filhas estudou na UNIGRAN, onde fez boas amizades e teve bons professores, aos quais sou grato, especialmente pela capacidade que demonstraram na compreensão das diferenças individuais de seus alunos.

Ao invés de incitarem com mentiras os alunos para irem à frente de minha casa, teria sido muito mais republicano se os áulicos de Murilo (não acredito que ele mesmo tenha exortado os seus alunos) tivessem aberto as portas da UNIGRAN para que pudéssemos debater as eleições e, em particular, o ensino universitário. Com isso as nossas propostas talvez ficassem ainda mais claras e teríamos, ou ele ou eu, sido eleitos evitando-se, assim, com toda a certeza, a operação Uragano. Os poucos debates e a falta de espaços para fazermos campanha contribuíram para que Ari Artuzzi fosse eleito.

Aqui as coisas são mais incisivas e contundentes

25/10/2010

Nessa abençoada Terra de Antonio João, de Marcelino Pires e do Ervateiro, as coisas são mais incisivas e contundentes. Pau é pau, pedra

é pedra, nem precisa tomografia computadorizada para se verificar. Ivo Anunciato Cerzósimo, o primeiro deputado a ajudar-nos a defender a UFGD em programa de televisão em Campo Grande, por volta de 1978, 1979, teve sua residência acertada por um disparo. Posteriormente, não um, mas cerca de 200 disparos atingiram a casa de Tetila, por volta de 1996. Depois disso, na campanha de 2008, o carro de Ari Artuzzi foi acertado por um tirombaço de calibre 12. Ninguém morreu, mas todos mostraram o sinal das balas.

Teriam sido apenas esses os atentados políticos em Dourados? Quando vim para essas bandas, nos idos de 1974, o pessoal lá do interior paulista me dizia que em Mato Grosso a Lei era a do 44, portanto, eu não poderia socorrer-me apenas de minhas recordações, supôs que antes de minha vinda teriam havido outros atentados. Consultei a minha enciclopédia ambulante, o meu amigo Sultan Rasslan, que se lembrou também apenas desses três fatos. Informou-me que, no início dos anos de 1950, um juiz chamado Humberto Neves também havia sofrido um atentado ali na região onde se localiza o Fórum atualmente, mas isso não foi atentado político.

Concluo que, na chamada época do 44, as pessoas não brincavam de assustar adversários, os amedrontamentos se deram no final do século passado, atingindo-se, como disse, as casas de Ivo Cerzósimo e de Tetila. Já o século 21 foi marcado por um triste espetáculo de um tiro no carro de Ari, que pretendia levar a população a entender que ele seria perseguido pelos poderosos. Como o espetáculo não foi sequer ensaiado, deu errado.

Da mesma forma foi mal ensaiado o espetáculo dado por Serra, ao ser atingido por uma bola de papel, ou, se insistirem, por um objeto cilíndrico que outrora envolvia alguns metros de fita adesiva. Minha opinião, embora de leigo, é lógica. Qualquer ser humano atingido na cabeça, especialmente se for careca, é passar a mão e verificar em seguida se saiu sangue. Quer dizer, o gesto imediato é pôr a mão sobre o local atingido e imediatamente retirar para ver se houve ferimento com sangue. Serra manteve a mão na cabeça e na sequência um assessor cobriu o local atingi-

do, quando o que deveria ocorrer seria verificar se o dano teria sido grave, embora não houvesse sangue.

Qualquer líder estudantil saberia tirar proveito de uma situação dessas, especialmente se houvesse sangue. Os soldados romanos, ao mostrarem as cicatrizes e as marcas deixadas em seus rostos pelos capacetes usados durante anos e anos, como prova de prestação de serviços e bravura, com certeza já haviam ensinado os marqueteiros de hoje. Qualquer manifestante atingido continuaria a caminhada expondo o sangramento como símbolo da violência praticada pelos adversários.

Serra, presidente da União Nacional de Estudantes, quando do Golpe de 1964, sabe bem dessas coisas. Atingido em uma caminhada no Rio, correu para fazer uma tomografia computadorizada, coisa difícil de se conseguir em seu tempo de Ministro da Saúde, mesmo pelos trabalhadores que caíam de andaimes.

Tirar proveito de eventual violência na campanha é mais uma arma ignóbil. A verdade é que não existe violência na campanha presidencial desse ano. Os brasileiros têm se comportado de maneira serena e tranquila. Cabos eleitorais e/ou militantes hasteiam as suas bandeiras em praças e avenidas sem que haja confronto. Os candidatos circulam livremente por todo o território nacional. Um incidente entre militância não pode se transformar em pretexto para a generalização de uma suposta violência. A única coisa incorreta, mas não violenta, é a distribuição de panfletos ou de mensagens mentirosas postadas na Internet

Bem, afinal, sempre existem os que não sabem perder. Meu glorioso Palmeiras perdeu na tarde de ontem para o seu mais expressivo adversário, o Corinthians, e tem gente justificando: se a bola não tivesse desviado, não teria sido gol, se o jogador não tivesse abortado o gol no início do lançamento, haveria empate, se o juiz não tivesse aterrorizado (ou intimidado) o atacante com um cartão, se... se... Ora, ora, perder ou ganhar faz parte do jogo. Nas eleições, é verdade, é um pouco diferente, o perder ou ganhar faz parte da vontade do povo, que se contenta e beneficia o seu país quando acerta, e aprende pela dor, quando erra.

Têm certas coisas que são facilmente explicáveis, compreensíveis e assimiladas prontamente. São coisas óbvias que nem precisariam ser ditas, coisas que sabemos desde tempos imemoriáveis, coisas com as quais nos deparamos e dizemos: ora, isso eu sabia; ora, é isso mesmo; como não pensei nisso antes?

Por outro lado, existem questões que, embora possam ser explicadas, as explicações nem sempre são convincentes, compreensíveis e muito menos assimiladas. E não me refiro aos níveis de dificuldades estabelecidos por diferenças de conhecimento entre indivíduos com maior ou menor grau de escolaridade. Falo sobre fenômenos complexos, destrinchados por especialistas e colocados à apreciação de pessoas com capacidade de discernimento.

Tomemos, por exemplo, as últimas eleições, nas quais Serra teve expressiva votação em Dourados. Seria mais fácil, ao menos para mim, explicar uma vitória tão expressiva, se a escolhida tivesse sido Dilma, afinal é a indicada por Lula, o presidente que nos prestigiou com obras importantes e com programas sociais jamais vistos anteriormente. Mas, de qualquer forma, mesmo explicando esse fenômeno, o de Serra ter sido tão bem votado, como assimilá-lo?

Serra obteve em Dourados 51.690 votos (48,75%); Dilma, 35.514 (33,49%); Marina, 17.468 (16,47%); e Plínio, 1120 votos (1,06%).

Teria o eleitor incluído Serra em um único pacote com Zé Teixeira, Murilo e André? É provável que sim. A força mostrada por esses mencionados políticos em Dourados foi muito grande. O que tenho dificuldade para entender não é a fonte de onde se origina o poder desses mencionados políticos, mas o como o povo de Dourados assimila os seus marketings sem contestação e lhes confia o voto. Em outras palavras, o que fizeram esses políticos por Dourados, detendo o poder que tiveram. E Serra?

Santo Dio, como diria minha avó, o que fez Serra para Dourados? Trouxe água, trouxe esgoto, trouxe asfalto, trouxe a UFGD, trouxe Ética na política?

Nada, absolutamente nada! Ah, me dirão alguns, nós não votamos no Serra pelo que ele nos fez, podem nos chamar até de mal-agra-decidos em relação às obras de Lula, mas votamos no Serra pelo que ele trará.

Bem, gente mal-agra-decida não haverá de faltar, mas não é esse o caso. O que Serra poderia fazer melhor do que Lula nos fez e do que Dilma fará?

Se não consigo assimilar a vitória de Serra em Dourados, ao menos tenho uma explicação. No imaginário social douradense (no inconsciente coletivo, se quiserem) ainda predomina tudo o que foi vinculado no passado pela ideologia da aristocracia rural brasileira. Ou, em outras palavras: Dourados ainda não assimilou o pensamento próprio das cidades industrializadas e universitárias, ao contrário, com o agronegócio, herdou o mesmo pensamento conservador da antiga aristocracia agrária. Pior, ainda vigoram os mesmos métodos.

No segundo turno só Deus sabe o que dará, mas o pensamento conservador já providenciou algumas coisas. Trouxe Alckmin e Marisa Serrano, dois expoentes do PSDB e do DEM. E a partir de então é visível que muitos carros passaram a usar o adesivo de Serra.

E tem gente que não confia em milagres! Que são Geraldo Alckmin e santa Marisa Serrano roguem por nós, douradenses. Roguem também para que o senador Delcídio e o presidente Lula não nos levem a mal. Roguem para que Nelsinho Trad, após 31 de outubro, conduza o governador André Puccinelli ao Planalto para reconquistar a sua fada madrinha.

O plantador de espinhos

5/11/2010

É certo que as fábulas e parábolas foram muito mais amplamente utilizadas entre os povos quando a escrita era ainda pouco difundida e a cultura transmitida oralmente. À sombra das caravanas, nos desertos árabes, dos salgueiros orientais ou das oliveiras europeias, nas estepes russas ou savanas africanas, essas histórias tinham quase sempre um fundo moral

educativo. Creio, no entanto, que ainda hoje elas podem muito bem serem adequadas ao aprendizado. Vem a calhar a lembrança de uma dessas fábulas e me permita o leitor que a transmita resumidamente e sem os nomes dos personagens, uma vez que se vão longos e longos anos desde que a li em livro de Malba Tahan.

Um homem fazia sua plantação em pleno deserto quando passa pelo local uma caravana árabe. O xeique, comandante da caravana, não resistiu à curiosidade em saber o que plantava aquele homem e ficou muito surpreso ao ouvir dele a resposta: plantava espinhos.

Ora, já seria maluquice plantar qualquer coisa no deserto, imagine espinhos? Então o xeique, mesmo estando pensando que se tratava de um louco, quis saber como aquele homem comercializaria os espinhos de sua plantação.

“Não colherei espinhos”, disse o estranho agricultor. “Planto-os porque por aqui, de vez em quando, passa uma caravana e pode acontecer de nessa caravana ter um camelo tonto, e esse camelo poderá cair perto dos espinheiros, e pode ser que o fardo de algodão que esse camelo carrega se rompa e que o vento leve o algodão para o espinheiro que o reterá. Então catarei o algodão e o venderei”.

Os caravaneiros, rindo, seguiram viagem, mas ao mesmo tempo intrigados com aquela cena. Tão intrigados estavam que, dias depois, o xeique em audiência com o Califa – Harun Al Rachid, se a memória não me falha – não resistiu em contar-lhe aquele inusitado encontro com o plantador de espinhos. O Califa também ficou curioso com aquela história e mandou imediatamente buscar o excêntrico homem para entrevistá-lo. Desejava saber se era um louco qualquer ou se aquilo representava alguma experiência nova.

Tão logo chegou, o plantador de espinhos foi conduzido ao palácio e expôs ao califa a sua atitude dizendo-lhe que era um homem muito inconstante, que tudo o que iniciava na vida logo largava, que nada dava certo para ele e que então se propusera a essa difícil, quase impossível tarefa. Isso era para ele uma (re)educação, portanto, levaria a cabo esse projeto para o seu próprio bem.

Harun Al Rachid, que enfrentava sérios problemas com obras inacabadas, viu nesse homem persistente a pessoa indicada para ser o prefeito de Bagdá. Então, logo o nomeou e, de fato, acertou em cheio, pois durante todo o tempo em que o plantador de espinhos esteve à frente da prefeitura de Bagdá, todas as obras eram, em primeiro lugar, muito bem planejadas para, depois, serem iniciadas e nunca ocorreu que uma delas fosse abandonada sem conclusão.

Não é uma bonita e muito oportuna fábula?

Socorro!

Vou devolver o bandejão

8/11/2010

Quando fui Secretário de Governo na gestão Tetila, fazia questão de receber as diárias que utilizava ao ir à Brasília, mas quando acompanhava o prefeito, o mais comum era ir sem diárias. Tetila pagava as contas. O almoço era no bandejão da Câmara e o jantar em restaurantes populares. Quando ia sozinho, eu ficava em hotel. Quando acompanhava Tetila, ficava no apartamento funcional do deputado João Grandão, que não tinha nenhuma mordomia, ao contrário, era pequeno e eu me sentia sempre muito constrangido em incomodar

Cansei-me de dizer ao Tetila que aquilo que ele fazia era a maior besteira. Estávamos em Brasília para o bem do serviço público e tínhamos o direito de comer e dormir desfrutando do mesmo padrão que tínhamos em nossas casas.

Tetila sorria, não dizia nem sim nem não e era sempre a mesma ladainha. Viagens corridas, agenda lotada, comida de bandejão; e, que me desculpe o João Grandão, o apartamento funcional dele ficava apertado demais quando Tetila e eu dormíamos lá. Eu insistia que não era justo trabalharmos tanto e passarmos tão mal.

Lembro-me de ter ficado hospedado em hotel com o prefeito Tetila uma única vez. Era para eu ir à Brasília sozinho e uma das minhas tare-

fas era me reunir com um dirigente do UNICEF/ONU para tratarmos sobre a mortalidade infantil indígena que àquela época estava ocorrendo em Dourados. Como a agenda era pesada para um secretário, dependia da autoridade do prefeito. Tetila acabou indo também e, como eu já havia reservado o hotel, ele se obrigou a alojar-se comigo. E adivinhe o leitor onde conseguimos a audiência com o representante do UNICEF? Exatamente durante o café da manhã no hotel onde estávamos. Era a única hora que ele tinha disponível. Dessa audiência resultou a vinda do representante da UNICEF a Dourados. Na oportunidade foram doadas centenas de filtros de água para os índios. Mais importante ainda foi a força da UNICEF/ONU junto ao governo federal, o que nos ajudou a conseguir com a FUNASA a extensão da rede de água encanada para a Reserva Indígena Francisco Horta, de Dourados.

Com esse trunfo, pensei que Tetila fosse mudar a sua conduta, mas não, ao invés disso, baixou em 25% a sua própria diária. Talvez fosse para servir de exemplo, talvez para satisfazer a sua verdadeira obsessão em administrar o patrimônio público com dedicação franciscana.

Teria muitos outros exemplos de atitudes desse purismo que Tetila passava ao seu primeiro escalão, mas deixa pra lá. Estou contando isso, porque li, por volta de 20 horas do dia 8 de novembro de 2010, a notícia dando conta de que os direitos políticos de Tetila tinham sido cassados e, ainda por cima, ele teria que pagar uma multa de 100 vezes o valor de seu último salário.

Sabe o leitor o motivo pelo qual Tetila foi condenado? Porque em 2001 ele rompeu o contrato com a firma que prestava serviço de limpeza pública para o município e contratou, no seu lugar, uma cooperativa para fazer esse serviço. Pretendendo economizar recursos com a limpeza pública, feriu a Lei. E nós sabemos que a Lei é dura, mas é a Lei. (Dura Lex, sede Lex). Nada adiantou ter cumprido decisão judicial em 2003 e reintegrado a firma que dispensara.

Tetila pode recorrer, mas sinceramente, se eu fosse ele recorreria apenas da multa e deixaria o mandato. Da multa porque sendo um pão-du-

ro, que não desfrutava sequer de um bom jantar em Brasília, duvido que ele tenha juntado o valor absurdo de 100 vezes o último salário de prefeito. Se ele tivesse guardado o salário dos oito anos (96 meses) em que administrou Dourados, ainda assim faltariam quatro salários (a não ser que ele recebesse 13^o). Quanto ao mandato, bem, reconsidero minha opinião em respeito à vontade do povo. Não se pode desistir, mas, cá entre nós, não dá vontade de largar tudo nas mãos daqueles que se locupletam com 10, 20, 30% ou com dois milhões por mês de repasse, como afirmou Ari Rigo?

Sei não, mas pelo andar da carruagem, ainda acham jeito de pegar mais gente. “Tropa de Elite / Osso duro de roer / Pega um pega geral / Também vai pegar você”. E eu, que estava até me animando com a possibilidade de termos nova eleição para prefeito em Dourados, acho que vou cantar com Raul Seixas: “Mamãe eu não quero ser prefeito / pode ser que eu seja eleito / e alguém vai querer me assassinar...”

Adequação de presentes:

24/11/2010

Dar uma cuia de chimarrão a um nordestino, jamais poderia ser boa ideia. Tenham dó, no calor nordestino um tereré bem geladinho até que não seria má ideia, mas chimarrão? Seria o mesmo que presentear um gaúcho com uma cafeteira. Existem presentes que são inadequados. No entanto, dar uma cafeteira para uma paulista não seria má ideia mesmo que ela não soubesse o funcionamento da máquina. Com certeza aprenderia muito facilmente. Se presentearmos um idoso, beirando aí os seus setenta anos, com um belo par de patins, o mais provável é que estejamos sendo inadequados, mas se o presentearmos com um computador, mesmo que ele nunca tenha manuseado um, estamos dando-lhe algo adequado, perfeitamente exequível.

Em outras palavras, o que desejo dizer é que os presentes inadequados são aqueles que não serão colocados em uso por razões de ordem climática ou cultural, ao contrário dos presentes que oferecemos com a expectativa de que o seu beneficiário seja estimulado a usá-lo. Muitos filhos

ganham a sua primeira bicicleta, por exemplo, antes de saber conduzi-la, no entanto, após três ou quatro tombos já estão alegres e satisfeitos, circulando por todos os lugares.

Da mesma forma ocorre com as cidades. Não seria adequado elaborarmos programas para dotarmos as residências de nossa cidade com aquecedores. Ora, se vivemos nesse maravilhoso clima tropical, para que aquecedor? Nossa cidade precisa é de outras coisas e são tantas que precisamos estabelecer prioridades. Para isso existe o que se convencionou chamar de planejamento estratégico.

O planejamento estratégico implica o estabelecimento das prioridades da cidade, sendo que existem dois tipos de preocupação nesse caso.

A primeira preocupação do administrador público é estabelecer a compatibilização entre os recursos financeiros existentes e o atendimento das necessidades prioritárias básicas. Saúde, educação, obras, limpeza pública, enfim, partilha-se o total de recursos para a manutenção dos serviços essenciais. A partir dessa divisão cada Secretaria estabelece suas próprias prioridades, afinando a tal ponto que muitas vezes são os recursos que determinam, por exemplo, que os buracos da rua x (mais movimentada) e não os da rua y sejam tampados numa primeira etapa.

A segunda preocupação é dotar a cidade com os equipamentos necessários para o seu desenvolvimento. Se a cidade está se industrializando, nada mais sábio do que ver qual é a demanda da energia elétrica necessária para a expansão industrial e qual é a disponibilidade das redes de transmissão. Se o forte da cidade for o comércio, nada mais natural que a cidade invista em decoração nas festas comemorativas, especialmente nas de fim de ano. Se tiver tanto a vocação industrial como a comercial, então o administrador deve estar atento para as duas situações e um equipamento para dar sustentabilidade a esses dois ramos é o pavilhão de eventos.

Se, por outro lado, a cidade tiver outras vocações, como a prestação de serviços, ou a educação, nada mais natural que o administrador viabilize um centro de convenções, preferencialmente ao lado do pavilhão de eventos, pois assim dará grande incremento ao turismo. Essa fantástica

indústria sem chaminés que tem trazido tantos benefícios para algumas cidades que planejaram o seu desenvolvimento.

Dourados, especificamente, dotada de comércio sólido, industrialização nascente, com quatro instituições de ensino superior, inclusive com curso de Turismo e Relações Internacionais, precisa de equipamentos públicos voltados para atender a esse pujante seguimento.

É muito triste admitirmos que, em vez de estarmos preocupados em sediar grandes congressos, tenhamos que ficar discutindo apenas situações primárias, a exemplo das operações de tapa-buracos.

É mais fácil abrir vinho sem saca-rolhas do que compor chapa... 28/12/2010

Na véspera do Natal desse 2010, após os cumprimentos pessoais, fizemos uma oração em agradecimento à vinda de nosso primeiro neto, João Pedro, e comparamos a nossa alegria familiar com a alegria da cristandade ao receber o menino Jesus. E, como felizmente reina a harmonia em nossa família, pudemos revelar os nossos amigos secretos, sem nenhum constrangimento. Mas, ninguém é de ferro, entre um petisco e outro, uns optaram pelo refrigerante, outros, pela cerveja e uns poucos, pelo vinho, apesar do calor.

Vinho? Ora vejam, o meu amigo secreto presenteou-me com um lindo kit de vinho, com moderníssimo saca-rolhas e até termômetro para verificar se a preciosa fonte da alegria baconiana encontra-se na temperatura adequada.

Admirando aquele mimo, comecei a recordar que, em meus tempos de infância, o meu avô Secanha, às vésperas do Natal, feito Papai Noel, trazia da cidade um saco cheio de compras, inclusive, com cervejas empalhadas, pois naqueles tempos, ao invés de serem acondicionadas em caixas, como atualmente, as garrafas eram envoltas com talos de arroz costurados no mesmo formato das garrafas. Essas garrafas eram postas em água cor-

rente para esfriarem um pouco já que àquela época a energia elétrica ainda era privilégio de poucos.

Quer dizer que, em termos de resfriamento, praticamente tanto fazia tomar uma cerveja quanto um cálice de vinho. O vinho, vó Secanha comprava ora em pequenas barricas, ora em garrafões ou garrafas. O problema não era a forma de engarrafamento do vinho ou o resfriamento das cervejas, mas o abridor de garrafas ou o saca-rolhas, que, como por encanto, sumiam todas as vezes em que se precisava deles.

Para a abertura das cervejas, o problema era de somenos, bastava encaixar a borda da tampa na quina de uma mesa ou na cabeça saliente de um prego qualquer e desferir um golpe de punho que a garrafa estava aberta. Um ou outro ousava abrir a garrafa com os próprios dentes, coisa pouco recomendável. O problema maior, mas não insolúvel, era a ausência do saca-rolhas.

Como tanto o meu avô quanto os meus tios eram homens de boa força, bastavam três ou quatro palmadas na bunda da garrafa para que a rolha fosse expelida. A técnica consistia em colocar um guardanapo umedecido na bunda da garrafa para não doer a palma da mão, e desferir os golpes de modo que a pressão fizesse a rolha sair. Outra técnica era enfiar a rolha para dentro da garrafa, bastando para tal empurrá-la com um pedaço de pau ou ferro a golpes de martelo ou com qualquer outro objeto semelhante.

Eu imaginava que, ao contar essas coisas para os mais novos, estava contribuindo com ensinamentos práticos, mas eis que meu filho nos surpreende com uma técnica ainda muito mais revolucionária. Contou-nos que, quando morava em uma república com amigos, decidiram tomar um vinho, mas eis que não encontraram o saca-rolhas, vai daqui, vai dali encontraram uma chave de fendas.

Logo pensei que, com a chave, ele tivesse usado a técnica de empurrar a rolha para dentro, mas eis a surpresa: com a chave de fenda ele arrancou um parafuso de rosca soberba de uma cadeira e, ato seguinte, enfiou o parafuso na rolha, estava quase fabricado o saca-rolhas, faltava

apenas o alicate para puxar a rolha para fora pela cabeça do parafuso. Mas cadê o alicate?

A solução foi pegar uma velha tesoura, apertar com ela a cabeça do parafuso e, tendo uma mesa por apoio, da ponta da tesoura arrancar a rolha. Recolocar o parafuso na cadeira foi ainda mais fácil.

Eita dificuldade! Mas sempre valia a pena. Afinal, como cantava o nosso amigo César, tão bem quanto Roberto Leal, após os ensaios do TUD – Teatro Universitário de Dourados – na década de setenta: “Era o vinho, era o vinho, era o vinho / Era a coisa que eu mais adorava / Enquanto eu bebia / A vida pra mim parava. // Eu venho de um país / onde se joga a sueca / Lá a vida é mais feliz / Pertinho de uma caneca”.

E eu, que sempre pensei que o período entre o Natal e o Ano Novo fosse não só para se tomar uma boa taça de vinho, mas para se tomar também um fôlego, para se refletir sobre o ano que se encerra e fazer planos para o porvir, vejo-me surpreendido pelas conversações sobre as eleições para a prefeitura de Dourados.

Sem saca-rolhas, guardanapos e nem mesmo cadeira com parafusos de rosca soberba, encontro dificuldades para abrir a porta dessa palavra presa na garganta e canto desafinadamente, quase chorando de tristeza, a música de Chico Buarque: “Pai! / afasta de mim esse cálice / Pai! afasta de mim esse cálice / De vinho tinto de sangue”.

2010: o ano que não acabou para Dourado

31/12/2010

Definitivamente, 2010 foi o ano que não acabou, ao menos para os douradenses. Um ano sem fim é um ano mal resolvido, um ano que termina apenas e simplesmente no calendário. De qualquer forma, apesar de insepulto, foi um ano marcante, que registrou uma história para não ser esquecida. É verdade que preferimos nos lembrar dos anos venturosos tanto em nossas vidas particulares quanto na de nosso município, estado e

país, mas ao historiador não é dado viver somente de venturas, as desventuras devem ser também lembradas e estudadas para se tirar delas as lições que nos norteiem para um futuro melhor.

Para o bem ou para o mal houve uma reviravolta grandiosa na política de Dourados e não creio no clichê de que “quanto mais as coisas mudam mais elas permanecem as mesmas.” Nada mais será o mesmo embora os personagens insistam em reprisar as mesmas cenas e os mesmos papéis. Senão, vejamos:

A fórmula mágica para se resolver os problemas de Dourados não foi em momento algum encontrada pelos douradenses. Veio de fora. Ou alguém acredita que as gravações condenatórias feitas pelo secretário Passaia foram por iniciativa própria?

Depois vieram as prisões e as renúncias. Alguém crê que o ex-prefeito Ari Artuzi, o ex-vice-prefeito Carlinhos Cantor e o ex-presidente da Câmara Sidnei Alves tenham renunciado, no mesmo dia, na mesma hora, por transmissão de pensamento? Não seria melhor crer que houve um acordão, intermediado pelo advogado?

Nesse ínterim alguém duvida de que não tenham havido articulações no sentido de se resolver o problema da vacância dos cargos sem a necessidade de eleição? Não teriam havido tentativas de golpes? Haverá algum cidadão douradense que atribua apenas à condução da Justiça o rumo que tomou a sucessão? Não haveremos de atribuir importância ao movimento popular e estudantil, que foi às ruas clamar por eleições?

Enfim, teremos eleições e um novo prefeito. Mas, escolhido pelo povo?

Não, nem pelo povo e sequer pelas forças vivas de Dourados. Mais uma vez a solução veio de fora, sendo que dois personagens se destacaram nos encaminhamentos, o senador Delcídio do Amaral, sereno como os remansos dos rios pantaneiros, e o governador André Puccinelli, turbulento como as ondas oceânicas que o trouxeram um dia da Itália para o Brasil. Ambos, cada qual à sua maneira, organizaram uma coalizão partidária jamais vista e sequer pensada, em torno da candidatura de Murilo Zauith

que, paradoxalmente, pertence ao partido que é o maior opositor à coligação PT/PMDB no âmbito nacional.

Ora, ora, uma arquitetura política dessa envergadura – que fugiu inclusive à tendência natural de uma aliança PT/PMDB – somente pode ser entendida se André e Delcídio estiverem aliados desde já para a eleição governamental de 2014 e se Murilo também apoiar esse projeto e migrar para outro partido, tão logo seja eleito, quiçá o PSB. Restaria saber para onde iriam Zé Teixeira, Waldir Guerra, Gino, Sidlei, Bambu e outros tantos filiados do DEM douradense. Mas, de qualquer forma, a virtual eleição de Murilo não coloca na prefeitura uma liderança de peso e sim um unguído pelas mãos de caciques políticos, *mutatis mutandis*, como aconteceu com Ari Artuzi.

Mas teria havido apenas a domesticação de Murilo? E as lideranças locais do PT e PMDB?

No PMDB, Délia Razuk, prefeita interina, ensaiou a sua candidatura, inviabilizada por falta de apoio do governador e do PT. O PT, por estar dividido entre a candidatura própria e o apoio a Murilo. Quanto ao governador, já estava compromissado com Murilo, mas aproveitou mais uma das encenações do deputado Geraldo Resende – que também postulou a sua candidatura – e bateu na mesa, afastando o PMDB da disputa.

Quanto ao PT, as esquisitices foram ainda maiores. Tetila e João Grandão penderam para o lado de Delcídio, Dirceu Longhi pendeu para o lado de Vander Loubet, todos apoiando Murilo; e Elias Ishy, ao defender candidatura própria, pendeu para o lado de Zeca do PT. Agora não bastasse a divisão Delcídio e Biffi de um lado e Zeca e Vander de outro, este se posiciona contra o próprio tio. Definitivamente o PT não é mais um partido com tendências diversas, é uma frente de partidos dentro de si próprio, que concorre numa luta fratricida e destrói os alicerces que havia fncado em Dourados e no Mato Grosso do Sul. E quem estiver imaginando que Elias Ishy é um heroico combatente engana-se redondamente. Se houvesse se inscrito algum candidato de uma outra tendência dentro do partido, ele e a Articulação de Esquerda – a sua tendência partidária – se

colocariam à margem do processo, a exemplo do que fizeram com a minha candidatura para deputado estadual em 2002 e em outras oportunidades, tanto comigo quanto com outros candidatos.

Com certeza o PT perderá militantes históricos que não conseguem sequer entender essa engenharia política, quanto mais aceitá-la. Para onde irão não sabemos, mas mais uma vez abriu-se em Dourados a perspectiva da retomada do poder pela direita, sabe-se lá por mais quantos anos. Ninguém do PT, com certeza, assumirá a autoria desse atentado, mesmo porque todos nós do partido acabamos tendo um pouco de culpa.

Com muito sofrimento curvo-me a essa coligação, por entender que a atitude da Articulação de Esquerda, ao lançar a candidatura de Elias Ishy, foi oportunista e interesseira tanto quanto a própria coligação. A vantagem da coligação é que ela traz em seu bojo a figura de uma guerreira que foi alicerce na implantação do Hospital Universitário, Dinaci Ranzi, como vice. Nela uma pequena chama de esperança.

Mais uma vez volto a insistir em algo que tenho dito com frequência, enquanto Dourados não encontrar em si própria as forças para a condução de seu destino, estará condenada a ser estrela de pequena grandeza. Significa dizer, enquanto as nossas forças vivas – entidades representativas – e a nossa imprensa não tiverem uma posição diferente haveremos de purgar esses processos espúrios.

As forças vivas, ao contrário de se imporem como legítimas porta-vozes dos principais projetos do município, e exigirem dos políticos, mancomunam-se na maioria das vezes e esperam dos políticos aquilo que deveriam fazer. E a imprensa, da mesma forma, por necessitar do patrocínio financeiro dos políticos e/ou instituições públicas, acabam silenciando fatos, amenizando críticas e, quando não, enaltecendo políticos de estatura anã.

Enfim, em 6 de fevereiro vamos à eleição.

E lá se foi o senhor Júpiter, não o planeta, mas um senhor cujos pais o registraram assim, Júpiter da Silva. Lá se foi de sua terra natal para uma viagem internacional ganha em um desses sorteios malucos que vez ou outra uma rede de televisão promove. Como acompanhante, que viagem de sorteio sempre tem acompanhante, levou a esposa, uma senhora bem-apessoada, com segundo grau completo, assim como ele, mas que jamais saíra de seu rincão, um município com seus 20, 22 mil habitantes. Verdade seja dita, o senhor Júpiter, de tanto medo de enfrentar avião, queria vender o prêmio, mas a rede de televisão não permitiu, disse-lhe que era intransferível. Não podendo vender o seu prêmio, que se transformara em agonia, o casal exigiu então um guia que os conduzisse ao menos de sua cidadezinha até a poltrona do avião. E assim foi feito.

Saíram de madrugada e o casal foi vendo que, além de sua cidade, havia muitas outras, maiores, sobre as quais eles já tinham ouvido falar, tinham visto pela televisão, mas agora eles estavam passando por elas, tomando cafezinho em locais próprios, almoçando e jantando em restaurantes onde eles próprios podiam servir-se do que quisessem e o quanto pudessem comer. No primeiro pernoite assustaram-se um pouco com o conforto do apartamento em que ficaram, mas, cansados da viagem, dormiram o sono dos justos e desendividados.

Mais um dia de viagem e chegaram a São Paulo. Eita cidadão! Passando pela marginal Tietê, não resistiram à tentação de respirar o ar fresco que normalmente existe às beiras de rios e abriram os vidros do carro. Santo Deus! Fecharam imediatamente e curtiram horas e horas de congestionamento, aproveitando o ensejo para perguntar ao guia sobre como deveriam se comportar durante a viagem.

Enquanto o avião decolava, deram-se as mãos e apertaram-nas. Mas logo foram afrouxando o aperto, o frio na barriga passou e eles em poucos minutos estavam em voo de cruzeiro e se sentiam como se estivessem assentados em uma sala confortável.

Na cidade espanhola onde ficaram não tiveram grandes problemas com o idioma, netos de espanhóis, conseguiram fazer-se entender. Mas os dias lá passados foram de espanto: as ruas limpas como se fosse a sala de visitas da família, ninguém atirava um só papel de bala ao chão, os carros paravam antes das faixas brancas para darem preferência aos pedestres, no centro da cidade circulavam apenas ônibus e bicicletas, estas em faixas especialmente destinadas aos ciclistas. E, pasmem, eles tiveram que alugar duas bicicletas para se locomoverem pela cidade. As magrelas estavam estacionadas na calçada, em um bicicletário de onde foram retiradas, mas eles nem precisaram devolvê-las no mesmo local, depositaram-nas em outro lugar, também apropriado para recebê-las.

Da mesma forma que no centro da cidade, o senhor Júpiter e a esposa notaram que os carros não deixavam as crianças nas escolas. As escolas eram literalmente cercadas por calçadas e as crianças andavam três a quatro quadras a pé. Isso, se por um lado impedia o congestionamento, por outro dava às crianças a oportunidade de conviverem, correrem, brincarem.

O casal achou isso um absurdo, mas deixou para falar apenas quando voltou de viagem e era inquirido pelos vizinhos e parentes. Entre uma tragada e outra, seu Júpiter ia narrando passo a passo a sua aventura. “Coisa louca”, dizia ele, “aquele povo da Europa é tudo escravo, nem jogar um toco de cigarro na rua pode. Imagine então o que fazem com as crianças, deixam as pobres coitadas três quatro quadras longe da escola, e olha que as ruas são bem conservadas. É uma doideira. Boa mesmo é São Paulo. É carro pra todo lado, zum, zum, zum e aquela alegria do som das buzinas, parecendo festa. Eita cidade moderna?! Até a água do rio tem cheiro. É verdade que no dia em que passamos por lá o cheiro não estava muito agradável, mas afinal não se bebe água de rio”.

A morte de Artuzi: suicídio ou assassinato

24/08/2013

Faleceu na noite de ontem o ex-prefeito de Dourados Ari Artuzi, conheci-o em 1º de janeiro de 2001, quando tomamos posse como vere-

adores de Dourados. Nossa primeira reunião de trabalho foi no escritório do então vereador Akira Oshiro para tentarmos eleger a presidência da Câmara. Estavam nove vereadores com afinidades políticas dentre os 17 eleitos (Ishi, Margarida, Zé Silvestre, Jorginho Dalzaker, Akira, Walter Hora, Gabiatti, Ari e eu). Teríamos maioria e a administração Tetila passando por menos percalços, não fora por Walter Hora pretender a presidência, rejeitando o meu nome e o de Nelso Gabiatti para a 1ª Secretaria. Mas, de qualquer forma, apenas Gabiatti foi para a oposição e ficamos com uma bancada situacionista de oito vereadores. O resultado era o empate nas votações e o voto do presidente sempre contrário aos projetos do prefeito.

Ari, com o seu jeitão de desentendido, dava-nos arrepios, mas nós precisávamos de seu voto e o cercamos de atenção. Por exemplo, na semana em que iniciamos os trabalhos legislativos, ele me pediu que o acompanhasse ao Canaã I, reduto que o eleger vereador não somente pelo seu esforço, mas pela herança política recebida de seu tio, Dioclésio Artuzi. Ari mostrou-me o lastimável estado em que se encontrava o bairro, sem asfalto, todo esburacado, com valetas e crateras onde poderia caber um caminhão. Em nosso percurso fiquei surpreendido com duas coisas: o estado do bairro e a popularidade que Ari Artuzi desfrutava. Eu dirigia o meu próprio carro e Ari, ao meu lado, acenava para todos, velhos, jovens, crianças, que gritavam o seu nome e o aplaudiam. Percebi claramente que estava diante de um desses fenômenos políticos que vez ou outra surgem, especialmente quando a população se sente carente de contatos mais diretos com os seus representantes.

Ao final da visita paramos na casa de Artuzi e na mesma varanda onde mais tarde ele foi filmado contando dinheiro recebido ilicitamente, tomamos um café feito pela sua companheira de então, a Maria. Conhecendo pela história a trajetória política de muitos políticos brasileiros do estilo de Ari, arrisquei um conselho, disse ao casal que o mundo político era extremamente escorregadio e que ele, com aquela popularidade, poderia ter um futuro promissor e se eleger deputado, mas que tomasse cuidado, pois também poderia escorregar para o mundo da corrupção. De

qualquer forma, como líder do prefeito na Câmara, prometi-lhe que recuperaríamos as ruas do Canaã com cascalhamento, mas a contrapartida seria o seu apoio à nossa bancada. Como não era bobo e sabia perfeitamente que seria crucificado pelos seus fiéis eleitores se não agisse em favor de seu Canaã, Ari cumpriu a sua parte durante os dois anos em que permaneceu na Câmara e nós cumprimos a nossa.

Nas eleições para a Assembleia Legislativa em 2002, Ari foi eleito com seis mil e poucos votos e eu nem consegui a suplência, embora tivesse auferido do dobro dos votos. Questão de legenda. A partir de então nossa trajetória política foi completamente diversa. Continuei com a postura de político preocupado com projetos, Ari aprofundou-se no clientelismo populista, coisa que já praticara para eleger-se vereador, mas em escala menos significativa.

Creio que nesse momento é que Ari Artuzi começa a cometer o seu suicídio, ou a ser assassinado fisicamente. O clientelismo populista é como uma bola de neve que se avoluma a cada centímetro que avança. Ari, feito deputado, tinha um salário que só Deus sabe (a nossa Assembleia Legislativa sempre foi uma verdadeira caixa preta) e distribuía benesses a todos os que lhe estendiam a mão. Certa feita fui representar o prefeito Tetila numa dessas promoções de doação de casa que uma rádio local promove e encontrei Ari no meio da população distribuindo uns trocados para as cervejas aos que lhe pediam. Falei-lhe que ia para o Camarote cumprir o meu dever de ofício. Ele, com a sua já avançada sabedoria clientelista, ensinou-me que aquilo não dava voto. E também as faixas de apoio que outros políticos estendiam no local pouco valiam. Mais produtivo, segundo Ari, era estar no meio do povo gastando apenas um ou dois mil reais.

De fato, a sua popularidade aumentou, tornou-se um político imbatível, mas os seus encargos para com a sua clientela foram proporcionais à sua ascensão a ponto de ter que começar a lançar mão de recursos ainda mais ilícitos que aqueles provenientes da Assembleia. Dessa forma, além de atrair a maioria do povo para si, atraiu também eminências pardas, empresários gananciosos, políticos ávidos por tirarem proveito da sua

gigantesca popularidade. Políticos tão inescrupulosos que negaram até a própria ideologia, suas mais profundas convicções, para garantir a eleição de Artuzzi à Prefeitura de Dourados.

Mas a estrutura mental de Ari Artuzzi não estava preparada para suportar tal fardo, de um lado os encargos administrativos de um município como Dourados e, por outro, as cobranças que advieram de seus compromissos assumidos com a arrecadação dos fundos para a sua campanha. Perdeu-se completamente e pôs a perder Dourados, que sofreu uma ruptura profunda em seu processo de desenvolvimento.

O câncer de Ari, que o levou à morte, em minha opinião de leigo, foi provocado justamente pelo elevado nível de estresse, pela bagunça generalizada de seus neurônios que não suportaram tanta pressão. Se essa minha concepção estiver correta, resta-nos responder à pergunta: Ari Artuzzi suicidou-se devido à sua ganância, à sua febre pelo poder ou foi assassinado por aqueles que quiseram se aproveitar de sua popularidade?

Quando conheci Ari ele pareceu-me ser de boa índole, apesar de sua pouca formação escolar, mas, como já disse, perdeu-se no labirinto da política. Voltamos à velha discussão proposta por Rousseau de que o homem nasce bom e a sociedade o corrompe?

Seja qual for a resposta, os danos causados pela sua administração são irreparáveis; contudo, Ari era um ser humano que procurava abraçar muito mais do que cabia em seus braços e por isso sofreu demasiadamente em sua passagem por este mundo.

